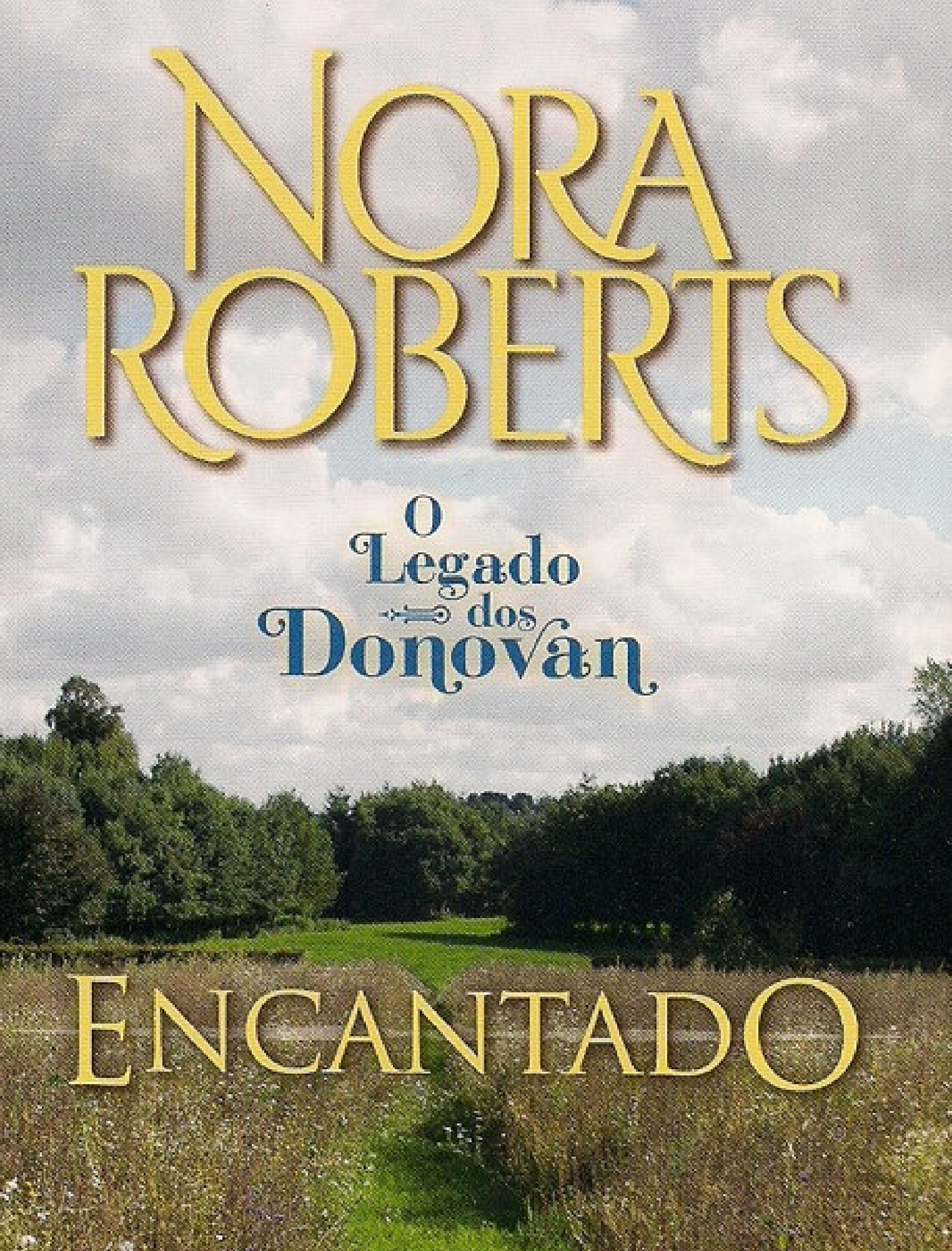
NORA ROBERTS

O Legado dos Donovan



ENCANTADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Encantado
Série Família Donovan
Livro 3: Anastasia

Nora Roberts

Título original: Charmed

SINOPSE:

Dentre as muitas e inesquecíveis famílias criadas por Nora Roberts, a autora n‘ 1 da lista dos livros mais vendidos do jornal New York Times, o clã dos Donovan é o mais extraordinário. Pois, além de charme irresistível, seus componentes herdaram alguns dons notáveis de seus ancestrais celtas.

O clã dos Donovan é uma das mais bem-sucedidas criações de Nora Roberts. Descendentes de irlandeses estabelecidos na Califórnia, os membros da família têm duas características comuns: charme irresistível e o dom da magia herdado dos ancestrais celtas. O terceiro livro dessa série conta a história do caso de amor entre a curandeira Anastasia Donovan e seu vizinho, o escritor viúvo Boone Sawyer: ela ainda imaginava como lhe revelaria a verdade sobre seus dons de magia quando a filhinha dele sofre um terrível acidente. Para salvar a garota, Anastasia se expõe, sem saber como lidaria depois com o ceticismo e a incredulidade de seu amado.

Resumo:

A enigmática curandeira Anastácia Donovan faria qualquer coisa para salvar a vida da filha do atraente Boone Sawyer!

Mesmo que isso significasse ter de revelar seu segredo ao homem que conquistara seu coração.

PRÓLOGO

A mágica existe. Quem pode duvidar disso quando existem arco-íris e flores do campo, a música do vento e o silêncio das estrelas? Qualquer um que tenha amado já foi tocado pela magia. É uma parte tão simples e tão extraordinária da vida de todos nós.

Há aqueles aos quais foi dado mais, que foram escolhidos para levar adiante um legado através dos tempos imemoriais. Seus antepassados foram o feiticeiro Merlin, a bruxa Ninian, Rhiannon, a princesa das fadas, o Wegewarte da Alemanha e os *djims* árabes. Através do sangue de todos eles percorria o poder de Finn dos Celtas, do ambicioso Morgan le Fay e outros cujos nomes eram apenas sussurrados nas sombras e em segredo.

Quando o mundo era novo e a magia tão comum quanto uma gota de chuva, as fadas dançavam nas florestas profundas e, às vezes por travessura, às vezes por amor, juntavam-se aos mortais.

E ainda fazem isso.

Sua descendência era remota. Seu poder era antigo. Mesmo quando criança Anastásia havia entendido, e fora ensinada, que tais dons cobravam o seu preço. Seus pais que a adoravam não podiam diminuir esse custo, nem tampouco pagá-lo por ela, mas podiam somente amar, instruir e observar enquanto a jovem transformava-se numa adulta. Podiam apenas manter-se ao lado dela e esperar que ela experimentasse as dores e as alegrias da mais fascinante das jornadas.

E, porque sentia mais do que os outros, porque seu dom exigia que sentisse mais, ela aprendeu a valorizar a paz. Como mulher, preferia uma vida tranquila e, frequentemente, estava sozinha sem sofrer de solidão.

Como feiticeira, aceitava seu dom e jamais esquecia a responsabilidade a ele vinculada.

Talvez Anastásia ansiasse, como os mortais e os outros tinham ansiado desde o início, por um amor verdadeiro e duradouro. Pois ela sabia, melhor do que ninguém, que não havia poder, nem encantamento e muito menos feitiçaria maiores do que o dom de um coração aberto e dedicado.

CAPÍTULO 1

Quando Anastásia viu a menina espiando através das delicadas rosas, não imaginou que aquela criança mudaria sua vida. Ela estivera cantarolando baixinho, como sempre fazia quando cuidava do jardim, adorando o perfume da terra e a sensação de tê-la escorrendo por entre os dedos. O quente sol de setembro estava dourado, e o barulho constante das ondas batendo nas rochas, logo abaixo do seu quintal em declive, formava um adorável pano de fundo para o zunir das abelhas e o trinar dos pássaros. Seu comprido gato cinzento estava dormindo ao lado dela, a cauda contorcendo-se de vez em quando, por algum sonho felino.

Uma borboleta pousou silenciosamente em sua mão e Anastásia afagou a beirada das asas azuis com a ponta do dedo. E no instante em que ela esvoaçou, Ana ouviu o ruído. Olhando para cima, viu um rosto espiando pela cerca de rosinhas.

O sorriso de Ana surgiu rápido, natural. O rostinho era encantador, com o queixo empinado e o narizinho arrebitado, os grandes olhos azuis refletindo a cor do céu. Os cabelos castanhos e brilhantes como os de uma fada completavam o quadro.

A menina sorriu de volta, os olhos de céu de verão repletos de curiosidade e travessura.

— Olá — Ana cumprimentou como se sempre encontrasse garotinhas no meio de suas rosas.

— Oi! — A voz da menina era clara e um tanto ofegante. — Você consegue pegar borboletas na mão? Eu nunca consegui agradar um bichinho como este.

— Acho que sim. Mas talvez seja falta de educação tentar sem que elas nos convidem.

A menina afastou os cabelos da testa e sentou apoiando-se nos calcanhares. Ana havia reparado num caminhão de mudança no dia anterior, e concluiu que estava conhecendo um de seus novos vizinhos.

— Você mudou para a casa aqui ao lado?

— Hu-hum. Nós vamos morar aqui, agora. Eu gosto, porque é só olhar pela janela do meu quarto para ver o mar. Vi uma foca, sabia? Em Indiana, a gente só vê as focas no zoológico. Posso chegar perto de você?

— É claro que sim. — Ana deixou a pazinha de jardim no chão enquanto a menina passava pelas roseiras.

Nos braços, trazia um relutante filhote de cachorro. — E quem é que temos aqui?

— Esta é Daisy. — A garotinha pressionou um beijo carinhoso na cabeça do filhote. — É da raça retriever, de cães de caça. Eu mesma a escolhi, um pouco

antes de irmos embora de Indiana. Ela teve de vir com a gente no avião, mas não ficamos com medo nem nada. Eu tenho de cuidar bem dela, dar comida e água e escová-la, porque ela é responsabilidade minha.

— É muito bonita — Ana falou, com expressão séria. E devia ser bem pesada, imaginou, para uma menininha de cinco ou seis anos. Estendeu os braços. — Posso segurá-la um pouco?

— Você gosta de cachorros? — a menina continuou tagarelando, enquanto lhe passava Daisy. — Eu gosto. Gosto de gatos, de tudo. Até dos hamsters de Billy Walker. Algum dia vou ter um cavalo, também. Nós vamos pensar nisso. É o que o meu pai fala. "Nós vamos pensar nisso."

Encantada, Ana afagou o filhote enquanto este a cheirava e lambia. A criança era tão doce quanto um raio de sol.

— Eu gosto muito de cachorros, gatos, de todos os bichos — Ana falou. — Meu primo tem alguns cavalos. Dois grandes e um filhote bem novinho.

— É mesmo? — A menina abaixou-se e começou a afagar o gato adormecido. — Será que eu posso vê-los?

— Ele não mora muito longe daqui, portanto algum dia eu levo você. Mas terá de pedir permissão aos seus pais.

— Minha mãe foi para o céu. Agora ela é um anjo.

Ana sentiu um aperto no coração. Estendendo o braço, tocou os cabelos sedosos da menina e abriu-se.

Não havia dor ali, e isso foi um alívio. As lembranças eram boas. Sob seu toque, a menina ergueu os olhos e sorriu.

— Meu nome é Jéssica — disse. — Mas você pode me chamar de Jessie.

— E o meu é Anastásia. — Achando impossível resistir, Ana inclinou-se e beijou a ponta do narizinho arrebitado. — Mas pode me chamar de Ana.

Feitas as apresentações, Jessie acomodou-se e passou a bombardear Ana com perguntas, filtrando as informações sobre si mesma no decorrer da conversa animada. Acabara de fazer aniversário e tinha seis anos.

Iria começar a primeira série na nova escola naquela terça-feira. A cor que mais gostava era o roxo, e a coisa que mais detestava na vida era feijão.

Ana podia lhe ensinar a plantar flores? Como era o nome do gato? Ela tinha alguma filha? Por que não?

Assim, ficaram sentadas sob o sol, uma garotinha linda e travessa usando um macacão cor-de-rosa e a mulher de short com as pernas bronzeadas sujas de terra, enquanto Quigley, o gato, ignorava as tentativas de brincadeira de Daisy, a cachorrinha.

Os cabelos longos e loiros de Ana estavam amarrados na altura do pescoço, sem muito cuidado, e de vez em quando uma mecha escapava da fita para dançar em torno do seu rosto. Ela não usava nenhum tipo de maquiagem. Sua beleza frágil e encantadora era tão natural quanto seu poder, uma combinação de

feições celtas, olhos enevoados, os lábios cheios e poeticamente esculpidos dos Donovan, e algo mais nebuloso. Seu rosto era o espelho do seu coração generoso.

O filhote adiantou-se para cheirar as ervas no canteiro. Ana riu de alguma coisa que Jéssica falou.

— Jessie! — A voz ressoou por cima do cercado de rosas, profundamente masculina e com um toque de exasperada preocupação. — Jéssica Alice Sawyer!

— Epa! Ele falou meu nome inteiro. — Mas os olhos da menina brilhavam quando ela ficou de pé num salto. Era óbvio que não tinha muito medo de repreensões. — Estou aqui! Papai, estou aqui com Ana! Venha ver!

No instante seguinte havia um homem olhando por cima das roseiras. Nem sequer seria necessário ter um dom para se detectar as ondas de frustração, alívio e irritação. Ana piscou, surpresa por aquele homem sisudo ser o pai daquela fadinha que, no momento, pulava e sacudia-se ao seu lado.

Talvez fosse a barba de um ou dois dias que o fazia parecer tão perigoso, pensou. Porém, duvidava disso.

Sob a sombra escura da barba havia um rosto de traços firmes e angulosos, e os lábios cheios pressionados numa linha zangada. Apenas os olhos eram como os da filha, claros, de um azul brilhante, desfigurados agora pela expressão de impaciência. O sol formava reflexos vermelhos nos cabelos escuros, despenteados como se ele tivesse passado os dedos nervosos.

De seu canto no jardim, ele parecia enorme. Tinha um corpo atlético e desconcertantemente forte, usando uma camiseta velha e calça jeans com as barras desfiadas.

Ele lançou um olhar longo, irritado e indubitavelmente desconfiado para Ana, antes de voltar a atenção para a filha.

— Jéssica, eu não lhe disse para ficar no quintal?!

— Acho que sim. — A menina sorriu, triunfante. — Daisy e eu escutamos Ana cantar e, quando olhamos, ela estava segurando uma borboleta na mão. E ela disse que eu podia entrar. Ela tem um gato, está vendo? E o primo dela tem cavalos, e a outra prima tem um gato e um cachorro.

Obviamente acostumado à tagarelice da filha, o pai esperou.

— Quando eu lhe digo para ficar no quintal e você não obedece, eu fico preocupado.

Foi uma afirmação simples, feita num tom normal. Ana teve de respeitar o fato de que o homem não precisou elevar a voz nem disparar ultimatos para mostrar que estava certo. Ela sentiu-se tão repreendida quanto Jessie.

— Desculpe-me, papai — Jessie murmurou, fazendo um beicinho.

— Eu também lhe devo desculpas, Sr. Sawyer. — Ana levantou-se e pousou a mão no ombro de Jessie. Afinal, parecia que as duas estavam nisso juntas. — Eu realmente a convidei para entrar, e estava gostando tanto da companhia dela que

não me ocorreu que você não poderia vê-la.

O homem ficou em silêncio por um instante, limitando-se a fitá-la com aqueles olhos claros até que Ana sentiu um impulso de se encolher. Quando ele voltou os olhos novamente para a filha, Ana deu-se conta de que estivera prendendo fôlego.

— Você precisa levar Daisy para casa e alimentá-la.

— Está bem. — Jessie pegou o filhote relutante no colo, e parou quando o pai inclinou a cabeça.

— E também agradecer à senhora...

— Senhorita — Ana corrigiu. — Donovan. Anastásia Donovan.

— Bem, agradecer à Srta. Donovan pela paciência que teve com você.

— Obrigada por ter paciência comigo — Jessie falou, num tom de gentileza bem praticada e enviando à Ana um olhar de conspiração. — Posso voltar aqui outra hora?

— Espero que volte.

Enquanto passava pela cerca de rosas, Jessie ofereceu um sorriso radioso ao pai.

— Eu não queria deixar você preocupado, papai. De verdade.

Ele abaixou-se e deu-lhe uma torcidinha no nariz.

— Sua pestinha. — Ana ouviu a riqueza do amor sob o tom exasperado.

Com um risinho, Jessie correu pelo quintal, o filhotinho sacudindo-se em seus braços. O sorriso de Ana desapareceu no instante em que aqueles olhos azuis e frios voltaram-se para ela.

— É uma criança absolutamente adorável — Ana começou, surpresa por ter de enxugar as palmas úmidas no seu short. — Peço desculpas por não ter-me certificado de que você sabia onde ela estava, mas espero que permita que ela volte a me visitar.

— Não era responsabilidade sua. — A voz dele era calma, nem amigável, nem antipática. Ana teve a incômoda certeza de que estava sendo analisada, desde o alto da cabeça até os tênis sujos de terra. — Jessie é uma criança naturalmente curiosa e amigável. Às vezes, até um pouco demais. Ela não sabe que, neste mundo, existem pessoas capazes de se aproveitar disso.

Igualmente serena, Ana inclinou a cabeça.

— Concordo plenamente, Sr. Sawyer. Porém, posso assegurar-lhe que raramente devoro criancinhas no café da manhã.

Ele sorriu, um lento curvar dos lábios que apagou a dureza da fisionomia e substituiu-a por uma beleza devastadora.

— Não há dúvidas de que você não combina com a imagem que faço de um ogre, Srta. Donovan. Agora, sou eu quem pede desculpas por ter sido tão ríspido. Jessie me deu um susto daqueles. Mal comecei a desempacotar a mudança e já pensei que havia perdido a minha filha.

— Não sabia onde ela estava, é diferente. — Ana tentou outro sorriso cauteloso. Olhou por cima do ombro dele para o sobrado de madeira no outro lado da cerca, com as janelas largas e o amplo terraço. Embora gostasse de sua privacidade, ficou contente porque a casa vizinha não permanecera vazia por muito tempo. —É bom ter uma criança por perto, especialmente sendo tão divertida quanto Jessie. Realmente espero que permita que ela venha me visitar de vez em quando.

— Muitas vezes me pergunto se eu *permito* que ela faça qualquer coisa. — Ele passou o dedo por uma rosinha. — A não ser que você levante um muro de dois metros aqui, ela vai voltar. — E pelo menos ele saberia onde procurar, se ela desaparecesse novamente. — Não tenha medo de mandá-la de volta para casa, quando ela abusar da sua hospitalidade. — Enfiou as mãos nos bolsos. — É melhor verificar se ela não está dando o nosso jantar para Daisy.

— Sr. Sawyer? — Ana falou, quando ele virou-se. — Seja bem-vindo a Monterey.

— Obrigado. — Os passos largos levaram-no através do gramado, para o terraço e para dentro da casa.

Ana ficou ali por mais algum tempo. Não conseguia lembrar-se da última vez que o ar por ali agitara-se com tanta energia. Deixando escapar um longo suspiro, abaixou-se para recolher as ferramentas de jardinagem, enquanto Quigley enroscava-se em suas pernas.

E, certamente, não conseguia lembrar-se da última vez que suas mãos ficaram úmidas apenas porque um homem a olhara.

De qualquer forma, nem sequer se lembrava de algum dia ter sido olhada daquele jeito. Olhada, observada e, analisada, tudo de uma só vez. Uma habilidade muito interessante, pensou enquanto levava as ferramentas para a estufa.

Aliás, pai e filha formavam um par muito interessante. Olhando através das paredes de vidro da estufa, Ana observou a casa localizada no centro do gramado vizinho. Como eram seus vizinhos mais próximos, refletiu, era natural que ela se sentisse curiosa a respeito deles. Ana também era sábia o bastante, e aprendera, por muitas e dolorosas experiências próprias, a ter cuidado para não deixar que suas reflexões a levassem a um envolvimento que ultrapassasse a amizade natural.

Havia bem poucas e preciosas pessoas capazes de aceitar o que não pertencia ao mundo comum. O preço que tinha a pagar pelo seu dom era um coração vulnerável, e ela já sofrera muitas vezes sob a frieza da rejeição.

Porém, ela não insistiu nisso. Na verdade, quando pensou no homem e na menina, Ana sorriu. O que ele teria feito, perguntou-se com um risinho, se lhe dissesse que embora não fosse um ogro que devora criancinhas, ela era, definitivamente, uma feiticeira.

Na cozinha ensolarada e tão desorganizada que até doía, Boone Sawyer vasculhou numa caixa até desencavar uma espátula. Sabia que a mudança para a Califórnia tinha sido positiva, mas certamente subestimara o tempo, o trabalho e a inconveniência generalizada de empacotar uma casa inteira e depois desempacotá-la em outro lugar.

O que levar, o que deixar. Contratar a empresa de mudança, a transportadora que levaria o seu carro, carregar o filhote por quem Jessie se apaixonara. Justificar a decisão aos ansiosos avós dela, fazer a matrícula na escola, compras do material escolar... Deus, ele teria de passar por aquele pesadelo em todos os outonos, pelos próximos onze anos?

Pelo menos o pior já passara. Ele esperava. Tudo o que tinha de fazer agora era esvaziar as caixas, encontrar um lugar para tudo e transformar uma casa estranha num lar.

Jessie estava feliz. Isso era, e sempre fora, a coisa mais importante para ele. No entanto, refletiu enquanto cozinhava a carne para fazer um *chili,* Jessie estava feliz em qualquer lugar. Sua personalidade aberta e a notável capacidade para fazer amigos eram tanto uma benção quando um motivo de surpresa. Boone sempre ficava espantado em ver que uma criança que perdera a mãe com a tenra idade de dois anos pudesse ser tão intacta, tão alegre e tão completamente normal.

E sabia que, se não fosse por Jessie, ele certamente teria enlouquecido quando Alice morrera.

Boone já não pensava tanto em Alice, agora, e isso às vezes lhe provocava um sentimento de culpa. Ele a amara, Deus, ele a amara tanto, e a filha que tiveram era uma herança viva e palpitante deste amor. Porém, agora já fazia mais tempo que estava sem ela do que aquele que vivera com ela e, embora tentasse apegar-se à tristeza como uma prova do amor que os unia, ela aos poucos desaparecia sob as exigências e pressões da vida cotidiana.

Alice se fora, mas Jessie estava ali. E fora pensando neles que Boone tomara a difícil decisão de mudar-se para Monterey. Em Indiana, na casa que ele e Alice haviam comprado quando ela estava grávida, existiam demasiados laços com o passado. Seus pais e os de Alice moravam perto, a uma distância de dez minutos de carro. Como única neta de ambos os lados, Jessie se tornara o centro das atenções e o objeto de uma sutil competição.

Quanto a ele, Boone estava cansado dos conselhos constantes e das críticas bondosas, e às vezes nem tanto, dos seus pais. E, é claro, os esforços que faziam para que ele tornasse a se casar. Uma criança precisa de uma mãe, diziam. Um homem precisa de uma esposa. Sua mãe havia decidido que seu objetivo de vida seria encontrar a mulher perfeita para preencher essas duas expectativas.

Porque isso tudo já começava a enfurecê-lo, e porque percebera o quanto seria fácil continuar naquela casa e afundar-se nas lembranças que continha, ele

decidira se mudar.

Boone poderia trabalhar em qualquer lugar. Monterey havia sido a escolha final por causa do clima, do estilo de vida e das escolas. E, ele podia admitir em particular, porque alguma voz interior lhe dizia que aquele era o lugar certo. Para os dois.

Gostava de poder olhar pela janela e ver o mar, ou aqueles ciprestes esculpidos de forma fascinante. Sem dúvida, gostava de não estar cercado de vizinhos, pois era Alice quem adorava estar rodeada de gente. Boone também apreciava o fato de que a distância da rodovia era grande o bastante para abafar o barulho do tráfego.

Simplesmente parecia que ali era o lugar certo. Jessie já começava tomar posse dos arredores. Era verdade que sentira um instante de medo paralisante quando procurara por ela e não a encontrara em nenhum lugar. Porém, já deveria saber que ela encontraria alguém para conversar, para encantar.

E a mulher...

Franzindo a testa, Boone tampou a panela e deixou o *chili* apurar. Aquilo fora muito estranho, pensou enquanto servia-se de uma xícara de café e encaminhava-se para o terraço. Com um único olhar para ela, soubera no mesmo instante que Jessie estava a salvo. Não havia nada exceto bondade naqueles olhos esfumaçados. E fora a reação dele, uma reação muito básica e pessoal, que lhe enrijecera os músculos e enrouquecera a voz.

Desejo. Um desejo súbito, doloroso e totalmente inesperado. Não sentira este tipo de reação a uma mulher desde... Sorriu consigo mesmo. Desde nunca. Com Alice sempre fora um tipo de certeza tranquila, um doce e inevitável encontro que ele sempre guardaria como um tesouro na memória.

O que sentira há pouco, no entanto, fora como se estivesse sendo tragado por uma onda quando se está lutando para chegar à praia.

Bem, já fazia bastante tempo, lembrou-se enquanto observava uma gaivota sobrevoar a água. Uma reação normal a uma mulher bonita era facilmente justificada e explicada. E ela era bonita, de um jeito calmo, clássico, que era o oposto direto da sua reação tão violenta. Não podia deixar de ressentir-se por isso. Afinal, não tinha nem tempo nem vontade para qualquer tipo de reação a qualquer tipo de mulher.

Ele tinha de pensar em Jessie.

Enfiando a mão no bolso, pegou um cigarro e acendeu-o, mal reparando que seus olhos estavam fixos na cerca de rosinhas delicadas.

Anastásia, pensou. O nome combinava com ela. Antiquado, elegante, diferente.

— Papai!

Boone levou um susto, sentindo-se tão culpado quanto um adolescente apanhado fumando no banheiro da escola. Limpou a garganta e enviou um olhar

envergonhado para a filha que o encarava.

— Ora, dê um tempo ao seu velho pai, Jessie. Já diminuí para meio maço por dia.

Ela cruzou os braços.

— Isso faz mal para você. Deixa seus pulmões sujos.

— Eu sei. — Boone jogou fora o cigarro, incapaz de dar ao menos uma última tragada quando aqueles olhinhos espertos o condenavam. — Vou parar de fumar, eu prometo.

Jessie sorriu. Um sorriso tão adulto e desconcertante que lhe dizia "é claro que, sim", que ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Me dá uma folga, diretor —disse, numa passável imitação de James Cagney. — O senhor não vai me mandar para a solitária só por causa de uma tragada.

Rindo, e já o perdoando pela escapadela, Jessie foi abraçá-lo.

— Você é bobinho.

— E... — Boone pegou-a pelos cotovelos e levantou-a para dar-lhe um sonoro beijo no rosto. — E você é baixinha.

— Um dia vou ficar tão alta quanto você. — Jessie enroscou as pernas em torno da cintura dele e deitou-se para trás, até que estivesse quase de ponta-cabeça. Era uma de suas brincadeiras preferidas.

— Duvido. — Ele segurou-a com firmeza, enquanto os cabelos dela tocavam o chão do terraço. — Eu sempre serei maior que você. — Puxou-a para cima, erguendo-a para o alto até que ela gritasse, rindo. — E mais esperto, mais forte... — Roçou a barba crescida na barriga dela, fazendo-a contorcer-se de riso. — E mais bonito.

— E o que sente mais coceguinhas! — ela gritou em triunfo, fazendo-lhe cócegas nas costas.

Ela o pegara. Boone deixou-se cair no banco do terraço, levando-a consigo.

— Está bem! Está bem! Eu peço "água"! — Retomou o fôlego e abraçou-a. — Você sempre será mais rápida.

Com o rostinho afogueado e os olhos brilhando, ela acomodou-se no colo dele.

— Eu gosto da nossa casa nova.

— É mesmo? — Boone afagou-lhe os cabelos, sempre adorando sentir a textura deles sob a mão. — Eu também.

— Depois do jantar nós podemos ir até a praia para procurar focas?

— É claro.

— Daisy também pode?

— Daisy também. — Já tendo passado por experiências com "sujeirinhas" no tapete e meias mastigadas, ele olhou em volta. — Onde ela está?

— Está tirando um cochilo. — Jessie recostou a cabeça em seu peito. — Ela estava muito cansada.

— Não é para menos. Foi um dia agitado. — Sorrindo, Boone beijou a cabeça da filha, sentindo-a bocejar e acalmar-se.

— Meu dia preferido. Eu fiquei conhecendo Ana. — Porque seus olhos estavam pesados, ela fechou-os, embalada pelo bater do coração do seu pai. — Ela é boazinha. Vai me ensinar a plantar flores.

— Hu-hum.

— Ela sabe todos os nomes das flores. — Jessie bocejou novamente e, quando falou, a voz estava rouca de sono. — Daisy lambeu o rosto dela e ela nem se importou. Só riu. Foi uma risada bonita, parecia de uma fada —Jessie murmurou, adormecendo.

Boone tornou a sorrir. A imaginação da menina... Herança sua, gostava de pensar. Segurou-a delicadamente enquanto ela dormia.

Estava inquieta, Ana pensou enquanto caminhava pela praia rochosa ao entardecer. Simplesmente não conseguia ficar dentro de casa, trabalhando com suas plantas e ervas, quando era atacada por aquela sensação de inquietude.

A brisa a afastaria, decidiu, erguendo o rosto para o vento úmido. Uma boa caminhada e logo encontraria novamente a satisfação, a paz que para ela era tão vital quanto respirar.

Em circunstâncias diferentes, teria ligado para um dos primos e sugerido que saíssem. Porém, imaginou que Morgana devia estar bem aconchegada ao lado de Nash. Naquele estágio da gravidez, precisava descansar bastante. E Sebastian ainda não voltara da lua-de-mel.

No entanto, ela jamais se incomodara de ficar sozinha. Gostava da solidão da praia comprida e curva, do barulho das ondas nas pedras, do riso das gaivotas.

Da mesma forma que gostava do som de risos de uma criança e de um homem, que flutuaram no ar indo até ela, naquela tarde. Havia sido um som agradável, do qual não precisava fazer parte para gostar.

Agora, quando o sol desmanchava-se no horizonte espalhando as cores pelo céu, Anastásia sentia a inquietação diminuindo. Como não poderia sentir-se bem ali, sozinha, admirando a magia de um dia descansando?

Subiu num tronco abandonado na praia, perto o bastante da água para que a umidade esfriasse seu rosto e molhasse sua saia. Distraída, tirou uma pedra do bolso, esfregando-a entre os dedos enquanto via o sol desaparecer sob o mar flamejante.

A pedra aqueceu-se em sua mão. Ana olhou para a pequena gema transparente, com os veios perolados emitindo um leve brilho sob a luz difusa do sol poente. Pedra da lua, pensou, divertida consigo mesma. Magia lunar. Uma proteção para os viajantes noturnos, uma ajuda para a auto-análise. E, é claro, um talismã muito usado para promover o amor.

E era isso que ela estava procurando naquela noite?

No instante em que riu de si própria e guardou o talismã novamente no bolso, ouviu alguém chamando seu nome.

Ali estava Jessie, correndo pela praia e seguida de perto pelo cachorrinho gorducho. E pelo pai, que andava alguns metros atrás como se estivesse relutante em diminuir a distância. Ana levou um momento perguntando-se se a exuberância natural da menina fazia com que o homem parecesse ainda mais arredio.

Ana desceu do tronco e, porque foi muito natural e até automático, pegou Jessie no ar, dando um giro e um abraço.

— Olá de novo, meu raio de sol! Você e Daisy estão procurando conchinhas de fadas?

Jessie arregalou os olhos.

— Conchinhas de fadas? Como elas são?

— Do jeito que você imaginar. No pôr-do-sol, ou no nascente... são as únicas horas em que se pode encontrá-las.

— Meu pai disse que as fadas moram na floresta e geralmente se escondem porque as pessoas nem sempre sabem como tratá-las.

— É verdade. — Ana riu e deixou a menina no chão. — Mas elas também gostam do mar, e das montanhas.

— Eu gostaria de encontrar uma, mas papai disse que elas quase nunca conversam com as pessoas como costumavam fazer, porque ninguém acredita nelas de verdade, exceto as crianças.

— Isso é porque as crianças estão sempre perto da magia. — Ana olhou para cima, enquanto falava. Boone as alcançara e o sol poente às suas costas lançava sombras em seu rosto, dando-lhe uma expressão ao mesmo tempo perigosa e atraente. — Nós estávamos falando sobre fadas — ela disse.

— Eu escutei.

Boone pousou a mão no ombro de Jessie. Embora fosse um gesto sutil, o significado era claro como cristal: *É minha.*

— Ana disse que há conchinhas de fadas na praia e que a gente só pode encontrá-las quando o sol nasce ou se põe. Você não pode escrever uma história sobre elas?

— Quem sabe? — O sorriso dele para a filha foi suave e amoroso. Quando olhou de volta para Ana, ela sentiu um arrepio passar-lhe pela espinha. — Nós interrompemos seu passeio.

— Não. — Exasperada, Ana estremeceu. Compreendia que ele queria dizer que *ela* interrompera o passeio deles. — Eu estava apenas admirando o mar por um momento, antes de ir para casa. Está esfriando.

— Nós comemos *chili* no jantar — Jessie falou, sorrindo. — E estava *quente!* Você não quer me ajudar a procurar as conchinhas?

— Num outro dia, talvez. — Quando o pai dela não estivesse em volta,

lançando-lhe dardos com os olhos.

— Mas está ficando escuro, agora, e preciso voltar para casa. — Deslizou a ponta do dedo pelo narizinho da menina. — Boa noite. — Assentiu friamente para o pai.

Boone ficou olhando enquanto Ana se afastava. Talvez ela não ficasse com tanto frio de repente, pensou, se estivesse usando algo que lhe protegesse as pernas. Aquelas pernas bronzeadas, bem torneadas. Exalou um suspiro longo e impaciente.

— Vamos lá, Jess. Correndo de volta para casa.

CAPÍTULO 2

— Eu gostaria de conhecê-lo.

Ana ergueu os olhos das pétalas secas que estava arrumando para um pot-pourri e franziu a testa para Morgana.

— Quem?

— O pai desta garotinha por quem você está tão encantada. — Mais cansada do que queria admitir, Morgana passou a mão pela barriga enorme, num movimento circular.

— Você não pára de falar sobre a menina, mas fica estranhamente evasiva quando se refere ao pai.

— Porque não o acho tão interessante quanto ela — Ana retrucou, num tom distraído. Numa vasilha cheia de folhas e pétalas perfumadas, acrescentou limão para estimular e bálsamo para a boa saúde. Sabia muito bem o quanto Morgana estava cansada. — Ele é tão reservado quanto Jessie é extrovertida. Se não fosse tão evidente que é devotado a ela, provavelmente eu nem gostaria dele em vez de estar me sentindo apenas ambivalente.

— É bonito?

Ana arqueou a sobrancelha.

— Se comparado com quem?

— Com um sapo. — Morgana riu e inclinou-se para frente. — Vamos lá, Ana. Fale de uma vez!

— Bem, ele não é feio. — Deixando a vasilha de lado, Ana começou a procurar no armário a melhor essência para misturar ao *pot-pourri*. — Creio que você diria que ele tem aquele ar meio perigoso, meio sombrio. Um corpo atlético, mas não como o dos levantadores de peso. — Ela franziu a testa, tentando decidir entre dois tipos de essência. — Mais como um... corredor de longa distância, eu acho. Um corpo esguio e tão bem-feito que chega a intimidar.

Sorrindo, Morgana apoiou o queixo nas mãos.

— Quero saber mais.

— Estou ouvindo isso de uma mulher prestes a dar a luz à gêmeos?

— Pode apostar.

Ana riu e escolheu uma essência de rosas, para acrescentar elegância.

— Bem, se tenho de dizer algo agradável sobre ele, acho que ficaria com os olhos. São muito claros, muito azuis. E quando olham para Jessie, ficam lindos. Quando olham para mim, ficam desconfiados.

— Mas, por quê?

— Não faço a menor idéia.

Morgana balançou a cabeça e girou os olhos para o alto.

— Anastásia, certamente você já pensou nisso o bastante para descobrir. Tudo

o que precisa fazer é dar uma "espiadinha".

Com um gesto rápido e experiente, Ana acrescentou algumas gotas do óleo perfumado à mistura de flores.

— Você sabe que não gosto de intrometer-me.

— Ora, tenha dó!

— E se estivesse , curiosa — juntou, sorrindo diante da frustração de Morgana —, e não acho que gostaria de ver o que anda acontecendo no interior do coração do Sr. Sawyer. Tenho o pressentimento de que me sentiria muito pouco à vontade se me conectasse com ele, mesmo que fosse por alguns minutos.

— É você quem tem o dom da empatia — Morgana falou, encolhendo os ombros. — Se Sebastian já tivesse voltado, ele descobriria o que há na cabeça desse sujeito de qualquer maneira. — Bebericou o elixir calmante que Ana lhe preparara. — Posso fazer isso, se você quiser. Há semanas não tenho um bom motivo para usar o espelho, nem os cristais. Vou acabar enferrujando.

— Não. — Ana abaixou-se e beijou o rosto da prima. — Muito obrigada. Agora, quero que tenha sempre um saquinho desta mistura por perto — disse, enquanto despejava *o pot-pourri* num saquinho de pano. — E espalhe o restante em vasilhas, pela casa e na loja. Você está trabalhando apenas dois dias por semana, certo?

— Dois ou três. — Morgana sorriu diante da preocupação de Ana, embora não a descartasse. — Não estou exagerando, querida, prometo. Nash nem me deixaria.

Com um assentir distraído, Ana amarrou as pontas do saquinho.

— E está tomando o chá que lhe fiz?

— Todos os dias. E, sim, estou usando os óleos religiosamente. Estou carregando o riólito para aliviar o estresse emocional, o topázio contra estresse externo, zircônia para uma atitude positiva e âmbar para animar meus espíritos. — Morgana apertou de leve a mão da prima. — Estou cercada por todos os lados.

— Eu tenho o direito de me preocupar. — Ana deixou um saquinho perto da bolsa de Morgana mas, mudando de idéia, ela mesma abriu a bolsa e guardou-o lá dentro. — É o nosso primeiro bebê.

— Bebês — Morgana corrigiu.

— Mais um motivo para me preocupar. Os gêmeos sempre nascem antes do tempo.

Exalando um suspiro, Morgana fechou os olhos.

— Pois espero que estes venham mesmo antes do tempo. Estou chegando naquele ponto em que quase não consigo me sentar nem levantar sem a ajuda de uma bengala.

— Descanse mais — Ana prescreveu —, e faça exercícios bem leves. E isso não inclui ficar andando pela loja carregando caixas, nem ficar de pé o dia

inteiro atendendo os fregueses.

— Sim, senhora.

— Agora, vamos dar uma olhada. — Com delicadeza, Ana pousou as mãos na barriga da prima, espalmando os dedos lentamente, abrindo-se para o milagre que crescia lá dentro.

No mesmo instante, Morgana sentiu todo cansaço desaparecer e um bem-estar físico e emocional tomar o seu lugar. Através dos olhos semicerrados, viu que os da prima tinham escurecido até atingir a cor de chumbo e fixaram-se numa visão que apenas Ana podia enxergar.

Enquanto movia as mãos sobre o ventre de Morgana e conectava-se com ela, Ana sentia o peso dentro de si e, por um instante incrivelmente nítido, as vidas que pulsavam naquele útero. A fadiga exaustiva, sim, e o incômodo desconforto, mas também sentia a tranquila satisfação, a excitação crescente e a simples maravilha de carregar aquelas vidas. Seu corpo doeu, seu coração inchou-se. E um sorriso surgiu em seus lábios.

Então, ela *era* aquelas vidas, primeiro uma, depois a outra. Nadando e dormindo um sono sem sonhos no útero quente e escuro, sendo alimentada pela mãe, sentindo-se segura até o momento em que o mundo externo tivesse de ser enfrentado. Dois corações saudáveis batendo firmes e próximos, sob o coração da mãe.

Minúsculos dedinhos flexionando-se, um chute preguiçoso. A vida amadurecendo.

Ana voltou a si, voltou sozinha.

— Vocês estão bem. Todos vocês.

— Eu sei. — Morgana entrelaçou os dedos com os dela. — Mas me sinto bem melhor quando você me diz. Do mesmo jeito que me sinto segura sabendo que você estará comigo, quando chegar a hora.

— Você sabe que eu não estaria em qualquer outro lugar. — Ana levou as mãos entrelaçadas até o rosto. —Mas será que Nash está contente com a idéia de eu ser a parteira?

— Ele confia em você, tanto quanto eu.

O olhar de Ana suavizou-se.

— Você teve sorte, Morgana, por encontrar um homem que aceita, compreende e até gosta do que você é.

— Eu sei. Só ter encontrado o amor já foi precioso o bastante. Mas ter encontrado o amor com ele... — Então, o sorriso de Morgana desapareceu. — Ana, querida, o que houve com Robert já faz muito tempo.

— Não penso mais nele. Ou, pelo menos, não especificamente nele, mas sim como uma manobra errada numa estrada escorregadia.

Um brilho de indignação surgiu nos olhos de Morgana.

— Ele foi um tolo e não merecia você nem um pouco.

Em vez de tristeza, Ana sentiu o riso borbulhar na garganta.

— Você nunca gostou dele. Desde o inicio.

— Não mesmo. — Franzindo a testa, Morgana fez um gesto com o copo. — E nem Sebastian, se é que você se lembra.

— Lembro-me, sim. E lembro-me de Sebastian ter ficado bastante desconfiado com Nash, também.

— Isso foi completamente diferente. *Foi* —Morgana insistiu, ao ver o sorriso da prima. — Com Nash, Sebastian estava apenas bancando o super protetor. Mas, com Robert, Sebastian o tolerava com a forma mais insultante de cortesia.

— Eu me lembro. — Ana encolheu os ombros. — O que, naturalmente, deixou-me ainda mais rebelde. Bem, eu era jovem — disse, com um gesto descuidado. — E ingênua o bastante para acreditar que se eu amava deveria ser igualmente correspondida. Tola o bastante para ser honesta, e para ficar devastada quando esta honestidade foi recompensada com descrença e, depois, rejeição.

— Eu sei o quanto você sofreu, mas não há dúvidas de que poderia ter feito mais do que fez.

— Sim, nenhuma dúvida — Ana concordou, pois também tinha o seu orgulho. — Mas existem alguns de nós que não foram feitos para misturarem-se com os de fora.

Agora havia frustração, juntamente com a indignação na voz de Morgana.

— Houve muitos homens, com ou sem o sangue dos elfos, que interessaram-se por você.

— Uma pena que eu não tenha me interessado por nenhum deles. — Ana riu. — Eu sou terrivelmente exigente, Morgana. E gosto da minha vida como está.

— Se não soubesse que isso é verdade, eu ficaria tentada a preparar uma bela poção de amor para você. Nada muito definitivo, veja bem — ela disse, piscando um olho. — Apenas para dar-lhe um pouco de diversão.

— Posso escolher minhas próprias diversões, obrigada.

— Eu sei disso, também. Exatamente como sei que você ficaria furiosa se eu me atrevesse a interferir. —Morgana afastou-se da mesa e levantou, entristecendo-se por um momento pela graciosidade perdida. —Vamos dar uma volta lá fora, antes que eu vá embora.

— Só se você prometer esticar as pernas por uma hora, quando chegar em casa.

— Prometo.

O sol estava quente, a brisa refrescante. E estas duas coisas, Ana pensou, fariam tão bem à sua prima quanto o longo cochilo que Nash insistiria para que ela tirasse, assim que voltasse para casa.

Ficaram admirando as flores no jardim, as esporinhas que floresceram mais tarde naquele ano, as estrelítzias exóticas, as simples margaridas. Ambas tinham

um profundo amor pela natureza, que lhes fora passado através do sangue e da educação.

— Você tem algum plano para o Halloween? — Morgana perguntou.

— Nada específico.

— Gostaríamos que fosse passar pelo menos uma parte da noite conosco. Nash está todo animado para receber as crianças que vêm pedir doces.

Com um riso de apreciação, Ana colheu alguns crisântemos para levar para dentro.

— Quando um homem ganha a vida escrevendo histórias de terror, tem a obrigação de transformar o Halloween numa festa e tanto. Eu não perderia isso por nada.

— Ótimo. Talvez Sebastian e você queiram juntar-se a mim para uma celebração mais tranquila, depois. —Morgana abaixava-se desajeitadamente sobre o canteiro de tomilho quando avistou uma criança e um cachorro passando pela cerca de roseiras.

Endireitou o corpo.

— Temos visitas — avisou.

— Jessie! — Contente, mas um tantinho preocupada, Ana olhou na direção da casa ao lado. — Seu pai sabe que você está aqui?

— Ele disse que eu poderia vir se você estivesse aqui fora, e se não estivesse ocupada. Você não está ocupada, está?

— Não. — Incapaz de resistir, Ana abaixou-se e beijou a bochecha da menina. —Esta é a minha prima Morgana. Eu já contei a ela que você é a minha mais nova vizinha.

— Você tem uma gata e um cachorro. Ana me disse. — O interesse de Jessie foi imediatamente despertado. Seus olhos focalizaram, fascinados, a enorme barriga de Morgana.

— Você tem um bebê aí dentro?

— Tenho, sim. Na verdade, são dois bebês.

— Dois? — Jessie arregalou os olhos. — Como você sabe?

— Porque Ana me contou. — Rindo, Morgana pousou a mão no ventre pesado. — E porque eles chutam e se mexem demais para ser só um.

— A mãe da minha amiga Missy, a Sra. Lopez, tinha um bebê na barriga e ficou tão gorda que nem conseguia andar. — Com os olhinhos azuis reluzindo, Jessie enviou um olhar esperançoso para Morgana. — Ela me deixou sentir o bebê chutar.

Encantada, Morgana pegou a mão da menina e levou-a para a barriga, enquanto Ana desencorajava Daisy a escavar o canteiro de *impatiens*.

—Está sentindo?

Rindo baixinho com o movimento sob a mão, Jessie assentiu.

— Uau! Foi forte. Não dói?

— Não.

— Você acha que eles vão chegar logo?

— Espero que sim.

— Papai disse que os bebês sabem quando devem chegar porque um anjo cochicha no ouvido deles.

Sawyer podia ser arredio, Morgana pensou, mas era também muito inteligente e delicado.

— Pois acho que é exatamente isso que acontece.

— E esse anjo fica sendo só deles, para sempre — Jessie continuou, encostando o ouvido na barriga de Morgana, com a esperança de escutar alguma coisa ali dentro. — Se você se virar bem depressa, talvez consiga enxergar o seu anjo, só um pouquinho. Já tentei algumas vezes, mas não sou muito rápida. — Ela levantou a cabeça, estreitando os olhinhos para Morgana. — Os anjos são muito envergonhados, você sabe.

— Foi o que ouvi dizer.

— Eu não sou. — Jessie pressionou um beijo na barriga de Morgana, antes de afastar-se dançando. — Não há nem uma gotinha de timidez no meu sangue. É isso que a vovó Sawyer sempre diz.

— A vovó Sawyer é uma senhora bastante observadora — Ana comentou, pegando Daisy no colo para impedi-la de perturbar a soneca vespertina de Quigley.

As duas divertiram-se com a companhia cheia de energia, enquanto caminhavam por entre as flores. Ou melhor, enquanto elas andavam e Jessie ia pulando, correndo, saltitando e tropeçando.

Jessie pegou a mão de Ana quando encaminhavam-se para a frente da casa e para o carro de Morgana.

— Eu não tenho nenhuma prima. É gostoso?

— É, sim, muito gostoso. Morgana, Sebastian e eu crescemos praticamente juntos, mais ou menos como fazem os irmãos e irmãs.

— Eu sei como a gente pode ter irmãos, porque papai me explicou. Mas como se faz para ter primos?

— Bem, se sua mãe ou seu pai têm irmãos ou irmãs, e eles tiverem filhos, estes filhos são seus primos.

Jessie digeriu a informação com um ar concentrado.

— Qual destes você é?

— É um pouco complicado — Morgana respondeu rindo, decidindo recostar no carro por um instante antes de entrar. — Os pais de Ana, os de Sebastian e os meus são todos irmãos. E nossas mães também são irmãs. Assim, nós somos duplamente primos.

— Puxa, isso é "legal". Se eu não posso ter primos, talvez possa ter um irmão ou uma irmã. Mas papai diz que eu sozinha já valho por muitos.

— Tenho certeza de que ele está certo — Morgana concordou enquanto Ana ria.

Afastando os cabelos do rosto, Morgana olhou para cima. Ali, emoldurado pelas largas janelas do segundo andar da casa vizinha, um homem estava parado. O pai de Jessie, sem dúvida.

Ana o descrevera muito bem, Morgana pensou. Embora ele fosse mais atraente, e bem mais sexy, do que sua prima deixara revelar. Aquela simples omissão provocou-lhe um sorriso. Morgana ergueu a mão e acenou amigavelmente. Depois de um instante de hesitação, ele respondeu ao aceno.

— Aquele é o meu pai — Jessie falou, estendendo o bracinho. — Ele vai trabalhar lá em cima, mas ainda não desempacotou todas as caixas.

— Qual é o trabalho dele? — Morgana perguntou, desde que era óbvio que Ana não o faria.

— Ah, ele conta histórias. Histórias muito bonitas sobre fadas, feiticeiras, princesas, dragões e fontes mágicas. Às vezes eu ajudo. Agora tenho de ir embora, porque amanhã é o meu primeiro dia na escola e ele disse que não deveria demorar muito aqui. Eu demorei?

— Não. — Ana abaixou-se para beijá-la no rosto. — Pode voltar quando quiser.

— Tchau! — E lá se foi ela, correndo pelo gramado com o cachorrinho em seu encalço.

— Nunca fiquei tão encantada, nem tão exaurida — Morgana falou enquanto entrava no carro. — A garotinha é um furacão maravilhoso. — Sorrindo para Ana, balançou as chaves como se fossem um sininho. — E o pai, sem dúvida, não é de se jogar fora.

— Imagino que seja difícil para um homem criar uma filha sozinho.

— Pelo pouco que vi, ele parece estar se saindo muito bem. — Morgana ligou o motor. — É interessante que ele escreva histórias... sobre feiticeiras, dragões e estas coisas. Sawyer, você disse?

— Sim. — Ana afastou os cabelos do rosto. — Acho que é Boone Sawyer.

— Talvez ele se interesse em saber que você é sobrinha de Bryna Donovan... considerando-se que os dois fazem o mesmo tipo de trabalho. Isto é, se você estiver disposta a deixá-lo interessado.

— Não estou — Ana falou com firmeza.

— Ah, bem, talvez ele já esteja. — Morgana engatou a marcha-ré. — Abençoada seja, prima.

Ana conteve uma expressão preocupada, enquanto Morgana saía.

Depois de dirigir até a casa de Sebastian para cuidar dos cavalos, dando-lhes a ração da manhã e uma boa escovada, Ana passou o restante da manhã entregando seus pot-pourris, seus óleos perfumados, as ervas e poções medicinais. Outro tanto foi empacotado e enviado pelo correio. Embora Ana

tivesse vários clientes locais, incluindo a loja de Morgana, a Wicca, grande parte de sua clientela ficava fora da região.

Ana satisfazia-se com o sucesso que obtinha com seu trabalho. O negócio que iniciara seis anos atrás satisfazia suas necessidades e ambições, além de permitir-lhe o luxo de trabalhar em casa. Não era pelo dinheiro. A fortuna dos Donovan, e o legado dos Donovan, permitiam que ela e toda sua família vivessem confortavelmente. Mas, como Morgana com a loja e Sebastian com seus muitos empreendimentos, Ana precisava ser produtiva.

Ela era uma curandeira. Porém, era impossível curar todo mundo. Há tempos ela aprendera que seria uma tentativa destrutiva tomar para si todas as dores e males do mundo. Parte do preço que tinha a pagar pelo seu poder era saber que havia dores que seria incapaz de aliviar. Ana não rejeitava seu dom. Mas utilizava-o da maneira que achava melhor.

O estudo das ervas sempre a deixara fascinada e ela aceitou o fato de que possuía o dom do toque.

Séculos atrás poderia ter sido a curandeira do vilarejo, e essa idéia sempre a divertia. No mundo atual, era uma mulher de negócios que sabia preparar um óleo de banho ou um elixir com idêntica habilidade.

E se acrescentasse um toque de magia, era prerrogativa sua.

Ana estava feliz com o que o destino lhe confiara e com a vida que conseguira construir a partir disso.

Porém, mesmo se fosse infeliz, pensou, um dia como aquele a deixaria bem mais animada. O sol que começava a enfraquecer, a brisa acariciante, um leve cheiro de chuva no ar, uma chuva que ainda demoraria horas para cair, mas que depois cairia com gosto.

Querendo aproveitar o dia ao máximo, decidiu ficar trabalhando no jardim, começando a semear algumas ervas nos canteiros.

Ele estava observando-a novamente. Um mau hábito, Boone pensou com um franzir de testa, enquanto olhava para o cigarro entre os dedos. Não estava obtendo muito sucesso em romper com maus hábitos.

Tampouco estava conseguindo trabalhar, desde começara a olhar pela janela e avistara Ana lá em baixo.

Ela parecia sempre tão... elegante, concluiu. Era um tipo de elegância, de refinamento que não diminuía com o short sujo de terra e a camiseta de manga curta que ela usava.

Estava presente na maneira como ela se movia, como se o ar fosse um vinho que bebericava distraidamente enquanto passava por ele.

Você está ficando poético, pensou, e lembrou-se de guardar o lirismo para seus livros.

Talvez fosse porque ela parecia-se tanto com as princesas e fadas sobre as quais ele escrevia. Havia algo de etéreo e sobrenatural no jeito dela. E aquela

força silenciosa em seus olhos. Boone jamais acreditara que fadas fossem fáceis de se conquistar.

Porém, havia ainda aquela delicadeza no corpo feminino, um corpo sobre o qual, sinceramente, ele preferia não ficar pensando muito. Não era fragilidade, mas sim um tipo de feminilidade serena, que certamente seduziria e surpreenderia qualquer homem que se considerasse vivo.

E Boone Sawyer, sem dúvida nenhuma, estava vivo.

E agora, o que ela estava fazendo?, perguntou-se enquanto apagava o cigarro com impaciência e aproximava-se da janela. Ela fora para o abrigo do jardim e retornara com os braços cheios de vasos empilhados.

Não era próprio de uma mulher carregar mais peso do que deveria?

No instante em que pensou nisso, e concedeu-se uma pontinha de superioridade masculina, Boone viu Daisy disparar pelo gramado, correndo atrás de um gato magro e cinzento.

Apoiando-se no parapeito da janela, preparou-se para gritar chamando o cachorro. Mas, antes que fizesse o primeiro gesto, viu que já era tarde demais.

Em câmera lenta teria sido um balé interessante e bem coreografado. O gato voou como se fosse uma fumaça cinzenta por entre as pernas de Ana. Ela desequilibrou-se. Os vasos de cerâmica que carregava nos braços balançaram. Boone praguejou baixinho, depois exalou um suspiro de alívio quando ela endireitou-os, e a si mesma, novamente. Porém, antes que acabasse de respirar, Daisy apareceu correndo e destruindo o equilíbrio temporário. Desta vez os pés de Ana foram completamente tirados de sob seu corpo. Ela caiu, e os vasos desabaram.

Embora já estivesse praguejando, Boone escutou o barulho dos vasos quebrando enquanto passava correndo pelas portas do terraço e descia as escadas para o deque mais baixo.

Ela estava resmungando o que lhe pareceram palavrões num idioma exótico, quando ele se aproximou.

E nem poderia culpá-la. O gato estava em cima de uma árvore, rosnando para o cachorrinho que latia esganiçadamente. Os vasos não passavam de cacos espalhados sobre a grama e na beirada do pátio, onde ocorrera o impacto.

Boone fez uma careta, limpou a garganta.

— Ahn... Você está bem?

Ana apoiava-se nas mãos e nos joelhos, e os cabelos caíam pelo rosto. Mas ela jogou-os para trás e enviou-lhe um olhar através das mechas loiras.

— Engraçadinho.

— Eu estava na janela. — Aquele, certamente, não era o momento de admitir que estivera observando-a. —Passando pela janela — corrigiu-se. — Vi a corrida e a colisão. — Abaixando-se, começou a ajudá-la a recolher os pedaços de vasos. — Peço-lhe desculpas por Daisy. Ela está conosco há poucos dias e não

temos tido muito sucesso em treiná-la a fazer nada.

— Ela ainda é muito pequena. Não faz sentido culpar um animal por fazer o que é da sua natureza.

— Vou comprar-lhe outros vasos — ele disse, sentindo-se miseravelmente desajeitado.

— Eu tenho outros. —Porque os latidos e miados já estavam dando-lhe nos nervos, Ana sentou no chão, apoiando-se nos calcanhares. — Daisy! — O comando foi calmo, mas firme, e imediatamente obedecido. Com a cauda balançando freneticamente, o filhote arrastou-se para lamber-lhe o rosto e as mãos. — Sente — ela ordenou, e Daisy pousou o traseirinho no chão com toda boa vontade. — Agora, comporte-se. — Com um leve choramingo de arrependimento, a cadelinha baixou ia cabeça, apoiando-se nas patas.

Quase tão impressionado quanto atônito, Boone balançou a cabeça.

— Como conseguiu fazer isso?

— Magia — ela respondeu um tanto ríspida, mas suavizou o tom com um sorriso. — Pode-se dizer que sempre tive jeito com animais. Ela está apenas feliz, agitada e com vontade de brincar. Você tem de fazê-la entender que algumas atividades são impróprias. — Ana afagou a cabeça de Daisy e foi recompensada com um olhar de adoração canina.

— Eu estava tentando um pouco de chantagem.

— Isso também é bom. — Ana esticou o corpo sob uma treliça de clematis vermelhas, procurando mais cacos quebrados. Foi então que Boone percebeu o longo corte no braço dela.

— Você está sangrando.

Ela olhou para baixo. Havia alguns arranhões nas coxas, também.

— Seria impossível evitar, com aquele desabamento de vasos.

Boone levantou-se num piscar de olhos e começou a ajudá-la a fazer o mesmo.

— Diabos, eu perguntei se você estava bem.

— Ora, realmente, eu...

— Temos de limpar este ferimento. — Quando viu que havia mais sangue escorrendo pelas pernas dela, Boone reagiu exatamente como se fosse com Jessie: entrou em pânico. — Ah, meu Deus... — Pegou a espantada Ana no colo e correu para a porta mais próxima.

— Sinceramente, você não precisa...

— Vai ficar tudo bem, benzinho. Nós vamos cuidar disso.

Meio divertida, meio irritada, Ana bufou alto enquanto ele empurrava a porta da cozinha.

— Neste caso, vou cancelar a ambulância. Se você puder me deixar... — Ele colocou-a numa das cadeiras forradas da cozinha. — No chão.

Com os nervos vibrando, Boone correu para a pia em busca de um pano.

Eficiência, velocidade e espírito prático eram as palavras-chaves em tais casos, ele sabia. Enquanto molhava um pano de prato e o ensaboava, respirou fundo várias vezes para se acalmar.

— Não vai parecer tão ruim depois que limparmos. Você vai ver. — Com um meio sorriso ele voltou e ajoelhou-se na frente dela. — Não vou machucá-la, está bem? — Com delicadeza, começou a limpar o fino fio de sangue que escorrera até o tornozelo. — Nós vamos deixar tudo bonitinho. Apenas feche os olhos e relaxe. —Respirou fundo mais uma vez. —Sabe, eu conheci um homem, certa vez — começou a improvisar uma história, como sempre fazia com a filha. — Ele morava num lugar chamado Briarwood, onde havia um castelo encantado por detrás de um alto muro de pedras.

Ana, que estivera a ponto de dizer-lhe firmemente que era capaz de cuidar de si mesma, achou melhor ficar calada e começou a relaxar.

— Por cima dos muros havia uma trepadeira muito grande e forte, com espinhos que pareciam lâminas de espadas. Por mais de cem anos ninguém entrou no castelo, pois ninguém era corajoso o bastante para escalar aqueles muros e arriscar-se a ser ferido e espetado pelos espinhos. Mas o homem, que era muito pobre e vivia sozinho, estava curioso. Mas após dias ele caminhava da sua casa até a muralha, e ficava na ponta dos pés para avistar o sol reluzindo nas portes mais altas das torres do castelo.

Boone dobrou o pano e começou a limpar os cortes.

— Ele não conseguia explicar a ninguém o que sentia em seu coração, sempre que ficava ali observando. Queria desesperadamente escalar o muro. Às vezes, à noite, ficava deitado em sua cama e imaginando como seria. O medo daqueles espinhos grossos e pontiagudos sempre o impedia, até que num certo dia de verão, quando o perfume das flores era tão intenso que não se podia nem respirar sem embriagar-se nele, a simples visão das torres não foi mais o bastante. Alguma coisa, no coração dele, disse-lhe que o que ele mais queria no mundo estava ali, bem atrás da muralha coberta de espinhos. Então, ele começou a escalar. Caiu no chão muitas e muitas vezes, com as mãos e os braços arranhados e sangrando. E, muitas e muitas vezes ele obrigou-se a subir.

A voz de Boone era tranquilizadora e seu toque... o toque não era nada calmante. Por mais delicado que fosse, uma dor começou a espalhar-se, lenta e quente, desde o centro do corpo de Ana até as extremidades. Ele passava o pano úmido nas coxas dela, agora, onde um caco pontiagudo cortara a pele. Ana cerrou a mão em punho, e pousou a outra mão sobre o estômago.

Queria que ele parasse. Queria que ele continuasse. E continuasse...

— Ele levou um dia inteiro — Boone prosseguiu, naquele tom profundo e quase hipnótico de um contador de histórias. — O calor fazia com que o suor se misturasse ao sangue, mas ele não desistiu. Não podia desistir porque sabia, mais do que jamais soubera qualquer coisa, que o desejo do seu coração, seu futuro e

seu destino estavam do outro lado. Assim, com as mãos ensanguentadas, usou o espinheiro como apoio e arrastou-se até o topo da muralha. Exausto, repleto de dor, atirou-se para baixo, caindo sobre a relva espessa e macia que cobria toda a extensão do castelo encantado.

Boone fez uma pausa e continuou:

— A lua estava alta no céu, quando ele despertou, confuso e desorientado. Com os últimos resquícios de força, atravessou a ponte móvel mancando e entrou no enorme vestíbulo do castelo que assombrara seus sonhos desde a infância. Quando ele cruzou as portas, as luzes de centenas de tochas iluminaram-se. No mesmo instante, todos os seus cortes e arranhões desapareceram. Naquele círculo de chamas que lançavam sombras e luz nas paredes de mármore branco, estava a mulher mais bela que ele já havia visto. Seus cabelos eram como raios de sol e os olhos como a fumaça azulada. Antes mesmo que ela falasse, antes que seus lindos lábios se curvassem num sorriso de boas-vindas, ele soube que foi para encontrá-la que arriscara a sua vida. Ela deu um passo à frente, estendeu-lhe a mão e disse apenas: "Eu estava à sua espera".

Ao pronunciar as últimas palavras, Boone ergueu os olhos para Ana. Estava tão confuso e desorientado quanto o personagem da história que inventara. Quando seu coração começara a disparar daquele jeito?, perguntou-se. Como conseguia pensar, quando o sangue pulsava em sua cabeça, e também na virilha?

Enquanto esforçava-se para recuperar o equilíbrio, ficou olhando para ela.

Cabelos como raios de sol. Olhos como fumaça azulada.

Então, deu-se conta de que estava ajoelhado entre as pernas dela, com uma das mãos descansando intimamente em sua coxa, a outra prestes a alcançar aqueles cabelos dourados.

Boone levantou-se tão depressa que quase derrubou a mesa.

— Desculpe-me — disse, por falta de coisa melhor. Quando Ana limitou-se a continuar olhando-o, com o pulso visivelmente acelerado, ele tentou novamente: — Acho que me deixei levar pelo nervosismo, quando vi que você estava sangrando. Nunca consegui manter a calma quando se trata de limpar os cortes e arranhões de Jessie. — Combatendo o impulso de ficar tagarelando coisas sem sentido, entregou-lhe o pano úmido. —Imagino que você prefira cuidar de si mesma.

Ana pegou o pano. Precisou de um instante, antes de atrever-se a falar. Como era possível que um homem a atingisse tão profundamente apenas contando uma história e cuidando do seu machucado, e depois deixando-a zonza enquanto se desculpava?

Era culpa sua, pensou enquanto esfregava, com mais força do que o necessário, o arranhão em seu braço.

Era seu dom, mas também sua maldição, sentir mais do que todas as pessoas normais.

— Parece que é você quem está precisando sentar-se um pouco — Ana falou rapidamente, enquanto levantava-se a fim de pegar um de seus próprios remédios no armário. — Gostaria de beber alguma coisa?

— Não... Sim, na verdade. — Embora soubesse que nem um litro de água gelada apagaria o fogo em seu peito. — Sempre que vejo sangue eu entro em pânico.

— Em pânico ou não, você foi muito eficiente. — Ana serviu-lhe um copo da limonada que tirou da geladeira. — Foi uma história muito bonita. — Ela sorriu, agora, mais à vontade.

— Geralmente uma história serve para acalmar Jessie, ou a mim mesmo, durante uma sessão de mercurocromo e curativos.

— Mercurocromo arde. — Com movimentos experientes, Ana umedeceu os ferimentos já limpos com um líquido marrom que estava num frasco de remédio. — Posso lhe dar algo que não arde, se quiser. Para a próxima emergência.

— O que é isto? — Desconfiado, ele cheirou o conteúdo do frasco. — Tem cheiro de flores. .

— Sim, é feito de flores, ervas, uma pitadinha disso e daquilo. — Ana tampou o frasco e deixou-o de lado.

— É o que você chamaria de anti-séptico natural. Eu sou herbalista.

— Ah...

Ela riu diante da expressão cética no rosto dele.

— Está tudo bem. A maioria das pessoas só acredita nos remédios que podem ser comprados numa drogaria. Esquecem-se que muita gente curou-se bastante bem através da natureza, por centenas de anos.

— Mas também morriam de tétano causado por um ferimento num prego enferrujado.

— É verdade. — Desde que Ana não tinha a menor intenção de tentar convertê-lo, mudou de assunto. —Jessie já saiu para o primeiro dia de aula?

— Já, e estava louca para começar. Eu é que fiquei com o estômago embrulhado de nervoso. — O sorriso dele surgiu e desapareceu. — Quero lhe agradecer por ser tão tolerante com ela. Sei que Jessie tem uma tendência de "grudar" nas pessoas. Nem lhe passa pela cabeça que nem sempre estas pessoas estão dispostas a lhe dar atenção.

— Ah, mas eu gosto muito de conversar com ela. — Num gesto automático de cortesia, Ana pegou um prato e encheu-o de biscoitos. — E ela é sempre bem-vinda aqui. Jessie é uma menina muito doce, natural e inteligente, e nunca esquece as boas maneiras. Você está fazendo um excelente trabalho educando-a.

Boone aceitou o biscoito, sem desviar os olhos dela.

— Jessie facilita o meu trabalho.

— Por mais encantadora que ela seja, não deve ser fácil criar uma criança

sozinho. Duvido que seja fácil até para um casal, quando se trata de uma criança tão cheia de energia como Jessie. E tão inteligente. —Ana escolheu um biscoito e não viu que ele estreitava os olhos. — Ela deve ter herdado de você toda esta imaginação. Deve ser maravilhoso, para ela, ter um pai que escreve histórias tão lindas.

Os olhos dele aguçaram-se.

— Como você sabe o que eu faço?

A desconfiança a surpreendeu, mas Ana sorriu novamente.

— Sou uma fã... na verdade, uma fã ávida... de Boone Sawyer.

— Não me lembro de ter-lhe dito o meu primeiro nome.

— Não, acredito que não disse, mesmo — Ana concordou. — Sempre reage assim diante de um elogio, Sr. Sawyer?

— Tive meus motivos para escolher um local isolado como este para me instalar. — Ele deixou na mesa o copo pela metade. — Não gosto da idéia de ter uma vizinha interrogando minha filha, ou querendo saber da minha vida.

— Interrogando? — Ana quase engasgou com a palavra. — Interrogando Jessie? Por que eu faria isso?

— Para saber um pouco mais a respeito do rico viúvo que mora na casa ao lado.

Por um instante tenso, ela só conseguiu encará-lo.

— Mas que arrogância inacreditável! Acredite, eu gosto da companhia de Jessie e não acho necessário incluí-lo nas nossas conversas.

O que ele considerou como um espanto dolorosamente transparente o fez encolher os ombros com desprezo. Já lidara com aquele tipo de mulher antes, mas seria um desapontamento, um terrível desapontamento para Jessie.

— Então é muito estranho que você saiba o meu nome, saiba que sou viúvo e no que trabalho, não acha?

Era difícil Ana se zangar. Isso simplesmente não fazia parte da sua natureza. Agora, no entanto, teve de lutar contra a raiva que a invadia.

— Sabe de uma coisa? Duvido muito que você mereça qualquer explicação, mas vou dar-lhe assim mesmo só pelo prazer de vê-lo morrer de vergonha. — Ela virou-se. — Venha comigo.

— Eu não quero...

— Eu disse: venha comigo. — Ana saiu da cozinha com passos duros, segura de que ele a acompanharia.

Embora irritado e relutante, ele a seguiu. Passaram por uma porta em arco que dava acesso a uma linda sala ensolarada, com móveis de vime pintados de branco e almofadas coloridas. Havia enormes pedras de cristal, várias estátuas de elfos, feiticeiras e fadas. Depois de cruzarem outra porta, entraram numa biblioteca acolhedora, com uma lareira e mais objetos místicos.

Havia um sofá de aparência confortável, forrado com um tecido vermelho

escuro que convidava a sonecas vespertinas. Cortinas de renda, muito femininas, dançavam sob a brisa que brincava através das janelas, e o cheiro agradável de livros misturava-se com a fragrância refrescante de flores.

Ana foi direto para uma estante, erguendo-se na ponta dos pés para alcançar os livros que queria.

—"O Desejo da Vendedora de Leite" — foi recitando enquanto pegava um livro após o outro. —"O Sapo, a Coruja e a Raposa". "O Terceiro Desejo de Miranda". — Espiou por cima do ombro, embora o que realmente queria era jogar um dos livros bem no nariz dele. — Lamento ter de lhe dizer o quanto aprecio o seu trabalho.

Pouco à vontade, Boone enfiou as mãos nos bolsos. Já sabia que trocara os pés pelas mãos e perguntava-se se haveria uma maneira de consertar o estrago.

— Não é sempre que uma mulher adulta lê contos de fadas por prazer.

— Que pena. Embora você não mereça o elogio, eu diria que seu trabalho é poético e tem muito conteúdo, tanto para as crianças quanto para os adultos. — Longe de estar apaziguada, Ana guardou dois livros novamente na estante. — Mas, talvez estas coisas estejam no meu sangue. Muitas vezes fui acalentada com as histórias de uma das minhas tias. Bryna Donovan — ela disse, e teve o prazer de vê-lo arregalar os olhos. —Imagino que você já tenha ouvido falar dela.

Devidamente castigado, Boone exalou um longo suspiro.

— Sua tia. — Passou os olhos pela estante e viu diversos livros de Bryna, com histórias de magias e terras encantadas, alinhados junto aos seus. — Na verdade, já nos correspondemos algumas vezes. Há anos eu admiro o trabalho dela.

— Eu também. E quando Jessie mencionou que o pai escrevia histórias sobre princesas, fadas e dragões, eu concluí que o Sr. Sawyer, meu vizinho, era Boone Sawyer. Nem foi necessário interrogar uma criança de seis anos.

— Desculpe-me. — Boone não sabia como disfarçar a vergonha que sentia. — Eu... eu passei por uma experiência um tanto desagradável antes de nos mudarmos para cá, e isso deixou-me desconfiado. — Pegou uma pequena escultura de uma feiticeira e ficou girando-a entre os dedos, enquanto falava: — A professora de Jessie no jardim de infância... ela desencavou todo tipo de informações da menina. O que, na verdade, não é tão difícil assim, em se tratando de Jessie.

Ele deixou a estátua no lugar, ainda mais embaraçado por sentir que tinha obrigação de se explicar.

— Mas ela manipulou os sentimentos de Jessie, seu anseio natural por uma figura materna, deu-lhe todo tipo de atenções extras, marcou várias entrevistas comigo para discutir o potencial da menina e chegou ao ponto de marcar um jantar a dois comigo, quando... Basta dizer que ela estava mais interessada num homem solteiro com um bom salário do que nos sentimentos ou no bem-estar de Jessie. Jessie ficou muito magoada com tudo isso.

Ana tamborilou o dedo na capa de um dos livros, antes de guardá-lo na estante.

— Imagino que tenha sido uma experiência difícil para vocês dois. Mas deixe-me assegurá-lo que não estou procurando um marido. E, se estivesse, não faria isso através de manipulações e manobras. Receio que tenha sido muito bem doutrinada acerca de finais felizes, para precisar lançar mão de tais expedientes.

— Eu sinto muito. Depois da vergonha que realmente passei, vou tentar encontrar um meio melhor de me desculpar.

Pela maneira como Ana o encarou, ele ainda não estava totalmente fora da fogueira.

— Acho que o fato de termos nos entendido já é o bastante. Agora, tenho certeza de que você quer voltar ao seu trabalho, e eu também tenho mais o que fazer. — Ana passou por ele, foi para o vestíbulo revestido de lajotas e abriu a porta da frente. — Diga a Jessie para me fazer uma visita e me contar como foi na escola.

"Aqui está seu chapéu, por que a pressa?", Boone pensou com ironia enquanto passava pela porta.

— Eu direi. Cuide bem destes arranhões — acrescentou, mas ela já havia fechado a porta.

CAPÍTULO 3

Bem feito, Sawyer. Balançando a cabeça, Boone sentou na frente do computador. Primeiro o seu cachorro derruba a sua vizinha no quintal *dela.* Depois, nosso atrapalhado herói irrompe pela casa *dela,* sem ser convidado, e começa a acariciar-lhe as pernas. Para encerrar com chave de ouro, ele insulta a integridade *dela* e insinua que ela está usando sua filha para tentar laçá-lo.

Tudo isso numa única e divertida tarde, pensou com desgosto. Era de admirar que ela não o tivesse chutado para fora da casa, em vez de simplesmente bater-lhe com a porta na cara.

E por que agira de maneira tão estúpida? Experiências anteriores, era verdade. Porém, este não era o âmago da questão, e ele sabia.

Hormônios, concluiu com um meio sorriso. O tipo de hormônios enfurecidos que combinavam mais com um adolescente do que com um homem adulto.

Ele havia olhado para o rosto dela naquela cozinha ensolarada, sentindo-lhe a pele sob sua mão, aspirando o perfume serenamente sedutor que Ana exalava, e a desejara. Com desespero. Por um momento atordoante, havia imaginado nitidamente como seria arrebatá-la daquela cadeirinha enfeitada, sentir aquele rápido estremecimento em reação enquanto devorava-lhe os lábios incrivelmente macios.

Aquele instante de desejo tinha sido tão intenso que ele precisava acreditar que havia alguma orça externa, algum plano ou enredo capaz de confundi-lo de maneira tão avassaladora.

O caminho mais seguro, concluiu com um suspiro. Culpá-la por tudo isso.

É claro que ele teria sido capaz de descartar a coisa toda se não fosse pelo fato de que, no exato instante em que a fitara nos olhos, enxergara a mesma ânsia sonhadora que estava sentindo. E sentira também o poder, o mistério e a sensualidade incontida de uma mulher pronta para entregar-se.

Sua imaginação costumava alçar altos voos, ele sabia. Porém, o que vira, o que havia sentido, foram extremamente reais.

Por um segundo, apenas um segundo, as tensões e desejos fizeram com que todo o ar vibrasse como as cordas de uma harpa. Então ele se afastara. Um homem não tinha nada que ficar seduzindo a vizinha em sua cozinha.

Agora, era bem provável que tivesse destruído quaisquer chances de conhecê-la melhor, justamente quando percebera o quanto queria conhecer a Srta. Anastásia Donovan.

Pegando um cigarro, Boone segurou-o entre os dedos enquanto analisava várias maneiras de redimir-se.

Quando a luz se fez, foi tão simples que ele riu alto. Se estivesse procurando o caminho para o coração de uma linda dama, o que não era exatamente o seu

caso, não poderia ser mais perfeito.

Contente consigo mesmo, mergulhou no trabalho até a hora de buscar Jessie na escola.

"Idiota, convencido." Ana desabafou sua raiva amassando com um pilão. Era muito satisfatório estar amassando alguma coisa, mesmo se fossem inocentes ervas, e transformá-las em pó. Imagine só. Como Boone se *atrevia* a pensar que ela era... uma oportunista, decidiu, com desprezo. Como se o achasse irresistível. Como se estivesse pendurada numa janela, esperando que seu príncipe aparecesse. E para que pudesse seduzi-lo, prendendo-o numa armadilha.

Era muita ousadia.

Pelo menos ela tivera a satisfação de mostrar-lhe a porta da rua. E se bater a porta na cara de alguém fosse algo completamente avesso à sua personalidade, bem, naquela hora foi maravilhoso.

Tão maravilhoso, na verdade, que ela nem se importaria de repetir a dose.

Era uma pena que ele fosse tão talentoso. E não podia negar que era um excelente pai. Estas eram virtudes que Ana não podia deixar de admirar. Tampouco podia negar que ele era atraente, que possuía um magnetismo sensual e uma pitadinha de timidez misturada com doçura, juntamente com aquele toque másculo de um homem indomável.

E os olhos... aqueles olhos incríveis que eram capazes de tirar o fôlego, quando focalizam-se nela.

Ana praguejou baixinho e amassou a pasta com mais força no pilão. Não estava interessada em nada disso.

Talvez tivesse havido um instante, na cozinha, quando ele tocou-lhe a pele com tanta delicadeza e sua voz bloqueou todos os outros sons, em que ela descobriu-se atraída.

Tudo bem, excitada, admitiu. Mas isso não era nenhum crime.

No entanto, ele conseguira apagar a sensação bem depressa e, por ela, isso estava ótimo.

A partir daquele momento, pensaria nele apenas como sendo o pai de Jéssica. Iria mostrar-se distante e superior, nem se isso a matasse, e amigável apenas até o ponto em que facilitasse seu relacionamento com a menina.

Ana gostava de ter Jessie em sua vida e não estava disposta a sacrificar esse prazer por causa de uma antipatia básica e muito bem justificada pelo pai dela.

— Oi!

Havia um rostinho travesso espiando pela fresta da porta. Toda raiva que Ana estava sentindo desapareceu no mesmo instante, só de ver aqueles olhinhos sorridentes.

Ana deixou o pilão de lado e sorriu para a menina. Imaginou que deveria estar grata por Boone não permitir que o desentendimento entre eles impedisse a visita

de Jessie.

— Bem, parece que você sobreviveu ao primeiro dia de escola. A escola sobreviveu a você?

— Hu-hum. O nome da minha professora é Sra. Farrell. Ela tem cabelos grisalhos e pés grandes, mas é boazinha, também. E fiquei conhecendo Marcie, Tod, Lydia, Frankie e mais um monte de crianças. De manhã nós...

— Uau! — Ana começou a rir, levantando as duas mãos. — Acho melhor você entrar e sentar-se, antes de fazer o relatório do dia.

— Não consigo abrir a porta, porque estou com as mãos cheias.

— Ah. — Ana foi até a porta e abriu-a. — O que você tem aí?

— Presentes. — Com um suspiro cansado, Jessie deixou um pacote na mesa. Depois, mostrou um enorme desenho a giz de cera. — Hoje nós tivemos de desenhar. Eu fiz dois desenhos, um para o papai e outro para você.

— Para mim? — Emocionada, Ana aceitou o colorido desenho num grosso papel pardo, que lhe evocou as próprias lembranças da escola. —É lindo, meu raio de sol.

—Olhe, esta aqui é você. — Jessie apontou uma figura de cabelos amarelos. — E Quigley. — Ali estavam os traços infantis, mas muito bem-feitos, que retratavam um gato. — E todas as flores. As rosas, as margaridas e os cris... não sei o quê.

— Os crisântemos — Ana murmurou, com os olhos molhados.

— Isso mesmo. — Jessie continuou: — Eu não conseguia lembrar de todos os nomes. Mas você disse que iria me ensinar.

— Sim, eu vou ensinar. É muito lindo, Jessie.

— Eu desenhei papai na casa nova, com ele parado no terraço porque é o lugar que mais gosta. Ele pregou o desenho na geladeira.

— É uma ótima idéia. — Ana foi colocar o desenho na porta do refrigerador, prendendo-o com os pequenos ímãs.

— Eu gosto de desenhar. Meu pai desenha muito bem, e disse que mamãe desenhava melhor ainda. Então, acho que é de família. — Jessie pegou a mão de Ana. — Você está brava comigo?

— Não, querida. Por que estaria?

— Papai me contou que Daisy derrubou você e quebrou os seus vasos. E que você se machucou. — Ela olhou para o arranhão no braço de Ana, depois beijou-o solenemente.

— Desculpe-me.

— Está tudo bem. Daisy não fez de propósito.

— Ela também não mastigou os sapatos de papai de propósito, nem o fez falar palavrões.— Ana mordeu o lábio.

— Tenho certeza que não.

— Papai gritou com ela e Daisy ficou com tanto medo que fez xixi ali mesmo

no tapete. Então ele começou a correr atrás dela pela casa inteira, e foi tão engraçado que eu não conseguia parar de rir. Ele disse que vai fazer uma casinha de cachorro lá fora, e eu e Daisy vamos morar nela.

Ana perdeu toda esperança de levar a conversa a sério, e começou a rir enquanto abraçava a menina, pegando-a no colo.

— Acho que você e Daisy iriam divertir-se muito na casinha de cachorro. Mas, se quiser salvar os sapatos do seu pai, quem sabe eu posso ajudar você a treiná-la?

— Você sabe fazer isso? Pode ensinar Daisy a fazer truques?

—Ah, acho que sim. Veja. — Ana mudou Jessie de posição em seu colo e chamou Quigley, que dormia embaixo da mesa da cozinha. O gato acordou relutante, esticou as patas dianteiras, depois as traseiras, e adiantou-se. — Muito bem, sente. — Exalando um suspiro felino, ele obedeceu. — Levante. — Resignado, Quigley ergueu-se nas quatro patas e chutou o ar, como um tigre de circo. — Agora, se você der o seu salto, talvez ganhe uma lata de atum no jantar.

O gato parecia debater a idéia consigo mesmo. Então, talvez porque o truque não fosse nada se comparado com uma lata de atum, deu um pulo para o alto, girou num salto mortal e aterrissou sobre as quatro patas. Enquanto Jessie ria e aplaudia, Quigley lambeu a pata com modéstia.

— Eu não sabia que os gatos podiam aprender truques.

— Quigley é um gato muito especial. — Ana deixou-a no chão e foi fazer um agrado no gato. Ele ronronou alegremente, esfregando o nariz na perna dela. — A família dele está na Irlanda, como a maior parte da minha.

— Ele não se sente sozinho?

Sorrindo, Ana afagou a cabeça do animal.

— Nós temos um ao outro. Agora, que tal um lanche enquanto me conta sobre o resto do seu dia?

Jessie hesitou, tentada.

— Não sei se posso, porque está muito perto da hora do jantar e papai... Ah, já ia me esquecendo! —Correu de volta para a mesa a fim de pegar o pacote embrulhado num vistoso papel listrado. — Este é para você, foi o papai quem mandou.

— Foi o seu... — Num gesto inconsciente, Ana cruzou as mãos por trás das costas. — O que é?

— Eu sei. — Jessie sorriu, os olhos brilhando de animação. — Mas não posso dizer, senão estrago a surpresa. Você precisa abrir. — Pegou o pacote e empurrou-o para ela. — Você não gosta de presentes? —Perguntou ao ver que Ana mantinha as mãos firmemente presas atrás das costas. — Eu adoro ganhar presentes e papai sempre dá presentes bons.

— Estou certa que sim, mas...

— Você não gosta do meu pai? — O lábio inferior da menina tremeu um

pouco. — Está zangada com ele porque Daisy quebrou seus vasos?

— Não, não estou zangada com ele. — Não pelos vasos quebrados, ao menos. — Não foi culpa dele. E é claro que gosto dele... Isto é, ainda não o conheço muito bem e... — Sem saída, Ana decidiu, e esboçou um sorriso. — Só fiquei surpresa de ganhar um presente sem ser meu aniversário. — Para agradar a criança, pegou o pacote e balançou-o. — Não faz barulho — disse, e Jessie bateu palmas e pulou.

— Adivinhe! Adivinhe o que é!

— Ahn... Um trombone.

— Não, um trombone é muito grande. — A excitação fazia a menina agitar-se. — Abra! Abra para ver o que é!

Era a reação de Jessie que fazia seu coração bater um pouco mais rápido, Ana pensou. E a fim de acalmá-la, abriu o pacote com um floreio.

— Ah!

Era um livro, um livro infantil de tamanho grande, com uma capa branca. Na frente havia a ilustração de uma mulher de cabelos loiros usando uma coroa reluzente e um manto azul esvoaçante.

— "A Rainha das Fadas" — Ana leu o título. — Por Boone Sawyer.

— É novinho em folha! — Jessie exclamou. — Ainda nem está para vender, mas papai recebe as cópias antes. — Passou a mãozinha delicada sobre a capa. — Eu disse a ele que parece você.

— É um lindo presente — Ana falou, suspirando. E muito esperto. Como ela poderia continuar irritada com ele, depois disso?

— Ele escreveu uma coisa para você, na parte de dentro. — Impaciente demais para esperar, Jessie abriu a capa. — Olhe, está aqui.

Para Anastásia,
esperando que um conto mágico tenha o mesmo efeito que uma bandeira branca.
Boone.

Ela sorriu. Foi impossível evitar. Como alguém poderia recusar um pedido de trégua tão encantador?

É claro que Boone estava contando exatamente com isso. Enquanto empurrava uma caixa que estava no caminho, olhou pela janela da cozinha na direção da casa ao lado. Mas não estava espionando, assegurou-se.

Imaginava que levaria alguns dias para Ana se acalmar, mas pensou que poderia dar um passo de gigante na direção certa. Afinal, não queria que nenhum antagonismo perdurasse entre ele e a nova amiga de Jessie.

Voltando para o fogão, diminuiu o fogo do frango que estava cozinhando e começou a amassar as batatas para fazer um purê.

O prato preferido de Jéssica, pensou enquanto ligava a batedeira. Ele podia fazer purê de batatas todos os dias, durante um ano inteiro, e a menina não iria se queixar. Mas era evidente que cabia a ele variar o cardápio e certificar-se de que ela tivesse uma alimentação variada e saudável.

Boone despejou mais leite na vasilha e fez uma careta. Tinha de admitir que, se havia uma parte da paternidade que ele desistiria de bom grado, era a pressão de decidir o que iriam comer, dia após dia.

Não se incomodava de cozinhar, mas sim de escolher diariamente entre carne assada ou cozida, frango ou costeletas de porco, além de todas as outras coisas. Levado pelo desespero, começara a colecionar receitas, secretamente, na esperança de acrescentar alguma variedade ao cardápio.

Certa vez ele até pensara seriamente em contratar uma pessoa para cuidar da casa e das refeições. Tanto sua mãe quanto sua sogra estavam pressionando-o a fazer isso, e depois entregaram-se a mais um combate sobre como escolher a mulher mais adequada para tal função. Mas a idéia de ter uma pessoa estranha dentro de casa, alguém que gradualmente acabaria encarregando-se da criação da sua filha, o fez desistir.

Jesse era sua, cem por cento sua. Apesar das decisões sobre o jantar e das compras no supermercado, era assim que ele queria que fosse.

Enquanto acrescentava uma generosa colher de manteiga às batatas cremosas, Boone ouviu os passinhos correndo no terraço.

— Chegou na hora, meu sapinho. Eu já ia assoviar para chamá-la. — Ele virou-se, lambendo o purê no dedo, e viu Ana parada na porta, com a mão pousada no ombro de Jessie. Os músculos de seu estômago ficaram tão tensos que ele quase se encolheu. — Ora, olá!

— Eu não pretendia interromper — Ana começou. — Queria apenas agradecer o livro que você me deu de presente. Foi muito gentil de sua parte.

— Fico contente que tenha gostado. — Boone percebeu que estava com um pano de prato amarrado na cintura, e tirou-o. — Foi a melhor oferta de paz em que pude pensar.

— E deu certo. — Ana sorriu, encantada ao vê-lo lidando com as panelas no fogão. — Obrigada por pensar em mim. Agora, é melhor eu sair do caminho para que você termine o seu jantar.

— Ela pode entrar, não pode? — Jessie já estava puxando-a pela mão. — Não pode, papai?

— É claro. Por favor. — Boone afastou outra caixa de perto da porta. — Ainda não acabamos de desempacotar nossas coisas. Está demorando mais do que eu pensava.

Levada pela educação, e pela curiosidade, Ana entrou. As janelas ainda estavam sem cortinas e algumas caixas acumulavam-se no chão de cerâmica colorida. Porém, arrumados no balcão azul, havia um pote para biscoitos no

formato do coelho de Alice, um bule de chá do Chapeleiro Maluco e um açucareiro em forma de ratinho. A porta da geladeira fora transformada numa galeria de arte, repleta dos desenhos e pinturas de Jessie, e o filhote de cachorro dormia num canto.

Não era bem organizada nem arrumada, ela pensou, mas sem dúvida aquela casa já era um lar.

— É uma bela casa — Ana comentou. — Não é de admirar que tenha sido vendida tão depressa.

— Quer ver o meu quarto? — Jessie agarrou-lhe novamente a mão. — Eu tenho uma cama com um teto e montes de bichinhos de pelúcia.

— Você pode levar Ana lá em cima mais tarde — Boone intrometeu-se. — Agora está na hora de lavar as mãos.

— Está bem. — Jessie lançou um olhar de súplica para Ana. — Não vá embora.

— Que tal um pouco de vinho? — Boone ofereceu assim que a filha saiu correndo. — É uma boa maneira de se selar uma trégua.

— Tudo bem. — Os desenhos farfalharam quando ele abriu a geladeira. — Jessie é uma artista e tanto. Achei lindo o desenho que ela fez para mim.

— Cuidado, ou vai acabar empapelando as paredes com os desenhos. — Boone hesitou, com a garrafa na mão, perguntando-se onde teria guardado as taças de vinho, ou se nem as tirara da caixa. Uma rápida busca nos armários deixou evidente que não havia tirado. — Será que você concorda em tomar um *chardonnay* num copo do Pernalonga?

Ela riu.

—É claro que sim. — Esperou que ele a servisse e ergueu o copo para o dele... que era do Patolino. — Bem-vindo a Monterey — disse, brindando.

— Obrigado. — Quando Ana levou o copo aos lábios e sorriu-lhe por sobre a borda, Boone perdeu o rumo dos pensamentos. — Eu... Você mora aqui há bastante tempo?

— Minha vida inteira, com idas e vindas. — O aroma de frango e a alegre bagunça na cozinha eram tão familiares que Ana relaxou. — Meus pais tinham uma casa aqui e outra na Irlanda. Agora eles passam muito mais tempo na Irlanda, mas meus primos e eu continuamos por aqui mesmo. Morgana nasceu na casa em que mora, na Seventeen Mile Drive. Sebastian e eu nascemos na Irlanda, no Castelo Donovan.

— Castelo Donovan.

Ela riu um pouco.

— Soa um tanto pretensioso, não é? Mas trata-se realmente de um castelo, muito antigo, muito bonito e bem distante. Pertence à família Donovan há séculos.

— Nascida num castelo na Irlanda — ele refletiu em voz alta. — Talvez isso

explique porque na primeira vez em que a vi pensei... bem, há uma rainha das fadas bem ali no quintal vizinho, atrás da cerca de rosas. — O sorriso desapareceu e Boone falou sem pensar. — Você me deixa sem fôlego.

Ana parou em meio ao gesto de levar o copo aos lábios, que entreabriram-se, de espanto e confusão.

— Eu... — Bebeu um gole, enquanto aproveitava para pensar. — Imagino que faça parte do seu dom para escrever ficar imaginando fadas nos arbustos, elfos no jardim, feiticeiros nos topos das árvores.

— Pode ser. — Ana exalava um perfume delicioso enquanto a brisa que trazia traços do seu jardim e indícios do mar penetrava pelas janelas. Boone aproximou-se, surpreso e um tanto feliz ao ver o alarme nos olhos dela. — Como vai o arranhão, vizinha? — Com delicadeza, passou a mão em torno do braço dela e deslizou o dedo para cima, até sentir o pulso bater na parte interna do cotovelo. Fosse lá o que estivesse afetando-o, provocava o mesmo efeito nela. Ele sorriu. — Ainda dói?

— Não. — A voz dela enrouqueceu, surpreendendo-a, excitando-o. — Não, é claro que não.

— Você ainda está com cheiro de flores.

— A sálvia...

— Não. — Boone levou a outra mão até o queixo dela. — Você sempre tem este perfume de flores. Flores silvestres e brisa marinha.

Como ela fora parar ali, de costas para o balcão, com o corpo dele roçando no seu, os lábios tão próximos e tentadores que ela quase podia sentir-lhes o sabor?

E ela queria sentir, mais do que tudo no mundo, com uma força que afastou todo e qualquer pensamento de sua mente. Devagar, mantendo os olhos nos dele, levou a mão até seu peito e espalmou-a sobre o coração. Que batia forte e enlouquecido.

E assim seria o beijo, ela pensou. Forte e louco, desde o primeiro instante.

Como se quisesse assegurá-la disso, Boone pegou uma mecha de seus cabelos e enrolou-a no dedo.

Estava quente, como ele sabia que estaria, quente como a luz do sol. Por um instante, todo seu ser concentrou-se no beijo que viria, no prazer indescritível que lhe traria. Seus lábios estavam quase colados nos dela, a respiração de ambos se mesclava, e foi então que ele ouviu os passos de Jessie descendo a escada.

Boone afastou-se como se Ana o tivesse queimado. Incapazes de falar, ficaram apenas se olhando, atônitos pelo que quase acontecera e pela força que os impulsionara um ao outro.

O que ele estava fazendo?, Boone perguntou-se. Agarrando uma mulher na cozinha, com o frango na panela, o purê de batatas esfriando na pia e sua filha prestes a irromper pela porta?

— Eu já vou embora. — Ana deixou o copo de vinho no balcão, temendo que

o derramasse. — Pretendia ficar apenas um minuto.

— Ana. — Ele virou-se, bloqueando-lhe a passagem para o caso de ela decidir disparar para fora. — Tenho a impressão de que o que acabou de acontecer não combina muito com as nossas personalidades. Interessante, não acha?

Ela ergueu os solenes olhos azuis para ele.

— Não conheço a sua personalidade.

— Bem, não tenho o costume de seduzir mulheres na cozinha de minha casa, enquanto Jessie vai lavar as mãos. E, certamente, não tenho o hábito de desejar uma mulher desde o primeiro momento em que a vejo.

Ana desejou ainda estar segurando o copo. Sentia a garganta seca, ardendo.

— Imagino que esteja esperando que eu diga que acredito em você. Mas não acredito.

Um misto de raiva e desafio brilhou nos olhos dele.

— Neste caso, vou ter de provar, não é?

— Não, você...

— Minhas mãos estão limpinhas, limpinhas. — Abençoadamente inconsciente da tensão que fervilhava no ar, Jessie entrou na cozinha dançando, erguendo as palmas para a inspeção. — Por que preciso lavar as mãos se não vou comer com os dedos?

Com um esforço imenso, Boone afastou-se de Ana e deu uma torcidinha no nariz da filha.

— Porque os germes adoram xeretar nas mãos das garotinhas e também no purê de batata.

— Argh! — Jessie fez uma careta, e depois sorriu. — Papai faz o purê de batata mais gostoso do mundo. Não quer experimentar? Ela pode ficar para o jantar, não pode, papai?

— Desculpe, mas tenho de...

— É claro que ela pode. — Refletindo o sorriso da filha, mas com algo bem mais perigoso nos olhos, Boone olhou para Ana. — Nós adoraríamos que você ficasse. Temos bastante comida. E acho que seria uma boa oportunidade de nos conhecermos melhor, antes de...

Ela nem precisou perguntar "antes" do quê. Estava bem claro. Mas, por mais que tentasse, não conseguia fazer com que sua irritação sobrepujasse o rápido fluxo de pânico e excitação.

—É muita gentileza sua me convidar — disse, com uma calma admirável. — Eu bem que gostaria, mas... —Sorriu para Jessie, ao ouvir o gemido de desapontamento. — Mas preciso ir à casa do meu primo para cuidar dos cavalos.

— Você me leva algum dia, para que eu possa vê-los?

— Se seu pai concordar... — Ana abaixou-se e beijou o rostinho fofo de Jessie. — Obrigada pelo desenho, meu raio de sol. Eu adorei. — Dando um passo cauteloso para trás, olhou para Boone. — E obrigada pelo livro. Sei que vou

adorar. Boa noite.

Ana não saiu correndo, embora admitisse que não estava apenas saindo, mas fugindo. Ao chegar em casa deu a Quigley o atum que prometera e trocou de roupa, vestindo calça jeans e uma camisa grossa a fim de ir para a casa de Sebastian.

Estava precisando pensar um pouco, decidiu enquanto calçava as botas. Pensar seriamente. Pesar os prós e contras, considerar as consequências. Sentiu vontade de rir, ao pensar em como Morgana giraria os olhos para cima e a acusaria de ser uma libriana incorrigível.

Talvez o seu signo fosse parcialmente responsável pelo fato de que Ana sempre conseguia ver e simpatizar com ambos os lados de um argumento. E isso complicava os problemas, tanto quanto os solucionava. Mas neste caso ela tinha certeza de que, se clareasse os pensamentos e mantivesse a calma, chegaria a uma conclusão.

Talvez estivesse realmente atraída por Boone. E o aspecto físico era completamente sem precedentes. É claro que ela já sentira desejo por um homem, mas nunca algo assim, tão rápido, agudo e urgente. E isso geralmente significava uma dor mais forte e profunda.

Sem dúvida, era algo para se considerar. Franzindo a testa, pegou uma jaqueta jeans e desceu as escadas.

Sim, ela era uma mulher adulta, sem compromissos, sem laços e perfeitamente livre para acalentar a idéia de ter um relacionamento com um homem igualmente adulto e livre.

No entanto, Ana sabia como os relacionamentos podiam ser devastadores, quando as pessoas eram incapazes de aceitar as outras pelo que eram.

Ainda debatendo consigo mesma, ela saiu da casa. Não devia nenhuma explicação a Boone. Não tinha nenhuma obrigação de fazê-lo compreender a sua herança, como tentara, anos atrás, com Robert. Mesmo se acabassem se envolvendo, ela não precisaria lhe contar nada.

Ana entrou no carro e saiu da garagem, com os pensamentos indo e voltando.

Ela não estaria enganando-o se omitisse alguns fatos a seu respeito. Era uma forma de proteção, conforme aprendera a duras penas. E era tolice até considerar este aspecto, quando ainda nem decidira se queria ou não envolver-se.

Não, isso não era verdade. Ela queria. Era mais uma questão de decidir se podia dar-se ao luxo de envolver-se.

Afinal, ele era seu vizinho. Se o relacionamento não desse em nada, seria bastante desconfortável continuarem vivendo tão perto um do outro.

Além disso, tinha de pensar em Jessie. Ana já estava gostando muito da menina. Não queria arriscar-se a perder aquela amizade e afeição pensando apenas em seus próprios interesses. Interesses puramente físicos, aliás, ela pensou enquanto seguia pela estrada sinuosa ao longo da costa.

Era verdade que Boone poderia lhe oferecer algum prazer físico. Não duvidava disso, nem por um momento. Porém, o preço emocional seria alto demais para todos os envolvidos.

Seria melhor, muito melhor para todos os envolvidos, se ela continuasse sendo amiga de Jessie e mantivesse uma distância segura do pai dela.

O jantar havia terminado, os pratos estavam lavados. Houvera uma sessão de adestramento com Daisy, não muito bem-sucedida, embora ela acabasse sentando se a puxasse pela cauda. Depois, muita bagunça e água esparramada no banheiro e uma brincadeira de cavalinho, para agradar a filha. Depois a história a ser contada na cama e o último copo de água a ser solicitado.

Assim que Jessie dormiu e a casa ficou em silêncio, Boone deu-se ao luxo de tomar um conhaque no terraço. Havia uma pilha de formulários em sua escrivaninha, o dever de casa dos pais, que precisavam ser preenchidos como parte da matrícula de Jessie na escola.

Ele faria isso antes de dormir, decidiu. Mas aquela hora, aquela hora escura, silenciosa, quando a lua quase cheia começava a nascer, era toda sua.

Podia observar as nuvens que juntavam-se no céu, prometendo chuva, o som hipnótico do mar batendo nas pedras, o tagarelar dos insetos na grama que ele teria de cortar muito em breve, o perfume das flores noturnas.

Não era de admirar que ele tivesse comprado a casa logo depois da primeira visita. Nenhum lugar no mundo o deixaria tão calmo, nem lhe daria uma sensação tão grande de paz e conforto. E ela havia apelado para sua imaginação. Os ciprestes de formatos místicos, as plantas exóticas que cobriam as encostas, aquelas extensões de praia vazias e quase sempre misteriosas.

A beleza etérea da mulher que morava ao lado.

Boone sorriu consigo mesmo. Para alguém que não costumava sentir nada além de um leve interesse por uma mulher, há mais tempo do que conseguia se lembrar, ele estava sendo inundado, agora.

Levara muito tempo para esquecer Alice. E, embora não se considerasse um conquistador inveterado, certamente não vivera como um monge naqueles últimos anos. Sua vida não era vazia e ele já era capaz, depois de muito sofrimento, de aceitar o fato de que teria de vivê-la.

Estava bebericando o conhaque, desfrutando o simples prazer da noite, quando ouviu o carro de Ana.

Não que estivesse esperando por isso, Boone assegurou-se enquanto olhava no relógio. Porém, não conseguiu disfarçar a satisfação de ver que ela estava chegando cedo, cedo demais para ter saído num encontro com alguém.

Não que a vida social dela fosse problema seu.

Não podia avistá-la entrando com o carro mas, como a noite estava calma,

ouviu a porta bater. Então, momentos depois, escutou-a abrir e fechar a porta da casa.

Pousando os pés descalços no piso do terraço, tentou imaginá-la andando pela casa. Indo para a cozinha.

Sim, a luz acendeu-se e Boone a viu passar pela janela. Subindo a escada. Mais luzes, embora ele achasse que parecia o brilho de uma vela, contra o vidro escuro, e não de uma lâmpada. Minutos depois, ouviu o leve ressoar de uma música. Acordes de uma harpa. Suaves, românticos e um tanto tristes.

Por um breve segundo avistou a silhueta dela em uma das janelas. Pôde ver claramente a sombra esguia e feminina enquanto Ana tirava a blusa.

Mais que depressa, bebeu um gole de conhaque e afastou os olhos. Por mais tentador que fosse, não podia rebaixar-se ao ponto de se tornar um *voyeur*. No entanto, descobriu que estava ansiando por um cigarro e, pedindo desculpas à filha desaprovadora, tirou o maço do bolso.

A fumaça encheu o ar, acalmou-lhe os nervos. Boone entregou-se ao prazer, ouvindo a música da harpa.

Um longo tempo se passou, antes que ele entrasse em casa e fosse dormir, com o barulho da chuva batendo no telhado e a lembrança dos acordes da harpa flutuando na brisa noturna.

CAPÍTULO 4

A Cannery Row fervilhava de vida, com o burburinho das pessoas que passeavam ou apressavam-se, com a campainha da bicicleta de um turista, o lamentoso chamado das gaivotas esmolando um petisco. Ana gostava das multidões e do barulho quase tanto gostava da paz e da solidão do seu quintal.

Com toda paciência, arrastava-se ao longo do extenso tráfego de fim de semana. Na primeira vez que passou pela loja de Morgana, resignou-se com o fato de que aquele dia perfeito trouxera uma multidão de turistas e moradores para as ruas. Encontrar um lugar para estacionar seria o mesmo que ganhar na loteria.

Em vez de frustrar-se em busca de um espaço na rua, entrou num estacionamento a três quarteirões da *Wicca*.

Quando saiu para abrir o porta-malas, ouviu o choro impaciente de uma criança e o murmúrio irritado dos pais cansados.

— Se você não parar com isso agora mesmo não vai ganhar nada. Estou, falando sério, Timothy. Já aguentei até demais. Agora, vá andando.

A resposta da criança àquela ordem foi atirar-se no chão, transformando-se num pacotinho inerte no meio do estacionamento, enquanto a mãe puxava-lhe inutilmente o braço molhado de lágrimas. Ana mordeu o lábio, contendo um sorriso, mas era óbvio que os pais não viam a menor graça na cena. Estavam carregados de pacotes e suas expressões eram de fúria.

Timothy, Ana pensou, estava prestes a levar umas palmadas, embora fosse pouco provável que isso o tornasse mais cooperativo. O pai passou os pacotes para a mãe e, apertando os lábios, abaixou-se.

Era uma coisa tão pequena, Ana pensou. E todos eles pareciam tão cansados e infelizes. Ela fez a primeira conexão com o pai, sentiu o amor, a irritação e uma sombria vergonha. Depois, com a criança, confusão, cansaço e uma profunda infelicidade por não ter ganho o elefante de pelúcia que vira na vitrine de uma loja.

Ana fechou os olhos. A mão do pai havia se levantado quando ele se preparava para administrar uma boa palmada no traseirinho coberto pela fralda. O menino prendeu o fôlego, pronto para emitir um grito agudo de indignação.

De repente, o pai suspirou, deixando a mão cair ao longo do corpo. Timothy olhou para cima, o rosto quente, rosado e molhado de lágrimas.

O pai abaixou-se, abraçando-o.

— Nós estamos cansados, não é?

Com um soluço sentido, Timothy aconchegou-se neles e recostou a cabeça no ombro do papai.

— Com sede.

— Tudo bem, campeão. — O pai levou a mão ao traseiro do filho, mas para uma palmadinha tranquilizadora. Enviou um sorriso de encorajamento para a esposa de olhos molhados. — Por que não vamos tomar um refrigerante gelado? Acho que ele está precisando de uma soneca.

Afastaram-se, cansados porém aliviados.

Sorrindo consigo mesma, Ana abriu o porta-malas. Férias em família, pensou, não eram apenas alegria e divertimento. Na próxima vez que os três estivessem prontos para rosnar uns para os outros, ela não estaria por perto. Mas imaginou que conseguiriam entender-se sem a sua ajuda.

Depois de empurrar a bolsa para trás das costas, começou a descarregar as caixas que estaria entregando para Morgana. Havia meia dúzia delas, cheias de sachês de *pot-pourris,* frascos com essências e cremes, travesseiros recheados com ervas e flores, e as encomendas de, um mês inteiro, que iam desde tônicos medicinais até perfumes personalizados.

Ana considerou a idéia de fazer duas viagens, levando em conta a distância até a loja, mas decidiu que se equilibrasse tudo com cuidado conseguiria carregar todas as caixas de uma vez.

Empilhou-as, arrumou-as e ajustou-as, depois conseguiu fechar o porta-malas com o cotovelo. Também conseguiu atravessar o estacionamento e andar por meio quarteirão, antes de começar a censurar-se.

Por que estava fazendo isso?, perguntou-se. Teria sido melhor fazer duas viagens confortáveis do que uma difícil. Não que as caixas estivessem tão pesadas assim. A cada passo ficava cada vez mais difícil carregá-las e a calçada estava cheia de gente. E seus cabelos ficavam voando por cima dos olhos. Com uma manobra rápida e ágil, Ana conseguiu desviar-se de dois adolescentes que vinham em sua direção.

— Precisa de ajuda?

Irritada consigo mesma, e com os motoristas irresponsáveis, ela virou-se. E ali estava Boone, particularmente bonito usando calça de algodão e camiseta. Montada nos ombros dele, Jessie ria e batia palmas.

— Nós andamos no carrossel, tomamos sorvete e depois vimos você!

— Parece que você continua sobrecarregada — Boone comentou.

— Não estão pesadas.

Ele bateu na perna de Jessie e, seguindo o sinal, ela começou a escorregar pelas costas dele.

— Nós lhe daremos uma mãozinha.

— Está tudo bem. — Ana sabia que seria tolice rejeitar ajuda quando precisava, mas tivera sucesso em evitar Boone durante a maior parte da semana. E conseguira, com quase idêntico sucesso, evitar de pensar nele. —— Não quero interromper o seu passeio.

— Nós não vamos a lugar algum, não é, Jessie?

— Hu-hum, estamos só andando por aí. É o nosso dia de folga.

Ana não pôde conter um sorriso, como também não conteve o temor que surgiu em seus olhos quando virou-se para Boone. Não tinha dúvidas de que estivera olhando para ela com aquele seu jeito desconcertante.

O sorriso que beirava-lhe os lábios tinha menos a ver com humor do que com desafio.

— Não vou muito longe — ela tentou novamente, agarrando uma caixa que começava a escorregar. —Posso muito bem...

— Está certo. — Ignorando suas objeções, Boone tirou-lhe as caixas dos braços, com os olhos fixos nos dela.

— Para que servem os vizinhos?

— Eu posso carregar uma. — Ansiosa para ajudar, Jessie saltitava ao lado deles. — Não posso?

— Obrigada. — Ana entregou a caixa mais leve para a menina. — Vou levar estas coisas para a loja da minha prima, a uns dois quarteirões daqui.

— Ela já ganhou os bebês? — Jessie perguntou, quando começaram a andar.

— Ainda não.

— Perguntei ao papai como ela conseguiu ter dois bebês na barriga e ele disse que, às vezes, é porque há o dobro do amor.

Como alguém poderia defender-se de um homem como aquele?, Ana perguntou-se. Seus olhos estavam mais brandos, quando encontraram os dele.

— Sim, é verdade. Parece que você sempre tem a resposta certa — Ana murmurou para Boone.

— Nem sempre. — Ele não tinha certeza se sentia-se aliviado ou aborrecido pelo fato de estar com as mãos cheias de caixas. — Mas pelo menos sempre tento acertar. Onde tem se escondido, Anastásia?

— Escondido? — O calor desapareceu dos olhos dela.

— Há dias que não a vejo no jardim. Você não me parece o tipo que se amedronta facilmente.

Como Jessie estava andando logo à frente deles, Ana achou melhor não retrucar com uma resposta afiada.

— Não sei o que está dizendo. Estive trabalhando a semana inteira. Um bocado, aliás. — Fez um gesto indicando as caixas. — Você está carregando uma parte deste trabalho, agora mesmo.

— Então foi por isso? Bem, fico contente por não ter chegado ao ponto de bater na sua porta fingindo precisar de uma xícara de açúcar. Quase fiz isso, mas achei que seria óbvio demais.

Ela enviou-lhe um olhar rápido.

— Agradeço sua moderação.

— Pois deveria agradecer, mesmo.

Em resposta, Ana limitou-se a afastar os cabelos do rosto, e chamou Jessie.

— Vamos por este caminho, para entrarmos pelos fundos. A loja sempre fica muito cheia aos sábados —ela explicou a Boone. — Não gosto de entrar pela loja e incomodar os fregueses.

— Afinal, o que ela vende nesta loja?

— Ah... — Ana sorriu. — Um pouco de tudo. Creio que você vai achar as mercadorias particularmente interessantes. Aqui estamos. — Indicou um alpendre revestido de pedras e enfeitado com vasos de gerânios vermelhos. — Você pode abrir a porta, Jessie?

— É claro. — Ansiosa para ver o que haveria do outro lado, Jessie escancarou a porta e emitiu uma exclamação. — Ah, olhe, papai! — Deixou a caixa no primeiro espaço vazio que encontrou e praticamente mergulhou em cima da enorme gata branca que lambia-se em cima da mesa.

— Jéssica! — A voz de Boone foi breve e firme, e fez com que a menina parasse imediatamente. — O que foi que eu lhe disse sobre brincar com animais estranhos?

— Mas, papai, ele é tão bonito.

— Ela — Ana corrigiu enquanto deixava as caixas no balcão. — E seu pai tem toda razão. Nem todos os animais gostam de brincar com menininhas.

— Ela gosta?

— Às vezes Luna não gosta de ninguém. — Rindo, Ana afagou a cabeça da gata. — Mas se você for bem-educada e agradá-la somente depois que ela lhe der o consentimento real, vai se sair muito bem. — Ana enviou um sorriso tranquilizador para Boone. — Luna não vai arranhá-la. Se não gostar da brincadeira, ela simplesmente se afasta.

Mas, ao que parecia, Luna estava disposta a receber atenção. Andando até a beirada da mesa, esfregou a cabeça nas mãos que Jessie estendia.

— Ela gosta de mim! — O sorriso da menina era radiante. —Olhe, papai, ela gostou de mim!

— É, estou vendo.

— Morgana geralmente deixa alguns refrigerantes aqui nos fundos. — Ana abriu a pequena geladeira. —Vocês querem alguma coisa?

— Sim, obrigado. — Boone não estava realmente com sede, mas a oferta lhe dava um motivo para demorar-se um pouco mais. Recostou no balcão da quitinete, enquanto Ana pegava os copos. — A loja fica do outro lado?

Vendo que ele indicava a porta, Ana assentiu.

— Sim, só que antes há um depósito. Mas a maioria das coisas que Morgana vende são peças únicas, portanto ela não tem um grande estoque guardado.

Ele estendeu a mão sobre o ombro de Ana para tocar as folhas pontiagudas do alecrim que estava na janela.

— Ela também lida com estas coisas?

Ana tentou ignorar o fato de que seus corpos se tocavam. Podia sentir o cheiro

do mar nele, e imaginou que tivesse ido com Jessie alimentar as gaivotas na praia.

— Que tipo de coisas?

— Ervas e tudo mais.

— Sim, de certa forma. — Ela virou-se, sabendo que estavam próximos demais, e empurrou o copo no peito dele. — Tome, está gelado.

— Ótimo. — Mesmo sabendo que não era muito justo, e provavelmente muito arriscado, Boone pegou o copo e permaneceu no mesmo lugar onde estava. Ela teve de inclinar a cabeça para encontrar-lhe os olhos. —Poderia ser um bom hobby para mim e Jessie. Talvez você pudesse nos ensinar como cultivá-las.

— É o mesmo que cultivar qualquer ser vivo. —— Ana precisou de um grande esforço para manter a voz firme, quando sentia tanta dificuldade em respirar. — Precisam de cuidado, atenção e carinho. Boone, você está no meu caminho.

— Espero que sim. — Com os olhos muito intensos, fixos nos dela, ele levantou a mão para tocar-lhe o rosto. —Anastásia, acho que realmente precisamos...

— Foi o que nós combinamos, benzinho. — A voz firme ressoou quando a porta se abriu. — Um descanso de quinze minutos a cada duas horas de trabalho.

— Você está sendo ridículo! Pelo amor de Deus, está agindo como se eu fosse a única mulher grávida no mundo.

Exalando um suspiro, Morgana entrou na saleta dos fundos. Arqueou a sobrancelha assim que avistou o trio, e principalmente quando viu a maneira como Boone encurralava sua prima contra o balcão.

— Você é a única mulher grávida no *meu* mundo. — Nash calou-se de repente, mas por pouco tempo. — Ei, Ana, você é exatamente a pessoa que preciso para convencer Morgana a ir com calma. Agora que está aqui, eu posso... — Olhou para o homem que estava ao lado dela e deu um passo para trás, a fim de focalizá-lo melhor.

— Boone? Ora, isso não é possível! Boone Sawyer, seu... — Interrompeu-se quando Morgana deu-lhe um cutucão na costela. Havia uma garotinha de olhos arregalados, parada ao lado da mesa. Atravessou a saleta para cumprimentá-lo e deu-lhe um sonoro tapa nas costas, num gesto tipicamente masculino. — O que está fazendo aqui?

— Entregando umas encomendas, eu acho. — Boone sorriu, apertando a mão de Nash com força. — E você?

— Tentando manter minha esposa na linha. Meu Deus, há quanto tempo? Quatro anos?

— Mais ou menos.

Morgana cruzou as mãos sobre a barriga.

— Imagino que vocês já se conheçam...

— É claro que sim. Boone e eu nos conhecemos num encontro de escritores. Deve ter sido uns dez anos atrás, não é? Não o vejo desde que... — Desde a

morte de Alice, Nash lembrou de repente. E lembrou-se também da devastação, do desespero e da incredulidade nos olhos de Boone, enquanto postava-se ao lado da sepultura da esposa. — Como estão as coisas?

— Tudo bem. — Compreendendo o que o outro sentia, Boone sorriu. — Nós dois estamos bem.

— Ótimo. — Nash pousou a mão no ombro de Boone e pressionou-o, antes de voltar-se para a menina. — E você é Jéssica.

Ela abriu-lhe um largo sorriso, sempre interessada em conhecer gente nova.

— Quem é você?

— Eu sou Nash. — Ele chegou mais perto e abaixou-se. Exceto pelos olhos, que eram idênticos aos de Boone, ela era a imagem de Alice. Linda, luminosa e travessa. Ofereceu-lhe a mão para um cumprimento formal. — É um prazer tornar a vê-la.

Ela riu e cumprimentou-o.

— Foi você que pôs os bebês na barriga de Morgana?

Nash ficou sem fala por um segundo.

— Culpado! — exclamou, estendendo as mãos. Depois, riu e pegou-a no colo. — Mas já encarreguei Ana de tirá-los de lá. Então, o que vocês dois estão fazendo em Monterey?

— Nós moramos aqui — Jessie respondeu. — Bem ao lado da casa de Ana.

— Está brincando! — Nash sorriu para Boone. — Desde quando?

— Há pouco mais de uma semana. Eu sabia que você estava morando aqui e até pensei em procurá-lo depois que nos instalássemos. Mas nunca imaginei que fosse casado com a prima da minha vizinha.

— É mesmo um mundo pequeno e fascinante, não é?! — Morgana comentou. Inclinou a cabeça para a prima, ciente de que Ana não dissera nenhuma palavra, desde o instante em que eles entraram na saleta. —Bem, já que ninguém vai me apresentar, eu sou Morgana.

— Desculpe-me — Nash falou, mudando Jessie de posição em seu colo. — Sente-se, meu bem.

— Eu estou perfeitamente...

— Sente-se. — Dessa vez foi Ana quem falou, puxando uma cadeira para a prima.

— A maioria vence. — Morgana suspirou e sentou-se. — Você está gostando de Monterey?

— Muito — Boone respondeu, e seus olhos voltaram-se para Ana. — Muito mais do que eu previa.

— Eu sempre gosto de ter mais do que previa. — Rindo, Morgana deu uma palmadinha na barriga. —Temos de nos reunir os quatro muito em breve, para que você me conte tudo o que Nash não quer que eu saiba.

— Com todo prazer.

— Benzinho, você sabe que minha vida é um livro aberto. — Nash beijou Morgana na testa e piscou para Ana. — Estas são as coisas que Morgana estava esperando?

— Sim, está tudo aqui. — Ansiosa para ocupar-se, Ana virou-se para a pilha de caixas. — Vou desempacotar para você. Morgana, quero que experimente esta nova loção de violeta antes de começar a vender, e também lhe trouxe mais xampu de babosa.

—Ótimo, todos os que tínhamos acabaram. — Morgana pegou a loção e abriu a tampa. — O perfume é bom. — Pingou uma gota nas costas da mão e esfregou-a. — Tem ótima textura, também.

— São violetas doces e um pouco do musgo irlandês que papai me mandou. — Ana ergueu os olhos da caixa. — Nash, por que não vai mostrar a loja para Jessie e Boone?

— Boa idéia. Acho que você vai se interessar bastante pelo que temos aqui — Nash falou para Boone, enquanto o guiava para a porta.

Boone olhou por cima do ombro, antes de sair.

— Anastásia. — Esperou até que ela o olhasse. — Não vá fugir.

— Ora, ora, ora... — Morgana recostou na cadeira e sorriu como uma gata. — Quer me contar?

Com um pouco mais de força do que o necessário, Ana rasgou a fita adesiva da caixa.

— Contar o quê?

— Sobre você e este seu vizinho bonitão, é claro.

— Não há nada para contar.

— Querida, eu conheço você. Quando entrei nesta sala você estava tão envolvida com ele que eu poderia ter invocado um tornado e você nem perceberia.

Ana ocupou-se desembrulhando os frascos.

— Não seja ridícula. Você não invoca um tornado desde a primeira vez que assistimos "O Mágico de Oz".

— Ana. — A voz de Morgana era baixa e firme. — Eu amo você.

— Eu sei. E amo você, também.

— Você nunca fica nervosa. É por isso que estou achando fascinante, e um tanto preocupante também, vê-la tão nervosa agora.

— Não estou nervosa. — Ana bateu dois frascos de vidro, ao tirá-los da caixa, e fez uma careta. — Está bem, está bem. Eu preciso pensar. — Fez a volta em torno do balcão. — Ele me deixa nervosa, e seria ridículo negar que fico nervosa porque estou me sentindo tão atraída por ele. Só preciso pensar mais um pouco.

— Pensar em quê?

— Em como lidar com tudo isso. Isto é, com ele. Não tenho intenção de

cometer outro erro, principalmente se levar em conta de que tudo o que envolve Boone também envolve Jessie.

— Ah, querida, você está apaixonando-se por ele!

— Isso é absurdo! — Um pouco tarde demais, Ana deu-se conta de que sua reação fora muito forçada para ser levada a sério. — Estou apenas agitada, é tudo. Um homem não me afetava fisicamente dessa forma desde... — Desde nunca, pensou. Nunca antes, Ana tinha medo de que nunca mais. — Desde muito tempo. Só preciso pensar — repetiu.

— Ana. — Morgana estendeu as mãos. — Sebastian e Mel estarão de volta daqui a dois dias. Por que não pede a ele que olhe para você? Tenho certeza de que ficaria mais sossegada, se soubesse.

Resoluta, Ana balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, já pensei nisso. Mas concluí que, seja lá o que acontecer, ou quando acontecer, eu quero que estejamos em pé de igualdade. O fato de saber me daria uma vantagem injusta sobre Boone. E tenho o pressentimento de que esta igualdade será importante para nós dois.

— Você sabe disso melhor do que eu. Mas deixe-me dizer uma coisa, como mulher. — Morgana sorriu. — E como feiticeira. Saber ou não saber não faz diferença com um homem, a partir do momento em que ele toca o seu coração. Nenhuma diferença, mesmo.

Ana assentiu.

— Então tenho de me certificar de que ele não toque o meu coração, antes que eu esteja preparada.

— Isso é incrível — Boone estava dizendo enquanto andava pela loja. — É incrível!

— Foi exatamente o que pensei, quando entrei aqui pela primeira vez. — Nash pegou um bastão de cristal com uma ametista na ponta. — Acho que as pessoas que fazem o que nós fazemos ficariam malucas com estas coisas.

— Escrever contos de fadas — Boone concordou, pegando o bastão antes de passar o dedo sobre as costas de bronze de um lobo. — Ou escrever sobre ocultismo. Existe uma linha bem tênue entre essas duas coisas. Seu último filme me deixou arrepiado de medo, até quando me provocava risadas.

Nash sorriu.

— O humor no terror.

— Ninguém faz isso melhor do que você. — Boone olhou para a filha. Jessie admirava um castelo de prata em miniatura cercado de cristais que formavam arco-íris. Seus olhos estavam arregalados, as mãozinhas cruzadas atrás das costas. — Jamais conseguirei sair desta loja de mãos vazias.

— Ela é linda, Boone — Nash falou, imaginando, como fazia com frequência, como seriam seus filhos que nasceriam em breve.

— Ela se parece muito com a mãe. — Boone viu a interrogação e a preocupação nos olhos do amigo. — A tristeza passa, Nash, quer você queira ou não. Alice foi uma parte maravilhosa da minha vida e deu-me a melhor coisa que eu poderia ter. Agradeço por cada minuto que tive com ela. — Deixou o bastão no mostruário.

— Agora, quero saber como é que você, o solteiro mais convicto do mundo, acabou se casando e vai ser pai de gêmeos.

— Fazendo pesquisas. — Nash sorriu e balançou nos calcanhares. — Eu queria sair de Los Angeles, mas não para muito longe, então me mudei para cá. Estava aqui havia pouco tempo, quando precisei fazer algumas pesquisas para um roteiro. Entrei nesta loja, e lá estava ela.

Havia mais, evidentemente. Muito mais. Porém, não seria ele quem contaria a Boone sobre o legado dos Donovan. Nem mesmo se houvesse a menor possibilidade de Boone acreditar.

— Quando finalmente decidiu dar o salto, foi dos grandes.

— Ora, você também. Indiana fica bem distante daqui.

— Eu quis ficar bem longe — Boone falou, sorrindo. — Dos meus pais, dos pais de Alice. E queria uma mudança radical, para nós dois.

— Vizinho de Ana, hein? — Nash estreitou os olhos. — A casa de madeira, com janelas grandes e um terraço?

— É esta mesmo.

— Ótima escolha. — Nash olhou novamente para Jessie. Ela andara pela loja, olhara os objetos, mas acabara voltando para o castelinho de prata. Em nenhum momento pedira ao pai que o comprasse e isso tornava ainda mais eficiente a expressão desejosa em seus olhos. — Se você não comprar aquele castelo para ela, eu compro.

Quando Ana entrou na loja a fim de guardar algumas coisas nas prateleiras, não viu apenas o castelo sendo embrulhado, mas também o bastão de cristal, uma escultura de uma fada alada que ela própria estivera cobiçando, um prisma de cristal no formato de unicórnio, um feiticeiro de estanho segurando uma bola multifacetada, e uma pedra d'água do tamanho de uma bola de tênis.

— Nós somos fracos — Boone falou com um sorriso rápido e travesso, quando Ana arqueou a sobrancelha. — Não temos a menor força de vontade.

— Mas têm um gosto excelente. — Ela passou o dedo pelas asas da fada. — É linda, não acha?

— Uma das mais belas que já vi. Pensei em deixá-la no meu escritório, para me trazer inspiração.

— Boa idéia. — Ana inclinou-se sobre um compartimento que continha pedras avulsas. — Malaquita, para você pensar com clareza. — Seus dedos vasculhavam as pedras, experimentando, rejeitando, selecionando. —Sodalite, para aliviar a confusão mental, pedra da lua para a sensibilidade. E ametista, é

claro, para a intuição.

— É claro.

Ela ignorou a ironia.

— Um cristal para atrair todas as coisas boas. — Inclinando a cabeça, observou-o. — Jessie me disse que você está tentando parar de fumar.

Boone encolheu os ombros.

— Estou diminuindo.

Ana entregou-lhe o cristal.

— Deixe no seu bolso. As pedras são por conta da casa. Quando ela virou-se, levando os frascos coloridos, Boone pegou o cristal e esfregou-o entre os dedos. Mal não iria fazer.

Boone não acreditava em cristais mágicos nem no poder das pedras, embora pensasse que dariam um bom motivo para um livro. Também tinha de admitir que ficavam bem bonitos naquele prato de vidro em que os pusera, sobre a escrivaninha. Davam uma certa atmosfera, pensou, como a pedra d'água, que estava usando como peso de papel.

No fim das contas, aquela tarde lhe trouxera vários benefícios. Ele e Jessie tinham se divertido um bocado, andando no carrossel no *Emporium,* jogando videogame e passeando pela Cannery Row e pelo Fisherman's Wharf. O fato de terem encontrado Anastásia havia coroado o dia, pensou enquanto brincava com uma sedosa pedra da lua. E ter reencontrado Nash, saber que ele morava ali perto, fora ótimo.

Boone andava sentindo falta de companhia masculina. Era engraçado que nem mesmo percebera isso, com toda a agitação dos últimos meses, planejando e executando a mudança, acostumando-se à nova casa e à nova situação. E Nash, embora a amizade entre eles tivesse sido principalmente através de cartas em todos aqueles anos, era a companhia que Boone preferia. Descontraído, leal, cheio de imaginação.

E seria interessante poder passar alguns conselhos paternais para Nash, depois que os gêmeos nascessem.

Ah, sim, ele refletiu enquanto erguia a pedra da lua, vendo como brilhava sob a luz do luar que penetrava pela janela do escritório, era mesmo um mundo pequeno e fascinante.

Um de seus mais antigos amigos casado com a prima da sua vizinha. Sem dúvida, a partir de agora, seria difícil Anastásia continuar evitando-o.

E, não importava o que ela dissesse, era exatamente o que estava fazendo. Boone tinha um forte pressentimento, e não podia deixar de achar graça nisso, de que estava deixando aquela fada um tanto nervosa.

Ele quase se esquecera de como abordar uma mulher que reagisse com leves rubores, olhos confusos e rápidas palpitações. Quase todas as mulheres com

quem saíra nos últimos anos tinham sido modernas e sofisticadas, e não ofereciam perigo, acrescentou com um leve encolher de ombros. Gostava da companhia delas, e jamais perdera o prazer básico pela companhia feminina. Porém não havia ali nenhum mistério, nenhum encanto, nenhuma ilusão.

Boone imaginava que ainda era o tipo de homem que se sentia atraído por mulheres do tipo antiquado.

O tipo que combina com rosas e luar, pensou, rindo consigo mesmo. Então, ele a avistou, e o riso morreu em sua garganta.

Ana estava no jardim, caminhando, quase deslizando sob a luz prateada, seguida pelo gato cinzento que entrava e saía das sombras. Seus cabelos estavam soltos, espalhando fios de ouro pelos seus ombros e pelas costas de um manto azul claro. Carregava uma cesta e Boone pensou tê-la ouvido cantar, enquanto cortava as flores e as guardava dentro dela.

Ela entoava um cântico antigo, que lhe fora passado de geração após geração. Era mais de meia-noite, e Ana julgou que estivesse sozinha e sem ser observada. A primeira noite da lua cheia, no outono, era o tempo de colher, como a primeira noite de lua cheia, na primavera, era o tempo de semear. Ela já formara o círculo, purificando a área.

Deixava as flores e ervas na cesta tão delicadamente quanto uma criança.

Havia magia em seus olhos. E no seu sangue.

— Sob a lua, através das sombras e da luz, estas plantas eu escolho pelo tato, pela visão. Um encanto para tecer, fortalecer e libertar. Como eu mesma, ao pó voltarás.

Colheu betônicas e heliotrópios, arrancou raízes de mandrágora e selecionou a tanásia e o abeto balsâmico. Rosas vermelhas para a força e tomilho para a sabedoria. A cesta ficava mais pesada e fragrante.

— Esta noite colher, amanhã semear. Colher apenas o que ajudei a crescer. Lembrando sempre qual é o começo. Para servir, para curar e não causar nenhum mal.

Enquanto proferia o encantamento, Ana baixou o rosto para as flores, mergulhando na melodia madura do perfume.

— Eu estava pensando se você era real.

Ela levantou a cabeça rapidamente e o avistou, apenas um pouco mais do que uma sombra junto à cerca de flores. Então ele entrou em seu jardim, e transformou-se num homem.

O coração que havia disparado em seu peito foi aos poucos se acalmando.

— Você me assustou.

— Desculpe-me. — Devia ser o luar, ele pensou, que a fazia parecer tão... encantada. — Eu estava trabalhando e olhei pela janela. E vi você. Parecia um pouco tarde para colher flores.

— O luar está bem forte. — Ana sorriu. Ele não vira nada que não pudesse ver.

— Acho que você deveria saber que qualquer coisa colhida sob a lua cheia possui um encantamento.

— Você tem algum rapôncio?

A referência a Rapunzel fez com que Ana risse.

— Por acaso tenho, sim. Nenhum jardim mágico está completo sem esta erva. Posso preparar-lhe uma poção com ela, se quiser.

— Eu raramente digo não à magia.

A brisa esvoaçou os cabelos dela. Entregando-se ao momento, Boone estendeu a mão e tocou-os. Viu o sorriso desaparecer dos olhos dela, sendo substituído por um brilho que fez o seu sangue correr mais rápido.

— Você devia voltar para casa. Jessie está sozinha.

— Ela está dormindo. — Boone aproximou-se mais, como se a mecha de cabelos que enrolara no dedo fosse um cordão, através do qual ela o puxava. Estava dentro do círculo, agora, dentro da magia que ela evocara. — As janelas estão abertas, de forma que posso ouvir se ela me chamar.

— É tarde. — Ana agarrou a cesta com tanta força que o vime enterrou-se em sua mão. — Eu preciso...

Delicadamente, ele pegou a cesta e deixou-a no chão.

— Eu também preciso. — Afastou-lhe os cabelos do rosto, suavemente. — Preciso muito.

Enquanto seus lábios moviam-se na direção dos dela, Ana estremeceu e tentou, pela última vez, manter o controle.

— Boone, se começarmos algo assim tudo ficará mais complicado, para nós dois.

— Talvez eu já esteja cansado das coisas simples. — Ele virou a cabeça, apenas um pouco, e seus lábios encontraram a testa de Ana. — Fico surpreso por você não saber que, quando um homem encontra uma mulher colhendo flores sob o luar, ele não tem outra escolha senão beijá-la.

Ana sentiu-se derreter. Seu corpo estava dócil quando aconchegou-se nos braços dele.

— E ela não tem outra escolha senão beijá-lo também.

Inclinando a cabeça para trás, ela ofereceu-lhe os lábios. Boone pensou que os tomaria com delicadeza. A noite convidava a isto, com a brisa perfumada e a música sonhadora do mar contra as rochas. A mulher em seus braços era frágil como uma haste de flor, e seu fino manto de seda era fresco sob o calor da pele acetinada.

Mas ele sentiu-se mergulhar naqueles lábios macios e cheios, enquanto o perfume dela o envolvia sedutoramente. Abraçou-a com força contra si, e mergulhou.

Instantaneamente desesperado, faminto. Nenhum pensamento racional poderia abrir caminho por entre o emaranhado de sensações que ela lhe

provocava. Uma flecha aguda de desejo o perpassou, fazendo-o gemer com a antecipação do prazer.

Dor. Ele sentia dores de uma centena de espinhos por todo o corpo. Ainda assim, não conseguia afastar-se dela, não podia evitar que seus lábios quisessem devorá-la mais e mais. Tinha medo, um medo assustador de que ela pudesse desaparecer no ar, se a soltasse, e de que nunca, nunca mais ele se sentisse assim outra vez.

Ana não podia aliviar as dores dele. Parte de si queria afagá-lo e prometer que tudo ficaria bem, para os dois. Mas não podia. Ele a devastava. Fosse por causa de suas próprias necessidades arrebatadoras, pelo eco do desejo dele penetrando-a, ou uma mistura de ambos, o resultado era uma completa ausência de força de vontade.

Ela soubera, sim, ela soubera que aquele primeiro encontro seria forte e selvagem. E ansiara por ele, tanto quanto o temia. Agora, estava além do medo. Como ele, achava a mistura de dor e prazer irresistível.

Suas mãos trêmulas deslizaram pelo rosto dele, pelos cabelos, prendendo-se ali. Seu corpo, trêmulo de desejo, pressionava-se contra o dele. Quando murmurou o seu nome, ela estava ofegante.

Mas ele ouviu, ouviu através do sangue que pulsava em seu cérebro, ouviu o som suave, trêmulo. Ela estava tremendo, ou seria ele? A incerteza sobre quem estava mais atordoado fez com que Boone se afastasse, devagar, cuidadosamente.

Mas ele a manteve em seus braços, os olhos fixos nos dela. Sob a luz da lua, Ana enxergou-se ali, presa num mar de azul. Presa dentro dele.

— Boone...

— Ainda não. — ele precisava de um momento para se recuperar. Deus, ele quase a engolira inteira! —Ainda não. — Contendo-se ao máximo, tocou os lábios nos dela, num beijo longo e calmo, que destruiu tudo o que restava das defesas de Ana. — Eu não queria machucá-la.

— Você não me machucou. Você me deixou atordoada.

— Pensei que estivesse pronto para isso. — Ele deslizou as mãos pelos braços dela, antes de soltá-la. — Mas não sei se alguém estaria. — Por não saber o que aconteceria se tornasse a tocá-la, enfiou as mãos nos bolsos. —Talvez seja a lua, talvez seja apenas você. Preciso ser sincero, Anastásia, não sei muito bem como lidar com isso.

— Ora... — Ela cruzou os braços no peito, apertando-os com força. — Então somos dois.

— Se não fosse por Jessie, eu não iria entrar naquela casa sozinho, esta noite. E não costumo brincar quando se trata de intimidade.

Mais controlada agora, ela concordou.

— Se não fosse por Jessie, talvez eu lhe pedisse para ficar comigo esta noite.

— Respirou fundo. Sabia que era importante ser honesta, pelo menos naquele ponto. — Você seria o primeiro, para mim.

— O primeiro... — As mãos dele ficaram imóveis. Agora, sentia um misto de medo e incrível excitação ao pensar na inocência dela. — Ai, meu Deus...

Ana empinou o queixo.

— Não me envergonho disto.

— Não, eu não quis dizer que... — Sem saber o que falar, Boone passou a mão nos cabelos. Inocente. Uma virgem de cabelos dourados, num manto azul e com flores aos seus pés. E ele teria de resistir, ir embora sozinho. — Imagino que você não tenha idéia do que isso provoca num homem.

— Não exatamente, desde que não sou um homem. — Ela abaixou-se para pegar a cesta. — Mas sei o que provoca numa mulher pensar que em breve estará se entregando pela primeira vez a um homem. Por isso, acho que nós dois devemos pensar bem no que vamos fazer. — Ela sorriu, ou pelo menos tentou. — E é muito difícil pensar com clareza depois da meia-noite, quando a lua está cheia e as flores estão maduras. É melhor dizer boa noite, Boone.

—Ana. — Ele tocou-lhe o braço, mas não a segurou. — Nada vai acontecer antes que você esteja pronta.

Ela balançou a cabeça.

— Vai acontecer, sim. Porém, só acontecerá aquilo que for para acontecer.

Com o manto esvoaçando à sua volta, Ana correu na direção da casa.

CAPÍTULO 5

O sono havia demorado a chegar. Mas, em vez de virar-se de um lado para outro na cama, Boone ficara apenas imóvel, olhando para o teto. E vira o luar transformar-se naquela escuridão total que antecede o amanhecer.

Agora, com o sol penetrando em luminosas faixas sobre a cama, ele estava de bruços, todo esparramado e dormindo profundamente. No sonho que flutuava em sua mente, ele pegava Ana nos braços e carregava-a por uma longa e curva escadaria de mármore branco. No alto, suspensa sobre nuvens fofas e imaculadas, havia uma cama imensa, recoberta por cascatas de cetim branco. Centenas de velas longas e finas ardiam num brilho oscilante. Ele sentia o perfume das velas, a suave doçura da baunilha, o misticismo do jasmim. E o perfume de Ana, tranquilamente sensual, que estava sempre presente.

Ela sorriu. Os cabelos brilhavam como o sol. Os olhos como fumaça azulada. Quando Boone a fez deitar na cama, ambos afundaram como se estivessem nas nuvens. Os acordes de uma harpa encheram o ar, românticos como lágrimas e num sussurro que mais parecia a respiração das nuvens.

Ela estendeu os braços, envolvendo-o, e ambos flutuavam como espíritos em alguma fantasia, unidos pelo desejo, pelo conhecimento e pela doçura insuportável daquele primeiro e longo beijo. Os lábios dela moveram-se sob os seus, enquanto ela murmurava...

— Papai!

Boone acordou de repente, quando a filha aterrissou com um baque nas suas costas. Seus gemidos incompreensíveis fizeram com que ela risse e se abaixasse para beijar-lhe o rosto áspero.

— Papai, acorde! Eu fiz o seu café da manhã!

— Café da manhã. — Ele afundou no travesseiro, lutando para clarear a mente e afastar o sonho do seu sistema. — Que horas são?

— O ponteiro pequeno está no dez e o grande está no três. Eu fiz torradas com canela e servi o suco de laranja nos copinhos.

Ele gemeu novamente e girou o corpo, observando Jessie com os olhos ardendo. Ela parecia tão luminosa quanto um raio de sol, usando short e blusinha cor-de-rosa. Abotoara os botões na sequência errada, mas conseguira escovar os cabelos.

— Faz tempo que você acordou?

— Horas e horas e horas. Deixei Daisy sair e dei comida para ela. Depois me vesti sozinha, escovei os dentes e fiquei assistindo desenhos. Então fiquei com fome, e fui fazer o café da manhã.

— Você andou bastante ocupada.

— Hu-hum. E fiquei quietinha, também, para você não ter de acordar cedo no

seu dia de dormir até mais tarde.

— Sim, ficou bem quietinha, mesmo. — Boone sentou na cama e arrumou os botões da blusa dela. — Acho que merece um prêmio.

Os olhos dela iluminaram-se.

— O quê? Que prêmio?

— Que tal uma coceguinha na barriga? — Boone rolou com ela na cama, fazendo-lhe cócegas na barriga enquanto Jessie ria e dava gritinhos. Mas deixou-a vencer, fingindo exaustão e derrota quando ela o jogou de bruços. — Você é forte demais para mim.

— É porque eu como toda a minha verdura. E você não.

— Eu como um pouco.

— Não come nada.

— Quando você tiver trinta e três anos também não vai precisar comer couve-de-bruxelas.

— Eu gosto de couve-de-bruxelas.

Boone sorriu.

— Só porque eu as preparo tão bem. Sou um ótimo cozinheiro. Mas a minha mãe não sabia cozinhar direito.

— Ela nem faz comida, agora. — Jessie escreveu o próprio nome com o dedinho nas costas do pai. — Ela e o vovô Sawyer sempre saem para comer fora.

— Isso porque o vovô Sawyer não é nenhum bobo. — Ela estava tendo dificuldade com a letra S, Boone reparou. Precisavam treinar mais um pouco.

— Você disse que hoje podíamos ligar para o vovô e a vovó Sawyer e para Nana e Pop. Vamos ligar?

— Sim, é claro, depois que tomarmos o café. — Ele virou-se, observando-a. — Você sente falta deles, benzinho?

— Sinto, sim. — Com a língua entre os dentes, ela começou a escrever *Sawyer* no peito dele. — É um pouco esquisito que eles não estejam aqui. Eles vêm visitar a gente?

— É claro que sim. — A culpa, que era parte inerente da paternidade, atingiu-o em cheio. — Você preferia que estivéssemos em Indiana?

— De jeito nenhum! — Ela arregalou os olhos. — Lá não tínhamos praia, nem as focas e tudo, ou o carrossel na cidade, nem uma vizinha como Ana. Aqui é o melhor lugar do mundo!

— Eu também gosto daqui. — Boone sentou-se e beijou-a na testa. — Agora, dê o fora que preciso me vestir.

— Você vai descer logo para tomar o café da manhã? — ela perguntou, escorregando para fora da cama.

— Com certeza. Estou com tanta fome que sou capaz de comer um pão inteiro de torradas com canela.

Encantada, ela correu para a porta.

— Então vou fazer mais, agora mesmo.

Sabendo que Jessie levaria seu comentário ao pé da letra e acabaria com um pacote inteiro de pão de forma, Boone tomou um banho rápido, decidiu não fazer a barba e vestiu uma bermuda e camiseta que, provavelmente, teriam sido mais adequados a uma pilha de trapos.

Tentou não pensar muito no sonho que tivera. Afinal, era bem fácil de ser interpretado. Ele queria Ana, nenhuma novidade, ali. E todo aquele cenário branco era obviamente um símbolo da pureza dela.

E isso o deixava muito assustado.

Encontrou Jessie na cozinha, muito ocupada em passar manteiga em mais um pedaço de torrada. Havia um prato cheio delas, e a maioria estava queimada. O cheiro de canela espalhava-se pela casa inteira.

Boone ligou a cafeteira e fez o café, antes de provar um pedaço. Estava fria, dura e com uma crosta grossa de açúcar e canela. Era evidente que Jessie herdara os talentos culinários da mãe.

— Está ótimo — ele disse, engolindo corajosamente. — É o que mais gosto de comer, nas manhãs de domingo.

— Posso dar um pouco para Daisy?

Boone olhou novamente para a pilha de torradas, depois para o filhote, cuja língua pendurava-se para fora. Com alguma sorte, poderia dividir metade daquele desjejum dominical com a cadelinha.

— Acho que sim. — Abaixando-se, Boone estendeu a segunda fatia de torrada perto o bastante para que Daisy a cheirasse. — Sente! — ordenou, na voz firme e direta que os livros de adestramento sugeriam.

Daisy continuou com a língua pendurada e balançando a cauda.

— Daisy, sente! — Ele deu um empurrãozinho no traseiro. Daisy deitou no chão, mas logo virou-se e se pôs novamente de pé, pulando para ele. — Esqueça.

Boone estendeu a torrada para fora do alcance da cachorrinha e repetiu o comando. Depois de cinco frustrantes minutos, durante os quais ele tentou não se lembrar de como tinha sido fácil com Ana, conseguiu que o filhote obedecesse. Daisy engoliu a torrada açucarada, satisfeita consigo mesma.

— Ela sentou, papai!

— Mais ou menos. — Boone levantou-se para pegar mais café. — Nós vamos levá-la lá para fora e dar-lhe uma aula de verdade.

— Tudo bem. — Jessie mastigou a torrada alegremente. — Talvez a visita de Ana já tenha ido embora, e ela possa nos ajudar.

— Visita? — Boone perguntou, pegando uma caneca no armário.

— Eu vi Ana lá fora com um homem. Ele estava abraçando-a com força, deu-lhe um beijo e tudo.

— Ela... — Boone derrubou a caneca no balcão.

— Mão furada! — Jessie exclamou, sorrindo.

— É... — Boone manteve-se de costas para ela enquanto virava a caneca e servia-se de café. — Ahn... Como era este homem? — Achou que seu tom de voz era distraído o bastante, pelo menos para enganar uma menina de seis anos.

— Ele era alto, de cabelos escuros. Eles estavam rindo e andando de mãos dadas. Talvez seja o namorado dela.

— Namorado — Boone repetiu por entre os dentes.

— O que foi, papai?

— Nada. O café está quente. — Bebeu-o puro. De mãos dadas, pensou. Beijando-se. Ele tinha de dar uma olhada no sujeito. — Por que não vamos para o terraço, Jessie? Ver se Daisy consegue sentar outra vez.

— Ok. — Cantando a música que aprendera na escola, Jessie pegou o prato de torradas. — Eu gosto de comer lá fora. É gostoso.

—É, muito gostoso. — Boone não sentou, quando chegaram no terraço, mas apoiou-se no gradil de madeira, com a caneca na mão.

Não avistou ninguém no quintal ao lado, e isso era o pior. Agora podia imaginar o que Ana e o namorado alto e moreno estavam fazendo lá dentro.

Sozinhos.

Comeu mais três fatias de torrada, engolindo-as com a ajuda do café, enquanto fantasiava sobre o que iria dizer à Srta. Anastásia Donovan, na próxima vez que a visse.

Se ela achava que podia beijá-lo daquele jeito que fizera na noite anterior, a um ponto em que ele quase explodira, e na manhã seguinte ficar entretendo um sujeito desconhecido, estava muito enganada.

Ele iria esclarecer tudo, dizer tudo o que pensava daquilo. E no instante em que acabasse, iria...

Seus pensamentos interromperam-se quando ela surgiu na porta da cozinha, chamando alguém por cima do ombro.

— Ana! — Jessie levantou-se do banco num salto, acenando e gritando. — Ana! Oi!

Enquanto Boone observava com os olhos apertados, Ana virou-se para a direção deles. Pareceu-lhe que ela hesitava um pouco para retribuir o aceno, e seu sorriso estava um tanto contido.

É claro, pensou enquanto bebia mais um gole de café. Qualquer um ficaria nervoso com um sujeito estranho dentro de casa.

— Posso contar a ela o que Daisy fez? Posso?

— É... — O sorriso dele foi sombrio, quando pousou a caneca no parapeito de madeira. — Pode, sim.

Pegando mais algumas fatias de torrada, Jessie desceu correndo os degraus, enquanto gritava para Daisy segui-la e para Ana esperá-la.

Boone também esperou até avistar o homem que saía da casa para reunir-se à

Ana. Ele era alto mesmo, reparou com uma pontada de ressentimento. Empurrou os próprios ombros para trás, endireitando-se. Os cabelos do sujeito eram realmente pretos, e compridos, chegando até a altura do colarinho da camisa e esvoaçando sob a brisa, de um jeito que Boone não teve dúvidas de que as mulheres achariam muito romântico.

Ele era bronzeado, esguio e elegante. E Boone soltou o ar por entre os dentes cerrados, quando o desconhecido passou o braço em torno dos ombros de Ana, num gesto que indicava intimidade.

"Bem, é o que veremos", Boone decidiu começando a descer a escada com as mãos enfiadas nos bolsos.

"É o que veremos, agora mesmo."

No momento em que chegou na cerca de rosas, Jessie já estava falando a cem por minuto sobre Daisy, e Ana estava rindo, com o braço enlaçando a cintura do sujeito.

— Eu também sentaria, se alguém me oferecesse uma torrada com canela — o homem falou, piscando para Ana.

— Você sentaria se alguém lhe oferecesse qualquer coisa de comer. — Ana deu-lhe um rápido abraço, antes de reparar na presença de Boone junto às rosas. — Ah... — Seria inútil amaldiçoar o rubor que subiu ao seu rosto. — Bom dia.

— Como vai? — Boone balançou a cabeça devagar. Então, seus olhos moveram-se desconfiados para o homem ao lado dela. — Nós não pretendíamos incomodá-la quando você está com... visitas.

— Não, está tudo bem, eu... — Ana interrompeu-se, confusa e desconcertada pela tensão que vibrava no ar. — Sebastian, este é Boone Sawyer, pai de Jessie. Boone, este é Sebastian Donovan, meu primo.

— Primo? — Boone repetiu, e Sebastian nem se deu ao trabalho de disfarçar o sorriso que espalhou-se em seu rosto.

— Ainda bem que você fez logo as apresentações, Ana — ele disse. — Eu gosto do meu nariz exatamente como está. — Estendeu a mão. — Muito prazer. Ana estava me contando sobre os novos vizinhos.

— Ele é quem tem os cavalos, papai.

— Eu me lembro. — Boone achou o aperto de mão de Sebastian firme e forte. Talvez até tivesse apreciado, se não fosse pelo brilho de divertimento que percebeu nos olhos dele. — Você casou-se há pouco tempo?

— Sim, de fato. Minha... — Ele virou-se ao ouvir a porta da cozinha batendo. — Ah, aqui está ela. A luz da minha vida!

Uma mulher alta e magra, usando short e com os cabelos revoltos, aproximou-se com as botas empoeiradas.

— Não comece com essas besteiras, Donovan.

— Minha noivinha recatada. — Era óbvio que divertiam-se um com o outro. Sebastian pegou a mão da esposa e beijou-a. — Estes são os vizinhos de Ana,

Boone e Jessie Sawyer. Minha esposa e único amor, Mary Ellen — apresentou.

— Mel — ela apressou-se em corrigir. — Donovan é o único que tem a coragem de me chamar de Mary Ellen. É uma bela casa — acrescentou, com um gesto na direção da construção vizinha.

— Parece que o Sr. Sawyer escreve contos de fadas, livros de histórias para crianças, no mesmo estilo que tia Bryna.

— É mesmo? Puxa, isso é interessante. — Mel sorriu para Jessie. — Aposto que você adora.

— Ele escreve as histórias mais bonitas do mundo. E esta é Daisy. Nós a ensinamos a sentar. Posso ver os seus cavalos?

— É claro que sim. — Mel ajoelhou-se para afagar o pêlo do filhote.

Enquanto Mel iniciava uma conversa com Jessie sobre cavalos e cachorros, Sebastian olhou para Boone.

— De fato, você tem uma bela casa — disse. Na verdade, ele próprio já estivera pensando em comprá-la. Um brilho de humor surgiu novamente em seus olhos. — E muito bem localizada.

— Nós gostamos. — Boone decidiu que seria tolice fingir que não entendera a insinuação de Sebastian. —Gostamos muito. — Num gesto proposital, passou o dedo pelo rosto de Ana. — Você parece um pouco pálida esta manhã, Anastásia.

— Estou bem.

Não foi difícil manter a voz firme, mas Ana sabia muito bem o quanto seria simples para Sebastian ver o que ela estava pensando. Já podia até sentir a sutil intromissão, e tinha certeza de que ele também enfiava o nariz mental na mente de Boone.

— Se me der licença — acrescentou, — preciso colher algumas folhas de estrepeiro para Sebastian.

— Não colheu estas ervas ontem à noite?

Ana encarou-o fixamente.

— Tenho outros usos para aquelas ervas.

— Bem, nós vamos deixá-los à vontade. Venha, Jessie. — Boone pegou a mão da filha. — Muito prazer em conhecer a ambos. Nos vemos mais tarde, Ana.

Sebastian teve a sensibilidade de esperar que Boone estivesse fora do alcance da sua voz.

— Ora, ora... Eu saio por duas semanas, e veja a encrenca em que você se meteu.

— Não seja ridículo. — Ana deu-lhe as costas e encaminhou-se para os canteiros de ervas. — Não me meti em nenhuma encrenca.

— Minha querida Ana, seu vizinho e amigo estava prestes a pular no meu pescoço, até a hora em que você me apresentou como seu primo.

— Eu teria protegido você — Mel falou solenemente.

— Minha heroína...

— Além disso — Mel continuou, — tive a impressão de que ele estava mais disposto a agarrar Ana pelos cabelos do que atacar você.

— Vocês dois estão sendo absurdos. — Ana cortou as folhas da erva sem olhar para cima. — Ele é um homem muito gentil e educado.

— Estou certo que sim — Sebastian murmurou. — Mas, veja bem, os homens entendem estas questões de território que, naturalmente, é um conceito obscuro para as mulheres.

— Ah, tenha dó! — Mel deu-lhe um cutucão na costela.

— Fatos são fatos, minha cara Mary Ellen. Eu invadi o território dele. Ou foi o que ele pensou. Mas é claro que eu não lhe daria tanto valor se ele não fizesse nenhum esforço para defendê-lo.

— É claro — Mel falou, irônica.

— Diga-me, Ana, até que ponto você está envolvida?

— Você não tem nada a ver com isso. — Ana endireitou-se, amarrando firmemente às hastes das ervas. — E muito obrigada por ter se mantido fora disso, primo. Eu sei muito bem que você estava espiando.

— E foi por isso que me bloqueou. Seu vizinho não obteve tanto sucesso.

— Isso é falta de educação — ela murmurou. — É extremamente rude a maneira como você espia a mente das pessoas a um piscar de olhos.

— Ele gosta de se exibir — Mel falou, solidária.

— Que injustiça. — Ofendido, Sebastian balançou a cabeça. — Eu não espio nem espiono a um piscar de olhos. Sempre tenho um excelente motivo para fazer isso. Nesse caso, sendo seu único parente do sexo masculino neste continente, sinto que tenho obrigação de pesquisar os fatos, e também os personagens envolvidos.

Mel limitou-se a fazer uma careta, enquanto Ana se empertigava toda.

— É mesmo? — Com os olhos fuzilando, Ana espetou o dedo no peito de Sebastian. — Então deixe-me esclarecer uma coisa. Só porque sou mulher não significa que preciso de proteção, nem de orientação, ou de qualquer coisa de um homem, seja parente ou não. Eu cuido da minha própria vida há vinte e seis anos.

— Vai completar vinte e seis apenas no mês que vem — Sebastian acrescentou, solícito.

— E posso muito bem continuar fazendo isso sozinha. O que há entre Boone e eu...

— Ahá! — Sebastian ergueu o dedo, em triunfo. — Então há alguma coisa entre vocês.

— Vá para o inferno, Sebastian.

— Ela só fala assim comigo quando sabe que está num beco sem saída — Sebastian falou para Mel. —Normalmente é uma pessoa muito meiga e bem-educada.

— Cuidado, ou farei uma poção para Mel colocar em sua sopa que deixará

suas cordas vocais congeladas por uma semana.

— É verdade? — Interessada pela idéia, Mel inclinou a cabeça. — Pode preparar, assim mesmo?

— Seria muito bom para você, considerando-se que sou eu que cozinho — Sebastian salientou. Depois, adiantou-se e abraçou a prima. — Vamos lá, querida, não fique zangada. Eu tenho de me preocupar com você. É a minha função.

— Não há nada com que se preocupar. — Mas Ana já se abrandava.

— Você está apaixonada por ele?

Ela enrijeceu no mesmo instante.

— Ora, Sebastian, eu o conheço há uma semana!

— E que diferença isso faz? — Ele enviou um olhar demorado para Mel, por cima do ombro da prima. — Eu levei menos tempo do que isso para perceber que o motivo de Mel me irritar tanto era porque estava louco por ela. É claro que ela demorou um pouco mais para entender que me amava perdidamente. Mas Mel tem uma cabeça dura.

— Vou levar a tal poção, Ana.

Ignorando a ameaça, ele deu um passo para trás, olhando a prima de frente.

— Eu perguntei porque, definitivamente, ele nutre por você algo mais do que uma simples amizade de vizinhos. Na verdade, ele...

— Já chega, Sebastian. Seja lá o que for que você tenha desencavado da mente dele, guarde consigo mesmo. Estou falando sério — Ana acrescentou, antes que ele pudesse interromper. — Prefiro fazer as coisas do meu jeito.

— Já que você insiste — ele falou, suspirando.

— Insisto, sim. Agora, tome aqui as suas esporinhas, vá para casa e comporte-se como um recém-casado.

— Esta é a melhor sugestão que já ouvi hoje. — Pegando o braço do marido com firmeza, Mel puxou-o para perto de si. — Deixe-a em paz, Donovan. Ana é perfeitamente capaz de cuidar dos seus próprios assuntos.

— Mas, dependendo do assunto, ela deveria saber que...

— Fora. — Contendo o riso, Ana deu-lhe um empurrão. — Fora do meu jardim, agora mesmo. Tenho mais o que fazer. Se precisar de um vidente, ligo para você.

Sebastian desistiu e deu-lhe um beijo.

— Ligue mesmo. — Um novo sorriso surgiu nos lábios dele, quando se afastava de braço dado com a esposa. — Acho que vamos dar uma passadinha para ver Morgana e Nash.

— Por mim está ótimo. — Mel lançou um último olhar por cima do ombro. — Eu gostaria de ouvir o que eles têm a dizer sobre esse sujeito.

Sebastian riu e apertou-a contra si.

— Você é a mulher do meu coração.

— Não sou, não. — Ela beijou-o sonoramente. — O seu coração já é meu.

Nos dias que se seguiram, Ana ocupou-se em trabalhar dentro de casa. Não que estivesse evitando Boone, pelo menos, não muito. Ela simplesmente tinha muito o que fazer. Seus estoques de medicamentos haviam chegado a um nível lamentavelmente baixo. Naquele mesmo dia, recebera uma ligação de uma das suas clientes em Carmel que estava sem o elixir para reumatismo. Ana tinha apenas o suficiente para lhe mandar, mas isso significava que teria de preparar mais, o mais breve possível. Naquele momento, estava preparando uma mistura de prímula e agipalma, que fervia numa panela no fogão.

Num cômodo contíguo à cozinha, separado por uma larga porta em arco, Ana já arrumara os balões de vidro destiladores, os condensadores, queimadores e tubos de ensaio, juntamente com os frascos, vasilhas de prata e velas, tudo preparado para o trabalho do dia. Para um visitante desavisado, o local assemelhava-se a um pequeno laboratório de química. Mas havia uma diferença marcante entre a química e a alquimia. Na alquimia havia um ritual a seguir e a utilização meticulosa do tempo astrológico.

Todas as flores, ervas e raízes que ela colhera sob a lua cheia tinham sido cuidadosamente lavadas no orvalho da manhã. Outras, colhidas nas diferentes fases da lua, já haviam sido preparadas para usos específicos.

Havia o xarope de papoula para ser destilado, o hissopo para ser seco a fim de servir de xarope para tosse. Ela precisava de essência de esclaréia para um perfume exclusivo e aproveitaria para combiná-la com um pouco de camomila, para ajudar na digestão. Tinha de concluir as infusões, os cozimentos, e preparar os óleos e incensos.

Muita coisa a fazer, Ana pensou, principalmente quando tinha de aproveitar a magia das flores colhidas na lua cheia. E ela gostava do seu trabalho, de sentir os aromas que enchiam a cozinha e o laboratório, de ver as graciosas pétalas rosadas das flores de manjerona, o púrpura profundo das dedaleiras, o toque ensolarado da simples margarida do campo.

Todas eram lindas, e Ana jamais resistia ao prazer de colocá-las em vasos e espalhá-los pela casa inteira.

Estava experimentando uma diluição de genciana, e fazendo uma careta com o gosto amargo, quando Boone bateu na porta da cozinha.

— Desta vez estou mesmo precisando de açúcar — ele disse, com um sorriso rápido e charmoso que fez o coração dela disparar. — Sou a "mãe da classe" esta semana e preciso fazer três dúzias de biscoitos para amanhã.

Inclinando a cabeça para o lado, Ana analisou-o.

— Por que não compra os biscoitos prontos?

— Que "mãe da classe" digna do seu posto serviria biscoitos comprados para crianças da primeira série? Uma xícara basta.

A imagem de Boone assando biscoitos a fez sorrir.

— Entre. Deixe-me apenas terminar isto aqui.

— Está um cheiro fantástico aqui dentro. — Boone abaixou-se para espiar nas panelas que ferviam no fogão. — O que você está fazendo?

— Não! — Ela avisou, no instante em que ele estava prestes a mergulhar o dedo numa panela de vidro escuro que esfriava na pia. — Isso é beladona. Expressamente proibido para uso interno.

— Beladona. — Ele franziu a testa. — Você está preparando veneno?

— Estou fazendo uma loção, um analgésico, para nevralgia e reumatismo. E não é veneno, se preparado e ministrado adequadamente. É um sedativo.

Ainda intrigado, ele olhou no cômodo ao lado, com todos os equipamentos e misturas borbulhando.

— Você não precisa ter uma licença, ou algo assim, para fazer estas coisas?

— Sou uma herbalista prática qualificada, com diploma de farmacologia, se isto o deixa mais tranquilo. —Ana afastou a mão dele de um dos potes. — E isto não é para amadores.

— Você tem alguma coisa para insônia... além da beladona? Sem querer ofender.

Ela ficou imediatamente preocupada.

—Você está com problemas para dormir? Está com febre? — Ergueu a mão para a testa dele, depois imobilizou-se quando Boone segurou-a pelo pulso.

— Sim, às duas perguntas. Pode-se dizer que você é a causa e a cura. — Boone levou a mão dela aos lábios. — Posso ser a "mãe da classe", mas ainda sou um homem, Ana. Não consigo parar de pensar em você. — Virou a mão dela, pressionando os lábios em seus pulsos, sentindo o palpitar acelerado do coração. — E não consigo parar de desejá-la.

— Lamento se tenho perturbado as suas noites.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Lamenta mesmo?

Ana não pôde conter um sorriso.

— Pelo menos estou tentando. É difícil não ficar lisonjeada com a idéia de que você fica acordado pensando em mim. E é difícil saber o que fazer. — Ana virou-se para desligar o fogo do fogão. — Eu também tenho me sentido um tanto agitada.

Ela fechou os olhos quando as mãos dele deslizaram pelos seus ombros.

— Faça amor comigo, Ana. — Boone roçou um beijo em seu pescoço. — Juro que não vou machucá-la.

Não de propósito, ela pensou. Nunca. Havia tanta bondade nele. No entanto, eles não iriam machucar-se mutuamente se ela se entregasse ao que queria, ao que precisava dele, e ocultasse aquela parte de si que a tornava o que era?

— É um grande passo para mim, Boone.

— Para mim também. — Com delicadeza, ele a fez encará-lo. — Nunca tive ninguém, desde que Alice morreu. Nos últimos dois anos tive uma ou duas

mulheres, mas nada que significasse qualquer coisa além de preencher um vazio físico. Com nenhuma delas eu desejei passar meu tempo, conversar, apenas ficar junto.

Gosto muito de você, Ana. — Baixou os lábios para os dela, com todo cuidado, bem devagar. — Não sei como passei a gostar tanto e tão depressa, mas foi o que aconteceu. Espero que acredite nisso.

Mesmo sem um contato verdadeiro, Ana não pôde deixar de sentir. E, de alguma forma, isso tornava tudo mais complicado.

— Acredito em você.

— Estive pensando. E, desde que não tenho dormido muito, tive bastante tempo para pensar. — Distraído, ele ajustou um grampo que estava solto nos cabelos dela. — Naquela noite, eu fui apressado demais e provavelmente a assustei.

— Não. — Então, ela desvencilhou-se dele e voltou para o balcão da cozinha, começando a coar uma das misturas num frasco já rotulado. — Sim, para dizer a verdade, acho que você se apressou um pouco.

— Se eu soubesse que você é... Se percebesse que você nunca...

Com um suspiro, ela tampou o frasco.

— Minha virgindade é por opção, Boone. Não precisa sentir-se constrangido com isso.

— Eu não pretendia... — Ele exalou um suspiro desolado. — Acho que estou fazendo tudo errado, não é?

Ana escolheu outro funil, outro frasco, e retomou a tarefa.

— Você está nervoso.

Com uma pontada de frustração, Boone reparou que as mãos dela estavam firmes como rocha quando tampou o frasco seguinte.

— Creio que "aterrorizado" define melhor. Fui muito rude com você, e não deveria ter sido. Por uma série de razões. O fato de você não ter experiência é apenas uma delas.

— Você não foi rude. — Ela continuou trabalhando a fim de esconder o próprio nervosismo, que era tão intenso quanto o dele. Mas, contanto que conseguisse se concentrar no que fazia, poderia ao menos fingir estar calma e confiante. — Você é um homem passional. Não tem do que se desculpar.

— Estou pedindo desculpas por tê-la pressionado. E por vir aqui hoje com a toda a intenção de manter as coisas leves e fáceis, e então pressioná-la novamente.

Ela sorriu, enquanto levava as panelas vazias para a pia.

— É isso que está fazendo?

— Prometi a mim mesmo que não iria lhe pedir que fosse para cama comigo, embora eu queira muito que você vá. Na verdade, tinha planejado convidá-la para passar algum tempo comigo. Para jantar, ou sair, ou qualquer coisa que as pessoas fazem quando estão tentando conhecer-se melhor.

— Eu gostaria de jantar, ou sair, ou qualquer coisa.

— Ótimo. — Não tinha sido tão difícil, ele concluiu. — Talvez neste fim de semana. Sexta-feira à noite. Acho que consigo arrumar uma babá. — Ele ficou sério. — Alguém em quem eu possa confiar.

— Pensei que você fosse fazer o jantar para mim e Jessie.

Um peso foi retirado da consciência dele.

— Você não se importaria?

— Pelo contrário, adoraria.

— Então está bem. — Boone segurou-lhe o rosto entre as mãos. — Muito bem.

O beijo que trocaram foi leve e doce.

— Sexta-feira, então — repetiu.

Não foi difícil sorrir, mesmo se Ana sentisse que todo seu corpo tivesse sido sacudido por um pequeno terremoto.

— Levarei o vinho.

— Perfeito. — Ele queria beijá-la novamente, mas teve medo de assustá-la. — Nos vemos na sexta, então.

— Boone. — Ana o fez parar antes que ele chegasse na porta. — Não vai levar o açúcar?

Ele sorriu.

— Eu menti.

Ela estreitou os olhos.

— Quer dizer que não é a "mãe da classe" da semana e não vai assar os biscoitos?

— Não, esta parte é verdade. Mas tenho cinco quilos de açúcar na despensa. Ei, até que deu certo!

Boone estava assoviando, quando passou pela porta.

CAPÍTULO 6

— Por que Ana ainda não chegou? A que horas ela vem?

— Daqui há pouco — Boone respondeu pela décima vez.

No entanto, esperava que ela se atrasasse um pouco, pois ele estava atrasado demais. A cozinha estava um desastre. Sujara quase todas as panelas. Mas isso não era novidade, porque quase sempre sujava tudo.

Nunca conseguira entender como alguém podia cozinhar sem sujar todas as panelas, frigideiras e vasilhas disponíveis.

O frango à caçadora exalava um cheiro bom, mas Boone estava incerto quanto aos resultados. Fora estupidez, pensou, uma tremenda estupidez experimentar uma receita nova numa ocasião como aquela. Mas, ao mesmo tempo, achava que a visita de Ana merecia mais do que o bolo de carne que sempre comiam nas sextas-feiras.

Jessie estava a ponto de enlouquecê-lo, o que era uma raridade. Estava super agitada com a idéia da visita de Ana, e o atormentara sem descanso desde que a trouxera da escola.

A cachorrinha escolhera aquela tarde para mastigar um dos travesseiros dele, portanto Boone passara uma boa parte do seu valioso tempo correndo atrás de penas e de cachorro. A máquina de lavar havia transbordado, inundando a lavanderia. E ele era macho demais para sequer pensar em chamar um técnico, de forma que desmontara a máquina e tornara a montá-la novamente.

Tinha quase certeza de que a consertara.

Seu agente havia ligado para lhe dizer que o livro "O Terceiro Desejo de Miranda" tinha sido escolhido, por um famoso estúdio de cinema, como enredo de um desenho animado. Esta teria sido uma ótima notícia em qualquer outro momento, mas agora Boone pensava como iria encaixar uma viagem para Los Angeles em sua agenda.

Jessie decidira que queria ser uma bandeirante e, generosamente, deu o nome dele como voluntário para líder das bandeirantes.

A idéia de ter um grupo de meninas de seis e sete anos esperando que ele as ensinasse a fazer caixinhas de jóias a partir de caixas de ovos usadas, fazia seu sangue gelar.

Porém, com muita imaginação e uma boa dose de covardia, ele pensou, talvez conseguisse escapar daquela.

— Tem certeza de que ela vem, papai? Tem certeza?

— Jéssica. — O tom de aviso na voz dele foi o suficiente para que ela fizesse um beicinho. — Você sabe o que acontece a garotinhas que ficam perguntando a mesma coisa sem parar?

— Não.

— Pois continue fazendo isso e você vai descobrir. Agora, dê uma olhada em Daisy e certifique-se de que ela não está comendo toda a mobília da casa.

— Você está muito bravo com Daisy?

—Estou, sim. Agora, vá, senão você será a próxima. — Boone suavizou a ordem dando uma leve palmada no traseirinho da menina.

Dois minutos depois, ouviu o alarido que significava que Jessie encontrara Daisy, e que agora estavam rolando juntas no tapete da sala. Os gritinhos agudos e alegres latidos provocavam faíscas na dor que latejava em sua cabeça.

Só preciso de uma aspirina, ele pensou, uma ou duas horas de silêncio e umas férias no Havaí.

Estava a ponto de dar um grito que provavelmente tiraria sua cabeça de cima dos ombros, quando Ana bateu na porta.

— Olá! O cheiro está bom.

Boone esperava que sim. E ela estava ótima. Ele nunca a tinha visto usando um vestido, e aquele, de seda azul pastel fazia maravilhas para seu corpo esguio. Coisas como deixar à mostra os ombros claros e sedosos sob as alças finas. Ana também usava um amuleto, preso numa corrente de ouro, que pendia bem no meio de seus seios. Um cristal brilhava ali, captando o olhar, e a mesma pedra repetia-se nos brincos em forma de lágrima em suas orelhas.

Ela sorriu.

— Você disse sexta-feira, mesmo, não é?

— Sim, sexta-feira.

— Então, não vai me convidar para entrar?

— Desculpe-me. — Deus, ele parecia um adolescente idiota. Não, decidiu enquanto abria a porta para ela, nenhum adolescente jamais fora assim tão idiota. — Estou um pouco atrapalhado.

Ana franziu a testa ao deparar-se com o caos de panelas e vasilhas.

— Estou vendo. Precisa de ajuda?

—Acho que tenho tudo sob controle. — Boone pegou a garrafa que ela lhe entregava, reparando que havia símbolos pintados no vidro esverdeado, mas nenhum rótulo. — Feito em casa?

— Sim, pelo meu pai. Ele tem... — Os olhos dela iluminaram-se com segredos e humor. — Um toque mágico.

— Envelhecido nas masmorras do Castelo Donovan. — Boone usou um tom solene.

— Para dizer a verdade, é isso mesmo. — Sem dar maiores explicações, Ana foi para perto do fogão, enquanto ele pegava as taças. — Nenhum Pernalonga, desta vez?

— Infelizmente o Pernalonga sofreu um acidente fatal na máquina de lavar louça. — Boone serviu o vinho dourado em taças de cristal. — Não foi uma cena agradável.

Ela riu e ergueu a taça para um brinde.

— Aos vizinhos.

— Aos vizinhos — ele concordou tocando cristal em cristal. — Se todas fossem como você, eu seria um homem morto. — Bebeu, e arqueou a sobrancelha. — Na próxima vez faremos um brinde ao seu pai. Este vinho é incrível!

— É um dos muitos hobbies dele, pode-se dizer.

— Do que é feito?

—Maçãs, algumas flores, ervas. Você pode cumprimentá-lo pessoalmente, se quiser. Ele e o restante da família devem vir para cá para a véspera do Dia de Todos os Santos. O Halloween.

— Eu sei o que é. Jessie está dividida entre fantasiar-se de fada ou de roqueira. Os seus pais farão a viagem da Irlanda para os Estados Unidos apenas para o Halloween?

— É o que fazem quase todos os anos. É um tipo de tradição de família. — Incapaz de resistir, ela ergueu a tampa da panela e aspirou o aroma. — Ora, ora, estou impressionada.

— A idéia era esta, mesmo. — Igualmente incapaz de resistir, Boone tocou-lhe os cabelos. — Sabe aquela história que lhe contei no dia em que Daisy trombou com você? Por algum motivo, me senti compelido a escrevê-la. Tanto que deixei de lado o outro livro em que estava trabalhando.

— Foi uma linda história.

— Em circunstâncias normais, eu a teria guardado para depois. Mas precisava saber por que a mulher estava encerrada no castelo por todos aqueles anos. Seria um encantamento que ela própria fizera? Seria o encantamento que fizera com que o homem escalasse a muralha para encontrá-la?

— Isso é você quem tem de decidir.

— Não. Isso eu terei de descobrir.

— Boone... — Ana levantou a mão para a dele, mas abaixou os olhos rapidamente. — O que aconteceu?

— Arranhei os dedos. — Ele flexionou os dedos, fazendo uma careta. — Consertando a máquina de lavar roupa.

— Você deveria ter-me procurado, eu faria um curativo. — Ana passou os dedos sobre a pele arranhada, desejando estar em condições de curá-lo. — É doloroso.

Boone começou a negar, mas logo percebeu o seu erro.

— Eu sempre dou um beijo nos machucados de Jessie, para que ela se sinta melhor.

— Um beijo produz maravilhas — ela concordou, e contentou-o tocando os lábios levemente no ferimento.

De maneira muito breve e delicada, Ana arriscou uma conexão, para certificar-se de que realmente não havia dor e nem a possibilidade de uma

infecção. Descobriu que, embora os dedos estivessem apenas doloridos, ele realmente tinha uma dor de cabeça provocada pela tensão, bem atrás dos olhos. Pelo menos com isso ela poderia ajudá-lo.

Com um sorriso, afastou-lhe os cabelos da testa.

— Você anda trabalhando demais, arrumando a casa, escrevendo sua história, preocupando-se se tomou a decisão certa ao trazer Jessie para cá.

— Eu não sabia que era tão transparente.

— Não é tão difícil de se ver. — Ana pressionou os dedos nas têmporas dele, massageando com pequenos círculos. — Agora, teve todo este trabalho de preparar o jantar para mim.

— Eu queria...

— Eu sei. — Ela ficou imóvel ao sentir a dor faiscar atrás dos seus próprios olhos. A fim de distraí-lo, tocou-lhe os lábios enquanto absorvia a dor e a fazia desaparecer gradualmente. — Obrigada.

— Estou sempre às ordens — ele murmurou, aprofundando o beijo.

As mãos dela deslizaram de suas têmporas, pousando levemente em seus ombros. Era muito mais difícil absorver aquela dor, a dor que espalhava-se insidiosamente pelo seu corpo. Pulsando, latejando. Provocando-a.

Provocando-a demais.

— Boone. — Incerta, ela afastou-se. — Nós estamos nos apressando.

— Eu lhe disse que não faria isso. Mas também não vou impedir-me de beijá-la sempre que tiver uma chance. — Ele pegou as taças de vinho, entregando-lhe a dela. — Nada irá além disso, até que você diga que sim.

— Não sei se devo ou não lhe agradecer por isso. Mas acho que sim.

— Não. Não precisa me agradecer por isso, nem pelo fato de eu desejá-la tanto. Apenas aconteceu assim. Às vezes penso em Jessie crescendo e passo por maus momentos. E sei que se houvesse um homem pressionando-a ou forçando-a a fazer algo que ela não estivesse pronta para fazer, eu seria capaz de matá-lo. —Ele bebeu o vinho e sorriu. — E, é claro, se ela pensa que estará pronta para fazer qualquer coisa deste tipo antes de completar, digamos, quarenta anos, acho que sou capaz de trancá-la no quarto até a vontade passar.

Ana riu e percebeu, enquanto ele estava parado ali, de costas para o fogão entulhado e sujo, com um pano de prato amarrado na cintura, que estava muito, muito próxima de começar a amá-lo.

Uma vez que isso acontecesse, ela estaria pronta. E nada no mundo faria o sentimento passar.

— Falou como um verdadeiro pai paranoico.

—Paranoia e paternidade são sinônimos. Pode acreditar. Espere só para ver Nash com aqueles gêmeos. Ele vai começar a se preocupar com planos de saúde e higiene bucal. Um espirro no meio da noite será capaz de provocar-lhe crises de pânico.

— Morgana vai mantê-lo na linha. Um pai paranoico precisa apenas de uma mãe equilibrada para... — A voz dela sumiu, enquanto se repreendia mentalmente. — Desculpe-me.

— Está tudo bem. É mais fácil quando as pessoas não se sentem como se tivessem de pisar em ovos. Alice se foi há quatro anos. As feridas cicatrizam, especialmente quando se tem boas lembranças. — Houve um ruído na sala ao lado, seguida do barulho de pezinhos correndo. — E uma filha de seis anos que o deixe de cabelos em pé.

Naquele instante, Jessie entrou correndo na cozinha e atirou-se nos braços de Ana.

— Você veio! Eu pensei que nunca mais fosse chegar!

— É claro que vim. Jamais recusaria um convite dos meus vizinhos preferidos.

Enquanto as observava, Boone percebeu que a dor de cabeça desaparecera. Estranho, pensou desligando o fogo e preparando-se para servir o jantar. Ele nem precisara tomar a aspirina.

Não foi o que se poderia considerar um jantar tranquilo e romântico. Boone acendera velas e arrumara as flores, colhidas no jardim que havia herdado quando comprara a casa. E serviu a refeição na sala de jantar, com a ampla janela em arco, com a música do mar e o canto dos pássaros. Um cenário perfeito para o romance.

Porém, não houve segredos murmurados nem promessas sussurradas. Em vez disso, houve risos e a voz borbulhante de uma criança. A conversa não foi sobre a maneira como a luz das velas iluminava a pele de Ana, nem como aprofundava o puro azul dos seus olhos. Mas girou em torno das aulas da primeira série, sobre o que Daisy fizera naquele dia e sobre o conto de fadas que Boone tinha em mente.

Quando o jantar terminou e Ana acabou de ouvir as aventuras de Jessie com Lydia, sua mais nova amiga da escola, anunciou que ela e a menina se encarregariam da limpeza na cozinha.

— Não, pode deixar que limpo tudo mais tarde. — Boone sentia-se muito confortável na sala de jantar banhada pelo sol poente, mas lembrava-se nitidamente da bagunça que deixara na cozinha. — Os pratos sujos não irão para lugar algum.

— Você fez a comida. — Ana já se levantava para juntar os pratos. — Quando meu pai cozinha, minha mãe lava a louça. E vice-versa. São as regras dos Donovan. Além disso, a cozinha é um ótimo lugar para duas garotas conversarem, não acha, Jessie?

Jessie não tinha a menor idéia, mas ficou imediatamente interessada por aquela nova regra.

— Eu posso ajudar. Quase nunca quebro pratos.

— E os homens não podem entrar na cozinha, quando as garotas estão

conversando. — Ana inclinou-se para a menina com um ar de conspiração. — Porque eles sempre atrapalham. — Enviou um olhar enviesado para Boone. — Acho que você e Daisy deviam dar um passeio na praia.

— Eu não... — Um passeio na praia, ele pensou. Sozinho. Sem precisar apanhar conchinhas. — Posso mesmo?

— É claro. Fique à vontade. Jessie, quando eu estava na cidade, outro dia, vi um vestido lindo numa vitrine. Era azul, da cor exata dos seus olhos, com um laço de cetim. — Ana parou de falar, com a pilha de pratos na mão, e olhou para Boone. — Ainda está aqui?

— Já estou saindo.

Enquanto se afastava, sob a fraca luz do anoitecer, ouvia a música alegre dos risos femininos, vinda através das janelas.

— Papai disse que você nasceu num castelo — Jessie falou, ajudando Ana a arrumar a louça na máquina.

— É verdade. Na Irlanda.

— Um castelo de verdade?

— De verdade, perto do mar. Ele tem torres, torreões, passagens secretas e até uma ponte levadiça.

— Como nos livros que o papai escreve.

— Sim, é bem parecido. É um lugar mágico. — Ana escutou o barulho da água, enquanto enxaguava os pratos, e lembrou-se dos risos e vozes na imensa cozinha do castelo, com o fogo ardendo na lareira e o aroma delicioso de pão sendo assado, perfumando todo o ar. — Meu pai e os irmãos dele nasceram no castelo, e o pai deles, o pai do pai deles, e assim por diante, tanto quanto a gente consiga se lembrar.

— Se eu tivesse nascido num castelo iria querer morar ali para sempre. — Jessie ficava bem próxima de Ana enquanto conversavam, adorando, sem nem mesmo saber por que, o seu perfume e o timbre suave da voz feminina. — Por que você se mudou de lá?

— Ah, ali ainda é o meu lar, mas às vezes a gente precisa se mudar para formar a sua própria casa. A sua própria magia.

— Como o papai e eu fizemos.

— Isso mesmo. — Ana fechou a máquina de lavar pratos e começou a encher a pia com água quente, para lavar as panelas. — Você gosta de morar aqui em Monterey?

— Gosto muito. Nana disse que eu vou ficar com saudade da outra casa, quando a novidade passar. O que é novidade?

— É quando acontecem coisas novas. — Ana achou que não era algo muito sensato para se sugerir a uma criança impressionável. Porém, concluiu que Nana não devia estar muito contente com aquela situação. — Se você sentir saudade deve tentar se lembrar de que o melhor lugar geralmente é aquele onde a gente

está no momento.

— Eu gosto de estar onde o papai estiver, nem que seja em Timbuktu.

— O quê?

— A vovó Sawyer disse que ele pode muito bem querer se mudar para Timbuktu. — Jessie pegou a panela limpa que Ana lhe passara e começou a enxugá-la, com uma expressão concentrada. — Este lugar existe?

— Hu-hum. Mas também é uma expressão que significa para muito longe. Seus avós sentem a sua falta querida. É isso.

— Eu também sinto falta deles, mas converso com eles pelo telefone e o papai me ajudou a escrever uma carta no computador. Você acha que pode se casar com papai, para que a vovó Sawyer largue do pé dele?

A panela que Ana estava lavando caiu dentro da água, formando uma onda que espalhou-se por toda a pia.

— Acho que não.

— Eu o ouvi dizendo para a vovó Sawyer que ela "pegava no pé dele" o tempo todo para que se casasse, para que ele não ficasse sozinho e eu não crescesse sem uma mãe. A voz dele estava daquele jeito zangado, como quando eu faço alguma coisa muito errada, ou quando Daisy estraga os travesseiros. E ele falou também que preferia ir para o inferno do que se casar só para ter um pouco de paz.

— Entendo. — Ana pressionou os lábios para impedir-se de sorrir. — Creio que seu pai não gostaria que você repetisse o que ele falou, Jessie, principalmente estas coisas.

— Você acha que o papai é sozinho?

— Não acho, não. Acho que ele é muito feliz com você, e com Daisy. Se ele decidir se casar, algum dia, será porque encontrou alguém que vocês dois amam muito.

— Eu amo você.

— Ah, meu raio de sol. — Com as mãos cheias de detergente, Ana abaixou-se para dar um abraço e um beijo na menina. — Eu também amo você.

— Você ama o papai? Eu bem que gostaria de saber.

—É diferente — ela disse. Sabia que estava pisando em terreno perigoso. — Quando a gente cresce, o amor tem significados diferentes. Mas estou muito feliz por vocês terem se mudado para cá e por podermos ser amigos.

— Papai nunca convidou uma moça para jantar, antes.

— Bem, vocês estão aqui há pouco tempo.

— Não, eu quis dizer nunca, nunca. Nem em Indiana. Por isso eu pensei que talvez você fosse casar com ele e morar aqui conosco, para que a vovó Sawyer largue do pé dele e eu não seja mais uma pobre menina sem mãe.

— Não. — Ana fez o possível para não rir. — Isso significa que nós gostamos uns dos outros e quisemos jantar juntos. — Ana olhou pela janela a fim de

certificar-se de que Boone não estava voltando. — Ele sempre cozinha assim?

— Ele sempre faz uma tremenda bagunça, e às vezes fala uns palavrões... você sabe, não é?

— Sei.

— Bom, ele só fala os palavrões quando tem de ficar limpando tudo. E hoje papai estava de mau humor porque Daisy comeu o travesseiro dele e espalhou penas para todo lado. Depois, a máquina de lavar roupa explodiu e, talvez, ele precise viajar para tratar de negócios.

— Foi muita coisa num dia só. — Ana mordeu o lábio. Não queria ficar arrancando informações da criança, mas estava curiosa. — Ele vai viajar?

— Acho que vai para aquele lugar onde fazem filmes, porque querem fazer um filme do livro dele.

— Isso é maravilhoso.

— Ele tem de pensar nisso. É o que papai sempre diz, quando não quer dizer sim, mas provavelmente vai dizer sim.

Desta vez, Ana não preocupou-se em esconder o riso.

— Você já o conhece direitinho.

Quando terminaram a limpeza, Jessie estava bocejando.

— Você quer subir para ver o meu quarto? Eu arrumei tudo, como o papai mandou, porque tínhamos visitas.

— Eu adoraria ver o seu quarto.

As caixas de mudança já haviam desaparecido, Ana reparou quando saíram da cozinha e passaram para a sala de estar, com as amplas janelas e a escadaria em curva. A mobília parecia confortável e os sofás eram forrados com tecidos neutros e resistentes, do tipo que aguenta as mãos e pés de uma criança ativa.

Ele poderia fazer bom uso de algumas flores nas janelas, Ana pensou. Algumas velas perfumadas no aparador na lareira. Talvez algumas almofadas coloridas, espalhadas aqui e ali. Ainda assim, havia detalhes que indicavam uma preocupação em formar um ambiente aconchegante, como fotos de família emolduradas, um relógio antigo. E outros detalhes interessantes, e até exóticos, como os suportes de lenha de bronze, no formato de cabeças de dragão, montando guarda na lareira de pedra. E um unicórnio de madeira num canto da sala

E havia também uma fina camada de poeira no aparador, que acrescentava um charme.

— Eu tenho de arrumar a minha cama todos os dias — Jessie estava dizendo. — E quando tudo estiver pronto, papai disse que posso escolher o papel de parede para o meu quarto. Aqui é o quarto do papai.

Ela apontou para a direita e Ana teve um relance de uma cama enorme coberta por uma colcha verde jade, sem travesseiros, uma cômoda antiga, faltando um puxador, e uma trilha de penas no carpete.

— O banheiro dele é ali dentro, também, com uma banheira grande que faz jatos de água para massagem e um chuveiro. O meu banheiro é do outro lado, e tem duas pias e uma coisa que não é um vaso sanitário, mas que parece.

— Um bidê?

— Acho que sim. Papai diz que é para as moças usarem. Este é o meu quarto.

O quarto era a fantasia de qualquer garotinha, realizada por um homem que obviamente entendia que a infância é breve demais e preciosa demais. Todo em cor-de-rosa e branco, com uma cama de espaldar alto no centro e cercada por estantes com bonecas, livros e brinquedos de cores vivas, uma cômoda branca com um espelho, e uma escrivaninha pequena repleta de papéis e lápis de cor.

Nas paredes, quadros com graciosas ilustrações de livros de histórias. Cinderela correndo pela escadaria de um castelo prateado, levando um sapatinho de cristal na mão. Rapunzel, com a trança dourada pendendo da alta torre, enquanto olhava para seu príncipe lá em baixo. Um elfo brincalhão de um dos livros de Boone e, para total surpresa de Ana, uma das ilustrações premiadas de sua tia Bryna.

— Esta aqui é do livro "A Bola de Ouro".

— A senhora que escreveu este livro mandou o desenho pelo correio, para papai e para mim, quando eu era bem pequena. Depois das histórias do papai, são as dela que eu mais gosto.

— Eu não fazia idéia — Ana murmurou. Pelo que sabia, sua tia Bryna jamais se desfizera de nenhuma de suas gravuras, exceto para dá-las de presente aos membros da família.

— Foi papai quem desenhou o elfo — Jessie explicou. — Todos os outros desenhos foram feitos pela mamãe.

— Eles são lindos. — Não eram apenas bem-feitos, Ana pensou. Talvez não tivessem os mesmos traços firmes do duende desenhado por Boone, ou o refinamento do desenho de sua tia, mas eram graciosos e tão fiéis ao espírito dos contos de fadas quanto a própria magia.

— Mamãe fez estes desenhos para mim, quando eu era bebê. Nana disse que papai deveria guardá-los para que eu não ficasse triste. Mas eles não me deixam triste. Eu gosto de olhá-los.

— Você tem sorte por ter lembranças tão bonitas de sua mãe.

Jessie esfregou os olhos sonolentos e lutou para conter um bocejo.

— Eu também tenho bonecas, mas não brinco muito com elas. Minha avó gosta de me dar bonecas, mas eu prefiro o lobo marinho de pelúcia que papai me deu. Você gostou do meu quarto?

— É lindo, Jessie.

— Eu posso ver o mar, e o seu quintal também, daqui da janela. — Ela abriu a cortina transparente para mostrar a vista. — E aqui é a cama de Daisy, mas ela gosta mais de dormir comigo. — Apontou uma cesta de vime com um forro cor-

de-rosa.

— Talvez você queira se deitar, enquanto Daisy não chega.

— Talvez. — Jessie enviou-lhe um olhar de dúvida. — Mas ainda não estou com sono. Você sabe alguma história?

— Bem, acho que posso pensar em alguma. — Ana pegou Jessie no colo e sentou-se na cama. — Que tipo de história você gostaria de ouvir?

— De mágica.

— São as melhores. — Ana pensou por um instante e sorriu. — A Irlanda é um país muito antigo —começou. — E é cheio de lugares secretos, montanhas escuras e campos muito verdes, e o mar é tão azul que os olhos ardem quando se fica muito tempo olhando para ele. A magia existe ali há muitos e muitos séculos, e ainda é um lugar seguro para as fadas, os duendes e as feiticeiras.

— Feiticeiras boas ou feiticeiras más?

— As duas, porém sempre existe mais bem do que mal. Não apenas nas feiticeiras, mas em tudo.

— As feiticeiras boas são bonitas — Jessie falou, passando a mãozinha pelo braço de Ana. — É assim que a gente sabe a diferença. Esta história é sobre uma feiticeira boazinha?

— Sim, de fato. Uma feiticeira linda e boazinha. E também sobre um feiticeiro muito bom e atraente.

— Os homens não são feiticeiros — Jessie informou, com uma risadinha. — Eles são magos.

— Quem está contando a história? — Ana beijou-lhe a testa. — Então, certo dia, não muito tempo atrás, uma linda feiticeira viajou com suas duas irmãs para visitar o avô, que estava muito velhinho. Ele havia sido um feiticeiro poderoso, um *mago,* mas ficara rabugento e entediado depois de velho. Não muito distante da mansão onde ele morava, havia um castelo. E, ali, viviam três irmãos. Eles eram trigêmeos, e também eram magos muito poderosos. Por mais tempo do que qualquer pessoa conseguisse se lembrar, a família do velho mago e a família dos três irmãos eram inimigas. Ninguém se lembrava mais por que, ou desde quando, mas a inimizade persistia. Assim, as famílias não trocavam nem uma palavra uma com a outra, por muitas gerações.

Ana ajeitou Jessie no colo, afagando-lhe os cabelos. Sorria consigo mesma, sem perceber que passara a falar com um leve sotaque irlandês.

— Mas a jovem feiticeira era voluntariosa, além de muito bonita. E tinha muita curiosidade. Num lindo dia de verão, ela escapuliu da velha mansão e foi andando pelos campos na direção do castelo do inimigo de seu avô. No caminho, encontrou um lago e parou para mergulhar os pés na água fresca, enquanto observava o castelo à distância. E quando ela estava ali, com os pés molhados e os cabelos caindo nos ombros, um sapo pulou para a margem do lago, a fim de conversar com ela. "Linda dama", ele disse. "Por que está vagando pelas minhas

terras?" Bem, a jovem feiticeira não ficou nem um pouco surpresa em ver um sapo falar. Afinal, ela sabia muitas coisas sobre magia e pressentiu que ali havia um truque. "Suas terras?", ela perguntou. "Os sapos possuem apenas a água e a lama. Eu posso andar onde quiser."

"Mas os seus pés estão na minha água", disse o sapo. "Você terá de pagar uma multa." Então ela riu e disse que não devia nada a um sapo qualquer.

Ana fez uma pausa para suspense, e prosseguiu:

— Bem, nem é preciso dizer que o sapo ficou intrigado com a atitude dela. Afinal, não era todos os dias que ele saltava para fora do lago a fim de falar com uma linda jovem, e esperava ao menos que ela desse um gritinho ou demonstrasse um pouco de temor respeitoso. Ele gostava de pregar peças nas pessoas e ficou extremamente desapontado por aquela não ter funcionado como esperava. Então, explicou que não era um sapo qualquer, e se ela não concordasse em pagar a multa, ele teria de castigá-la. E que multa seria esta?, ela perguntou. A resposta dele foi: um beijo, que não era nem mais nem menos do que ela imaginava pois, como eu disse, era jovem mas não era tola.

Ana sorriu, continuando:

— A jovem disse que duvidava muito que o sapo se transformasse num belo príncipe se ela o beijasse, e que preferia economizar os seus beijos. Agora o sapo estava realmente frustrado, e começou a fazer outras mágicas, assoviando para que o vento aumentasse, sacudindo as folhas das árvores, mas a jovem feiticeira apenas bocejou diante de tudo aquilo. Com a paciência esgotada, o sapo pulou direto no colo dela e começou a repreendê-la. Querendo dar-lhe uma boa lição por causa daquele atrevimento, a jovem pegou-o pela perna e jogou-o no lago. Quando ele voltou à superfície, não era mais um sapo, mas sim um rapaz muito molhado e furioso por ver que sua brincadeira voltara-se contra ele. Depois que ele nadou até a beirada, os dois ficaram gritando um com o outro, ameaçando fazer feitiços e maldições, enviando relâmpagos para o céu e enchendo o ar com o barulho dos trovões. Embora ela o ameaçasse com o fogo do inferno, e coisas piores, ele dizia que iria receber o pagamento da multa de qualquer jeito, pois aquelas eram suas terras, o seu lago, e seu direito. Então, ele a beijou. E apenas isso bastou para abrandar o coração dela, para que a fúria em seu peito se transformasse em amor. Pois até mesmo as feiticeiras podem ser atingidas pelo mais poderoso de todos os encantamentos. Ali mesmo, naquela hora, eles confessaram seu amor e, um mês depois, casaram-se nas margens daquele lago. E foram felizes, dali em diante, com suas vidas repletas de amor. E todos os anos, num dia de verão, embora já não seja mais jovem, ela vai para o lago, mergulha os pés na água fresca e espera que o sapo indignado apareça para conversarem.

Ana levantou a menina adormecida. Contara o final da história apenas para si mesma... ou foi o que pensou. Mas quando abaixou-se para puxar a colcha da cama, a mão de Boone fechou-se sobre a sua.

— Foi uma boa história para uma amadora. Deve ser herança dos irlandeses.

— É uma velha história de família — ela disse, pensando em quantas vezes ouvira o relato do primeiro encontro entre seu pai e sua mãe.

Boone tirou os sapatos da filha com gestos experientes.

— Tenha cuidado. Eu posso roubá-la de você — disse. Enquanto ele cobria Jessie, Daisy deu um salto certeiro para os pés da cama.

— Aproveitou bem o passeio? — Ana perguntou.

— Depois que parei de me sentir culpado por deixá-la com toda aquela louça suja... o que levou uns noventa segundos. — Boone afastou os cabelos de Jessie do rosto e abaixou-se para beijá-la na testa. — Uma das coisas mais invejáveis da infância é esta capacidade de mergulhar no sono imediatamente.

— Ainda está com dificuldade para dormir?

— Tenho muito em que pensar. — Pegando a mão de Ana, levou-a para fora do quarto e deixou a porta aberta, como sempre fazia. — A maior parte é sobre você, mas há outras coisas também.

— Honesto, sem ser bajulador. — Ana parou no topo da escada. — Falando sério, Boone, eu poderia dar-lhe algo que... — Ruborizou, rindo baixinho ao ver o brilho que surgiu nos olhos dele. — Estou me referindo a um calmante feito de ervas, bastante suave.

— Eu prefiro o sexo.

Balançando a cabeça, ela desceu os degraus.

— Você não me leva a sério.

— Pelo contrário.

— Como herbalista, quero dizer.

— Não sei nada a respeito deste tipo de coisas, mas não descarto. — Mas tampouco iria permitir que ela o medicasse, pensou. — Como começou a fazer isso?

— Sempre tive muito interesse. Há muitas gerações existem pessoas que curam, na minha família.

— Médicos?

— Não exatamente.

Boone pegou a garrafa de vinho e duas taças, quando saíram da cozinha para o terraço.

— Você não quis ser médica.

— Não me sentia qualificada para seguir a carreira de medicina.

— Ora, isto é algo muito estranho, vindo de uma mulher moderna e independente.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. — Ana pegou a taça que ele lhe ofereceu. — Não é possível curar todo mundo. E eu... eu tenho dificuldade em estar cercada de sofrimento. O que faço é a minha maneira de satisfazer minhas necessidades e proteger-me, ao mesmo tempo. — Aquilo era o máximo

que ela poderia lhe dizer. — Além disso, gosto de trabalhar sozinha.

— Sei bem como é isso. Meus pais achavam que eu fosse maluco. O fato de gostar de escrever, tudo bem, mas esperavam que fosse escrever o "grande romance americano", no mínimo. No início acharam bem difícil engolir os meus contos de fadas.

— Devem ter muito orgulho de você.

— Do jeito deles. São boas pessoas — Boone falou devagar, percebendo que jamais conversara sobre seus pais com ninguém, exceto Alice. — Eles sempre me amaram. E, Deus sabe, são loucos por Jessie. Mas acham difícil aceitar que o que eu quero talvez não seja o que eles querem. Uma casa nos subúrbios, um bom jogo de golfe e uma esposa que me seja devotada.

— Nada disso é ruim.

— Não, e eu já tive estas coisas antes... exceto pelo jogo de golfe. Mas preferia não ter de passar o resto da minha vida convencendo-os de que estou satisfeito com o que tenho agora. — Ele enrolou um cacho dos cabelos dela entre os dedos. — Você não escuta estas mesmas queixas dos seus pais? "Anastásia, quando você vai se acomodar com um rapaz e iniciar uma família?"

— Não. — Ela riu e bebeu um gole de vinho. — Absolutamente não. — A idéia de sua mãe dizendo uma coisa assim, ou mesmo pensando, fez com que risse novamente. — Creio que pode-se dizer que meus pais são... excêntricos. — Sentindo-se bem, ergueu a cabeça e olhou para as estrelas. — Na verdade, acho que os dois ficariam desconcertados se eu me acomodasse. Você não me contou que tem uma ilustração de tia Bryna.

— Quando você ficou sabendo da minha conexão com ela, estava a ponto de me mandar embora. Achei que não seria o momento adequado e, depois, creio que acabei me esquecendo.

— É óbvio que ela tem você em alto conceito. Tia Bryna só deu uma de suas gravuras para Nash depois do casamento, e era algo que ele cobiçava havia anos.

— É mesmo? Pois vou me lembrar de esfregar isso no nariz dele, na próxima vez que nos encontrarmos. —Prendendo o queixo dela entre os dedos, Boone virou-lhe o rosto para o seu. — Faz muito tempo desde a última vez em que fiquei namorando no terraço. Estou me perguntando se será que perdi o jeito.

Boone roçou os lábios sobre os dela, uma, duas, três vezes, até que Ana os entreabriu, num convite.

Tirou o copo da mão dela e deixou-o junto ao seu, enquanto a boca movia-se para aceitar o que ela oferecia.

O gosto dela era tão doce, tão quente, acolhedor e excitante. A pele era macia, suave, tentadora, seduzindo-o e encantando-o. E o suspiro que ela exalou, tão leve e rápido, provocou um arrepio instantâneo por todo o corpo dele.

Mas Boone não era nenhum adolescente ansioso agarrando a namorada no escuro. O vulcão de desejos que borbulhava dentro de si poderia ser controlado.

Se não podia dar a ela a totalidade de sua paixão, então lhe daria o beneficio de sua experiência.

Enquanto preenchia-se com ela, devagar, dando um doloroso passo de cada vez, retribuía com um carinho e uma ternura que a fez estremecer desamparadamente naquele último limiar antes do amor.

Ser abraçada daquela maneira, Ana pensou vagamente, com tal compaixão mesclada com avidez, era maravilhoso. Em todas as suas fantasias, jamais alcançara um prazer tão intenso. A língua dele brincava com a sua, fazendo-a sentir os sabores másculos e ásperos. As mãos acariciavam-na sedutoramente, enquanto os músculos dos braços dele enrijeciam. Quando Boone passou a beijá-la no rosto e no pescoço, ela arqueou o corpo para trás, desejando, desejando desesperadamente que ele lhe mostrasse mais e mais.

Era a rendição que ele sentia vindo dela, tão nitidamente quanto sentia a brisa da noite em sua pele.

Sabendo que isto o levaria mais perto do limite, entregou-se à necessidade febril de tocá-la.

Era pequena, gloriosamente macia. Seu coração batia frenético sob as mãos dele. Boone quase podia sentir o gosto, sentir a pele quente e acetinada em seus lábios, de sua língua, no fundo de sua boca. Era tortura não prová-la agora, não puxar-lhe o vestido para baixo e banquetear-se.

A sensação dos mamilos dela enrijecendo, pressionados contra a seda do vestido, provocou-lhe um gemido quando tornou a beijá-la.

A boca de Ana recebeu-o com avidez, desespero. Suas mãos moveram-se sobre ele com a mesma urgência que a dele. Ela sabia, enquanto entregava-se inteira ao momento, que não haveria mais volta. Eles não se amariam agora. Não poderia ser agora, no terraço iluminado pelas estrelas, sob a janela onde uma criança podia acordar e procurar pelo pai durante a noite.

Mas não havia mais volta para o amor que ela sentia.

Não para ela. Ana não poderia mudar o curso de seus sentimentos, do mesmo jeito que não mudaria o curso do sangue que corria em suas veias.

E, por causa disso, chegaria o momento, muito em breve, em que ela entregaria a ele o que jamais entregara a qualquer outro homem.

Quase sufocando pelo que acabara de perceber, Ana virou a cabeça e mergulhou o rosto no ombro dele.

— Você não imagina o que faz comigo.

— Então me diga. — Boone mordiscou-lhe a orelha, provocando-lhe um estremecimento. — Quero ouvi-la me dizer tudo.

— Você me faz doer, e ansiar. — E ter esperança, ela pensou, fechando os olhos com força. — Ninguém jamais fez isso. — Com um longo e trêmulo suspiro, afastou-se. — É disso que nós dois temos medo.

— Não posso negar. — Os olhos dele tinham a cor de cobalto na escuridão. —

E não posso negar que levá-la para o meu quarto, para a minha cama, é algo que desejo tanto quanto desejo respirar.

Tal imagem fez com que o coração dela disparasse.

— Você acredita no inevitável, Boone?

— Tenho de acreditar.

Ana assentiu.

— Eu também. Acredito no destino, nos caprichos da sorte, nas artimanhas daquilo que os homens costumavam chamar de deuses. Quando olho para você, vejo o inevitável. — Ela levantou-se, pressionando a mão no ombro dele para evitar que ele fizesse o mesmo. — Você é capaz de aceitar que eu tenho alguns segredos que não posso lhe contar, partes de mim que não poderei compartilhar? — Viu um misto de curiosidade e negação nos olhos dele, e balançou a cabeça antes que ele respondesse. — Não precisa responder agora... Você precisa pensar bem, antes de ter certeza. E eu também.

Abaixou-se para beijá-lo e fez uma conexão rápida e firme. Sentiu o baque de surpresa, antes de recuar.

— Durma bem esta noite — disse, sabendo que ele dormiria. E que ela não.

CAPÍTULO 7

Um presente que Ana sempre fazia questão de se dar, no seu aniversário, era um dia completamente livre. Poderia ficar sem fazer nada, se quisesse, ou trabalhar o dia inteiro, se essa fosse sua vontade. Poderia levantar de madrugada e comer um pote de sorvete como café da manhã, ou ficar na cama até o meio-dia, vendo filmes na tevê.

O único plano para aquele dia do ano que pertencia somente a ela, era não ter plano algum.

Mas acordou cedo e entregou-se ao luxo de um banho demorado, perfumado com seus óleos preferidos e com um sachê de ervas escolhidas por suas propriedades relaxantes. No rosto, passou um tônico facial preparado com flores, iogurte e pó de caulim, relaxando na banheira ao som da música de harpas e bebericando um suco de frutas, enquanto esperava os efeitos da magia.

Com o rosto reluzente e os cabelos brilhando graças ao xampu de camomila, passou o seu óleo de corpo personalizado e escorregou para dentro de um robe de seda da cor dos raios de lua.

Ao sair do banheiro, considerou seriamente a idéia de voltar para a cama e cochilar mais um pouco, a fim de completar a auto-indulgência matinal. Mas no meio do quarto, onde havia apenas um tapetinho antigo na hora em que ela fora para o banheiro, agora encontrava-se um grande baú de madeira.

Com um gritinho de alegria, Ana abaixou-se e passou as mãos sobre a madeira antiga e entalhada, que fora polida a ponto de brilhar como um espelho. A madeira exalava um cheiro de cera de abelhas e alecrim, e era macia como uma seda sob seus dedos.

O baú tinha séculos de idade e era um objeto que Ana admirava desde criança, quando morava no Castelo Donovan. Dizia-se que em certa época o baú ficara em Camelot, tendo sido presenteado a Merlin pelo jovem Arthur.

Com um suspiro sorridente, Ana sentou apoiada nos calcanhares. Eles sempre conseguiam surpreendê-la, pensou. Seus pais, seus tios e tias... tão distantes, mas nunca longe de seu coração.

Os poderes combinados de seis feiticeiros haviam enviado o baú desde a Irlanda, num piscar de olhos, através do tempo e do espaço, por meios que eram bem pouco convencionais.

Lentamente, Ana abriu a tampa e o perfume de antigas visões, de encantamentos imemoriais, de feitiçarias eternas chegou até ela. Era uma fragrância seca, tão aromática quanto pétalas amassadas até virarem pó, pungente com a fumaça do fogo frio que as feiticeiras evocam à noite.

Ali estava o poder, para ser respeitado e aceito. As palavras que ela falou foram num idioma antigo, a língua dos Sábios. O vento que ela evocou sacudiu as

cortinas, fez com que o ar batesse em seu rosto. O ar cantava, milhares de cordas de harpas entoando na brisa, depois silenciou.

Abaixando os braços, Ana começou a pegar o conteúdo do baú. Ao tirar um amuleto de hematita, com o centro da pedra vermelho parecendo sangrar pelas bordas de um verde profundo, teve de sentar novamente no chão. Ana sabia que pertencia à família de sua mãe havia gerações, uma pedra de cura de valor incalculável e com um poder inigualável. Sentiu lágrimas nos olhos ao dar-se conta de que estava sendo passada para ela, como acontecia a cada meio século, a fim de designá-la como uma curandeira da mais elevada ordem.

Seu presente, pensou, deslizando os dedos sobre a pedra lapidada por outros dedos, em outros tempos.

Seu legado.

Guardou o amuleto delicadamente no baú e pegou o presente seguinte. Ergueu nas mãos um globo de calcedônia, a superfície quase transparente oferecendo-lhe um relance do universo, caso ela decidisse olhar.

Era dos pais de Sebastian, ela sabia, pois pôde senti-los quando espalmou o globo entre as mãos. Depois, havia um pergaminho gravado com os símbolos da linguagem antiga. Um conto de fadas, ela concluiu enquanto lia e sorria. Tão velho quanto o tempo, e tão doce quanto o amanhã. Tia Bryna e tio Matthew, pensou enquanto o guardava novamente no baú.

Embora o amuleto tivesse sido um presente de sua mãe, Ana sabia que sempre haveria algo especial enviado pelo seu pai. Encontrou-o, e riu quando o pegou. Um sapo, tão pequeno quanto uma unha, intrincadamente esculpido em jade.

— Igualzinho a você, papai — ela disse, rindo outra vez.

Tornou a guardá-lo, fechou o baú e levantou-se. Na Irlanda, seis pessoas deviam estar à espera do seu telefonema, para saber se ela havia gostado dos presentes.

Quando começou a encaminhar-se para o telefone, ouviu batidas na porta dos fundos. Seu coração deu um salto rápido e incerto, depois se acalmou. A Irlanda teria de esperar.

Boone escondia o pacote atrás das costas. Havia outro presente em casa, que ele e Jessie tinham escolhidos juntos. Mas aquele, ele mesmo queria dar para Ana. Sozinho.

Ele ouviu-a aproximar-se da porta e sorriu, com o cumprimento já na ponta da língua. Mas teve sorte por não engolir a língua, bem como as palavras, no instante em que a viu.

Ela parecia iluminada, com os cabelos caindo como uma cascata de ouro pálido pelas costas de um robe prateado. Os olhos pareciam mais escuros, mais profundos. Como podiam ser claros como um lago, pensou, e ainda assim darem a sensação de estar guardando milhares de segredos? O perfume gloriosamente feminino que a rodeava quase o fez cair de joelhos.

Quando Quigley enroscou-se em suas pernas numa saudação, Boone pulou como se tivesse sido alvejado por um tiro.

— Boone. — Com um riso mal contido na garganta, Ana apoiou-se na soleira da porta. — Você está bem?

— Sim, sim. Eu... Você estava dormindo?

— Não. — Tão calma quanto ele estava agitado, Ana abriu-lhe a porta. — Acordei faz tempo. Estou apenas bancando a preguiçosa. — Vendo que ele continuava parado na porta, inclinou a cabeça para o lado. — Você não quer entrar?

— Sim, é claro. — Boone deu um passo para dentro, mas manteve uma distância cautelosa.

Ele havia se comportado da maneira mais contida e respeitosa que pudera, naquelas duas semanas, resistindo à tentação de ficar a sós com ela e, quando ficava, mantendo-se calmo e controlado. Agora, percebia que todo este controle fora tanto para seu próprio bem quanto dela.

Era doloroso resistir, mesmo quando estavam lá fora, ao sol, conversando sobre Jessie ou mexendo no jardim, falando sobre o trabalho dela ou sobre o seu.

Mas agora, parado diante de Ana, a casa vazia e silenciosa rodeando-os, o perfume misterioso atormentando seus sentidos, era mais do que ele podia suportar.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou, mas sorria, como se soubesse.

— Não, nada... Ahn, como você está?

— Ótima. — O sorriso dela alargou-se, suavizou-se. — E você?

— Muito bem. — Boone pensou que, se ficasse um pouco mais tenso, se transformaria numa estátua. —Muito bem.

— Eu ia mesmo preparar um chá. Desculpe se não tenho café em casa, mas talvez você queira me acompanhar.

— Chá. — Ele suspirou baixinho. — Excelente.

Observou-a caminhar até o fogão, com o gato deslizando entre suas pernas como se fosse um cordão cinzento. Ela deixou a chaleira no fogo, depois despejou a comida de Quigley num potinho. Abaixando-se, afagou o animal enquanto ele comia. O robe abriu-se, espalhando-se no chão como água, e deixou à mostra sua perna acetinada.

— Como vão indo as aspérulas? E os hissopos?

— Hein?

Ela jogou os cabelos para trás, olhou para Boone e sorriu.

—As ervas que dei para você plantar no seu jardim.

— Ah, sim, parecem ótimas.

— Eu tenho alguns vasos com mudas de manjericão e tomilho, lá na estufa. Talvez você queira levá-los, deixá-los na janela da cozinha por algum tempo. Para usar como temperos. — Ana levantou-se quando a chaleira começou a

apitar. — Você vai achar muito melhor do que aqueles que compra no supermercado.

— Que bom, obrigado. — Estava quase sentindo-se novamente à vontade, ele pensou. Ou, pelo menos, esperava que sim.

Era tranquilizador observá-la coar o chá, esquentar o bulezinho de porcelana, tirando as folhinhas aromáticas de um pote azul-claro. Não sabia que uma mulher podia ser calmante e sedutora ao mesmo tempo.

— Jessie fica vigiando aquelas sementes de margarida do campo, que você lhe deu para plantar, como uma galinha chocando os ovos.

— Só não deixe que ela molhe demais. — Deixando o chá descansar, ela virou-se. — E então?

Ele piscou.

— Então?

— Boone, você vai ou não me mostrar o que está escondendo atrás das costas?

— É impossível enganá-la, não é? — Ele estendeu-lhe a caixa embrulhada num vivo papel azul. — Feliz aniversário, Ana.

— Como sabia que é meu aniversário?

— Nash me contou. Não vai abrir?

— É claro que sim. — Ana rasgou o papel, revelando uma caixa com o logotipo da loja de Morgana. —Excelente escolha. Você não teria como errar, comprando-me alguma coisa da *Wicca*. —Levantou a tampa da caixa e, com um leve suspiro, retirou uma delicada figura de uma feiticeira, esculpida em âmbar.

A cabeça estava inclinada para trás e magníficos filetes de cabelos dourado-escuros caíam em cascata pelo manto. Os braços esguios estavam erguidos, levemente curvados nos cotovelos, as mãos espalmadas para cima, numa posição idêntica àquela que Ana assumira junto ao baú, naquele mesma manhã. Numa das mãos ela segurava uma pequena pérola reluzente, e na outra um fino bastão de prata.

— É linda — Ana murmurou. — Absolutamente linda.

— Passei na loja na semana passada e Morgana acabara de recebê-la. Me fez lembrar de você.

— Obrigada. — Ainda segurando a estátua, levantou a mão livre até o rosto dele. — Você não poderia ter encontrado um presente mais perfeito.

Ela ergueu-se na ponta dos pés para tocar-lhe os lábios. Sabia exatamente o que estava fazendo, bem como sabia, quando ele retribuiu o beijo, que Boone estava sufocando-se numa prisão de autocontrole. O poder, como uma chuva limpa e refrescante, banhou-a por inteiro.

Era por isso que ela estivera esperando, fora por isso que passara a manhã dedicando-se ao antigo ritual feminino de óleos, cremes e perfumes.

Para ele. Para si mesma. Para a primeira vez deles.

Boone sentia-se como se houvesse nós pontiagudos contorcendo-se em seu

estômago. Um latejar constante em sua cabeça. Embora seus lábios mal se tocassem, o gosto dela parecia atraí-lo como um ímã, transformando idéias como contenção e controle em conceitos vagos e sem importância. Tentou recuar, mas ela enlaçou-o com seus braços sedosos.

— Ana...

— Shh. — Ela o acalmava e excitava ao mesmo tempo, enquanto os lábios dançavam sobre os seus. —Apenas beije-me.

Como ele poderia negar, quando os lábios dela entreabriram-se suavemente sob os seus? Boone tocou-lhe o rosto, segurando-o entre as mãos tensas enquanto lutava uma violenta batalha interna para impedir que o abraço fosse longe demais.

Quando o telefone tocou, deixou escapar um gemido que era um misto de frustração e alívio.

— É melhor eu ir embora.

— Não. — Ela queria rir, mas limitou-se a sorrir quando desvencilhou-se dos braços dele. Jamais experimentara um poder tão delicioso quanto aquele. — Fique, por favor. Por que não serve o chá, enquanto atendo?

Servir o chá, ele pensou. Teria sorte se conseguisse levantar o bule. Seu corpo inteiro agitava-se e ele virou-se cegamente para o fogão, enquanto Ana atendia o telefone.

— Mamãe! — Agora, ela riu de verdade, e Boone escutou a pura alegria no riso. — Obrigada. Obrigada a todos vocês. Sim, recebi esta manhã. Foi uma surpresa maravilhosa! — Ela riu outra vez, ouvindo. — É claro. Sim, estou bem, estou ótima. Eu... Papai? — Ela riu, quando o pai interrompeu a conversa. — Sim, eu sei o que o sapinho significa. Adorei. Também amo você. Não, eu não preferia um de verdade, muito obrigada. — Sorriu para Boone quando ele entregou-lhe a xícara de chá. — Tia Bryna? Sim, adorei a história, é muito linda. Sim, estou. Morgana está muito bem, e os gêmeos também. Não vai demorar muito, agora. Sim, vocês chegarão a tempo.

Inquieto, Boone ficou andando pela cozinha, bebericando o chá, surpreendendo-se ao ver como estava bom. Perguntava-se o que diabos ela teria colocado ali. E apenas ficar ouvindo a voz dela já o fazia arder de desejo.

Podia lidar com isso, lembrou-se. Iriam tomar o chá como duas pessoas civilizadas, enquanto ele manteria as mãos bem afastadas dela. Depois, fugiria dali e mergulharia no trabalho pelo restante do dia, para manter a mente bem afastada dela, também.

Já havia concluído o enredo da história e estava quase pronto para iniciar as ilustrações. E já sabia exatamente quem queria usar como modelo.

Ana.

Balançando bruscamente a cabeça, bebeu mais um gole do chá. Parecia que ela iria conversar com todos os parentes irlandeses. Mas por ele estava tudo bem.

Isso lhe daria tempo para se acalmar.

— Sim, estou com muita saudade também. De todos vocês. Nos vemos daqui a duas semanas. Abençoada seja.

Ela estava com os olhos úmidos quando desligou, mas sorriu para Boone.

— Era a minha família.

— Eu percebi.

— Eles me enviaram um baú de presentes hoje cedo, e não tive chance de ligar para agradecer.

— Que bom. Escute, Ana, eu realmente preciso... Hoje cedo? — ele disse, franzindo a testa. — Mas não vi nenhum caminhão de entregas.

— Chegou bem cedo. — Ana desviou os olhos, deixando a xícara na mesa. — Foi uma entrega especial, por assim dizer. Eles estão ansiosos com a viagem no fim do mês.

— Você vai ficar feliz em revê-los.

— Sempre fico. Estiveram aqui no verão, por poucos dias. Mas com toda a agitação sobre o noivado e o casamento de Sebastian e Mel, não tivemos muito tempo para ficar juntos. — Foi abrir a porta para deixar Quigley sair. — Quer mais um pouco de chá?

— Não, obrigado. Preciso ir embora, Ana. Tenho de trabalhar. — Ele também aproximou-se da porta. —Mais uma vez, feliz aniversário.

— Boone. — Ela pousou a mão no braço dele, sentiu-o estremecer. — Todos os anos, no meu aniversário, eu me dou um presente. Muito simples, na verdade. É um dia em que faço qualquer coisa que quiser. Qualquer coisa que seja do meu agrado. — Mal parecendo se mover, ela fechou a porta e postou-se entre ele e a saída. —Este ano eu escolhi você. Se você ainda me quiser.

Tais palavras pareciam ecoar nos ouvidos dele, quando Boone baixou os olhos para fitá-la. Ana estava tão calma, tão serena que parecia estar apenas conversando sobre o tempo.

— Você sabe que eu quero.

— Sim, eu sei. — Ana sorriu. Naquele momento estava calma, como o olho de um furacão. — Eu sei. —Quando ela deu um passo adiante, Boone recuou um passo. — Eu vejo isso quando olho para você, sinto sempre que você me toca. Você tem sido muito paciente, muito bondoso. Manteve sua palavra de que nada aconteceria entre nós antes que eu me decidisse.

— Estou tentando. — Incerto, ele deu outro passo para trás. — Não tem sido fácil.

— Nem para mim. — Ana parou onde estava, o robe prateado reluzindo em torno dela sob a claridade do sol. — Você tem apenas de aceitar-me, aceitar que estou disposta a lhe entregar tudo o que puder. Aceite, e deixe que seja o suficiente.

— O que está me pedindo, Ana?

— Que seja o meu primeiro — ela respondeu simplesmente. — Que me mostre como o amor pode ser.

Ele atreveu-se a estender a mão e tocar-lhe os cabelos.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta. — Oferecendo e pedindo, ela estendeu as duas mãos. — Você quer me levar para a cama e ser meu amante?

Como ele poderia responder? Não existiam palavras no mundo para traduzir o que ele sentia naquele momento. Portanto, não desperdiçou palavras e apenas pegou-a no colo.

Boone carregou-a como se ela fosse tão delicada quanto a feiticeira de âmbar que lhe dera de presente.

Na verdade, pensou, pensava nela daquela maneira, e sentiu um instante de pânico ao pensar que poderia não ser delicado o bastante, contido o bastante. Seria tão fácil destruir a delicadeza.

Quando chegou ao pé da escada e começou a subir, seu coração disparava de antecipação e medo.

Para o bem dela, desejou que fosse noite, uma noite iluminada por velas, com a luz da lua e música suave no ar. Porém, de alguma forma lhe pareceu certo que ele a amasse, naquela primeira vez, quando o sol brilhava no céu profundamente azul e quando a música vinha dos pássaros que voejavam pelo jardim e dos sininhos batidos pelo vento, que ela mantinha na varanda.

— Onde? — ele perguntou, e Ana fez um gesto para a porta do quarto.

Aquele cômodo continha o mesmo perfume dela, um misto de fragrâncias femininas e pós aromáticos, e algo mais, algo que ele não conseguiu identificar. Como fumaça e flores. O sol penetrava alegremente através das cortinas de crochê e espalhava-se pela enorme e antiga cama, com a cabeceira de madeira entalhada.

Boone desviou-se do baú, encantado ao ver o arco-íris de cores formados pelos cristais suspensos em finos cordões, na frente de cada janela. Arco-íris em vez de raios de luar, ele pensou enquanto a deitava na cama.

Ela tolice ficar nervosa agora, Ana disse a si mesma, mas suas mãos tremiam levemente quando estendeu-as para abraçá-lo. Ela o queria. Queria que isso acontecesse. Ainda assim, a calma certeza que sentira apenas momentos atrás desaparecera sob uma onda de nervosismo e desejo.

E ele podia ver o desejo e o nervosismo nos olhos dela. Seria possível que ela compreendesse que eram um espelho dos seus próprios sentimentos? Ela era tão frágil e linda. Pura e intocada. E estava ali para ele.

Boone sabia que era vital para ambos que ele a tomasse com toda ternura.

— Anastásia. — Abrandando seus próprios temores, ele tomou-lhe a mão e beijou-a. — Não vou machucá-la. Eu juro.

— Eu sei. — Ana entrelaçou os dedos nos dele, desejando ter certeza se o

medo que sentira era o devido ao momento que uma mulher experimenta apenas uma vez em sua vida, ou pela imensidão do amor que sentia por ele, que a deixava tão frágil e insegura. — Mostre-me.

Boone abaixou-se para beijá-la. Um beijo profundo, explorador, que era tanto excitante quanto tranquilizador. O tempo deixou de existir. Parou. Havia apenas aquele momento em que suas bocas se encontravam.

Ele tocou-lhe os cabelos, os dedos mergulhando na sedosa maciez. Então, espalhou-os por cima do travesseiro, formando um lago de fios dourados contra o linho branco irlandês.

Quando separou os lábios dos dela, foi para iniciar uma jornada lenta através do seu rosto, até sentir o tremor nervoso ser substituído por uma leve súplica. Mesmo quando seus temores foram vencidos pelas sensações suaves e deliciosas que ele lhe provocava, Boone manteve o ritmo lento, tão lento que apenas um beijo parecia durar uma eternidade.

Ela ouviu-o murmurar doces promessas, delicadas palavras de carinho. O murmúrio baixo de sua voz fez com que a mente de Ana flutuasse, e seus lábios se curvassem num sorriso enquanto encontrava os dele novamente.

Ela deveria saber que seria assim, com ele. Lindo, dolorosamente lindo. Boone a fazia sentir-se amada, protegida, segura. Quando ele puxou o robe de seus ombros, não teve mais medo, mas acolheu com prazer a sensação dos lábios dele em sua pele. Ansiosa, agora, puxou-lhe a camisa e ele hesitou apenas um instante antes de ajudá-la a tirá-la.

Ele deixou escapar um gemido, enquanto seu corpo estremecia. Deus, a sensação das mãos dela em suas costas... Lutou contra uma onda de avidez e manteve as mãos calmas enquanto tirava-lhe o robe.

A pele dela era como um creme. Insuportavelmente macia e perfumada com os óleos. Tão tentadora quanto um néctar, convidava-o a prová-la. Quando Boone fechou os lábios em torno dos seios dela, o som abafado que ela emitiu ecoou em seu cérebro como um trovão.

Delicadamente, ele usava a língua e os lábios para levá-la ao estágio seguinte do prazer, enquanto suas próprias paixões o atormentavam, exigindo que fosse mais rápido, mais rápido...

Ana sentia os olhos pesados, não conseguia abri-los. Como ele podia saber exatamente onde tocar, onde beijar, para fazer com que seu coração saltasse no peito. Mas ele sabia, e ela suspirou por entre os lábios enquanto Boone lhe mostrava mais e mais.

Sussurros e carícias delicadas. O perfume de lavanda e rosas tornando o ar mais denso. Os lençóis aquecendo-se, os corpos umedecendo de paixão. Um arco-íris de cores brincando por cima dos olhos semicerrados de Ana.

Ela flutuava ali, carregada pela magia que ambos produziam, sua respiração tornando-se mais rápida e ofegante à medida que ele a levava mais alto, mais

alto.

Então uma onda de calor invadiu-a. Explodiu dentro dela tão rapidamente, com tanta violência que ela gritou, agarrando-se a ele.

— Não. Não, Boone, eu... — Então, um relâmpago, um lampejo de prazer que deixou-a imóvel, aturdida e trêmula.

— Ana... — Boone teve de enterrar as mãos no colchão para impedir-se de penetrá-la naquele instante, a fim de levá-los a ambos para onde ele sabia que as recompensas seriam desesperadamente intensas. — Minha querida. — Beijou-a, saboreando sua respiração ofegante. — Meu anjo, não tenha medo.

— Não. — Excitada até o âmago de si, ela abraçou-o com força. Seu coração disparava, o corpo dele estava tenso contra o seu. — Não, mostre-me, mostre-me mais.

Então, Boone abriu-lhe o robe por inteiro, sentindo-se enlouquecer com a visão da nudez dela naquele lago de sol. Ela abrira os olhos, agora, fixando-os nos dele com firmeza. Sob a paixão que fora apenas despertada, Boone viu a confiança que ela lhe depositava.

Então, mostrou-lhe mais.

Os temores se dissolveram. Não havia lugar para eles quando Ana sentiu o corpo vibrando, invadido por sensações muito mais vívidas. Quando Boone a levou novamente para o clímax, ela deixou-se levar pela tempestade, entregando-se totalmente ao lampejo de calor, desesperada pelo seguinte.

Ele se continha, obtendo prazer no prazer que lhe proporcionava, surpreso pela maneira como ela correspondia a cada toque, a cada beijo. A inocência dela era sua, ele sabia. Com a respiração ofegante, o sangue pulsando em seu cérebro, penetrou-a, preparado para senti-la enrijecer e gritar. Sabendo que teria de parar se ela lhe pedisse, não importava o quanto seu próprio corpo ansiasse pelo final.

Mas Ana não enrijeceu, apenas soluçou o nome dele enquanto seus braços o enlaçavam. O breve instante de dor foi imediatamente aliviado pelo prazer muito maior, mais completo do que ela jamais imaginara ser possível.

"Dele", ela pensou. "Eu sou dele." E moveu-se sob Boone, levada pelo instinto mais antigo que o tempo.

Mais profundamente, ele a penetrava, preenchendo-a, carregando-a na direção do prazer final e máximo. Quando ela gritou, com o corpo estremecendo de prazer, Boone mergulhou o rosto em seus cabelos e permitiu-se segui-la.

Ele ficou olhando o balé das luzes na parede, ouvindo o coração dela acalmar-se. Ana estava deitada sob ele, imóvel, com os braços ainda enlaçando-o, as mãos acariciando-lhe os cabelos.

Boone nunca pensara que pudesse ser assim. Era tolice, pensou. Já tivera muitas mulheres, antes. Mais do que isso, havia amado antes, mais profundamente do que qualquer pessoa conseguiria. Ainda assim, aquela união havia sido mais do que qualquer coisa que já tivesse esperado ou experimentado.

Não tinha como explicar a ela, quando ele próprio estava longe de entender.

Depois de pressionar um beijo em seu ombro, levantou-se e fitou-a. Os olhos dela estavam fechados, o rosto afogueado e completamente relaxado. Boone perguntou-se se Ana teria alguma idéia de como tudo havia mudado, para os dois, naquela manhã.

— Você está bem?

Ana balançou a cabeça em negativa, alarmando-o. Preocupado, Boone apoiou-se nos braços a fim de remover o peso do seu corpo de cima dela. Ana entreabriu os olhos, apenas o bastante para que ele visse o azul esfumaçado por entre os cílios espessos.

— Eu não estou bem — ela disse, num tom baixo e enrouquecido. — Estou ótima. Você é maravilhoso. — Ela sorriu lindamente. — Isso foi maravilhoso.

— Você me deixou preocupado. — Boone afastou-lhe os cabelos do rosto. — Acho que nunca fiquei tão nervoso. — Os lábios dela já o aguardavam, quando ele inclinou-se para beijá-la. — Não está arrependida?

Ana arqueou a sobrancelha.

— Pareço arrependida?

— Não. — Sem pressa, ele observou o rosto dela, traçando-o com a ponta do dedo. — Você está parecendo um tantinho segura de si. — E isso provocou nele uma rápida onda de satisfação.

— Estou me sentindo assim. E preguiçosa, também. — Ela espreguiçou-se um pouco e Boone ajeitou-se ao seu lado, para deixá-la recostar a cabeça em seu ombro.

— Feliz aniversário.

Ela riu baixinho.

— Este foi o presente mais... exclusivo que alguém já me deu.

— A vantagem é que você poderá usá-lo muitas e muitas vezes.

— Melhor ainda. — Ana ergueu a cabeça para encará-lo, e seus olhos estavam sérios. — Você foi muito bom para mim, Boone. Muito bom.

— Não foi exatamente um ato de altruísmo. Eu queria fazer isso desde a primeira vez em que a vi.

— Eu sei. Isso me assustava e... me excitava, também. — Ela acariciou-lhe o peito e desejou, por um instante, que pudessem ficar ali para sempre, abraçados e aconchegados sob a luz do sol.

— Isso vai mudar tudo.

As mãos dela pararam, tensas.

— Somente se você quiser.

— Então eu quero. — Boone sentou-se, trazendo-a consigo de forma que ficaram frente a frente. — Eu quero que você faça parte da minha vida. Quero estar com você, tanto quanto for possível... e não apenas assim.

Ana sentiu o antigo e incômodo medo tentando vir à superfície. Rejeição. A

rejeição podia ser devastadora.

— Já faço parte da sua vida. E farei para sempre, de agora em diante.

Ele viu algo nos olhos dela, pressentiu na tensão que invadiu a atmosfera entre eles subitamente.

— Mas...

— Sem "mas" — ela apressou-se em dizer, e abraçou-o. — Nada, agora. Apenas isso, apenas nós dois. —Beijou-o, transmitindo tudo o que podia naquele beijo, sabendo que estava trapaceando a ambos por ocultar-lhe seu segredo. — Estarei aqui quando você me quiser, pelo tempo que você quiser. Eu prometo.

"Estou apressando-a novamente," Boone censurou-se enquanto a abraçava. Como poderia esperar que ela o amasse, só porque tinham acabado de fazer amor? Nem mesmo tinha certeza dos seus próprios sentimentos.

Tudo acontecera depressa demais e ele estava deixando-se levar pela emoção do momento. Lembrou a si mesmo, enquanto a mantinha nos braços, que tinha outras necessidades a considerar em sua vida.

Havia Jessie.

O que acontecesse entre ele e Ana iria afetar sua filha. Portanto, não poderia haver erros, nem atos impulsivos, nem tampouco um compromisso verdadeiro antes que ele estivesse absolutamente certo.

— Iremos devagar — disse, mas sentiu uma pontada de ressentimento quando Ana relaxou no mesmo instante. — Mas se algum outro sujeito aparecer na sua porta pedindo uma xícara de açúcar ou lhe trazendo presentes...

— Eu o expulso na hora! — Ana apertou-o com força. — Não há mais ninguém, além de você. — Beijou-o no pescoço. — Você me faz feliz.

— Posso fazê-la mais feliz ainda.

Ela riu, inclinando a cabeça.

— É mesmo?

— Não é o que está pensando. — Divertido, e também lisonjeado, Boone mordiscou-lhe o lábio. — Ainda não, pelo menos. Eu estava pensando em algo como preparar-lhe um belo almoço, enquanto você fica aqui descansando e esperando por mim. E, depois, faremos amor outra vez. E mais uma vez...

— Bem... — Era tentador, mas Ana lembrava-se muito bem da bagunça que ele fazia quando cozinhava. E sua cozinha continha muitas panelas e vasilhas que não podiam ser usadas incorretamente. — Por que não fazemos o contrário? Você fica me esperando e eu faço o almoço?

— É o seu aniversário.

— Exatamente. — Ela beijou-o, antes de escorregar para fora da cama. — É por isso que devo fazer tudo do jeito que quero. Não vou demorar.

Ele teria de ser muito estúpido para não aceitar um oferecimento desses, Boone decidiu enquanto recostava na cama, apoiando-se nos braços cruzados. Ouviu o barulho de água correndo no banheiro e acomodou-se, imaginando

como seria passar a tarde inteira na cama.

Ana amarrava o robe, enquanto descia as escadas. O amor, pensou, fazia coisas maravilhosas para o espírito. E era muito, muito melhor do que qualquer poção que ela pudesse fazer ou conjurar. Talvez com o tempo, talvez com muito mais desse amor, ela pudesse dar-lhe o que ainda faltava.

Boone não era Robert, pensou, sentindo-se envergonhada por tê-los comparado, nem que fosse por um instante. Mas o risco era tão grande, e o dia estava tão maravilhoso...

Cantarolando baixinho, ocupou-se na cozinha. Sanduíches, decidiu. Não seria um cardápio muito refinado, mas perfeito para comer na cama. Sanduíches e o vinho especial do seu pai. Começou a prepará-los, flutuando até a geladeira, cuja porta estava repleta dos desenhos de Jessie.

— Ainda nem está vestida — Morgana falou, entreabrindo a porta da cozinha. — Bem como eu suspeitava.

Segurando um peito de peru na mão, Ana virou-se. Não era apenas Morgana quem estava ali, mas Nash, Sebastian e Mel, também.

— Ah... — Ela sentiu-se ruborizar no mesmo instante, e deixou o peito de peru no balcão. — Não ouvi vocês chegando.

— Obviamente porque estava ocupada demais consigo mesma, com seu aniversário e tudo o mais —Sebastian comentou.

Eles entraram todos ao mesmo tempo, abraçando-a, beijando-a e empurrando-lhe caixas enfeitadas com laços. Nash já estava abrindo uma garrafa de champanhe.

— Procure as taças, Mel. Vamos começar a festa. — Piscou para a esposa, que desabara numa cadeira. —Para você, suco de maçã, amor.

— Estou gorda demais para discutir. — Morgana ajeitou o corpo na cadeira, ou pelo menos tentou. —Então, recebeu alguma coisa da Irlanda?

— Sim, um baú, hoje cedo. É lindo. As taças estão no outro armário — ela falou para Mel. — E cheio de presentes. Conversei com eles no telefone... — Um pouco antes de subir e fazer amor com Boone. Mais uma onda de rubor aqueceu-lhe as faces. — Eu, ahn, preciso... — Mel entregou-lhe uma taça cheia de champanhe até a borda.

— Beber a primeira taça — Sebastian completou a frase para ela. Inclinou a cabeça para o lado. — Anastásia, minha querida, você está simplesmente radiante. Parece que os vinte e sete anos combinam bem com você.

— Fique longe da minha mente — ela resmungou, e bebeu um gole a fim de ter tempo de pensar em como iria explicar. — Nem sei como lhes agradecer por terem vindo até aqui. Mas, se me derem licença por um minuto...

— Não precisa ir vestir-se por nossa causa. — Nash encheu o restante das taças. — Sebastian tem razão. Você está fantástica.

— Sim, mas realmente preciso...

— Ana, eu tive uma idéia melhor. — O som da voz de Boone, vindo da escada, fez com que todos ficassem em silêncio. — Por que nós não... — Sem camisa, descalço e com os cabelos desgrenhados, ele entrou na cozinha e parou abruptamente.

— Epa!— Mel falou, e baixou os olhos para o copo, sorrindo.

— Suscintamente colocado. — Sebastian observou Boone por entre os olhos apertados. — Fazendo uma visitinha a sua vizinha, é?

— Fique quieto, Sebastian — Morgana falou, enquanto pousava as mãos na barriga e sorria. — Parece que viemos interromper.

— Pois acho que teríamos interrompido se chegássemos mais cedo — Nash murmurou no ouvido de Mel, fazendo-a engolir um risinho.

Ana enviou-lhe um olhar fulminante, antes de voltar-se para Boone.

— Meus parentes vieram me preparar uma festinha, e parecem estar achando graça na idéia de que eu possa ter uma vida particular que... — olhou por sobre o ombro, significativamente — não interessa a nenhum deles.

— Ela sempre fica rabugenta quando é obrigada a sair da cama — Sebastian falou, resignando-se com a presença de Boone. —Mel, acho que vamos precisar de mais uma taça.

— Já peguei. — Sorrindo, ela adiantou-se e entregou a taça de champanhe a Boone. — Temos de ser mais rápidos do que eles — acrescentou num cochicho, e ele assentiu.

— Bem. — Boone bebeu um gole e suspirou. Era evidente que os planos para o resto do dia teriam de ser alterados. — Alguém trouxe o bolo?

Com uma risada deliciosa, Morgana *fez* um gesto para a enorme caixa de confeitaria.

— Pegue uma faca, Nash, para que Ana possa cortar a primeira fatia. Mas acho que podemos dispensar as velas. Parece que o desejo dela já *foi* realizado.

CAPÍTULO 8

Já estava acostumada demais com o jeito da sua família para sentir-se irritada ou envergonhada por muito tempo. E estava simplesmente feliz demais com Boone para ficar de mau-humor. Conforme os dias passavam eles progrediam, lenta e cuidadosamente, na construção de um relacionamento.

Porém, embora ela passasse a confiar o seu coração e seu corpo a ele, ainda não conseguira confiar-lhe os seus segredos.

Quanto a Boone, apesar de saber que seus sentimentos por ela tinham amadurecido ao ponto de um amor que jamais esperava sentir novamente, estava tão incerto quanto ela de dar o passo final que uniria suas vidas.

No centro disso, havia uma criança que nenhum deles teria coragem de magoar, colocando as suas próprias necessidades em primeiro plano.

Se ambos roubavam algumas horas nas tardes ensolaradas, ou nas manhãs chuvosas, cabia apenas a eles. À noite, Ana deitava-se sozinha e perguntava-se quanto tempo duraria aquele interlúdio mágico.

Com a aproximação do Halloween, ela e Boone ocupavam-se com seus próprios preparativos. De vez em quando Ana sentia seus nervos à flor da pele diante da idéia de seu amante conhecer sua família no feriado.

Então, ria de si mesma por agir como uma adolescente prestes a apresentar o primeiro namorado aos pais.

Na tarde do dia trinta e um, ela já estava na casa de Morgana, ajudando a prima muito grávida com os preparativos do banquete de Halloween.

— Eu poderia ter pedido a Nash para fazer isso. — Morgana pressionou a mão na dor que lhe atingia as costas, e sentou-se para preparar a massa de pão na mesa da cozinha.

— Você pode pedir a Nash que faça qualquer coisa. — Ana cortava a carne de cordeiro em cubinhos, para o tradicional ensopado irlandês. — Mas ele está divertindo-se tanto em instalar aqueles efeitos especiais.

— Exatamente como um leigo que pensa ser capaz de superar os profissionais. — Morgana fez uma careta de dor e gemeu, chamando imediatamente a atenção de Ana.

— Querida?

— Não, ainda não está na hora, embora eu desejasse que sim. É que estou sempre tão desconfortável, o tempo todo, ultimamente. — Ouvindo o som da própria voz, ela fez uma outra careta. — E detesto ficar me queixando.

— Você pode se queixar quanto quiser. Estamos só nós duas aqui. — Sempre preparada, Ana serviu um líquido numa xícara. — Beba um pouco disto.

— Já estou me sentindo como se pudesse flutuar na água... como uma imensa caravela. Meu Deus, estou enorme. — Mas bebeu, mexendo no cristal que tinha

no pescoço.

— E você tem dois marinheiros nesta caravela.

Aquele comentário fez com que Morgana risse.

— Vamos conversar sobre outra coisa — ela pediu, voltando para a massa do pão. Qualquer coisa que não me deixe pensar o quanto estou gorda e rabugenta.

— Você não está gorda, e está só um pouquinho rabugenta. — Mas Ana tentou mudar de assunto. — Você sabia que Sebastian e Mel estão trabalhando juntos em outro caso?

— Não, não sabia. — O interesse de Morgana aguçou-se. — E fico surpresa com isso. Mel é bastante convicta nesta questão de trabalhar sozinha em suas investigações.

— Bem, desta vez ela entregou os pontos. Trata-se de uma criança que fugiu de casa, de apenas doze anos. Os pais estão desesperados. Quando conversei com ela, ontem à noite, Mel disse que tinha uma pista e por isso não poderia vir nos ajudar.

— Quando Mel está na cozinha, mais atrapalha do que ajuda. — Apesar do comentário, havia afeição pela nova prima em cada palavra. — Ela é maravilhosa para Sebastian, não acha?

—É, sim. — Sorrindo, Ana levou ao fogo o cordeiro com batatas e cebolas. — Teimosa, cabeça-dura e com um coração enorme. Exatamente o que Sebastian precisa.

— E você, encontrou o que precisa?

Sem dizer nada a princípio, Ana acrescentou as ervas na panela. Sabia que Morgana daria um jeito de descobrir tudo antes que aquele dia terminasse.

— Estou muito feliz — respondeu.

— Eu gosto dele. Tive uma boa impressão sobre ele, desde o começo.

— Fico contente com isso.

— E Sebastian também se sente assim... embora ainda tenha algumas reservas. — Morgana franziu a testa, mas manteve o tom de voz alegre. — Principalmente depois que deu uma espiada na mente de Boone.

Ana estreitou os lábios enquanto acertava a temperatura do fogão.

— Eu ainda não o perdoei por isso.

— Bem. — Morgana encolheu os ombros e deixou a massa do pão numa tigela, para crescer. — Boone não tinha como saber, e isto serviu para deixar Sebastian um pouco mais tranquilo. Ele não ficou exatamente encantado ao chegar na sua casa no dia do seu aniversário e descobrir que você estivera na cama com um homem.

— Sem dúvida isso não é problema dele.

— Sebastian ama você. — Morgana pressionou de leve o braço da prima, enquanto passava pelo fogão. — E ele sempre vai preocupar-se mais com você, porque é a mais nova... e também porque o seu dom a deixa muito vulnerável.

— Não sou uma pessoa indefesa, Morgana, e confio no meu bom senso.

— Eu sei. Querida, eu... — Morgana sentiu lágrimas nos olhos e afastou-as com um gesto impaciente. — Foi a sua primeira vez. Eu não queria intrometer-me, mas... Meu Deus, nunca fui assim tão sentimental!

— Foi, sim, só que conseguia disfarçar melhor. — Deixando a panela por um momento, Ana atravessou a cozinha para abraçar a prima. — Foi lindo, e ele foi muito delicado. Eu sempre soube que existia um motivo para esperar, e o motivo era ele. — Afastou-se, sorrindo. — Boone deu-me muito mais do que eu poderia imaginar.

Com um suspiro, Morgana tocou o rosto de Ana.

— Você está apaixonada.

—Estou, sim. Eu o amo, muito.

— E ele?

Ana desviou os olhos.

— Não sei.

— Ana...

— Não vou conectar-me com ele desta maneira. — Ana fitou a prima, e falou com voz firme. — Seria desonesto fazer isso, quando não contei a ele o que sou, e nem tive coragem de confessar o que sinto. Sei que ele gosta de mim, e não precisaria de nenhum dom para saber disso. E é o que basta. Quando houver mais, se houver mais, ele me dirá.

— Sempre fico surpresa ao ver o quanto você é teimosa, Ana.

— Sou uma Donovan .— Ana retrucou. — E isso é importante.

— Concordo. Você devia contar tudo a ele. — Morgana segurou-a pelo braço, antes que Ana se afastasse. —Ah, eu sei. Detesto quando as pessoas vêm me dar conselhos que não quero ouvir. Mas você precisa esquecer o passado e encarar o futuro.

— Estou encarando o futuro. Gostaria que Boone fizesse parte dele. Mas preciso de mais tempo. — Ana sentiu a voz falhar e pressionou os lábios, até que conseguisse controlar-se. — Morgana, eu o conheço. Ele é um bom homem. Tem compaixão, imaginação e tanta generosidade que nem ele mesmo se dá conta. E também tem uma filha.

Dessa vez, quando Ana se virou, Morgana foi obrigada a apoiar-se na mesa.

— É disso que você tem medo? De ter de cuidar da filha de outra pessoa?

— Ah, não, eu amo Jessie. E como não poderia? Mesmo antes de começar a amar Boone, eu já amava aquela criança. E ela é o centro do mundo dele, bem como deveria ser. Não há nada, absolutamente nada que eu não fizesse por eles.

— Então, explique.

Ignorando a pergunta, Ana enxaguou os ovos cozidos que iria descascar.

— Você tem endro fresco? Sabe como tio Douglas gosta dos ovos temperados com endro.

Deixando o ar escapar por entre os dentes, Morgana bateu com força o pote de tempero na pia.

— Anastásia, explique.

Com as emoções em ebulição, Ana tirou a tampa do pote.

— Ah, você nem imagina o quanto teve sorte com Nash. Por ter encontrado alguém que a ama do jeito que você é, sem importar-se com nada.

— É claro que sei que tenho sorte — Morgana falou, num tom suave. — Mas o que Nash tem a ver com isso?

— Quantos homens seriam capazes de nos aceitar tão completamente? Quantos homens se casariam com uma feiticeira, ou teriam filhos com ela?

— Em nome de Finn, Anastásia. — A impaciência na voz de Morgana foi um tanto abafada pelo fato de que foi forçada a sentar novamente. — Você fala como se fossemos umas velhas bruxas voando em cabos de vassoura, e rindo enquanto secamos o leite dos seios das mães.

Ana não sorriu.

— Não é isso que pensa a maioria das pessoas? Robert...

— Robert que vá para o inferno.

— Tudo bem, vamos esquecer Robert — Ana concordou, com um aceno de mão. — Mas quantas vezes, através dos séculos, não fomos perseguidas, caçadas, temidas e desprezadas, simplesmente por sermos o que fomos predestinadas a ser? Não me envergonho da minha herança. Não lamento pelo meu dom, nem pelo meu legado. Mas não poderia suportar a idéia de contar a ele e ser encarada como se... — Deu um risinho forçado. — Como se eu tivesse um caldeirão fumegante no porão, cheio de pernas de sapos e presas de lobo.

— Se ele a ama...

— Se — Ana repetiu. — Veremos. Agora, acho que você devia ir se deitar por uma hora.

— Você só está querendo mudar de assunto — Morgana começou, então ergueu os olhos quando Nash irrompeu na cozinha. Havia teias de aranha nos cabelos dele, de mentira, felizmente, e um brilho de triunfo no olhar.

— Vocês precisam ver isso. É incrível. Eu sou mesmo um gênio, nem acredito! — Pegou um talo de salsão de cima da pia e mastigou-o. — Venham, não fiquem paradas aí!

— Amadores — Morgana suspirou, e levantou-se com dificuldade.

As duas estavam admirando os fantasmas produzidos por holografia, no vestíbulo, quando Ana ouviu um carro chegar.

— Eles estão aqui! — Enchendo-se de alegria com a perspectiva de rever a família, ela deu um passo largo na direção da porta. Então, parou abruptamente, atingida por uma súbita dor. Já estava se virando quando viu Morgana vergando-se na direção de Nash.

No mesmo instante ele ficou tão pálido quanto seus fantasmas.

— Benzinho? Você já está... Ah, meu Deus!

— Está tudo bem. — Morgana respirou fundo, enquanto Ana a segurava pelo outro braço. — Foi só uma contração, de verdade. — Apoiando-se em Nash, ela sorriu para Ana. — Acho que não poderia haver um dia mais apropriado para os gêmeos nascerem do que o Halloween.

— Não há absolutamente nada com que se preocupar — Douglas Donovan estava dizendo a Nash.

Como o seu filho, era um homem alto e seus cabelos negros tinham apenas alguns fios prateados.

Escolhera um smoking para a ocasião e completara o traje com um par de tênis cor de laranja fosforescente, achando muita graça ao vê-los brilhar no escuro.

— Um parto é a coisa mais natural do mundo. E esta é uma noite perfeita, também.

— Certo. — Nash engoliu em seco. Sua casa estava cheia de gente... de feiticeiros, para ser mais exato... e sua esposa estava sentada no sofá, parecendo não dar a mínima para o fato de estar em trabalho de parto havia quase três horas. — Talvez seja um alarme falso.

Camilla flutuou pela sala num vestido de baile todo bordado e deu um tapinha no ombro de Nash com um leque de plumas.

— Deixe tudo nas mãos de Ana, querido. Ela vai cuidar de Morgana. Ora, quando Sebastian nasceu fiquei treze horas em trabalho de parto. Nós demos muitas risadas com isso, não foi, Douglas?

— Sim, depois que você parou de me atirar maldições, querida.

— Bem, é claro. — Ela foi para a cozinha a fim de verificar o ensopado. Ana nunca usava tomilho suficiente.

— Ela teria me transformado num porco-espinho, se não estivesse tão ocupada com outras coisas —Douglas confidenciou a Nash.

— Isso me faz sentir bem melhor — Nash murmurou.

Satisfeito por ter ajudado, Douglas deu uma sonora palmada em suas costas.

— É para isto que estamos aqui, Dash.

— Nash.

Douglas sorriu, benigno.

— Sim, de fato.

— Mamãe. — Morgana deu um aperto na mão de sua mãe. — Vá salvar o pobre Nash das garras do tio Douglas. Parece que ele está prestes a desmaiar.

Bryna deixou o bloco de desenhos de lado.

— Acha que devo pedir ao seu pai que o leve para dar um passeio?

— Ótima idéia. — Morgana suspirou com gratidão enquanto Ana continuava a massagear-lhe os ombros. —Ainda não há nada que ele possa fazer.

Padrick, o pai de Ana, sentou-se no instante em que Bryna deixou a cadeira vaga.

— Como vai indo a minha menina?

— Estou bem, de verdade. As contrações ainda estão brandas, mas tenho certeza de que não vai demorar muito para as coisas ficarem mais sérias. — Morgana inclinou-se para beijar a bochecha gorducha do tio. —Estou muito contente por vocês estarem aqui.

— Não poderíamos estar em nenhum outro lugar. — Pousou a mão na barriga da sobrinha a fim de aliviar o desconforto, e enviou um sorriso de duende para Ana. — E a minha queridinha? Está linda como uma pintura. Puxou o seu pai, não é?

— É claro que sim. — Ana sentiu a contração seguinte começar e manteve as mãos firmes nos ombros de Morgana. — Agora respire fundo, relaxando.

— Não quer dar a ela um pouco de actéia azul? — Padrick perguntou à filha.

Ana pensou um pouco e balançou a cabeça.

— Ainda não. Ela está indo bem. Mas você podia pegar a minha algibeira. Vou precisar de alguns cristais.

— Está feito. — Ele levantou-se e abriu a mão. Na sua palma havia um ramo de urzes floridas. — Ora, de onde isso surgiu? —falou, do mesmo jeito que fazia quando a mulher que agora estava em trabalho de parto era ainda uma criança. — Cuide disto para mim. Tenho um trabalho a fazer.

Morgana roçou o ramo de urzes no rosto.

— Ele é o homem mais querido do mundo.

— E vai estragar estes dois, se você deixar. Papai tem um fraco por crianças. — Com a conexão empática, sabia que Morgana estava mais desconfortável do que demonstrava. — Teremos de ir para o quarto daqui há pouco, Morgana.

— Ainda não. — Morgana segurou a mão da prima por sobre o ombro. — É tão bom ficar aqui, junto com todos. Onde está tia Maureen?

— Mamãe está na cozinha, provavelmente discutindo com tia Camilla por causa do ensopado.

Com um gemido, Morgana fechou os olhos.

— Ah, meu Deus, eu seria capaz de comer uma panela inteira, sozinha.

— Depois — Ana prometeu. Ergueu os olhos, quando o barulho de correntes arrastando-se e gemidos sofredores encheu a sala. — Alguém tocou a campainha.

— Pobre Nash. Não pôde relaxar o bastante para apreciar a própria obra de arte. É Sebastian?

Ana esticou o pescoço.

—É, sim. Ele e Mel estão criticando os fantasmas holográficos. Epa, lá se foram a máquina de fumaça e os morcegos.

Sebastian entrou na sala balançando a cabeça.

— Amadores...

— E Lydia ficou com tanto medo que começou a gritar sem parar — Jessie falou, relatando os arrepios de medo provocados pela casa mal-assombrada da escola primária. — Então, Frankie comeu tantos doces que vomitou.

— Parece que foi um dia daqueles. — A fim de evitar a mesma eventualidade, Boone já escondera metade dos doces que Jessie recolhera em seu saquinho de guloseimas.

— Achei a minha fantasia a mais bonita de todas.

Quando saíram do carro, em frente à casa de Morgana, Jessie fez um giro de forma que a saia cor-de-rosa e cintilante flutuasse em torno dela. Satisfeito com o que via, Boone abaixou-se para ajustar as asas de papel alumínio. Ele levara dois dias para conseguir alinhavar, costurar e pregar a fantasia de fada. Mas valera a pena.

Jessie bateu no ombro do pai com uma varinha feita de papelão.

— Agora você é um belo príncipe.

— E o que eu era antes?

— Um sapo muito feio. — Jessie começou a rir, quando Boone beliscou-lhe o nariz. — Acha que Ana vai ficar surpresa? Será que ela vai me reconhecer?

— De jeito nenhum. Nem sei se eu mesmo a reconheço.

Eles tinham decidido dispensar a máscara e Boone pintara as faces dela com um *blush,* passara-lhe um batom nos lábios e uma sombra dourada nas pálpebras.

— Nós vamos conhecer toda a família dela — Jessie lembrou ao pai, como se ele precisasse ser lembrado.

Boone ficara a semana inteira nervoso com aquele evento. — E eu vou ver a gata e o cachorro de Morgana novamente.

— Certo. — Boone tentava não se preocupar demais com o cachorro. Pan realmente parecia um lobo, mas fora delicado e amigável com Jessie, na última vez em que visitaram Morgana.

— Esta vai ser a melhor festa de Halloween do mundo!

Erguendo-se na ponta dos pés, Jessie apertou a campainha. Ficou imediatamente boquiaberta quando sons de gemidos e correntes arrastadas encheram o ar.

Um homem moreno, com cabelos escasseando e os olhos muito alegres abriu a porta. Bastou dar uma olhada em Jessie e falou, num tom maléfico:

— Bem-vindos ao castelo assombrado. Entrem, se estiverem dispostos a se arriscar.

Jessie arregalou os olhos azuis.

— É mesmo assombrado?

— Entre... se tiver coragem. — Ele abaixou-se até que seus olhos se nivelassem aos dela, depois tirou um coelhinho de pelúcia da manga do paletó.

— Ooh! — Encantada, Jessie encostou o bichinho no rosto. — Você é um mágico?

— Certamente. Todos são mágicos, não são?

— Hu-hum. Eu sou uma fada.

— Já é bom o bastante. E este é o seu acompanhante nesta noite? — ele perguntou, olhando para Boone.

— Não. — A menina riu, divertida. — Este é o meu pai. Na verdade, eu sou Jessie.

— E, na verdade, eu sou Padrick.

Padrick endireitou o corpo e, embora seus olhos continuassem alegres, Boone teve certeza de que estavam analisando-o. — E você é...

— Sawyer. — Ele ofereceu a mão. — Boone Sawyer. Somos vizinhos de Anastásia.

—Vizinhos, você diz? Bem, duvido que seja apenas isso. Mas, entre, vamos entrar. — Padrick trocou a mão de Boone pela de Jessie. — Veja o que temos aqui para você.

— Fantasmas! — Jessie deu um pulo de excitação. —Olhe, papai, são fantasmas!

— Nada mal, para um amador — Padrick comentou, num tom bondoso. — Ah, a propósito, Ana acabou de subir, com Nash e Morgana. Nós teremos os gêmeos ainda esta noite. Maureen, minha flor, venha conhecer os vizinhos de Ana. — Virou-se para Boone quando uma mulher alta e vigorosa, usando um turbante vermelho, apareceu no corredor. — Imagino que gostaria de uma bebida, meu rapaz — disse para Boone.

— Sim, senhor. — Boone inspirou profundamente. — Acho que estou precisando.

Hesitante e incerta, Mel bateu na porta do quarto de Morgana, depois espiou pela fresta. Não tinha certeza se iria encontrar a atmosfera clínica, e, em sua mente, assustadora, de uma sala de parto, ou o brilho místico de um círculo mágico. E poderia passar muito bem sem nenhum dos dois.

Mas, em vez disso, viu Morgana recostada numa cama grande e de aparência confortável, cercada de flores e velas acesas. O som da música de harpa e flautas flutuava pelo cômodo. Morgana parecia um tanto afogueada, Nash um tanto pálido, mas a normalidade básica do ambiente deixou-a mais sossegada para atravessar a soleira da porta, quando Ana lhe fez um gesto para entrar.

— Pode entrar, Mel. Você já deve ser uma especialista nisso, agora. Afinal, ajudou no parto de Psique, poucos meses atrás.

— Eu me sinto como uma égua — Morgana murmurou, — mas isso não significa que aprecie a comparação.

— Não quero interromper, nem atrapalhar ou... Uau! — sussurrou, quando

Morgana ergueu a cabeça e começou a bufar como uma locomotiva a vapor.

— Tudo bem, tudo bem... — Nash segurou-lhe a mão e ficou olhando num cronômetro. — Aí vem outra. Nós estamos indo bem, tudo bem.

— Sim, *nós* —Morgana falou, por entre os dentes cerrados. — Queria ver você...

— Respire. — A voz de Ana era gentil, quando posicionou os cristais sobre a barriga de Morgana. Estes oscilaram no ar, emitindo uma luz sobrenatural com a qual Mel tentou não se perturbar. Afinal, estava casada com um feiticeiro havia dois meses.

— Está tudo bem, meu amor. — Nash pressionou os lábios na mão da esposa, desejando desesperadamente que a dor passasse. — Já está quase acabando.

— Não vá embora. — Morgana apertou-lhe a mão com força, quando a contração começou a diminuir. —Não vá embora.

— Não vou a lugar algum. Você é maravilhosa. — Seguindo as instruções de Ana, ele refrescou-lhe o rosto com um pano úmido. — Amo você, minha querida.

— É bom, mesmo. — Morgana conseguiu esboçar um sorriso e exalou um suspiro alto e reparador. Sabendo que ainda teria muito o que enfrentar, fechou os olhos. — Como estou me saindo, Ana?

— Muito bem. Mais umas duas horas.

— Duas... — Nash mordeu o lábio e fixou um sorriso forçado no rosto. — Que maravilha.

Mel limpou a garganta, e Ana virou-se para ela.

— Desculpe. Ficamos um pouco distraídos, aqui.

— Sem problema. Só achei que você gostaria de saber que Boone está aqui, com Jessie.

— Ah... — Ana enxugou a testa com a manga da blusa. — Eu havia me esquecido. Vou descer num instante. Você poderia pedir para tia Bryna subir?

— É claro. Ei, Morgana, estamos todos com você. — O sorriso de Morgana foi breve e cansado.

— Ótimo. Será que alguém quer trocar de lugar comigo?

— Não, obrigada, desta vez eu passo. — Mel já se afastava na direção da porta. — É melhor não ficar por aqui, atrapalhando.

— Não vai demorar muito, não é? — Lutando contra o pânico, Nash acariciava a mão da esposa e enviou à Ana um olhar de súplica.

— Só uns minutinhos. Tia Bryna ficará aqui, ela é muito habilidosa. Além disso, vamos precisar de um conhaque.

— Conhaque? Mas ela não pode beber!

— É para você — Ana falou com gentileza, enquanto saía.

A primeira coisa que Ana reparou, quando entrou na sala, foi que Jessie estava sendo muito bem recebida. A mãe de Ana ria com gosto, enquanto Jessie lhe

contava as agruras dos seus coleguinhas na festa de Halloween. E, vendo que a menina já segurava dois bichinhos de pelúcia, Ana deduziu que seu pai já lhe mostrara alguns de seus truques.

Mas esperava que tivesse sido discreto.

— Como estão as coisas lá em cima? — Bryna perguntou baixinho, quando encontraram-se na porta.

— Perfeitas. Você será avó antes da meia-noite.

— Abençoada seja, Anastásia. — Bryna beijou-lhe o rosto. — E gostei muito do seu namorado.

— Ele não é... — Mas Bryna já subia as escadas apressadamente.

E ali estava Boone, parado junto à lareira, onde o fogo crepitava alegremente, bebendo o que devia ser uma das misturas do seu pai, e ouvindo com uma expressão de divertida fascinação a uma das histórias do tio Douglas.

— Então, naturalmente, acolhemos a pobre alma por aquela noite. A tempestade estava terrível. E o que ele fez, senão sair correndo na manhã seguinte, gritando sobre fantasmas, espíritos malignos e coisas assim. Maluco — Douglas falou com tristeza, batendo o dedo na própria cabeça, onde agora havia um chapéu de seda cor de laranja. — Uma história muito triste e lamentável.

— Talvez tivesse algo a ver com o fato de você ter andado pela casa usando aquela armadura — Matthew Donovan comentou, aquecendo o conhaque entre as mãos.

— Não, não... Uma armadura não tem nada a ver com um espírito maligno. Imagino que tenham sido os guinchos do gato de Maureen que o assustaram.

— Meus gatos não guincham — ela retrucou, ofendida. — Eles são muito bem-educados.

— Eu tenho um cachorro — Jessie intrometeu-se. — Mas gosto de gatos, também.

— É mesmo? — Sempre disposto a agradar, Padrick retirou um gatinho de pelúcia listrado de trás das asas da fada. — E deste, você gosta?

— Ah! — Jessie afundou o rosto na pelúcia, depois deixou Padrick deliciado ao subir em seu colo e beijar-lhe a bochecha rosada.

— Papai... — Ana inclinou-se no sofá e pressionou os lábios na cabeça quase careca. — Você não muda nunca.

— Ana! — Jessie pulou do colo de Padrick e tentou segurar todos os seus brinquedos de uma só vez. — O seu pai é a pessoa mais engraçada do mundo!

— Eu também gosto dele. — Ana inclinou a cabeça para o lado. — Mas, quem é você?

— Eu sou Jessie. — Rindo, a menina fez um giro no meio da sala.

— Não acredito...

— É verdade! Papai me fez esta fantasia de fada para o Halloween.

— Bem, você é parecida com Jessie. — Ana abaixou-se. — Dê-me um beijo, e então terei certeza.

Jessie tocou os lábios pintados no rosto de Ana, ruborizando de prazer pelo sucesso da sua fantasia.

— Você não me reconheceu? Mesmo?

— Você me enganou completamente. Eu tinha certeza de que era uma fada de verdade.

— Seu pai me disse que você é a princesa das fadas porque a sua mãe é a rainha.

Maureen deu mais uma risada vigorosa e piscou para o marido.

— Meu sapinho...

— Sinto muito não poder ficar aqui e conversar mais com você — Ana falou para Jessie.

— Eu sei. Você está ajudando os bebês de Morgana a nascerem. Eles vão sair da barriga dela um de cada vez?

—Um de cada vez, espero. — Ela riu, mexendo nos cabelos da menina, e olhou para Boone. — Você sabe que pode ficar pelo tempo que quiser. Há bastante comida.

— Não se preocupe conosco. Como está Morgana?

— Muito bem. Na verdade, desci para pegar um pouco de conhaque para Nash. Ele está com os nervos à flor da pele.

Assentindo a cabeça com compreensão, Matthew pegou a garrafa de conhaque e uma taça.

— Ele tem toda a minha solidariedade — disse. Quando entregou-os para Ana, ela sentiu o choque do poder dele e soube que, embora parecesse calmo, sua mente e seu coração estavam lá em cima, com a filha.

—Não se preocupe, tio Matthew. Estou cuidando bem dela.

— Morgana não poderia estar em melhores mãos. Você é a melhor que já conheci, Anastásia. — Os olhos de Matthew fixaram-se nos dela, enquanto passava o dedo pela pedra hematita que ela trazia no pescoço. — E já conheci muitas. — Sorriu levemente. — Boone, talvez você queira acompanhar Anastásia até o quarto.

— Com todo prazer. — Boone pegou a garrafa de conhaque da mão dela, antes de segui-la para fora da sala. — A sua família... — Ele balançou a cabeça quando chegaram ao pé da escada, sem perceber que ela enrijecia.

— O que tem?

— Eles são incríveis. Absolutamente incríveis. E não é todo dia que me vejo atirado no centro de um grupo de pessoas desconhecidas, com uma mulher prestes a dar a luz a gêmeos no andar de cima, um lobo... porque juro que *aquilo* não é um cachorro... mastigando o que parece ser um osso de mastodonte embaixo da mesa da cozinha, e com morcegos mecânicos voando pelo teto. Ah,

esqueci de mencionar os fantasmas no vestíbulo.

— Bem, é Halloween.

— Não creio que tenha muito a ver com isso. — Boone parou no alto da escada. — Não me lembro de qualquer outra ocasião em que me diverti tanto. Eles são fantásticos, Ana. Seu pai faz todos aqueles truques de mágica... uns truques incríveis. E juro que não consigo descobrir como ele os realiza.

— E nem vai conseguir. Papai é muito... ahn... muito habilidoso.

— Ele poderia ganhar dinheiro com isso. Sinceramente, Ana, eu não perderia esta festa por nada no mundo. — Boone passou a mão livre em torno do pescoço dela. — Só está faltando você.

— Fiquei preocupada com a idéia de que você pudesse se sentir deslocado.

— Não. Embora isso tenha estragado meus planos de levá-la para um cantinho escuro e fazê-la tremer de medo com uma história de terror, para que você me agarrasse em busca de proteção.

— Não me assusto facilmente. — Sorrindo, ela abraçou-o. — Cresci ouvindo histórias de terror.

— E com seus tios andando pela casa vestidos em armaduras — ele murmurou, roçando os lábios nos dela.

— Ah, isso era o mínimo. — Ana colou-se a ele, mudando o ângulo do beijo. — Nós costumávamos brincar nos calabouços do castelo. E eu passei uma noite inteira numa torre assombrada, para enfrentar o desafio de Sebastian.

— Você é muito corajosa.

— Não, sou teimosa. E estúpida. Nunca me senti tão desconfortável, em toda minha vida. — Ela flutuava ao encontro do beijo, perdendo a noção de si mesma. — Pelo menos Morgana evocou um travesseiro e um cobertor.

— Evocou? — Boone repetiu, achando graça no termo que ela usara.

— Levou-me — Ana apressou-se em corrigir, e entregou-se ao abraço, para que ele não pensasse em mais nada, exceto nela.

Quando a porta se abriu atrás deles, ambos viraram-se como se fossem crianças apanhadas em flagrante.

Bryna arqueou a sobrancelha, entendeu a situação e sorriu.

— Desculpe interromper, mas acho que Boone é exatamente quem estamos precisando, no momento.

Ele segurou a garrafa de conhaque com mais força.

— Aí dentro?

Ela riu.

— Não. Fique aqui mesmo e tome conta de Nash por alguns minutos. Ele está precisando conversar com um homem.

— Só um minuto — Ana alertou. — Morgana precisa dele ao seu lado.

Antes que Boone pudesse concordar ou discordar, ela entrou no quarto. Resignado, ele encheu a taça de conhaque, tomou um bom gole e tornou a

encher quando Nash saiu pela porta.

— Tome um gole — disse, empurrando-lhe a taça.

— Não imaginei que fosse demorar tanto tempo. — Depois de respirar fundo, Nash bebeu o conhaque. —Ou que ela fosse sofrer tanto. Se conseguirmos superar tudo isso, juro que nunca mais vou tocá-la.

—É, certo.

— Estou falando sério. — Apesar de saber que era um lugar-comum para um pai em expectativa, ficou andando de um lado para outro no corredor.

—Nash, não tenho intenção de intrometer-me, mas você não se sentiria melhor, mais seguro, se Morgana estivesse num hospital, com o acompanhamento de um médico e todos os equipamentos necessários à mão?

— Num hospital? Não. — Nash esfregou as mãos no rosto. — Morgana nasceu naquela mesma cama. Ela não teria os gêmeos em nenhum outro lugar. E creio que eu também não iria querer.

— Bem, um médico, então.

— Ana é a melhor. — Lembrando-se disso, ele relaxou um pouco. — Acredite, Morgana não poderia estar em mãos melhores.

— Sei que as parteiras são excelentes, e que fazem um parto mais natural. — Boone encolheu os ombros. Se Nash estava satisfeito com aquela situação, não seria ele quem se preocuparia. — Imagino que ela já tenha feito isso antes.

— Não, é a primeira vez de Morgana.

— Estava me referindo a Ana — Boone falou, com um risinho.

— Ah, sim, é claro. Ana sabe muito bem o que está fazendo. Não é isso. Na verdade, acho que eu ficaria maluco se Ana não estivesse aqui. Mas... — Nash bebeu outro gole, andou um pouco mais. — Isto é, está demorando demais. Não sei como Morgana está conseguindo suportar. Não sei como qualquer mulher consegue aguentar isso. A mim me parece que ela poderia fazer alguma coisa a respeito. Diabos, ela é uma bruxa!

Disfarçando bravamente mais um risinho, Boone deu uma palmadinha encorajadora nas costas do amigo.

— Nash, não é o momento de dizer estas coisas. As mulheres realmente ficam zangadas quando estão em trabalho de parto. É um direito delas.

— Não, estou dizendo que... — Nash calou-se, percebendo que começava a passar dos limites. — Preciso me controlar.

— De fato.

— Sei que tudo vai correr bem. Ana não permitiria que nada acontecesse. Mas é tão difícil vê-la sofrer.

— Quando a gente ama, é a coisa mais difícil do mundo. Mas você vai superar. E, neste caso, estará recebendo algo fantástico.

— Nunca pensei que pudesse me sentir deste jeito por uma pessoa. Ela é tudo em minha vida.

— Sei como se sente.

Sentindo-se melhor, Nash devolveu o copo para Boone.

— É como você se sente com Ana? — perguntou.

— Talvez seja. Sei que ela é especial.

— Ah, ela é, sim. — Nash hesitou e, quando falou novamente, escolheu as palavras com cuidado. A lealdade, dividida entre os dois amigos, era a mais pesada das cargas. — Você será capaz de compreendê-la, Boone, graças à sua imaginação, à sua maneira de enxergar o que existe além do que é considerado realidade. Ana é uma pessoa muito especial, com qualidades que a tornam diferente de qualquer uma que você já tenha conhecido. Se você a ama, e se quiser que ela faça parte da sua vida e da de Jessie, não permita que tais qualidades o impeçam de ser feliz.

Boone franziu a testa.

— Não sei se estou entendendo.

— Apenas lembre-se do que eu disse. E obrigado pela bebida.

Nash respirou fundo e voltou para o lado da esposa.

CAPÍTULO 9

— Respire. Vamos lá, meu amor, respire!

— Estou respirando — Morgana resmungou as palavras entre duas respirações ofegantes, e mal conseguiu enviar um olhar fulminante para Nash. — O que diabos você acha que estou fazendo, se não respirando?

Nash concluiu que já passara do seus próprios limites. Morgana já o xingara com todos os nomes que conhecia, e até alguns que inventara. Ana dissera que estava quase no fim, e Nash agarrava-se a isto tão desesperadamente quanto Morgana agarrava-lhe a mão. Portanto, limitou-se a sorrir para a doce esposa e umedeceu-lhe a testa com o pano molhado.

— Você está resmungando, gritando e ameaçando. — Ele beijou-a de leve na boca, aliviado ao ver que não recebia uma mordida de volta. — Não vai me transformar num inseto, nem num bezerro de duas cabeças, não é?

Ela riu, gemeu, e deixou escapar a última baforada de ar.

— Posso pensar em coisas bem mais criativas do que isso. Preciso ficar mais sentada, Ana?

— Nash, fique por trás dela. Segure-lhe as costas. Vai ser rápido, agora. — Arqueando as próprias costas, sentindo os ecos das dores de Morgana, Ana verificou uma última vez para certificar-se de que tudo estava pronto.

Havia cobertores aquecidos pelo fogo, água fervida, os instrumentos cirúrgicos e tesouras já esterilizados, o brilho dos cristais pulsando de poder.

Bryna permanecia ao lado da filha, os olhos iluminados pela compreensão e preocupação. Imagens das suas próprias horas de parto, naquela mesma cama, surgiram rapidamente em sua memória. Aquela mesma cama, pensou enquanto piscava as lágrimas em seus olhos, onde a sua filha agora lutava através dos últimos momentos, das últimas dores.

— Não empurre enquanto eu não mandar. Assopre, assopre — Ana repetia enquanto sentia a contração crescer dentro de si mesma, uma dor terrível e doce que provocou uma camada de suor em sua pele. Morgana enrijeceu, lutou contra a necessidade de tencionar-se, e lutou para fazer o que Ana lhe instruía. —Ótimo, ótimo. Está quase no fim, querida, prometo. Vocês já escolheram os nomes?

— Eu gosto de Curlie e Moe — Nash falou, acompanhando a respiração da esposa até que ela conseguisse lhe dar um cutucão com o cotovelo. — Tudo bem, então Ozzie e Harriet, mas apenas se tivermos um de cada.

— Não me faça rir agora, seu idiota. — Mas ela riu, e a dor aliviou-se um pouco. — Quero empurrar. Preciso empurrar.

— Se forem duas meninas — Nash continuou, num tom que beirava o desespero, — quero que sejam Lucy e Ethel. — Pressionou o rosto no dela.

— São dois meninos, e serão Boris e Bela. — O riso de Morgana adquiriu um

tom levemente histérico, enquanto ela estendia os braços para agarrar-se ao pescoço de Nash. — Meu Deus, Ana, eu preciso...

—Aguentar um pouco mais — Ana completou a frase. — Agora, Morgana, vá em frente. Empurre.

Apanhada entre o riso e as lágrimas, Morgana lutou para trazer a vida àquele quarto.

— Ah, Deus! — Lá fora, um relâmpago cortou o céu sem nuvens e um trovão ressoou em seu encalço celestial.

— Está indo bem, amor — Nash começou, mas de repente não conseguia pensar em mais nada. — Olhe! Ah, meu Deus, olhe só para isso!

Aos pés da cama, Ana virava a cabeça do bebê, com delicadeza e competência.

—Aguente firme agora, querida. Sei que é difícil, mas aguente só mais um minuto. Assopre. Isso, assim mesmo. A próxima vez será mais fácil.

— Tem cabelos! — Nash exclamou, num fio de voz. Seu rosto estava molhado de suor e lágrimas, como o de Morgana. — Olhe só para isso... O que é?

— Ainda não cheguei nesta parte. — Ana enviou um sorriso radiante para a prima. — Muito bem, chegou a hora do grande prêmio. Aguente mais um pouco, querida, e veremos quem está aqui, se é Ozzie ou Harriet.

Rindo, Morgana deu à luz ao bebê, enquanto Ana o acolhia em suas mãos. Quando o primeiro grito agudo e indignado ecoou no quarto, Nash mergulhou o rosto nos cabelos da esposa.

— Morgana. Bom Deus, Morgana... O nosso bebê.

— Nosso. — Já esquecida da dor, com os olhos iluminados, Morgana estendeu as mãos para que Ana depositasse ali o pequeno volume que remexia-se. No idioma do seu sangue, murmurou à criança, enquanto as mãos acariciavam-na dando-lhe boas-vindas.

— O que é? — Com a mão trêmula, Nash tocou a cabeça minúscula. — Esqueci de olhar.

— Vocês têm um filho — Ana anunciou.

Ao som do primeiro choro, a conversa na sala foi interrompida subitamente. Todos os olhares voltaram-se para a escada. Havia silêncio, imobilidade. Emocionado, Boone olhou para sua própria filha, que dormia pacificamente no sofá, com a cabeça recostada no colo confortável de Padrick.

De repente, ele sentiu um tremor sob seus pés, viu o vinho balançar em seu copo. Antes que pudesse falar, Douglas estava removendo seu chapéu e dando uma sonora palmada nas costas de Matthew.

— Um novo Donovan — ele disse, e pegou um copo para um brinde. — Um novo legado.

Com os olhos marejados de lágrimas, Camilla aproximou-se para beijar o rosto do cunhado.

— Abençoado seja.

Boone estava prestes a oferecer suas congratulações quando Sebastian atravessou a sala. Acendeu uma vela branca, depois uma dourada. Pegando uma nova garrafa de vinho, abriu o lacre e serviu o líquido dourado pálido num cálice de prata trabalhada.

— Uma estrela amanhece na noite. Vida por vida, sangue através do sangue para gerar a sua luz. Através do amor a ele foi dado a dádiva do nascimento, e desde o primeiro até o último sopro, ele caminhará pela terra. A outra dádiva vem através do sangue e da carne, e a ele caberá aceitá-la e possuí-la. Encantos da lua, poderes do sol. Sem jamais esquecer que nenhum mal será feito.

Sebastian passou o cálice para Matthew, que foi o primeiro a beber. Fascinado, Boone viu os Donovan passarem o cálice de vinho um para o outro. Seria uma tradição irlandesa?, perguntou-se. Certamente era mais emocionante e belo do que distribuir charutos.

Quando o cálice foi passado a ele, sentiu-se honrado e lisonjeado. E no instante em que começou a beber, um outro som de choro fez-se ouvir, anunciando a chegada de mais uma vida.

— Duas estrelas — Matthew falou, num tom enrouquecido pelo orgulho. — Duas dádivas.

Então a atmosfera solene foi rompida, quando Padrick evocou uma chuva de confetes e serpentinas.

Enquanto ele dava um assovio comemorativo, sua esposa explodia num riso de alegria.

— Viva! — ela disse indicando o relógio, que acabara de dar a meia-noite. — Este é o melhor Halloween que tivemos, desde que Padrick fez aqueles porcos voarem. — Ela sorriu para Boone. — Ele é um moleque incorrigível.

— Porcos? — Boone começou, mas o grupo reuniu-se no instante em que Bryna entrou na sala.

Ela foi direto para o marido, que abraçou-a com força.

— Eles estão bem. — Bryna enxugou as lágrimas de felicidade. — Estão todos bem, e lindos. Temos um neto e uma neta, meu amor. E nossa filha convida a todos para subirem a fim de lhes dar as boas-vindas.

Sem querer intrometer-se, Boone ficou para trás quando o grupo amontoou-se para sair da sala.

Sebastian parou na soleira e arqueou a sobrancelha na direção dele.

— Você não vem?

— Acho que a família...

— Você foi aceito — Sebastian falou num tom breve, sem estar muito certo de que concordava com o restante dos Donovan. Ele não esquecera o quanto Ana fora magoada, uma vez.

— É uma maneira estranha de colocar as coisas. — Boone manteve um tom

calmo a fim de contrabalançar com a súbita irritação que o invadiu. — Principalmente levando-se em conta que não é assim que você se sente.

— Não importa. — Sebastian inclinou a cabeça, num gesto que Boone interpretou como desafio e aviso.

Porém, quando olhou na direção do sofá, a expressão de Sebastian suavizou-se. — Imagino que Jessie ficaria desapontada, se você não a acordasse e a levasse para ver os bebês.

— Mas você preferia que eu não o fizesse.

— Ana prefere que você o faça — Sebastian retrucou. — E é isso que importa. — Encaminhou-se novamente para a porta, e parou. — Você irá magoá-la. Anastásia não derrama lágrimas, mas irá derramá-las por você. E porque eu a amo, terei de perdoá-lo por isto.

— Eu não vejo...

— Não — Sebastian interrompeu. — Mas eu vejo. Traga a menina, Sawyer, e junte-se a nós. Esta é uma noite de bondade e pequenos milagres.

Sem saber exatamente por que as palavras de Sebastian o deixavam tão irritado, Boone ficou olhando para a soleira vazia. Não precisava provar nada para aquele primo super-protetor e insolente. Quando Jessie remexeu-se no sofá e piscou os olhinhos sonolentos, ele tirou Sebastian da mente.

— Papai?

— Estou aqui, meu sapinho. — Boone inclinou-se e pegou a menina no colo. — Adivinhe uma coisa.

Jessie esfregou os olhos.

— Estou com sono.

— Nós já vamos para casa, mas acho que primeiro há algo que você gostaria de ver. — Enquanto ela bocejava e recostava a cabeça em seu ombro, ele carregou-a escada acima.

Os parentes de Ana estavam todos reunidos em volta da cama, fazendo muito mais barulho do que Boone imaginava que fosse o normal, mesmo tratando-se de um parto em casa. Nash estava sentado na beirada da cama, ao lado de Morgana, segurando um bebê no colo e sorrindo feito um bobo.

— Ele parece comigo, não acham? — Perguntava, a ninguém em particular. — O nariz. Tem o meu nariz.

— Esta é Allysia — Morgana informou, roçando o rosto na cabeça do bebê. — Donovan está comigo.

— Certo. Bem, então *ela* tem o meu nariz. — Nash espiou para o filho. — Ele tem o meu queixo.

— Ele tem o queixo dos Donovan — Douglas corrigiu. — Firme como uma lança.

— Hah! — Maureen exclamou, num tom de desprezo. — Os dois herdaram tudo dos Corrigan, de cima a baixo. O nosso lado da família sempre teve os gens

mais fortes.

Enquanto todos davam palpites na discussão, Jessie emergiu do sono e esticou a cabeça.

— Estes são os bebês? Eles nasceram? Posso ver?

— Deixem a criança passar — Padrick cutucou o irmão, abrindo passagem. — Ela quer olhar.

Jessie manteve o braço em torno do pescoço do pai, enquanto inclinava-se para a frente.

— Ah! — Os olhinhos cansados iluminaram-se quando Ana pegou um bebê em cada braço e ergueu-os para que Jessie os visse. — Eles parecem duas fadas pequeninas. — Com muita delicadeza ela passou o dedinho no rosto de um, e depois no do outro.

— E é exatamente isso que eles são. — Padrick beijou o nariz de Jessie. — Um príncipe das fadas e uma princesa das fadas.

— Mas eles não têm asas — Jessie falou, rindo.

— Algumas fadas não precisam de asas. — Padrick piscou para a filha. — Porque elas têm asas em seus corações.

— E estas fadinhas aqui precisam de descanso e silêncio, agora. — Ana virou-se e pousou os bebês nos braços de Morgana. — E a mamãe deles também.

— Eu me sinto ótima.

— Assim mesmo... — O olhar de aviso que Ana enviou por cima do ombro fez com que os Donovan começassem a sair do quarto, embora relutantes.

— Boone — Morgana chamou. — Você pode esperar um pouco e levar Ana para casa? Ela está exausta.

— Estou perfeitamente bem. Ele precisa...

— É claro que sim — Boone interrompeu. Ajeitou Jessie no ombro, enquanto ela bocejava. — Fique à vontade, estarei esperando lá em baixo.

Ana precisou de mais quinze minutos, antes de certificar-se de que Nash entendera todas as suas instruções. Morgana já começava a adormecer quando ela fechou a porta e deixou a nova família a sós.

Realmente estava exausta, e os poderes dos seus cristais estavam quase exauridos. Por quase doze horas havia enfrentado as dores do parto com sua prima, tão proximamente conectada quanto lhe fora possível. Seu corpo estava pesado de cansaço, sua mente embotada de fadiga. Era o resultado normal de uma forte conexão empática.

Vacilou um pouco quando começou a descer as escadas, mas endireitou-se e segurou o amuleto de hematita, a fim de captar o que restava de suas forças.

Quando chegou na sala, já se sentia um pouco mais firme. E lá estava Boone, meio cochilando numa poltrona junto ao fogo, com Jessie enroscada em seu colo. Ele abriu os olhos. E sorriu.

— Olá, campeã. Tenho de admitir que todo este cenário foi um pouco maluco, mas você fez um trabalho e tanto lá em cima.

— É sempre uma maravilha ajudar trazer a vida ao mundo. Mas você não precisava ficar aqui todo este tempo.

— Eu quis ficar. — Ele beijou a cabeça de Jessie. — E ela também. Será o sucesso da classe, segunda-feira, quando contar esta história.

— Foi uma longa noite para ela, e será inesquecível. — Ana esfregou os olhos, quase como Jessie fizera antes de tornar a dormir. — Onde estão todos?

— Na cozinha, atacando a geladeira e bebendo. Eu decidi parar, pois já bebi mais vinho do que devia. —Boone ofereceu-lhe um sorriso maroto. — Momentos atrás, eu podia jurar que senti a casa estremecer, portanto achei melhor começar a tomar café. — Fez um gesto indicando a xícara na mesa ao lado.

— E agora você vai ficar acordado o resto da noite. Vou despedir-me deles rapidamente e, se você quiser, pode ir levando Jessie para o carro.

Lá fora, Boone inspirou profundamente o ar frio da noite. Ana tinha razão, ele estava completamente desperto. Teria de ficar trabalhando por, pelo menos, duas horas, até que o efeito do café passasse, e era bem provável que pagaria o preço da extravagância, no dia seguinte. Mas valera a pena. Olhou por cima do ombro, para a janela iluminada do quarto de Morgana. Valera a pena cada minuto.

Tirou as asas das costas de Jessie e deitou-a no banco traseiro.

— Que noite linda — Ana murmurou, aproximando-se. — Acho que todas as estrelas estão aparecendo.

— Duas novas estrelas. — Intrigado, Boone abriu a porta para ela. — Foi o que Matthew disse. Foi realmente bonito e emocionante. Sebastian fez um brinde, falando sobre a vida, dádivas e estrelas, e todos beberam de um cálice de vinho. É alguma tradição irlandesa?

— De certa forma. — Ana recostou a cabeça no assento, assim que Boone ligou o carro. Segundos depois, estava dormindo.

Quando Boone parou em frente à sua casa, perguntou-se como iria conseguir levar as duas para a cama.

Saiu, abrindo a porta do carro com cuidado, mas Ana já estava acordando.

— Espere até que eu a leve para dentro, e depois posso acompanhá-la.

— Não, eu estou bem. —Sonolenta, Ana saiu do carro. — Vou ajudá-lo com ela. — Riu, ao juntar o estoque de bichinhos de pelúcia. — Papai sempre exagera. Espero que você não se importe.

— Está brincando? Ele foi ótimo com Jessie. Vamos, querida. — Boone pegou-a no colo e, daquele jeito das crianças, ela permaneceu totalmente relaxada. — Ela adorou a sua mãe, também, e todos os outros. Mas seu pai, sem dúvida, foi o herói da noite. Imagino que ela vá começar a me atormentar, agora, para irmos para a Irlanda visitá-lo em seu castelo.

— Ele adoraria. — Ana pegou as asas prateadas e seguiu-os para dentro da

casa.

— Pode deixar tudo por aí mesmo. Quer tomar um conhaque?

— Não, obrigada. — Ela deixou os bichinhos no sofá, as asas do outro lado, depois mexeu os ombros doloridos. — Mas gostaria de um chá. Posso preparar, enquanto você leva Jessie para a cama.

— Ótimo. Não vou demorar.

Um rosnado emergiu de baixo da cama de Jessie, quando Boone a deitou.

— Que belo cão de guarda. Somos nós, sua boboca.

Bastante aliviada, Daisy deslizou para fora, balançando a cauda. Esperou que Boone tirasse os sapatos e a fantasia de Jessie, depois saltou para cima da cama.

— Se você for me acordar às seis da manhã, juro que grampeio esta sua boca de cachorrinho.

Daisy baixou o rabo e fechou os olhos.

— Não sei porque não escolhemos um cachorro mais esperto, já que tínhamos de comprar um — Boone estava dizendo, quando entrou na cozinha. — Teria sido bem... — Calou-se, de repente.

A chaleira estava apitando no fogão. As xícaras tinham sido colocadas na mesa, e o bule estava à espera.

E Ana estava sentada, com a cabeça apoiada nos braços sobre a mesa, dormindo profundamente.

Sob a luz forte, os cílios de Ana lançavam sombras em suas faces. Boone esperava que fosse a frieza da luz que a deixava parecer assim tão pálida e delicada. Os cabelos espalhavam-se pelos ombros. Os lábios eram macios, levemente entreabertos.

Olhando para ela, Boone pensou na jovem princesa que ficara adormecida sob o encantamento de uma fada invejosa, e que dormira cem anos até ser despertada por um beijo de amor.

— Anastásia. Você é tão linda. — Boone tocou-lhe os cabelos, cedendo ao impulso. Nunca a vira dormindo e sentiu uma urgência súbita de pegá-la no colo e levá-la para sua cama, de poder abrir os olhos na manhã seguinte e vê-la acordar ao seu lado. — O que vou fazer?

Suspirando, afastou-se dela e foi desligar o fogo no fogão. Com a mesma delicadeza que usara com Jessie, pegou-a no colo e, como Jessie, ela permaneceu inerte e relaxada.

Cerrando os dentes diante dos nós que contraíam seu estômago, Boone levou-a para cima e deitou-a em sua cama.

— Você nem sabe o quanto desejei tê-la aqui comigo — disse, num sussurro, enquanto tirava-lhe os sapatos. — Na minha cama... A noite inteira. — Cobriu-a, e Ana suspirou, mexendo-se no sono e aconchegando-se nos travesseiros dele.

Os nós em seu estômago soltaram-se, quando Boone abaixou-se para beijá-la levemente nos lábios.

— Boa noite, princesa.

De calcinha e camiseta, Jessie entrou no quarto antes do amanhecer. Tivera um sonho, um pesadelo sobre a casa mal-assombrada da escola, e queria o conforto e o calor do seu pai.

Ele sempre fazia os monstros irem embora.

Ela arrastou-se para a cama e subiu, encolhendo-se junto a ele. E só então percebeu que não era ele quem estava ali, mas sim Ana.

Fascinada, Jessie enroscou-se. Dedinhos curiosos brincaram com os cabelos de Ana. Em seu sono, Ana murmurou e aconchegou Jessie em seu braço, abraçando-a com carinho. Estranhas sensações invadiram a menina. Cheiros diferentes, texturas diferentes e, ainda assim, ela sentiu-se amada e segura, do mesmo jeito que sentia quando estava com seu pai. Recostou a cabeça no peito de Ana e, confiando, adormeceu.

Quando acordou, Ana sentiu os braços em torno de si, braços pequenos e relaxados. Desorientada, olhou para Jessie e, depois, em volta do quarto.

Não era o seu quarto, concluiu. Nem o de Jessie. Era o quarto de Boone.

Manteve a criança aconchegada, enquanto tentava relembrar o que acontecera.

A última coisa de que se recordava era de ter se sentado depois de pôr a água para ferver. Cansada, estivera tão cansada. Havia descansado a cabeça por um instante e... e, obviamente, adormecera.

Então, onde estava Boone?

Virou a cabeça com todo cuidado, sem saber se estava aliviada ou desapontada ao ver que o outro lado da cama estava vazio. Não teria sido muito sensato, dadas as circunstâncias, mas seria tão maravilhoso se pudesse aconchegar-se a ele da mesma forma que Jessie aconchegara-se a ela.

Quando voltou-se, viu que os olhos da menina estavam abertos, fitando-a.

— Eu tive um pesadelo — a menina contou, num murmúrio matinal apressado. — Com o Cavaleiro sem Cabeça. Ele estava rindo, rindo, e correndo atrás de mim.

Ana inclinou-se para beijar a cabeça da menina.

— Aposto que ele não a alcançou.

— Não. Eu acordei e vim chamar o papai. Ele sempre manda os monstros embora. Os que estão no armário, debaixo da cama, na janela, e em todos os lugares.

— Os pais são bons para fazer isso. — Ana sorriu, lembrando-se de como seu pai fingia caçá-los com uma vassoura, todas as noites, durante seu sexto ano de idade.

— Mas você estava aqui, e não fiquei com medo com você. Você vai dormir

sempre na cama do papai, agora?

— Não. — Ana passou a mão pelos cabelos da menina. — Acho que nós duas pegamos no sono, e seu pai teve de nos trazer para a cama.

— Mas é uma cama grande — Jessie salientou. — Tem bastante espaço. Agora eu tenho Daisy para dormir comigo, mas papai dorme sozinho todas as noites. O Quigley dorme com você?

— Às vezes — Ana respondeu, aliviada com a rápida mudança de assunto. — Ele deve estar pensando onde será que eu estou.

— Acho que ele sabe — Boone anunciou, na porta. Estava apenas de jeans, com o botão aberto na cintura, tinha os olhos inchados de sono e os cabelos despenteados. O gato enroscava-se em suas pernas. — Ele ficou miando e arranhando a porta dos fundos, até que deixei-o entrar.

— Ah... — Ana afastou os cabelos do rosto, enquanto se sentava. — Desculpe-me. Parece que ele o acordou.

— Acertou em cheio.

Boone enfiou os dedos nos bolsos, enquanto o gato pulava na cama e começou a miar e queixar-se à sua dona. Os nós em seu estômago tinham voltado, duplicados. Como poderia explicar o que sentia, vendo Ana ali em sua cama, abraçada com sua filha?

— Jessie, o que está fazendo aqui?

— Tive um sonho ruim. — Ela recostou a cabeça no braço de Ana e ficou afagando o pêlo do gato. — Eu vim para sua cama, mas Ana estava aqui. Ela mandou os monstros embora, como você faz. — Quigley miou num lamento, e ela riu. — Ele está com fome. Pobre gatinho... Posso descer e dar comida para ele?

— É claro, se você quiser.

Antes que Ana terminasse a frase, Jessie já pulava para fora da cama, chamando para que o gato a seguisse.

— Desculpe se Jessie a acordou. — Boone hesitou, mas foi sentar-se na beirada da cama.

— Ela não me acordou. Ao que parece, subiu na cama e caiu direto no sono. E sou eu quem tem de se desculpar por lhe causar todo este transtorno. Você devia ter-me acordado e me mandado para casa.

— Você estava exausta. — Ele estendeu a mão e, do mesmo jeito que Jessie fizera, tocou-lhe os cabelos. —Incrivelmente linda e totalmente exausta.

— Ajudar bebês nascerem é um trabalho cansativo. — Ela sorriu. — Onde você dormiu?

— No quarto de hóspedes. — Boone massageou o pescoço e fez uma careta de dor. — O que torna a compra de uma cama decente minha principal prioridade.

Automaticamente, Ana pressionou as mãos em sua nuca e começou a massagear.

— Você poderia ter-me deitado neste quarto. Acho que eu não saberia distinguir entre uma cama e uma tábua de madeira.

— Eu queria vê-la em minha cama. — Boone fitou-a profundamente. — Queria muito que você estivesse na minha cama. — Puxou-lhe o cabelo levemente, fazendo-a aproximar-se. — E ainda quero.

Os lábios dele estavam sobre os seus, agora, não muito pacientes, nem muito delicados. Ana sentiu um rápido arrepio de excitação e alarme, quando ele a fez deitar nos travesseiros.

— Boone...

— Só por um minuto — ele pediu, num tom que era quase de desespero. — Preciso de um minuto com você.

Tomou-lhe o seio entre as mãos, acariciando-o sobre o tecido fino da blusa amassada. Enquanto deslizava as mãos em todo seu corpo, os lábios beijavam-na sem parar, abafando seus gemidos. Seu corpo ardia de desejo, querendo pressionar-se sobre o dela, querendo possuí-la em silêncio, e até com violência.

— Ana... — Ele beijou-a no pescoço, antes de abraçá-la com força, mantendo-a junto a si. Depois, afastou-se. — Quanto tempo demora para se dar comida para um gato?

— Não o suficiente. — Com um riso trêmulo, ela pousou a mão no ombro dele. — Não o bastante.

— Era o que eu temia. — Boone sentou na cama e segurou-a pelos braços, ajudando-a a levantar. — Jessie tem me atormentado para deixá-la dormir uma noite na casa de Lydia. Se eu conseguir organizar tudo, você viria ficar aqui comigo?

— Sim. — Ana levou a mão dele aos lábios e beijou-a. — Quando você quiser.

— Esta noite. — Ele obrigou-se a soltá-la, a se afastar. — Esta noite — repetiu. — Vou ligar para a mãe de Lydia. Implorar, se for preciso. — Endireitou-se, um pouco mais calmo. — Prometi a Jessie que a levaria para tomar sorvete, e talvez almoçar na cidade. Você gostaria de vir conosco? Se tudo der certo, podemos deixá-la na casa de Lydia e depois ir jantar.

Ana deslizou para fora da cama, alisando inutilmente a blusa e a calça comprida.

— Parece ótimo.

— Então estamos combinados. Sinto muito por suas roupas. Mas não fui corajoso o bastante para despi-la.

Ana sentiu um frio na espinha ao pensar nele tirando-lhe a blusa. Devagar, bem devagar, os dedos pacientes, os olhos ardentes. Limpou a garganta.

— Não faz mal. Preciso mudar de roupa e ir até a casa de Morgana, para ver como estão ela e os gêmeos.

— Posso levá-la.

— Não é necessário. Combinei com papai que ele virá me buscar, e assim

posso pegar o meu carro que ficou lá. A que horas você quer sair?

— Por volta de meio-dia, daqui há duas horas.

— Perfeito. Encontro vocês aqui.

Boone segurou-a antes que ela chegasse na porta, e beijou-a outra vez, um beijo longo e ávido.

— Talvez possamos comprar alguma coisa e vir comer aqui mesmo.

— Isso também me parece ótimo — ela murmurou, retribuindo o beijo. — Ou então, podemos pedir uma pizza pelo telefone, quando ficarmos com fome.

— Melhor. Muito melhor.

Às quatro da tarde, Jessie estava na porta da casa de Lydia, acenando uma alegre despedida. A mochila cor-de-rosa estava cheia com uma variedade impressionante de itens que uma garotinha de seis anos precisa para uma noite fora de casa. E o que tornava tudo perfeito, aos olhos dela, era o fato de que Daisy fora incluída no convite para a "festa de pijama".

— Diga-me para eu não me sentir culpado — Boone pediu, lançando um último olhar pelo espelho retrovisor.

— Com o quê?

— Por querer minha filha fora de casa esta noite.

— Boone... — Adorando-o, Ana inclinou-se e beijou-lhe a face. — Você sabe perfeitamente que Jessie mal podia esperar que a deixássemos na casa de Lydia, para que pudesse dar início à sua pequena aventura.

— Sim, mas... Não é o fato de deixá-la dormir na casa da amiga que me incomoda, mas sim por ter feito isso com segundas intenções.

Sabendo que intenções eram estas, Ana sentiu um ligeiro nó no estômago.

— Jessie não vai se divertir menos por isso, especialmente depois que você lhe prometeu que poderia fazer a "festa de pijama" em sua casa, daqui alguns dias. Se ainda estiver sentindo-se culpado, imagine como será aguentar o barulho e a bagunça de cinco ou seis garotinhas a noite inteira.

Ele lançou-lhe um rápido olhar.

— Bem, eu imaginei que você poderia me ajudar com as crianças... desde que também tem as segundas intenções.

— É mesmo? — Ana sentiu-se feliz por ele tê-la incluído em seus planos. — Talvez eu vá. — Pousou a mão sobre a dele. — Para um pai paranoico, você está fazendo um excelente trabalho.

— Continue. Já estou me sentindo melhor.

— Elogios demais acabam estragando.

— Se é assim, então não vou lhe dizer quantos sujeitos tiveram um torcicolo quando viravam-se para olhá-la, enquanto passeávamos no cais esta tarde.

— Ah? — Ela puxou os cabelos para trás. — Foram tantos assim?

— Depende de como você define "tantos". Além disso, elogios demais

estragam. Mas acho que poderia dizer que não sei como você consegue ficar tão linda, depois da noite cansativa de ontem.

— É porque dormi como uma pedra. — Ana espreguiçou-se, e o bracelete de cristais que usava reluziu em seu pulso. — Mas a recuperação de Morgana é impressionante. Quando cheguei lá hoje cedo, ela estava amamentando os dois bebês e parecendo que acabara de voltar de uma semana num spa.

— Os bebês estão bem?

— Estão ótimos. Saudáveis e radiantes. Nash já está aprendendo a trocar as fraldas. E jura que os dois sorriram para ele.

Boone já havia passado por isso, e deu-se conta do quanto sentia falta.

— Ele é um bom sujeito.

— Nash é muito especial.

— Tenho de admitir que fiquei espantado ao saber que ele havia se casado. Nash sempre foi do tipo "cada um por si".

— O amor é capaz de mudar tudo — Ana murmurou e, com cuidado, ocultou a esperança em sua voz. —Tia Bryna diz que é a forma mais pura de magia.

— Uma boa descrição. Uma vez que se é tocado pelo amor, começa-se a pensar que nada é impossível. Você já amou alguém?

— Uma vez. — Ana desviou os olhos, observando a vegetação que cobria os bancos de areia. — Muito tempo atrás. Mas acabei percebendo que a magia não era forte o bastante. Depois, descobri que minha vida não acabara por causa disso e que eu poderia muito bem ser feliz sozinha. Assim, comprei minha casa perto do mar — ela disse, sorrindo. — Plantei meu jardim e comecei tudo de novo.

— Creio que comigo foi mais ou menos a mesma coisa. — Boone ficou pensativo por um instante. — Ser feliz sozinha significa que você não acha que poderia ser feliz com alguém?

A incerteza e a esperança corriam juntas, dentro dela.

— Acho que significa que posso ser feliz como estou agora, até encontrar alguém que não apenas me traga a magia, mas que também a compreenda.

Boone virou o carro para a entrada da garagem e desligou o motor.

— Nós temos algo juntos, Ana.

— Eu sei.

— Nunca pensei que sentiria algo assim tão forte novamente. É diferente do que tive antes, e não tenho certeza do que isso significa. E não sei se quero saber.

— Isso não tem importância. — Ana tomou-lhe a mão. —As vezes temos de aceitar que o momento presente é o que basta.

— Não, não basta. — Ele encarou-a com os olhos ardentes, profundos. — Não com você, Ana.

Ela respirou fundo, devagar.

— Não sou o que você pensa que sou, ou o que você gostaria que eu fosse.

Boone...

— Você é exatamente o que eu quero. — As mãos dele abraçaram-na com força.

CAPÍTULO 10

Um lampejo de atônita excitação perpassou o corpo de Ana no instante em que Boone soltou-lhe o cinto de segurança e puxou-a para seu colo. As mãos dele machucavam, os lábios exigiam. Não era o Boone que a amara com tanta delicadeza, levando-a até aquele doce prazer com mãos pacientes e promessas sussurradas.

O seu amante das manhãs silenciosas e tardes preguiçosas tornara-se sombrio, um tanto perigoso, e de um jeito que ela era incapaz de resistir.

Ana podia sentir o sangue borbulhando sob a pele quando ele a tocava com as mãos rudes, impacientes.

Era a impetuosidade que ela havia provado naquela primeira vez, no jardim iluminado pela lua, com o perfume das flores maduras e excitantes. Uma explosão de desejos urgentes era o que ele apenas sugeria, sob toda aquela paciência e controle.

Numa aquiescência inconsciente, ela colou-se a ele, desejando, ansiosa e pronta para trilhar qualquer caminho que ele escolhesse.

Seu corpo estremeceu uma vez, violentamente, quando Boone levou-a para o limite extremo. Ele ouviu seu grito abafado contra os lábios ávidos, sentiu a intensidade do prazer quando ela mergulhou os dedos desesperadamente em seus ombros. O louco pensamento que cruzou sua mente foi que poderia possuí-la ali mesmo, no carro, antes que a razão os fizesse parar.

Boone rasgou-lhe a blusa, ansiando pelo sabor de sua pele. O som do tecido rasgando-se foi ignorado, quando ela ofegou ao senti-lo beijar-lhe o pescoço macio. Sob os lábios famintos, o pulso batia errático, erótico.

O gosto dela era quente, adocicado pelo prazer.

Com um gemido violento, Boone abriu a porta e puxou-a para fora. Sem importar-se em fechá-la, meio que carregou, meio que empurrou Ana através do gramado.

— Boone... — Ana tentou ficar de pé e perdeu um dos sapatos. — Boone, o carro. Você deixou as chaves...

Ele segurou-a pelos cabelos, empurrando-lhe a cabeça para trás. Os olhos dele, ah, aqueles olhos, Ana pensou, tremendo com algo mais profundo do que o medo. O ardor que via neles penetrou-lhe até a alma.

— Para o inferno com o carro. — Boone beijou-a, até que ela se sentisse zonza, aturdida e lutando para respirar. — Você sabe o que faz comigo? — Ele falou, numa pausa para respirar. — Todas as vezes em que a vejo... — Levou-a para o terraço, tocando-a, sem parar de tocá-la. — Tão linda, suave e serena, com algo ardendo no fundo deste olhar.

Empurrou-a contra a porta, pressionando-a, beijando-lhe os lábios cheios e

lascivos. Havia algo mais nos olhos dela, agora. Boone podia ver que ela estava com medo, e que estava excitada. Era como se os dois tivessem consciência de que o animal que ele mantivera cruelmente acorrentado dentro de si durante semanas, se libertara de repente.

Com a respiração ofegante escapando dos lábios, ele segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Diga-me, Ana, diga que você me deseja. Agora. Do meu jeito.

Ela temia não ser capaz de falar, pois sentia a garganta seca e aquela necessidade tão imensa.

— Eu quero você. — O tom rouco da sua voz fez com que as chamas de desejo crescessem ainda mais dentro dele. — Agora, de qualquer jeito.

Ele prendeu os dedos na blusa dela e viu seus olhos nublarem-se quando rasgou-a ao meio. Quando abriu a porta com um chute, ela oscilou para trás, mas logo foi apanhada num abraço tórrido. Como sua blusa, o controle de Ana estava em frangalhos. As mãos dele seguraram-na pela cintura, depois ergueram-na para que ele pudesse tomar seus seios cheios com a boca. Tão enlouquecida quanto ele, agora, ela arqueou o corpo para trás, as mãos agarrando-lhe os cabelos.

— Boone... Por favor. — A súplica escapou de seus lábios, embora ela não fizesse idéia do que estava pedindo. A não ser que fosse por mais.

Ele a abaixou, apenas para poder capturar-lhe os lábios outra vez. Os dentes raspavam eroticamente em seus lábios inchados, a língua mergulhava fundo. Então, ele sentiu que poderia explodir, no instante em que Ana começou a puxar-lhe as roupas freneticamente.

Boone foi arrastando-se na direção da escada, puxando a camisa enquanto o fazia. Os botões pularam e espalharam-se no chão. Mas as mãos ávidas procuraram por ela novamente, arrancando a fina combinação que ela usava, enquanto chegavam ao pé da escada.

— Aqui. — Boone a puxou para o chão, junto com ele. — Aqui mesmo.

Por fim saciou-se, percorrendo a boca por toda a pele dela, explorando impiedosamente seus segredos, levando-a sem nenhuma pausa para onde desejava, com tanto desespero, que ela chegasse. Não havia nenhuma paciência, ali, nenhum rígido controle por conta de sua fragilidade. Ainda assim, a mulher que ofegava sob ele era tudo, exceto frágil. Havia força nas mãos que agarravam-no, havia paixão nos lábios que colavam-se a ele com ansiedade, e agilidade no corpo que contorcia-se sob o seu.

Ana sentia-se invencível, imortal, absolutamente livre. Seu corpo estava vivo, nunca estivera tão vivo, com o coração disparando loucamente em seu peito. O mundo girava em torno de si, numa mistura de cores, luzes, rodopiando mais e mais rápido, até que ela foi forçada a agarrar-se no pilar da escada, para impedir-se de cair nos limites do universo.

Seus dedos embranqueceram em torno do pilar de madeira, quando Boone puxou-lhe a calça comprida, depois a calcinha de renda. A boca ansiosa, frenética, febril, experimentava cada centímetro de sua pele. Ana conteve um grito quando ele a fez voar para um espaço infinito, quente.

Seus murmúrios incongruentes não eram ditos numa linguagem que ele pudesse entender, mas Boone sabia que a levara para além dos limites do que era são e racional. E era ali que a queria, ali mesmo, enquanto eram ambos impulsionados para a loucura da paixão vívida e sem regras.

Ele esperou. Esperaria até o último instante. Agora, o corpo esguio e translúcido de Ana arqueou-se para recebê-lo. Estremecendo como garanhão, ele montou-a, mergulhando naquele calor úmido e receptivo. Ana passou a mover os quadris, crescendo num ritmo enlouquecedor enquanto cavalgava com ele através daquele mundo novo.

As mãos dela deslizaram fracamente pelas costas úmidas de Boone. Ana estava entorpecida demais para sentir a dureza do piso de madeira sob seu corpo. Queria abraçá-lo, mas todas as suas forças tinham desaparecido. Não era possível focalizar a mente no que acabara de acontecer. Tudo o que se lembrava vinha em *flashes* de sensações, em explosões de emoções.

Aquele era o lado mais escuro e denso do amor, e nada poderia tê-la preparado para isso. Se aquela necessidade terrível era o que vivia dentro dele, ela não conseguia compreender como Boone pudera contê-la por tanto tempo.

Mas havia sido por ela. Ana virou o rosto molhado, beijando-lhe o pescoço. Havia sido pelo bem dela.

Sob o corpo dele, que ainda estremecia, Ana estava tão imóvel quanto as águas de um lago. Boone esforçou-se para voltar à realidade. Precisava se mexer. Depois de tudo o que fizera a ela, agora devia estar esmagando-a. Mas quando começou a virar o corpo, Ana emitiu um pequeno som de desagrado, que aliviou sua consciência.

— Aqui, meu bem, deixe-me ajudá-la.

Ele levantou-se e pegou um pedaço da blusa rasgada, numa tentativa de cobri-la. Contendo um palavrão, atirou-o para longe novamente. Ela havia se virado um pouco para o lado, obviamente procurando um mínimo de conforto. Pelo amor de Deus, ele pensou com desgosto, ele a possuíra como se fosse um maníaco.

— Ana... — Boone encontrou o que restava da sua camisa e tentou passá-la nos ombros dela. — Anastásia, nem sei como explicar.

— Explicar? — A voz dela era quase inaudível. Sentia a boca seca.

— Não há nenhuma explicação possível... Deixe-me ajudá-la. — O corpo dela escorregava como cera entre os braços dele. — Vou pegar alguma roupa para você, ou... Ah, que droga.

— Acho que não consigo levantar. — Ana umedeceu os lábios, sentindo o gosto

dele. — Não por um ou dois dias, pelo menos. Mas está tudo bem. Vou ficar aqui mesmo.

Franzindo a testa, ele tentou interpretar o que ouvira na voz dela. Não era raiva. Nem tampouco angústia. Parecia que... ela estava muito satisfeita.

— Você não está zangada?

— Humm? Deveria estar?

— Bem, eu... Eu praticamente a ataquei. Ora, eu *realmente* ataquei você, quase possuindo-a no banco do carro, rasgando suas roupas, arrastando-a até aqui e devorando o que sobrou de você na escadaria.

Com os olhos ainda fechados, ela respirou fundo e depois suspirou, com um leve sorriso.

— Sim, é verdade. E foi a primeira vez que alguém me devorou. Acho que nunca mais vou passar por uma escada sem me lembrar disso.

Delicadamente, ele tocou-lhe o rosto até que ela abrisse os olhos.

— Eu pretendia pelo menos chegar até o quarto.

— Acho que, eventualmente, acabaremos chegando lá. — Reconhecendo a preocupação nos olhos dele, Ana segurou-lhe o pulso. — Boone, acha que eu ficaria zangada por você me querer tanto assim?

— Pensei que você ficaria chateada porque esta não é a maneira a que está acostumada.

Ela sentou-se com algum esforço, fazendo uma careta ao sentir as dores que, não demoraria muito, se transformariam em manchas arroxeadas.

— Não sou feita de cristal. E qualquer maneira de amor é certa. Mas... — Passou os braços no pescoço dele e sorriu, maliciosa. — Nas circunstâncias, fiquei contente por termos conseguido esperar até entrar em casa.

Boone deslizou as mãos pelos quadris dela, pelo prazer de puxar-lhe o corpo contra si.

— Minha vizinha é bastante liberal.

— Não é a primeira vez que me dizem isso. — Ana mordiscou-lhe o lábio levemente. Lembrando-se do prazer que ele lhe dera ao deslizar os lábios pelo seu corpo, começou uma lenta jornada pelo pescoço dele. —Felizmente, o meu vizinho entende bem de paixões. Duvido que eu faça qualquer coisa capaz de chocá-lo. Mesmo se lhe disser que quase sempre crio fantasias com ele durante a noite, quando estou sozinha na cama.

Era impossível, mas Boone sentiu-se estremecer contra ela. O desejo profundo, ardente, começou a emergir outra vez.

— É mesmo? Que tipo de fantasias?

— De tê-lo vindo para mim. — A respiração dela acelerou-se, quando Boone começou a beijá-la nos ombros. — Vindo para minha cama como um sonho, quando a tempestade explode no ar. Posso ver os olhos dele, azul-escuro sob o brilho dos relâmpagos, e sei que ele me deseja de uma maneira que ninguém

jamais me desejou, nem irá me desejar.

Sabendo muito bem que se não tomasse alguma atitude agora eles acabariam esparramando-se novamente na escada, Boone levantou-se e ajudou-a a fazer o mesmo.

— Só não posso lhe dar os relâmpagos.

Ela sorriu, enquanto ele a carregava para o quarto.

— Você já me deu.

Horas e horas mais tarde, os dois estavam ajoelhados na cama desfeita, banqueteando-se com uma pizza à luz de velas. Ana perdera a noção do tempo, e nem queria saber se era meia-noite ou madrugada. Eles tinham feito amor, conversado, dado boas risadas e, depois, amaram-se novamente. Nenhuma noite, em toda sua vida, havia sido tão perfeita. Então, que importância tinha o tempo?

— Guinevere não foi uma heroína. — Ana lambeu o molho de tomate dos dedos. Eles haviam discutido poesia épica, desenhos animados, lendas antigas e clássicos de terror. Não estava bem certa de como tinham retornado para o rei Arthur e Camelot mas, na questão da esposa do rei, Ana mantinha-se firme. — E também não foi uma personagem trágica.

— Pois eu pensei que uma mulher, principalmente com a sua compaixão, pudesse simpatizar-se mais com a situação dela — Boone retrucou, pegando o último pedaço na caixa de papelão que haviam deixado no meio da cama.

— Por quê? Ela traiu o marido e ajudou a destruir um reino, apenas por ter sido fraca e auto-indulgente.

— Ela estava apaixonada.

— O amor não desculpa todos os atos. — Divertida, Ana inclinou a cabeça e observou-o sob a luz oscilante das velas. Ele parecia gloriosamente másculo usando apenas um calção, com os cabelos desgrenhados e o rosto escurecido pela barba crescida. — Isso não é típico dos homens? Encontrar desculpas para a infidelidade de uma mulher somente porque está descrita em termos românticos.

Boone não sabia se isso era exatamente uma ofensa, mas o fez encolher-se um pouco.

— Só acho que ela não tinha nenhum controle da situação.

— Ora, é claro que tinha. Ela teve uma escolha, e fez a pior, exatamente como Lancelot. Toda aquela conversa rebuscada sobre cavalheirismo, heroísmo e lealdade, enquanto os dois traíam um homem que os amava, apenas porque não puderam se controlar? — Ela atirou os cabelos para trás. — Isso é besteira.

Boone riu, antes de bebericar o vinho.

— Você me surpreende. E eu que pensei que você fosse uma romântica. Uma mulher que sai para colher flores sob a lua cheia, que coleciona esculturas de fadas e magos, e condena Guinevere porque ela amou sem pensar.

Ana lançou-lhe um olhar fuzilante.

— Pobre Guinevere... — ironizou.

—Espere um pouco. —Ele riu, divertindo-se imensamente. Não havia ocorrido a nenhum deles que estavam discutindo sobre pessoas consideradas fictícias. — Não vamos esquecer dos outros personagens. Merlin deveria estar tomando conta de tudo. Por que ele não tomou nenhuma providência?

Ana limpou meticulosamente os farelos de pizza das pernas nuas.

— Não cabe a um mago interferir no destino.

— Ora, estamos falando do campeão dos magos, aqui. Com apenas um encantozinho ele teria acertado tudo.

— E alterado inúmeras vidas — ela salientou, fazendo um gesto com o copo. — Teria modificado a História. Não, ele não podia fazer isso, nem mesmo por Arthur. As pessoas, sejam feiticeiros, reis ou simples mortais, são responsáveis pelos seus próprios destinos.

— Mas ele não teve nenhum problema em tornar-se cúmplice do adultério quando disfarçou Uther como sendo o duque da Cornualha e tomando Tintagel, para que Igraine concebesse Arthur, no início.

— Porque este era o destino — ela retrucou com toda paciência, como se estivesse falando com Jessie. —Este era o propósito. Apesar de todo o poder de Merlin, de toda sua grandeza, seu ato mais essencial e único foi fazer com que Arthur existisse.

— Pois isso não me parece direito. — Boone engoliu o último pedaço de pizza. — Um encantamento está certo, outro não.

— Quando você possui um dom, é sua responsabilidade saber como e quando usá-lo, e como e quando não usá-lo. Pode imaginar o quanto ele sofreu, vendo alguém a quem amava ser destruído? Sabendo, mesmo quando Arthur foi concebido, como tudo iria terminar? A magia não o separa das emoções e da dor. E raramente protege quem a possui.

— Imagino que não. — Ele próprio, nas histórias que escrevia, fazia com que as fadas e magos sofressem. Isto lhes concedia um elemento humano e cativante. — Quando eu era criança, costumava sonhar que vivia na época de Camelot.

— Salvando lindas damas das garras dos dragões?

— É claro. Participando de batalhas, desafiando o Cavaleiro Negro e acabando com ele.

— É claro.

— Então eu cresci e descobri que poderia ter o melhor dos dois mundos, vivendo naquela época aqui... —Ele bateu com o dedo na cabeça. — quando estava escrevendo. E ter todos os confortos do século vinte.

— Como pizza, por exemplo.

— Como pizza — ele concordou. — Um computador, em vez de uma pena de escrever. Roupas de baixo de algodão. Água quente e encanada. Por falar nisso... — Ele segurou a barra da camiseta que lhe dera para vestir.

Moveu-se num impulso, provocando-lhe um gritinho quando puxou-a para cima do ombro e saiu da cama.

—Onde você vai? — ela riu.

— Água quente encanada — ele repetiu. — Acho que está na hora de lhe mostrar o que sou capaz de fazer no chuveiro.

— Vai cantar?

— Talvez mais tarde. — No banheiro, ele abriu a porta de vidro do boxe e girou as torneiras. — Espero que goste de água quente.

— Bem, eu... — Ana ainda estava no ombro dele, quando Boone entrou embaixo do chuveiro. Com a água correndo, ficou imediatamente ensopada. — Boone, você está me afogando!

— Desculpe-me. — Ele mudou de posição, pegando o sabonete. — Sabe, foi este banheiro que me convenceu a comprar a casa. O boxe é bem espaçoso. — Deslizou o sabonete pela perna de Ana. — E é melhor ainda com as duas duchas.

Apesar da água quente, Ana estremeceu quando ele passou o sabonete na parte interna do seu joelho, formando pequenos círculos.

— É um pouco difícil apreciar seu chuveiro na posição em que estou. — Ela afastou os cabelos molhados do rosto, reparando que o piso do boxe era de azulejos espelhados. — Ora, ora...

Ele riu e deslizou a mão lentamente para a coxa de Ana.

— Dê uma olhada no teto.

Ela fez isso, erguendo a cabeça e deparando-se com o próprio reflexo.

— Ahn... Não fica coberto pelo vapor?

— É um vidro especial. Realmente fica um pouco embaçado, se a gente demora muito no banho. — E ele pretendia demorar ali, o bastante. Passou a ensaboar todo o corpo dela, centímetro por centímetro. — Mas isso acrescenta um certo charme à atmosfera. — Com delicadeza, pressionou-a contra a parede, espalmando as mãos sobre os seios cobertos pela camiseta molhada. — Quer ouvir uma das minhas fantasias?

— Eu... ah... — Boone massageava-lhe o mamilo rígido. — Sim, parece justo.

— Tenho uma idéia melhor. — Ele passou os lábios sobre os dela, provocando-a, fazendo-a respirar mais rápido. — Que tal lhe mostrar? Primeiro, vamos nos livrar disso. — Puxou-lhe a camiseta pela cabeça, jogando-a no chão. — Eu começo por aqui. — Brincando com os lábios dela, passou o sabonete pelos ombros. — E não paro mais, até chegar nos dedos dos seus pés.

Ana tinha a impressão de que o chuveiro iria juntar-se às escadas nas profundezas mais eróticas da sua imaginação. Agarrando os quadris dele como apoio, ela arqueou o corpo enquanto Boone deslizava as mãos molhadas e ensaboadas em seus seios.

Vapor. Estava em torno dela, em toda parte. O ar denso e úmido tornava quase impossível respirar. Uma chuva tropical, a água caindo sobre eles, o calor

aumentando. O sabonete cremoso fazia com que seus corpos escorregassem deliciosamente, quando moviam-se juntos. Ana passou as mãos nas costas e no peito de Boone, formando mais espuma, sentindo os músculos dele contraírem-se sob seu toque.

Ela ardia de desejo, e ele também. Era o poder encontrando o poder. Não havia mais dúvidas de que ela poderia lhe devolver o prazer selvagem, louco e ardente que ele lhe oferecera antes. Um prazer muito mais doce, muito mais profundo, porque era gerado do amor, e não apenas da paixão.

Ana queria mostrar a ele. E iria mostrar.

Suas mãos deslizaram pelo corpo dele, pelos ombros fortes, pelo peito. Ela murmurava palavras de prazer enquanto traçava os dedos pelas costelas, até a barriga lisa e plana.

Boone balançou a cabeça, tentando clareá-la. Esperava seduzir Ana, mas estava sendo seduzido. As mãos delicadas flutuando pela sua pele escorregadia lançavam flechas de desejo doloroso em todo seu sistema.

— Espere. — Ele segurou-lhe as mãos com firmeza. Sabia que, se ela o tocasse agora, seria incapaz de se conter.

— Não. — Com a nova sabedoria emergindo de dentro de si, ela beijou-o, e venceu. — Deixe-me...

Seus dedos fecharam-se em torno dele, escorregando, movendo-se, apertando levemente enquanto ele respirava mais rápido em seu ouvido. Um súbito lampejo de triunfo explodiu dentro dela, ao sentir o estremecimento rápido e involuntário dele. Então, a avidez de tê-lo dentro de si, inteiro, profundamente, invadiu-a.

— Ana... — Ele sentiu os últimos resquícios de realidade desaparecendo. — Ana, eu não posso...

— Você me quer. — Delirante de poder, ela atirou a cabeça para trás. Seus olhos ardiam com o desafio. —Então me possua, agora.

Ela parecia uma deusa recém-saída do mar. Os cabelos molhados grudavam-se como ouro escuro em seu rosto. A pele brilhava com as gotas d'água. Em seus olhos havia segredos, mistérios obscuros que nenhum homem jamais desvendaria.

Ela estava linda. Ela era magnífica. E era toda sua.

— Segure-se em mim. — Apoiando-a contra a parede, Boone levantou-a pelos quadris. — Segure-se em mim.

Ana passou os braços em torno do pescoço dele, mantendo os olhos abertos. Ele penetrou-a ali mesmo, aprofundando-se nela enquanto a água caía em seus corpos. Ofegando o nome dele, Ana deixou a cabeça cair para trás. Através das nuvens de vapor, viu o reflexo de ambos no teto, uma maravilhosa mistura de membros que tornava impossível saber onde ele terminava e ela começava.

Um gemido de prazer indescritível escapou de seus lábios, enquanto ela

recostava a cabeça no ombro dele. Estava perdida, pensou. E dava graças a Deus por isso.

— Eu amo você.

Ana não sabia se as palavras estavam em sua mente ou se tinham saído de seus lábios. Mas pronunciou-as vezes sem conta, até que seu corpo contorceu-se.

Boone esvaziou-se dentro dela, depois apoiou-se fracamente na parede, sentindo as forças se esvaírem.

Seu coração ainda rugia em seus ouvidos quando fechou as mãos em torno dos ombros dela.

— Diga-me agora.

Ana estava sorrindo, mas vacilou um pouco e fitou-o através dos olhos nublados.

— Dizer o quê?

Ele pressionou os dedos com mais força, e Ana enxergou com mais nitidez.

— Que você me ama. Diga-me agora.

— Eu... Não acha que devemos nos enxugar? Faz muito tempo que estamos na água.

Com um gesto impaciente, ele fechou as torneiras.

— Quero olhar para você, quando você falar, e quero estar acordado. Vamos ficar aqui mesmo, até que você diga.

Ela hesitou. Boone não fazia idéia de que estava obrigando-a a tomar o passo seguinte na direção de tê-lo para sempre consigo, ou perdê-lo. O destino, ela pensou, e as escolhas. Chegara a hora de fazer a sua.

— Eu amo você, Boone. Não estaria aqui, se não o amasse.

Os olhos dele aqueceram-se, intensos. Lentamente a pressão nos braços dela suavizou-se, o seu rosto relaxou.

— Sinto-me como se tivesse esperado minha vida inteira para ouvi-la dizer isso.

Ana afastou-lhe os cabelos molhados do rosto.

— Pois só bastava perguntar.

Ele tomou-lhe as mãos.

— Você não precisa. — Vendo que ela começava a tremer, saíram do boxe e Boone pegou uma toalha.

Enrolou-a no corpo dela e abraçou-a, para aquecê-la melhor. — Anastásia. — Uma profunda ternura emergiu de dentro dele, enquanto beijava seus lábios, seu rosto, seus olhos. — Você não precisa perguntar. Eu amo você. Você trouxe à minha vida algo que pensei que nunca, nunca mais poderia ter.

Com um suspiro entrecortado, ela recostou o rosto no peito dele. Aquilo era real, pensou. Estava mesmo acontecendo. E ela teria de encontrar uma forma de manter tudo assim.

— Você é tudo o que sempre desejei. Não deixe de me amar, Boone, não pare

de me amar.

— Eu não poderia. — Ele afastou-a um pouco. — Não chore.

— Eu não choro. — As lágrimas brilhavam nos olhos dela, mas não corriam em seu rosto. — Eu não choro.

Anastásia não derrama lágrimas, mas irá derramá-las por você.

As palavras de Sebastian ressoaram incomodamente nos ouvidos de Boone. Mas ele as afastou com firmeza. Isso era ridículo. Não fizera nada para magoá-la. Abriu a boca, depois fechou-a novamente. Um banheiro cheio de vapor não era o lugar para o pedido que queria fazer. E, além disso, havia coisas que precisava dizer a ela, primeiro.

— Vamos vestir uma camiseta. Precisamos conversar.

Ana estava feliz demais para dar atenção à leve incerteza que a invadiu. E riu quando ele levou-a no colo para o quarto e enfiou uma camiseta pela sua cabeça. Com um ar sonhador, ela serviu mais vinho para os dois, enquanto Boone vestia a calça jeans.

— Quer vir comigo? — Ele estendeu a mão, que ela aceitou no mesmo instante.

— Para onde vamos?

— Quero lhe mostrar uma coisa. — Levou-a pelo corredor até o escritório.

Encantada, Ana fez um giro no meio da sala.

— É aqui que você trabalha.

Ali estavam as janelas amplas e sem cortinas, com os batentes de cerejeira entalhada. Dois tapetes persas, antigos e gastos, estavam sobre o piso de madeira polida. O céu estrelado surgia através das clarabóias duplas.

Um computador bem equipado, pilhas de papéis e muitas estantes de livros anunciavam que aquele era o seu local de trabalho. Mas ele acrescentara um charme extra com as gravuras emolduradas e uma coleção de dragões e cavaleiros medievais que deixaram-na intrigada. A fada alada que ele comprara na loja de Morgana estava num lugar de destaque, num pedestal alto e trabalhado.

— Você precisa de algumas plantas — ela decidiu imediatamente, pensando nos narcisos e azaléias que acabara de plantar em vasos, em sua estufa. — Imagino que você fique horas nesta sala, todos os dias. — Espiou no cinzeiro vazio ao lado do computador.

Seguindo o olhar dela, ele franziu a testa. Era estranho, mas havia dias que não acendia um cigarro. Até se esquecera disso. Teria de congratular-se por isso mais tarde.

— Às vezes fico olhando pela janela, quando você está no jardim. Fica difícil me concentrar no trabalho.

Ela riu e sentou na beirada da escrivaninha.

— Vou lhe comprar uma persiana.

— Nem pense nisso. — Ele sorriu, mas enfiou as mãos nervosamente nos bolsos. — Ana, eu quero lhe falar sobre Alice.

— Boone... — A compaixão fez com que ela se levantasse, indo até ele. — Eu entendo. Sei que é doloroso. Você não precisa me explicar nada.

— Preciso, sim, por mim. — Segurando a mão dela, virou-se para mostrar um desenho pendurado na parede. Uma linda jovem estava ajoelhada junto a um regato, mergulhando uma peneira dourada na água. —Ela fez este desenho antes de Jessie nascer. Deu-me de presente, quando fizemos um ano de casados.

— É lindo. Ela era muito talentosa.

— Sim, muito talentosa e muito especial. — Boone bebeu o vinho, num brinde inconsciente ao amor perdido. — Eu a conheci pela maior parte da minha vida. A linda Alice Reeder.

Ele precisava falar, Ana pensou, então ela ouviria.

— Vocês foram namoradinhos de escola?

— Não. — Ele riu. — Bem longe disto. Alice era a líder da torcida, a presidente da classe, a garota mais bonita e popular da escola. Nós pertencíamos a grupos diferentes, e eu estava uns dois anos adiantado. Eu passava por aquela fase rebelde, em que os meninos andam em turmas, "apavorando" todo mundo e tentando ser malvados.

Ela sorriu, tocando-lhe o rosto.

— Eu gostaria de ter visto isso.

— Enquanto eu fumava escondido no banheiro da escola, Alice pintava os cenários para as peças de fim de ano. Nós nos conhecíamos, mas parava por aí. Fui para a faculdade, e acabei indo morar em Nova York. Parecia algo necessário, desde que eu queria ser escritor, morar num apartamento barato e passar fome.

Ela passou o braço em torno dele, oferecendo-se conforto instintivamente, esperando que ele organizasse os pensamentos.

— Certo dia, eu estava numa padaria que ficava na esquina de onde eu morava, e olhei por cima do balcão. Ali estava ela, tomando café com *croissant.* Nós começamos a conversar. Você sabe... o que estávamos fazendo ali, sobre a velha vizinhança, o que aconteceu a quem. Este tipo de coisas. Foi bom e excitante. Lá estávamos nós, dois garotos do interior, sobrevivendo na grande e perigosa Nova York.

E o destino os uniu, Ana pensou, numa cidade de milhões de habitantes.

— Ela estava cursando a Escola de Belas Artes — Boone prosseguiu —, e dividia um apartamento com outras garotas, a apenas dois quarteirões de distância do meu. Eu acompanhei-a até o metrô. Fomos passeando, conversando, comparando desenhos, falando durante horas. Alice era tão cheia de vida, de energia, de idéias. Nós acabamos deslizando para uma paixão, ou algo mais meigo do que isso. — Os olhos dele suavizaram-se enquanto observavam o

desenho. — Foi muito lentamente, muito docemente. Nós nos casamos um pouco antes de eu vender meu primeiro livro. Ela ainda estava na faculdade.

Ele teve de calar-se por um instante, enquanto as lembranças retornavam com força total.

Instintivamente, pegou a mão de Ana. Ela abriu-se, entregando-lhe todo o apoio e amor que podia.

— Então, tudo parecia perfeito. Nós éramos jovens, felizes, apaixonados. Ela já vendia seus trabalhos.

Quando soubemos que ela engravidara, decidimos nos mudar para uma casa, criar nosso filho no clima saudável e agradável dos subúrbios e perto das nossas famílias. Então Jessie nasceu, e parecia que nada de mal poderia nos acontecer. Exceto que, depois do parto, Alice nunca mais recuperou completamente a energia de antes. Todos diziam que era natural, que ela devia estar cansada com o bebê e o trabalho. Ela emagreceu muito. Eu costumava brincar, dizendo que algum dia ela iria desaparecer. Quando começamos a nos preocupar realmente, ela fez os exames, mas devido a uma confusão qualquer no laboratório, a doença não foi diagnosticada de imediato. Quando descobrimos que ela tinha câncer, já era tarde demais.

— Ah, Boone. Eu sinto muito, sinto tanto...

— Ela sofreu. Isto foi o pior. Vê-la sofrer e não poder fazer nada. Eu presenciei a morte dela, pouco a pouco. E pensei que morreria, também. Mas havia Jessie. Alice tinha apenas vinte e cinco anos, quando a enterrei. Jessie acabara de fazer dois. — Ele respirou fundo, antes de virar-se para Ana. — Eu amei Alice, e sempre vou amar.

— Eu sei. Quando alguém toca a nossa vida desta maneira, jamais nos esquecemos.

— Depois que a perdi, parei de acreditar nos finais felizes, exceto aqueles que acontecem nos livros. Não queria me apaixonar novamente, arriscar-me a sentir toda aquela dor outra vez, nem por mim, nem por Jessie.

Mas estou amando novamente. O que sinto por você é tão forte que me faz acreditar outra vez. Não é o mesmo que senti antes. Não é menos. É apenas... nosso.

Ana acariciou-lhe o rosto, compreendendo.

— Boone, você achou que eu lhe pediria para esquecê-la? Que eu poderia sentir ciúme ou ressentimento do que você teve com ela? Isso só faz com que eu o ame ainda mais. Ela o fez feliz. Ela lhe deu Jessie. Só gostaria de tê-la conhecido, também.

Absolutamente emocionado, Boone fitou-a.

— Case comigo, Ana.

CAPÍTULO 11

Ana sentiu-se gelar. As mãos que estendia para abraçá-lo imobilizaram-se no ar. A respiração parecia presa em seus pulmões. E, mesmo quando seu coração saltou de alegria, sua mente alertou-a para esperar.

Bem devagar, ela desvencilhou-se dele.

— Boone, eu acho que...

— Não me diga que estou apressando as coisas. — Ele sentia-se surpreendentemente calmo, agora que dera o primeiro passo. O passo que, percebia, já fora dado em seu coração desde o início. — Não me importo se estou sendo precipitado. Preciso de você em minha vida, Ana.

— Já estou em sua vida. — Ela sorriu, tentando não se preocupar. — Você sabe disso.

— Já foi bem difícil quando comecei a desejá-la, e mais difícil ainda quando passei a gostar de você. Mas seria impossível, agora que estou amando-a. Não quero ser apenas o seu vizinho. — Segurou-a pelos ombros, fitando-a intensamente. — Não quero ser obrigado a mandar minha filha para fora de casa, para passar a noite com você. E você disse que me ama.

— Eu amo. — Ana cedeu ao impulso desesperado de abraçá-lo. — Você sabe que eu o amo, mais do que imaginei que seria possível. Mais do que eu queria. Porém, o casamento é...

— Certo. — Boone afagou-lhe os cabelos molhados. — É o mais certo para nós. Ana, uma vez eu lhe disse que não levo a intimidade na brincadeira, e não estava me referindo apenas ao sexo. — Afastou-se um pouco, querendo ver-lhe o rosto, querendo que ela visse o seu. — Estou falando sobre o que acontece comigo todas as vezes que olho para você. Antes de conhecê-la, estava satisfeito com a vida que tinha. Mas isso já não me basta mais. Não vou ficar me escondendo por trás da cerca de rosas para poder estar com você. Quero que fique comigo, conosco.

— Boone, se pudesse ser assim tão simples... — Ela virou-se, lutando para encontrar a resposta certa.

— Pode ser simples. — Boone ignorou uma súbita onda de pânico. — Quando entrei no quarto, hoje cedo, e vi você abraçada com Jessie... nem sei descrever o que senti naquele momento. Percebi que era tudo o que eu queria. Que você estivesse ali, somente isso. Saber que eu poderia compartilhar Jessie com você, porque você a ama. E poderíamos ter outros filhos... ter um futuro.

Ela fechou os olhos, porque a imagem era tão doce, tão perfeita. E estava negando a ambos uma chance de transformar aquele sonho em realidade, apenas porque tinha medo.

— Se eu dissesse "sim" agora, antes que você me compreenda, antes que saiba

tudo a meu respeito, não estaria sendo justa.

— Eu conheço você. — Boone tornou a abraçá-la. — Sei que você é compassiva e apaixonada, sei que é leal, generosa e tem uma mente aberta. Sei que ama muito sua família, que gosta de música romântica e vinho feito de maçãs. Conheço o som da sua risada, o seu cheiro. E sei que poderia fazê-la feliz, se você permitisse.

— Você me faz feliz. E é porque também quero vê-lo feliz que agora não sei o que fazer. — Ela afastou-se e começou a andar, tentando aliviar a tensão. — Eu não sabia que tudo isso aconteceria tão depressa, antes que eu tivesse certeza. Eu juro, se soubesse que você estava pensando em casamento...

Ser esposa dele, pensou. Unir-se a ele para sempre. Não podia pensar em nada mais precioso do que isso.

Precisava contar-lhe tudo, para que ele tivesse a opção de aceitar ou recusar.

— Você tem sido muito mais honesto comigo do que eu com você.

— Sobre o quê?

— Sobre quem você é. — Ela fechou os olhos e suspirou. — Sou uma covarde. Tão facilmente devastada por maus pressentimentos, sentindo um medo patético, um medo... físico e emocional. Tão vulnerável a coisas que outras pessoas encaram com indiferença.

— Não sei sobre o que você está falando, Ana.

— Não, você não sabe. — Ela pressionou os lábios. — Você entende que existem pessoas que são mais sensíveis do que outras? Pessoas que precisam desenvolver uma defesa que as impeça de absorver demais os turbilhões de emoções que giram em torno delas? Que são obrigadas a fazer isso, Boone, pois do contrário não conseguem sobreviver?

Ele afastou a impaciência e tentou sorrir.

— Está ficando mística demais para o meu gosto, Ana.

Ela riu, pressionando a mão nos olhos.

— Você não sabe nem a metade. Preciso explicar, mas não sei como. Se eu pudesse... — Começou a virar-se, determinada a lhe contar tudo, e derrubou o bloco de desenhos de cima da escrivaninha dele. Num gesto automático, abaixou-se para pegá-lo.

Talvez fosse o destino que quisesse que o bloco caísse de frente, mostrando um desenho recém-terminado. Um desenho excelente, Ana pensou, enquanto o analisava. As linhas firmes e sombrias de uma bruxa com um chapéu pontudo encaravam-na. O mal, ela pensou. Ele havia capturado o mal com perfeição.

— Não se preocupe com isso. — Boone adiantou-se para pegar o bloco, mas ela balançou a cabeça.

— Isto é para o seu novo livro?

— Sim, "O Castelo de Prata". Não vamos mudar de assunto.

— Nem tanto quanto você está pensando — ela murmurou. — Dê-me só um

momento — disse, com um sorriso cauteloso. — Fale-me sobre este desenho.

— Que diabos, Ana.

— Por favor.

Frustrado, ele passou a mão pelos cabelos.

— É apenas o que parece. Uma bruxa malvada que amaldiçoa a princesa e o castelo. Tive de imaginar que seria um encantamento que impedia qualquer pessoa de entrar ou sair do castelo.

— Então escolheu uma bruxa.

— Sei que é o óbvio. Mas a história parecia exigir isso. A bruxa vingativa, ciumenta, furiosa com a beleza e a bondade da princesa faz um encantamento para que a princesa fique encerrada no castelo, privada do amor, da vida e da felicidade. Então, quando o verdadeiro amor vence, rompendo a maldição, a bruxa é eliminada. E eles vivem felizes para sempre.

— Imagino que, para você, as feiticeiras são sempre maldosas e calculistas. — "Calculistas", Ana lembrou-se. Fora uma das palavras que Robert usara para descrevê-la. Além de outras, muito, muito piores.

— Bem, é o que se espera delas. O poder corrompe, certo?

Ana deixou o bloco na escrivaninha.

— É o que algumas pessoas pensam. — Era apenas um desenho, ela disse a si mesma. Apenas parte de uma história que ele inventara. Ainda assim, serviu para lembrá-la de quão imensa era a distância que os separava. — Boone, quero lhe pedir uma coisa esta noite.

— Acho que esta noite você poderia me pedir qualquer coisa.

— Preciso de tempo — ela disse. — E de fé. Amo você, Boone, e não existe mais ninguém com quem eu quisesse passar o resto da minha vida. Mas preciso de tempo, e você também. Uma semana — ela disse, antes que ele pudesse protestar. — Somente uma semana. Até a lua cheia. Então, eu lhe contarei tudo sobre mim. Depois disso, espero que você me peça novamente para ser sua esposa. E, se pedir, a resposta será "sim".

— Diga sim agora. — Ele abraçou-a, capturando-lhe os lábios, esperando convencê-la com a força da sua própria vontade. — Que diferença fará uma semana?

— Toda diferença — ela murmurou, colando-se a ele. — Ou nenhuma.

Boone não se importava de esperar. O que o deixava impaciente e nervoso era o fato de que os dias pareciam arrastar-se. Um dia, dois, finalmente três. A fim de confortar-se, pensava sobre a mudança que aconteceria em sua vida, assim que aquela semana interminável acabasse.

Não passaria mais as noites sozinho. Logo, quando se virasse na cama, ela estaria ali. A casa estaria repleta da presença dela, do seu perfume, das fragrâncias de ervas e essências. Nas noites longas e tranquilas, eles poderiam

sentar juntos no terraço e conversar sobre o dia que tiveram, sobre o futuro.

Ou, talvez, Ana quisesse que se mudassem para a casa dela. Não teria importância. Eles caminhariam pelos jardins, através dos canteiros, e ela poderia tentar ensinar-lhe os nomes de todas as flores.

Talvez pudessem fazer uma viagem para a Irlanda, e ela lhe mostraria todos os lugares significativos de sua infância. E lhe contaria histórias, como aquela da feiticeira e do sapo, sobre as quais ele poderia escrever.

Um dia, teriam outros filhos e ele a veria segurando um bebê no colo, da mesma maneira que segurara os de Morgana e Nash.

Mais filhos. Tal pensamento o fez olhar para o retrato emoldurado de Jessie, sorrindo para ele na escrivaninha.

Ela era o seu bebê. Apenas seu, e por tanto tempo. E ele realmente queria outros. Até agora, nunca se dera conta do quanto desejava mais filhos. Nem do quanto gostava de ser pai. Parecia fazer parte da sua personalidade, algo que ele simplesmente "era".

Agora, enquanto a mente começava a brincar com a idéia, imaginou-se acalentando um bebê durante a noite, como fizera com Jessie. Segurando-lhe os bracinhos quando os primeiros passos eram dados. Jogando bola no quintal, segurando a traseira de uma bicicleta desequilibrada.

Um filho. Não seria incrível ter um filho? Ou outra filha. Irmãos e irmãs para Jessie. Ela adoraria, pensou, e descobriu-se sorrindo como um idiota. Ele adoraria.

Mas, evidentemente, ainda não havia perguntado à Ana como ela se sentia a respeito. Sem dúvida, era algo que teriam de discutir. Talvez fosse apressá-la outra vez, se falasse nesse assunto agora.

Então, lembrou-se da expressão dela, quando ficara abraçada à Jessie em sua cama. A maneira com que seu rosto iluminara-se ao segurar os bebês, para que Jessie pudesse vê-los e tocá-los.

Não, decidiu. Ele a conhecia. Ela estaria tão ansiosa quanto ele para transformar aquele amor em vida.

No final da semana, pensou, iriam começar a fazer os planos para um futuro juntos.

Para Ana os dias passaram depressa demais. Ela ficava horas pensando na maneira certa de contar tudo a Boone. Depois, mudava de idéia e tentava encontrar outro jeito.

Havia o confronto direto.

Imaginava-se sentando com ele na cozinha, com um bule de chá sobre a mesa.

— Boone — ela diria, — eu sou uma feiticeira. Se isso não o incomoda, podemos começar a planejar o casamento.

Havia a maneira sutil.

Estariam sentados no pátio, perto do canteiro de margaridas do campo. Enquanto bebiam um vinho e admiravam o pôr do sol, conversariam sobre a infância de cada um.

— Imagino que ter sido criada na Irlanda seja um pouco diferente de crescer em Indiana — ela lhe diria. —Mas os irlandeses geralmente aceitam muito bem o fato de ter feiticeiros como vizinhos. — Então, sorriria. —Mais vinho, amor?

Ou a abordagem intelectual.

— Estou certa de que você concorda que muitas lendas são baseadas em fatos. — Esta conversa poderia acontecer na praia, com o barulho das ondas e os gritos das gaivotas ao fundo. — Seus livros demonstram uma grande profundidade de compreensão e respeito pelo que a maioria das pessoas considera mito ou folclore. Sendo eu mesma uma feiticeira, aprecio seu enfoque positivo das fadas e da magia. Especialmente o modo como você descreveu a feiticeira no livro "Um Terceiro Desejo para Miranda".

Ana esperava apenas que lhe restasse algum humor para rir de cada um daqueles tristes cenários. E certamente teria de pensar em alguma coisa, agora que faltavam menos de vinte e quatro horas para o término do seu prazo.

Boone já se mostrara paciente demais, e ela não teria o direito de lhe pedir mais tempo. Não havia desculpas para fazê-lo esperar mais.

Pelo menos naquela noite teria um pouco de apoio moral. Morgana e Sebastian, com os respectivos cônjuges, estavam a caminho para o jantar que costumavam fazer juntos, em todas as primeiras sextas-feiras do mês. Se isso não a preparasse para o confronto com Boone no dia seguinte, nada mais o faria. Quando Ana saiu para o terraço, ficou brincando com o pingente de zircônia que tinha no pescoço.

Era óbvio que Jessie estivera observando o seu quintal como uma águia, pois no mesmo instante surgiu por entre a cerca de rosas, com Daisy atrás de si. A fim de demonstrar seu desprezo ao filhote, Quigley sentou e começou a lamber as patas.

— Nós vamos jantar na sua casa, hoje — Jessie anunciou. — Os bebês também vêm e, se eu tiver muito, muito cuidado, talvez possa pegá-los no colo.

— Acho que podemos dar um jeito nisso. — Automaticamente, Ana olhou para o quintal vizinho, tentando encontrar sinais de Boone. — Como estava a escola hoje, meu raio de sol?

— Foi bom. Já sei escrever o meu nome, do papai e o seu. O seu é o mais fácil. Sei escrever o de Daisy, mas não o de Quigley, por isso escrevi apenas "gato". Então escrevi o nome de toda a minha família, como a professora mandou. — Jessie parou de falar, olhou para os sapatos e, pela primeira vez desde que Ana a conhecia, ficou intimidada. — Está tudo bem que eu disse que

você é da minha família?

— Está mais do que bem. — Abaixando-se, Ana deu um abraço apertado na menina. "Ah, sim", pensou, fechando os olhos com força. "É isso que quero, é isso que preciso. Posso ser uma mulher para ele e mãe para sua filha. Por favor, por favor, ajude-me a encontrar uma maneira de ter tudo isso." — Eu amo você, Jessie.

— Você não vai embora, não é?

Porque estavam tão próximas, e porque não pôde evitar, Ana tocou o coração da menina e viu que ela estava pensando na mãe.

— Não, querida. — Afastou-se, escolhendo as palavras com cuidado. — Eu jamais iria querer ir embora. Mas, se tiver de ir, se não puder evitar, ainda ficaríamos próximas.

— Como você pode ir embora e ainda ficar perto de mim?

— Porque você estaria no meu coração. Aqui. — Ana retirou a correntinha de ouro com o pingente de zircônia e colocou-o no pescoço de Jessie.

—Ah! Veja como brilha!

— É muito especial. Quando você se sentir sozinha ou triste, basta segurar na pedra e pensar em mim. Eu vou saber, e lhe enviarei felicidade.

Encantada, Jessie girou o cristal na mão e ergueu-o contra luz, produzindo uma explosão de cores e luzes.

— É mágico?

—É, sim.

Jessie aceitou a resposta com a fé de uma criança.

— Quero mostrar ao papai. — Saiu correndo, mas parou ao lembrar-se da boa educação. — Obrigada, Ana.

— De nada. Ahn... seu pai está em casa?

— Sim, ele está no telhado.

— No telhado?

— É, porque no mês que vem já é o Natal e ele precisa saber quantas lâmpadas terá de comprar. Ele quer iluminar a casa inteira, pois disse que este Natal será o melhor de todos os tempos.

— Espero que sim.

Ana protegeu os olhos com a mão e olhou para cima. Lá estava ele sentado no topo da casa, olhando-a de volta. Ana sentiu o conhecido salto no coração, como sempre acontecia quando o via. Apesar de nervosa, sorriu e acenou-lhe, enquanto pousava a outra mão no ombro de Jessie.

Tudo ficaria bem, disse a si mesma. Teria de ficar.

Boone ignorou o emaranhado de fios com as lâmpadas de Natal ao seu lado, e ficou observando-as até que Jessie corresse de volta para o quintal, e Ana entrasse na casa.

Tudo ficaria bem, pensou. Teria de ficar.

Sebastian pegou uma enorme azeitona preta da bandeja e enfiou-a na boca.

— A que horas vamos comer? — perguntou.

— Você já comeu — Mel salientou.

— Estou falando de comida de verdade. — Ele piscou para Jessie. — Cachorro-quente.

— Frango com molho de ervas — Ana corrigiu, virando um peito de frango na churrasqueira.

Estavam todos espalhados pelo pátio, com Jessie sentada numa cadeira de ferro segurando Allysia cuidadosamente no colo. Boone e Nash mantinham um debate animado sobre cuidados com as crianças.

Morgana amamentava Donovan, enquanto escutava o relato de Mel sobre o final feliz da fuga que ela e Sebastian tinham investigado.

— O garoto estava miserável — ela dizia. — Arrependido como o diabo por ter fugido, e com medo de voltar. Quando nós o encontramos, com frio, sem dinheiro e com fome, ele ficou sabendo que seus pais estavam com mais medo do que raiva, e mal pôde esperar para voltar para casa. Acho que vai ficar de castigo até os trinta anos, mas não parecia importar-se com isso. — Esperou até que Morgana fizesse o bebê arrotar. Estava louca para pegá-lo no colo. — Quer que o leve para o cestinho?

— Obrigada. — Morgana observou a expressão de Mel, quando ela pegou o bebê. — Está pensando em ter um destes? Ou dois?

— Para dizer a verdade... — Mel aspirou o suave perfume do bebê e sentiu os joelhos enfraquecerem. —Talvez eu já esteja... — Lançou um rápido olhar por sobre o ombro e viu o marido entretido com Jessie. — Ainda não tenho certeza, mas acho que já comecei a tentar.

— Ah, Mel, isso é...

— Shh. — Mel abaixou-se, usando o bebê como cobertura. — Não quero que ele saiba, e nem que desconfie, do contrário não serei capaz de impedi-lo de olhar por si mesmo. Quero poder contar-lhe sozinha. — Ela sorriu.

— Ele vai morrer de susto.

Com todo cuidado, Mel deitou o bebê no carrinho duplo.

— Allysia também está dormindo — Jessie avisou, passando o dedo pelo rostinho do bebê.

— Quer deitá-la ali perto do irmão dela? — Sebastian abaixou-se para ajudar Jessie levantar-se com o bebê.

— É assim mesmo que se faz. — Manteve as mãos sob as dela, enquanto a menina deitava Allysia no carrinho. —Você será uma excelente mãe, quando crescer.

— Talvez eu possa ter gêmeos, também. — Ela virou-se quando Daisy

começou a latir. — Shh! — murmurou. — Você vai acordar os bebezinhos!

Mas Daisy estava ocupada demais correndo atrás de Quigley. Procurando um espaço aberto, o gato disparou pela cerca de rosas na direção do quintal vizinho, e desapareceu. Adorando a brincadeira, Daisy voou atrás dele.

— Eu vou buscá-la, papai. — Fazendo tanto alarido quanto os animais, Jessie correu atrás deles.

— Não acho que um adestrador seja a solução — Boone comentou, dando um gole na cerveja. — Já estou considerando seriamente uma instituição para problemas mentais.

Ofegando um pouco, Jessie seguiu os sons de latidos e miados através do gramado, pelo terraço e em volta da casa. Quando finalmente alcançou Daisy, colocou as mãos na cintura e repreendeu-a.

— Vocês precisam ser amigos. Ana não vai gostar se você ficar provocando Quigley.

Daisy limitou-se a bater a cauda no chão e latiu novamente. Quigley procurara abrigo na escada que Boone usara para subir no telhado, e estava num degrau bem no meio, todo arrepiado e dando patadas no ar.

— Ele não gosta dessas brincadeiras, Daisy. — Com um suspiro, Jessie abaixou-se para afagar a cadelinha.

— Ele não sabe que você só quer brincar e que não vai machucá-lo. Ele fica com medo. — Olhou para cima da escada. — Venha, gatinho, está tudo bem. Pode descer, agora.

Com um rosnado felino, Quigley estreitou os olhos, subiu mais alguns degraus da escada e abrigou-se no telhado, quando Daisy respondeu com mais uma série de latidos.

— Ah, Daisy, olhe só o que você fez.

Jessie hesitou ao pé da escada. Seu pai fora bastante específico ao lhe dizer que não chegasse perto dela.

Mas ele não sabia que Quigley ficaria com tanto medo. E que podia cair do telhado e morrer. Deu um passo para trás, pensando em ir chamar o pai para resolver a situação. Então, ouviu Quigley miar.

Daisy era responsabilidade sua, Jessie pensou. Ela deveria alimentá-la e tomar conta dela, para que não se metesse em encrencas. Se Quigley se machucasse, a culpa seria sua.

— Já vou indo, gatinho. Não fique com medo.

Mordendo o lábio, começou a subir os degraus. Já havia visto seu pai chegar até o topo, e não parecia ser tão difícil. Era como subir nos brinquedos do parque, ou na escada do escorregador.

— Gatinho, gatinho... — foi dizendo enquanto subia, e deu uma risadinha quando Quigley espiou no telhado. — Seu gato bobinho, Daisy só estava brincando. Vou levá-lo para baixo, não se preocupe.

Estava quase no topo, quando seu pé errou o degrau seguinte.

— Está um cheiro delicioso — Boone murmurou, mas aspirava a nuca de Ana, e não o frango que ela deixara numa travessa. — Muito apetitoso.

Nash deu-lhe um leve empurrão, enquanto pegava um prato.

— Se vai mesmo beijá-la, é melhor sair do caminho. Nós estamos querendo comer.

— Tudo bem. — Passando os braços em torno da cintura de Ana, que limitara-se a arregalar os olhos de surpresa, ele beijou-a longa e profundamente. — O prazo está quase acabando — disse, contra seus lábios. —Você pode acabar com meu sofrimento agora mesmo, ou...

As palavras foram interrompidas no instante em que ele ouviu o grito de Jessie. Com o coração aos saltos, correu pelo gramado, chamando por ela. Pulou o cercado de rosas, disparou pelo seu quintal.

— Ah, Deus... Ah, meu Deus!

Todo seu sangue pareceu esvair-se do seu corpo quando a viu caída no chão, o bracinho dobrado num ângulo impossível, o rosto pálido como cera.

— Jessie!

Em pânico, ajoelhou-se ao lado dela. Jessie estava imóvel demais, e até sua mente febril registrou este fato terrível. E quando abaixou-se para pegá-la no colo, havia sangue, o sangue dela, em suas mãos.

— Não a remova do lugar! — Ana disparou a ordem, ajoelhando-se ao lado deles. Estava com a respiração ofegante, lutando contra o terror, mas suas mãos agarraram os pulsos dele com firmeza. — Não sabemos o quanto e onde ela está ferida. Pode piorar as coisas, se removê-la.

— Ela está sangrando. — Boone segurou o rosto da menina entre as mãos. — Jessie. Acorde, Jessie. —Tremendo, procurou-lhe o pulso na garganta. — Não faça isso comigo. Bom Deus, por favor... Precisamos de uma ambulância.

— Vou chamar — Mel falou, atrás deles.

Ana apenas balançou a cabeça.

— Boone. — Ficou muito calma, depois de entender o que teria de fazer. — Boone, me escute. — Segurou-o pelos ombros, mantendo as mãos firmes quando ele tentou desvencilhar-se. — Você precisa se afastar. Deixe-me examiná-la. Deixe-me ajudá-la.

— Ela não está respirando. — Ele conseguia apenas ficar olhando para a filha. — Acho que não está respirando. O braço dela... Quebrou o braço.

Era mais do que isso. Mesmo sem um contato mais próximo, Ana sabia que era muito mais do que isso.

E não havia tempo para a ambulância.

— Eu posso ajudá-la, mas você terá de se afastar.

— Ela precisa de um médico. Pelo amor de Deus, alguém chame uma

ambulância!

— Sebastian — Ana falou baixinho.

Seu primo adiantou-se e pegou Boone pelo braço.

— Solte-me! — Boone começou a se virar e viu que Sebastian e Nash o seguravam. — O que diabos vocês pensam que estão fazendo? Precisamos levá-la para o hospital!

— Deixe que Ana faça o que puder — Nash falou, esforçando-se para conter o amigo e o seu próprio pânico. — Você tem de confiar nela, pelo bem de Jessie.

— Ana... —Pálida e trêmula, Morgana passou um dos bebês para os braços de Mel. — Pode ser tarde demais. Você sabe o que poderia acontecer se...

— Preciso tentar.

Com extrema delicadeza, Ana pousou as mãos nos dois lados da cabeça de Jessie. Preparou-se, esperando até que sua própria respiração ficasse lenta e profunda. Era difícil, difícil demais bloquear as emoções violentas e aterrorizadas de Boone, mas concentrou-se na criança, somente na criança. E abriu-se.

Dor. Lampejos quentes e ardentes de dor, irradiando-se em sua cabeça. Uma dor intensa demais para uma criança pequena suportar. Ana extraiu a dor, sorveu-a para si, permitindo que todo seu organismo a absorvesse. Quando a agonia ameaçava perturbar a serenidade necessária para um trabalho tão profundo e delicado, esperou um pouco, até que as ondas se acalmassem. Então, prosseguiu.

Tantos danos, pensou enquanto suas mãos deslizavam levemente para baixo. Uma queda tão alta. Uma imagem perfeita surgiu em sua mente. O chão chegando cada vez mais perto, o medo impotente, o impacto súbito e atordoante.

Seus dedos passaram por um corte profundo no ombro de Jessie. A imagem refletida cortou seu próprio ombro, latejou, sangrou. Depois, os dois cortes desapareceram.

— Meu Deus... — Boone havia parado de debater-se. Estava atônito demais. — O que ela está fazendo?

—Como?

— Ela precisa de silêncio — Sebastian murmurou. Afastando-se de Boone, pegou a mão de Morgana. Não havia nada que pudessem fazer, exceto esperar.

Os ferimentos internos eram graves. O suor cobriu a pele de Ana enquanto ela examinava, absorvia, curava. Entoava um cântico, enquanto trabalhava, sabendo que precisava aprofundar o transe a fim de salvar a criança, e a si mesma.

Ah, mas a dor! Dilacerava-a como um fogo, fazendo-a estremecer. Sua respiração ficou mais difícil, enquanto tentava afastá-la. Cegamente, apertou a mão em torno da zircônia que Jessie ainda usava, e pousou a outra mão no coração da menina.

Quando atirou a cabeça para trás, seus olhos tinham a cor das nuvens de tempestade, e estavam tão vítreos quanto o cristal.

A luz era intensa, forte a ponto de cegá-la. Mal podia ver a criança lá em cima. Ela chamou, gritou, querendo apressar-se, sabendo que um único passo em falso seria o fim para as duas.

Olhou fixamente para a luz e sentiu Jessie escorregando para mais longe.

— O dom me pertence para ser usado ou desprezado. — A dor e o poder reverberavam em sua voz. — Esta foi minha escolha desde o dia em que nasci. O que fere a criança a mim seja trazido. Como eu própria, ao pó voltará.

Ela gritou, então, pelo preço dilacerante de trapacear a morte. Sentiu a própria vida vazar de si, oscilando, oscilando na direção da luz penetrante, enquanto o coração de Jessie começava a bater debilmente sob sua mão.

Ela lutou, por ambas as vidas, evocando cada grama de suas forças, cada vestígio de seu poder.

Boone viu a filha enrijecer, viu seus olhos abrirem-se quando Ana vacilou para trás.

— Jess... Jessie? — Ele deu um pulo para frente, apoiando-a em seus braços. — Minha filhinha, você está bem?

— Papai? — Os olhos nublados e desfocados começaram a clarear. — Eu caí?

—Sim, meu amor. — Enfraquecido pelo alívio e gratidão, Boone abraçou-a e acalentou-a em seus braços. —Sim...

— Não chore, papai. — Jessie deu-lhe uma palmadinha nas costas. — Eu estou bem.

— Deixe-me ver. — Ele respirou fundo, antes de passar as mãos pelo corpinho da menina.

Não havia mais sangue, descobriu. Nenhum sangue, nenhum ferimento, nem mesmo um arranhão.

Virou-se e olhou para Ana, enquanto Sebastian a ajudava a levantar-se.

— Está doendo em algum lugar, Jessie?

— Não. — Ela bocejou e recostou a cabeça no ombro dele. — Eu estava indo encontrar a mamãe. Ela estava tão bonita, no meio de uma luz. Mas estava triste, parecendo que ia chorar, quando me viu chegando. Então Ana apareceu e pegou minha mão. Mamãe parecia feliz quando acenou, despedindo-se de nós. Estou com sono, papai.

Boone sentia um nó na garganta e o coração parecia querer saltar do peito.

— Está bem, minha querida.

— Por que não me deixa levá-la para dentro? — Nash ofereceu-se. Quando Boone hesitou, ele baixou a voz. — Jessie está bem, mas Ana não está. — Pegou no colo a criança meio adormecida. — Não permita que o bom senso o atrapalhe, amigo — acrescentou, afastando-se com Jessie.

— Quero saber o que aconteceu aqui. — Temendo que começasse a gaguejar, obrigou-se a falar mais devagar. — Quero saber exatamente o que aconteceu.

— Tudo bem. — Ana olhou para os primos que a rodeavam. — Se vocês

puderem nos deixar a sós por um instante, eu gostaria de... — As palavras ficaram soltas no ar, quando ela perdeu os sentidos.

Praguejando baixinho, Boone segurou-a antes que ela caísse, e aconchegou-a nos braços.

— O que diabos está acontecendo? — indagou. — O que ela fez com Jessie? — Baixou os olhos, vendo a palidez translúcida do rosto dela. — O que ela fez a si mesma?

— Ana salvou a vida da sua filha — Sebastian respondeu. — E arriscou a própria vida.

— Fique quieto, Sebastian — Morgana murmurou. — Ele já sofreu o bastante.

— Ele?

— Sim. — Morgana tocou o braço do primo, contendo-o. — Boone, Ana precisa descansar. Precisa de muito descanso e silêncio. Se você preferir, leve-a para casa dela. Um de nós ficará para cuidar dela.

— Ela vai ficar aqui mesmo. — Boone virou-se e carregou-a para casa.

Ana flutuava para dentro e para fora de mundos sem cor. Não havia dor, agora, ou qualquer outra sensação. Tinha a mesma consistência que a neblina. Por uma ou duas vezes, ouviu Sebastian ou Morgana deslizando para sua mente, oferecendo-lhe conforto e confiança. Outros juntaram-se a eles, os seus pais, tios e tias, e mais.

Após uma longa, longa jornada, ela sentia-se retornar. Matizes e vestígios de cores insinuavam-se no mundo incolor. As sensações começaram a penetrar em todo seu corpo, provocando coceiras na pele. Ela suspirou uma vez, o primeiro som que fazia em mais de vinte e quatro horas, e abriu os olhos.

Boone observou-a voltar. Levantou-se automaticamente da cadeira, a fim de levar-lhe o remédio que Morgana deixara.

— Aqui — disse, segurando-lhe a cabeça e levando o copo aos seus lábios. — Você precisa beber isto.

Ela obedeceu, reconhecendo o cheiro e o sabor.

— Jessie?

— Ela está bem. Nash e Morgana vieram buscá-la esta tarde. Vai passar a noite com eles.

Assentindo levemente, ela tornou a beber.

—Quanto tempo fiquei dormindo?

— Dormindo? — Ele riu um pouco diante do termo prosaico que ela usara para aquele estado de coma em que se encontrara. — Você esteve inconsciente por vinte e seis horas. — Olhou no relógio. — E trinta minutos.

A jornada mais longa que fizera, Ana pensou.

— Preciso ligar para minha família e avisar que estou bem.

— Eu faço isso. Está com fome?

— Não. — Ana tentou não magoar-se com o tom educado e distante da voz

dele. — Isso é tudo o que preciso, por enquanto.

— Então estarei de volta em um minuto.

Quando Boone deixou-a sozinha, Ana cobriu o rosto com as mãos. A culpa era toda sua, censurou-se.

Não o havia preparado, relutara tanto em contar-lhe a verdade, e o destino se encarregara de tudo. Com um suspiro cansado, levantou da cama e começou a vestir-se.

— O que pensa que está fazendo? — Boone indagou, entrando no quarto. — Você precisa descansar.

— Já descansei bastante. — Ana olhou para as próprias mãos, enquanto fechava os botões da blusa vagarosamente. — E assim que eu conseguir ficar de pé, conversaremos a respeito disso.

Com os nervos vibrando, Boone limitou-se a concordar.

— Faça como quiser.

— Podemos ir lá fora? Gostaria de um pouco de ar fresco.

— Tudo bem. — Ele pegou-a pelo braço e ajudou-a a descer as escadas, indo para o terraço.

Assim que se sentaram, Boone tirou um cigarro do bolso e acendeu-o. Mal fechara os olhos desde o momento em que levara Ana para o seu quarto, e estava subsistindo à base de tabaco e café.

— Se você estiver disposta, acho que gostaria de uma explicação.

— Vou tentar. Lamento muito não ter lhe contado tudo antes. — Ana cruzou as mãos no colo. — Eu queria, mas não conseguia encontrar a melhor maneira.

— A maneira direta é a melhor — ele disse, dando uma tragada profunda no cigarro.

— Eu venho de uma linhagem muito antiga, tanto no lado paterno como materno. De uma cultura diferente, se você preferir. Você sabe o que quer dizer *Wicca?*

Um frio perpassou-lhe a espinha, mas Boone achou que seria o ar da noite.

— Feitiçaria — respondeu.

— Na verdade, o significado desta palavra é "sabedoria". Mas pode ser "feiticeira", também. — Ana levantou a cabeça e seus olhos cinzentos encontraram os dele, cansados e sombrios. — Sou uma feiticeira por herança, nascida com poderes de empatia que me tornam capaz de conectar-me, tanto física como emocionalmente, com outras pessoas. Meu dom é o da cura.

Boone tornou a tragar o cigarro.

— Você vai ficar aí, olhando para mim e me dizendo que é uma feiticeira?

— Sim.

Furioso, ele atirou o cigarro para longe.

— Que tipo de brincadeira é essa, Ana? Depois de tudo o que aconteceu aqui, não acha que mereço uma explicação racional?

— Acho que você merece a verdade. Você até pode achar que não é racional. — Ela ergueu a mão, antes que ele tornasse a falar. — Diga-me como você explicaria o que aconteceu.

Ele abriu a boca, depois fechou-a novamente. Estivera tentando solucionar aquele enigma pelas últimas vinte e quatro horas, sem chegar a uma conclusão plausível.

— Não sei explicar. Mas isso não significa que vou engolir esta sua história.

— Tudo bem. — Ela pousou a mão no peito dele. — Você está cansado. Tem dormido muito pouco. Sua cabeça está latejando e sente um nó no estômago.

Ele arqueou a sobrancelha, com ironia.

— Não acho que seja preciso ser uma feiticeira para descobrir isso.

— Não. — Antes que ele pudesse se afastar, Ana tocou-lhe a testa e pressionou a outra mão em seu estômago. — Melhorou? — perguntou, após um momento.

Ele precisava sentar, mas tinha medo de não conseguir levantar-se outra vez. Ela o tocara, suavemente. E até a mais leve sombra de dor desaparecera.

— O que foi isso? Hipnose?

— Não. Boone, olhe para mim.

Ele olhou, e viu uma mulher desconhecida com os cabelos louros esvoaçando ao vento. A feiticeira de âmbar, pensou, entorpecido. Seria de admirar que tivesse achado a estátua tão parecida com ela?

Ana viu o choque a princípio de credulidade no rosto dele.

— Quando você perguntou se eu me casaria com você, lhe pedi um tempo para que pudesse encontrar uma forma de contar-lhe o que sou. Estava com medo. — Ela fez um gesto com as mãos. — Medo de que você me olhasse exatamente da maneira como está me olhando agora. Como se nem me conhecesse.

— Tudo isso é besteira. Escute, eu escrevo essas coisas, é o meu trabalho, e sei muito bem distinguir verdade e ficção.

— Minhas habilidades para magia são bastante limitadas.

Ainda assim, ela enfiou a mão no bolso, onde sempre levava alguns cristais. Com os olhos fixos nos dele, espalhou-os na palma da mão. Lentamente, os cristais começaram a brilhar, o púrpura da ametista escurecendo, o rosado do quartzo iluminando-se, o verde da malaquita reluzindo. Então, as pedras levantaram no ar, por cinco, dez centímetros e começaram a girar, rodopiando e formando *flashes* de luz.

— Morgana é mais talentosa com estas coisas — ela disse.

Boone ficou olhando para os cristais que tornaram a cair na mão dela, tentando encontrar uma explicação lógica.

— Morgana também é feiticeira?

— Ela é minha prima — Ana afirmou, simplesmente.

— Então Sebastian...

— O dom de Sebastian é a vidência.

Ele não queria acreditar, mas era impossível descartar o que vira com seus próprios olhos.

— Sua família — começou. — Aqueles truques mágicos que seu pai fez...

— A magia em sua forma mais pura. — Ana tornou a guardar os cristais no bolso. — Como já lhe disse, meu pai tem muitos talentos. Bem como o restante de nós, cada um à sua própria maneira. Somos feiticeiros. Todos nós. — Ana tentou alcançá-lo, mas Boone recuou. — Sinto muito.

— Você sente muito? — Profundamente abalado, Boone passou as mãos pelos cabelos. Aquilo só podia ser um sonho, um pesadelo. Mas estava realmente parado ali, em seu terraço, sentindo o vento e ouvindo o barulho do mar. — Isso é ótimo. É ótimo. Você sente muito. Mas, por quê, Ana? Por ser o que é, ou por achar que isso não é importante o suficiente para ser mencionado?

— Não lamento ser o que sou. — O orgulho fez com que endireitasse o corpo. — Lamento por ter inventado desculpas para não lhe contar. E lamento, mais do que tudo, que você não possa mais me ver da maneira que me via dois dias atrás.

— O que esperava? Acha que posso simplesmente esquecer o que está me dizendo e prosseguir a partir de agora? Aceitar o fato de que a mulher que amo é algo que saiu de um dos meus livros de histórias e não pensar mais nisso?

— Eu sou exatamente a mesma que era ontem, e como serei amanhã.

— Uma feiticeira.

— Sim. — Ela cruzou os braços. — Uma feiticeira, nascida para curar. Não preparo maçãs envenenadas, nem seduzo criancinhas para casas de chocolate.

— E isso deveria deixar-me mais tranquilo?

— Nem eu tenho o poder de fazer isso. Como eu lhe disse, nós todos somos responsáveis pelo nosso próprio destino. — Mas ela sabia que o seu destino estava nas mãos dele. — Você pode fazer sua escolha.

Ele esforçava-se para acreditar, mas simplesmente não conseguia.

— Você precisou de um tempo para me dizer isso. Bem, eu juro que preciso de um tempo para decidir o que fazer a respeito. — Ele começou a andar, mas parou de repente. — Jessie. Jessie está na casa de Morgana.

Ana sentiu como se um punhal fosse cravado em seu coração.

— Ah, sim, com minha prima, a feiticeira. — Uma única lágrima deslizou pelo seu rosto. — O que acha que Morgana vai fazer? Lançar uma maldição em sua filha? Atirá-la numa torre e trancar a porta?

— Não sei o que pensar. Pelo amor de Deus, acabei de descobrir que estou vivendo num conto de fadas! O que posso pensar?

— O que quiser — Ana respondeu, cansada. — Não posso mudar o que eu sou. Nem mesmo por você. E também não vou ficar aqui, enquanto você me olha como se eu fosse um monstro!

— Eu não...

— Quer que eu lhe diga como você está se sentindo? — ela perguntou, enquanto uma outra lágrima caía. —Traído, com raiva, ferido. E desconfiado do que eu sou, do que posso ou irei fazer.

— Meus sentimentos são propriedade minha — ele disparou de volta, abalado. — Não quero ser invadido desta forma.

— Eu sei. E se eu desse um passo na sua direção, agora, se tentasse tocá-lo como mulher, você se afastaria de mim. Portanto, vou nos poupar deste constrangimento. Boa noite, Boone.

Quando ela saiu do terraço, encaminhando-se para as sombras do jardim, ele não conseguiu chamá-la.

CAPÍTULO 12

— Imagino que você ainda esteja um pouco aturdido. — Nash recostou na grade de madeira do terraço de Boone, desfrutando de uma cerveja e da brisa fresca da noite.

— Eu nunca estive um *pouco* aturdido — Boone retrucou. —Escute, Nash, talvez eu seja um sujeito um tanto limitado, mas descobrir que a minha vizinha é uma feiticeira deixou-me um bocado abalado.

— Especialmente porque está apaixonado pela sua vizinha.

— Sim, especialmente por isso. Eu jamais teria acreditado numa coisa destas. E quem acreditaria? Mas vi o que ela fez com Jessie. Depois, comecei a juntar mais alguns detalhes... — Ele riu, sem humor. — Às vezes ainda acordo no meio da noite e acho que foi tudo um sonho. — Aproximou-se da grade e apoiou-se, escutando o barulho do mar. — Não devia ser real. Ela não pode ser real.

— Por que não? Vamos lá, Boone, é nossa função ampliar um pouco este conceito de realidade.

— Pois acho que já foi ampliado demais — Boone salientou. — Além disso, o que fazemos é para livros e filmes. É diversão, Nash, e não a vida real.

— É a minha vida, agora.

Boone suspirou.

— Sim, imagino que sim. Mas você não... nunca questionou, nunca preocupou-se com isso?

— É claro que sim. Achei que ela estava zombando de mim, até o momento em que Morgana atirou-me para o teto e deixou-me pendurado ali. — A lembrança o fez sorrir, enquanto Boone fechava os olhos. —Morgana não é do tipo sutil. E uma vez que percebi que estava tudo bem, foi uma loucura, entende?

— Loucura — Boone repetiu.

— Sim. Isto é, passei a maior parte da minha vida inventando histórias sobre este tipo de coisas, e lá estava eu, casado com uma boa e honesta feiticeira. Com o sangue dos duendes e tudo.

— Sangue dos duendes. — O termo fez com que a cabeça de Boone girasse. — Isso não o incomoda?

— Por que deveria me incomodar? É isso que faz com que ela seja como é, e eu a amo. Tenho de admitir que ainda fico um tanto em dúvida com relação às crianças. Assim que começarem a crescer, a se desenvolver, vou ficar em minoria...

— Os gêmeos. — Boone teve de obrigar-se a fechar a boca. — Está me dizendo que aqueles bebês são... serão...

— Com toda certeza. Mas, Boone, eles não terão verrugas no rosto, nem começarão a cacarejar. Apenas têm algo a mais. Mel também está grávida.

Confirmou há pouco tempo. Mel é a garota mais sensata e decidida que conheço. E está vivendo com Sebastian como se tivesse passado a vida inteira ao lado de um vidente.

— Então o que você está dizendo é: "Relaxe, Boone, qual é o seu problema?"

Nash sentou no banco de ferro.

— Sei que não é fácil.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa... Em que ponto do seu relacionamento com Morgana ela lhe contou sobre... como direi... sobre esta herança?

— Logo no início. Eu estava fazendo pesquisas para um enredo e ouvi falar dela. Sabe como as pessoas estão sempre me falando sobre coisas estranhas.

—É, eu sei.

— Não que eu acreditasse, mas pensei que poderia conseguir uma boa entrevista. E...

— E quanto a Mel e Sebastian?

— Não sei lhe dizer com certeza, mas Mel conheceu-o quando uma cliente dela quis contratar um vidente. — Nash franziu a testa. — Sei aonde você quer chegar, e tem toda razão. Talvez Ana devesse ter-lhe contado tudo desde o começo.

Boone emitiu um riso abafado.

— Talvez?

— Certo, ela devia ter esclarecido tudo. Mas você não conhece toda a história. Morgana contou-me que Ana apaixonou-se por um sujeito, alguns anos atrás. Ela tinha apenas vinte anos, eu acho, e era louca por ele. O sujeito era médico e Ana teve a idéia de que poderiam trabalhar juntos, que ela poderia ajudá-lo. Contou-lhe tudo, e ele terminou o relacionamento. Da pior maneira possível. Ao que parece, a reação dele foi um bocado violenta e, com aquele dom de empatia que ela possui, torna-se realmente vulnerável às... bem, às más vibrações, digamos. Ana ficou muito mal. E, a partir daí, decidiu que ficaria sempre sozinha. — Ao ver que Boone permanecia em silêncio, prosseguiu: — Escute, eu não posso lhe dizer o que deve fazer, ou como se sentir. Só quero que saiba que Ana jamais faria qualquer coisa para magoar você, ou Jessie, de propósito. Ela simplesmente é incapaz disso.

Boone olhou na direção da casa ao lado. As janelas estavam fechadas e escuras, como estiveram por mais de uma semana.

— Onde ela está?

— Ana queria afastar-se daqui por algum tempo. Dar um descanso a todos, por assim dizer.

— Não a vi mais, desde a noite em que ela me contou. Nos primeiros dias, achei que seria bom se ficasse longe dela. — Boone sentiu uma pontada de culpa. — Não deixei que Jessie fosse procurá-la, também. Então, há uma semana, ela partiu.

— Foi para a Irlanda. Mas prometeu voltar antes do Natal.

Porque suas emoções ainda estavam à flor da pele, Boone limitou-se a assentir.

— Pensei em levar Jessie para Indiana, antes das festas. Apenas por um ou dois dias. Talvez eu consiga resolver tudo isso até que todos estejamos de volta.

— Véspera de Natal. — Padrick provou a bebida temperada com especiarias, estalou a língua e suspirou. —A melhor noite do ano. — Enchendo um copo, entregou-o à filha. — Ponha um pouco de cor em suas faces, minha querida.

— E fogo no meu sangue, pela maneira como você prepara esta bebida. — Mas Ana sorriu, e experimentou. — Não é incrível como os gêmeos cresceram?

—É, sim. — Padrick não se deixava enganar pelo tom alegre na voz da filha. — Não suporto ver a minha princesa tão triste.

— Não estou triste. — Ela apertou-lhe a mão. — Estou bem, papai, de verdade.

— Posso transformá-lo num asno roxo para você, querida. Teria o maior prazer.

— Não. — Sabendo que ele estava brincando apenas um pouco, beijou-o no nariz. — E você prometeu que não falaríamos sobre isso, depois que todos chegassem.

— Sim, mas...

— Prometeu — Ana lembrou-o, e afastou-se para ajudar a mãe no fogão.

Ela estava contente por estar com a casa cheia das pessoas que amava, com o barulho da família. Havia os aromas que ela sempre associava com o Natal. Canela, noz-moscada, o pinheiro, as amoras. Quando chegara em casa, alguns dias antes, havia mergulhado nos preparativos. Enfeitar a árvore, embrulhar os presentes, assar biscoitos. Tudo e qualquer coisa para não pensar no fato de que Boone havia partido.

Para não pensar que fazia mais de um mês que não falava com ele.

Mas iria sobreviver. Já decidira o que fazer e recusava-se a permitir que sua infelicidade estragasse a reunião de família.

— Ficamos muito felizes por você ter decidido voltar para a Irlanda conosco, querida. — Maureen abaixou-se e beijou a testa da filha. — Se é realmente o que deseja.

— Senti muita falta da Irlanda — Ana limitou-se a dizer. — Acho que o pato está quase pronto. — Abriu o forno e, depois de dar uma boa aspirada no aroma, assentiu. — Mais dez minutos — previu. — Vou verificar se já levamos tudo para a mesa.

— Ela nem quer discutir o assunto — Maureen falou para o marido, quando Ana saiu da cozinha.

— Sabe o que eu gostaria de fazer, minha pombinha? Gostaria de pegar aquele rapaz e mandá-lo direto para alguma ilha congelada. Só por um ou dois dias, é

claro.

— Se Ana não fosse tão sensível a respeito dessas coisas, eu prepararia uma boa poção para trazê-lo de volta.

Padrick deu uma palmadinha no traseiro da esposa.

— Você tem um talento tão delicado, Maureen. O sujeito estaria ajoelhado aos pés dela antes que conseguisse piscar... o que seria a melhor coisa que poderia acontecer para ele e para aquela linda filhinha dele. — Suspirou, acariciando o braço da esposa. — Mas Ana jamais nos perdoaria por isso. Teremos de deixá-la resolver tudo do seu próprio jeito.

Frustrado por um dia inteiro de voos cancelados e atrasados, Boone bateu a porta do carro com força. O que mais queria, agora, era um longo banho quente, mas o que teria de enfrentar era uma noite interminável lidando com aquelas terríveis palavras: "Ajuda de um técnico poderá ser necessária".

Se o Papai Noel fosse chegar antes do amanhecer, Boone Sawyer teria de fazer hora extra naquela noite.

— Vamos, Jessie. — Ele esfregou os olhos cansados. Estivera viajando por mais de doze horas, se contasse as seis que passara procurando um voo disponível no aeroporto. — Vamos levar estas coisas para dentro.

— Ana está na casa dela. — Jessie agarrou-se ao braço dele e apontou na direção das luzes. —Olhe, papai. Aquele é o carro de Morgana, o de Sebastian, e o carro grande e preto também está lá. Todo mundo está na casa de Ana.

— Estou vendo. — Boone sentiu o coração bater mais rápido. Então, sentiu-o parar de repente, ao ver a placa de "Vende-se" no gramado da frente da casa dela.

— Vamos até lá desejar feliz Natal, papai? Por favor, papai. Estou com saudade de Ana. — Jessie fechou a mão em torno do pingente de zircônia. — Não podemos ir dizer feliz Natal?

— Está bem. — Mantendo os olhos fixos na placa da imobiliária, ele segurou a mão da filha. — Sim, vamos fazer isso. Agora mesmo.

Ela iria mudar-se?, pensou enquanto atravessava o gramado com passos duros. Assim, sem mais nem menos. Vender a casa, quando ele não estava olhando, e simplesmente ir embora? Pois iria ver só uma coisa.

— Papai, estamos andando muito depressa. — Jessie teve de correr para acompanhá-lo. — E você está apertando a minha mão.

— Desculpe-me. — Ele inspirou o ar profundamente, e depois soltou-o. Pegou Jessie no colo e subiu os degraus da varanda de dois em dois. A batida que deu na porta era mais uma exigência do que um aviso de chegada.

Foi Padrick quem atendeu, o rosto redondo oculto sob uma falsa barba branca, e um capuz vermelho na cabeça calva. No instante em que viu Boone, o brilho em seu olhar desapareceu.

— Ora, ora, vejam só quem está aqui. Corajoso o bastante para enfrentar a todos nós de uma vez, não é? Não somos tão gentis e educados quanto a minha Ana.

— Gostaria de vê-la.

— Ah, gostaria, não é? Espere aqui mesmo. — Padrick enviou seu sorriso mais encantador para Jessie e tirou-a do colo de Boone. — Parece que ganhei um duende de verdade, desta vez. Vou lhe dizer uma coisa, criança, corra até aquele pinheiro e veja se não há um pacote com o seu nome, embaixo dele.

— Ah, eu posso? — Jessie deu um abraço apertado em Padrick, depois voltou-se para o pai. — Posso, por favor?

— É claro que sim! — Como o de Padrick, o sorriso de Boone desapareceu no instante em que Jessie se afastou. — Eu vim falar com Ana, Sr. Donovan.

— Bem, pois está falando comigo. O que você acha que faria, se alguém pegasse o coração de Jessie e o espremesse até secar? — Embora fosse bem mais baixo que Boone, Padrick avançou, cerrando os punhos. — Eu não vou usar nada além destes punhos com você. Tem a minha palavra de feiticeiro. Agora, prepare-se!

Boone não sabia se ria ou se recuava.

— Sr. Donovan...

— Pode dar o primeiro soco. — Padrick empinou o queixo, parecendo um Papai Noel indignado. — Vou lhe dar esta chance, o que é muito mais do que você merece. Passei noites e noites ouvindo minha menina chorar por um tipo como você, e isso fez meu sangue ferver. Disse a mim mesmo, Padrick, quando você estiver cara a cara com aquele patife, terá de demoli-lo. É uma questão de orgulho. — Deu um soco no ar, que o fez girar nos calcanhares e passou a mais de dez centímetros do rosto de Boone. — Ela não me deixou dar um jeito naquele outro bastardo que a fez sofrer tanto, mas você eu consegui apanhar!

— Sr. Donovan — Boone tentou novamente, desviando-se dos socos que chegavam a esmo. — Não quero machucá-lo.

— Machucar-me! Ele não quer me machucar! — Padrick estava dançando, agora, inflamado pelo insulto. O capuz de Papai Noel escorregou por cima dos seus olhos. — Ora, eu poderia virá-lo do avesso! Poderia transformá-lo numa carpa! Poderia...

— Papai! — Com uma única e firme palavra, Ana deteve a torrente de ameaças.

— Vá para dentro, princesa. Este é um assunto de homens.

— Não vou admitir que vocês fiquem brigando na porta da minha casa, na véspera de Natal. Agora, pare com isso.

— Deixe-me apenas mandá-lo para o Pólo Norte. Só por uma ou duas horas...

— Você não vai fazer nada disso. — Ana saiu para a varanda e pousou a mão no ombro dele. — Agora, entre e se comporte, se não vou pedir a Morgana que

dê um jeito em você.

— Bah! Posso lidar com uma feiticeira que tem metade da minha idade.

— Mas ela é mais rápida. — Ana beijou-lhe o rosto. — Por favor, papai. Faça isso por mim.

— Eu jamais lhe recusaria qualquer coisa — Padrick murmurou. Então, voltou os olhos furiosos para Boone. — Mas tome cuidado, meu rapaz. — Apontou-lhe o dedo gorducho. — Quando alguém apronta com um Donovan, apronta com todos. —Fazendo um muxoxo de desprezo, foi para dentro.

— Desculpe — Ana falou, fixando um sorriso radiante no rosto. — Ele é do tipo super protetor.

— Eu percebi. — Desde que, no fim das contas, ele não precisaria se proteger, Boone não soube o que fazer com as mãos e enfiou-as nos bolsos. — Eu queria... Nós queríamos lhe desejar um feliz Natal.

— Sim, Jessie acabou de me dizer. —Ficaram um instante num silêncio desconfortável. — Não gostaria de entrar, beber alguma coisa?

— Não quero atrapalhar. A sua família... — Boone ofereceu-lhe o que poderia passar por um sorriso. —Também não quero arriscar minha vida.

Até mesmo o mais leve sorriso desapareceu dos olhos dela.

— Papai não teria feito mal algum a você. Não é do nosso feitio.

— Eu não quis dizer... — O que diabos ele deveria dizer a ela? — Não o culpo por estar zangado, e não quero que você ou sua família sintam-se pouco à vontade com minha presença. Eu poderia apenas... — Ele virou-se um pouco e a placa no gramado chamou-lhe novamente a atenção. E sua raiva cresceu na mesma proporção. — O que diabos é aquilo?

— Não está bastante claro? Estou vendendo a casa. Decidi voltar para a Irlanda.

— Irlanda? Acha que pode simplesmente fazer as malas e ir embora?

—Acho, sim. Boone, me desculpe, mas o jantar está quase pronto e preciso entrar. É claro que você é bem-vindo para juntar-se a nós.

— Se você não parar de ser assim tão gentil e bem-educada, eu vou... — Ele interrompeu-se outra vez. —Não quero jantar — disse, por entre os dentes. — Quero falar com você.

— Este não é o momento.

— Nós faremos com que seja o momento.

Boone a fez recuar para a soleira da porta no instante em que Sebastian apareceu no vestíbulo, logo atrás dela.

Pousando a mão levemente no ombro de Ana, ele enviou um olhar de aviso para Boone.

— Há algum problema por aqui, Anastásia?

— Não. Convidei Boone e Jessie para o jantar, mas ele não vai poder reunir-se a nós.

— Que pena. — O sorriso de Sebastian reluzia de ironia. — Bem, então, até logo, Boone.

Mas Boone bateu a porta atrás dele, fazendo com que toda a balbúrdia dentro da sala silenciasse como uma luz que se apaga. Vários pares de olhos viraram-se na direção deles. Boone estava furioso demais para reparar que, agora, os olhos de Sebastian tinham um brilho de divertimento.

— Fiquem fora do meu caminho — Boone falou, em voz baixa. — Todos vocês. Não dou a mínima para quem vocês são, nem *o que* são. — Pronto para enfrentar até uma horda de dragões, agarrou a mão de Ana. —Você vem comigo.

— A minha família...

— Eles podem muito bem esperar. — Puxou-a novamente para fora.

De seu cantinho embaixo da árvore de Natal, Jessie viu-os sair com os olhos arregalados.

— Papai está zangado com Ana?

— Não. — Sentindo-se tão feliz com o que acabara de ver que seria capaz de chorar, Maureen deu um abraço na menina. — Acho que eles foram arrumar um outro presente de Natal para você. É um presente que você irá gostar, mais do que de todos os outros.

Lá fora, Ana esforçava-se para acompanhá-lo.

— Pare de me puxar, Boone!

— Não estou puxando — ele disse, enquanto arrastava-a pelo gramado lateral.

— Não quero ir com você. — Ela sentiu as lágrimas, que julgara terem acabado, ardendo em seus olhos. —Não quero passar por tudo isso novamente.

— Você acha que basta colocar uma placa estúpida na frente de casa e resolver tudo? — Guiado pela luz da lua, ele levou-a pelos degraus de pedra que davam na praia. — Que pode jogar uma bomba na minha cabeça e depois sair correndo para a Irlanda?

— Eu posso fazer o que quiser.

— Feiticeira ou não, você deveria ter pensado nisso um pouco mais.

— Você nem queria falar comigo.

— Estou falando com você agora.

— Bem, agora não quero mais falar. — Ana desvencilhou-se dele e começou a subir os degraus de volta.

— Mas vai escutar. — Boone segurou-a pela cintura e praticamente jogou-a por cima do ombro. — E vamos fazer isso bem longe da casa, para que eu tenha certeza de que sua família não está me espionando. — Depois de descer outra vez a escada, deixou-a no chão. — Não dê nenhum passo — avisou — ou pego você novamente.

— Eu não lhe daria este prazer. — Ela lutava contra as lágrimas, preferindo a raiva. — Você quer dar a última palavra. Tudo bem. Mas eu também vou falar. Aceito a sua posição sobre o nosso relacionamento. Só lamento profundamente que você tenha achado necessário manter Jessie longe de mim.

— Eu nunca...

— Não se atreva a negar, Boone. Você não permitiu que ela me visitasse, por dias antes que eu partisse para a Irlanda. — Pegou um punhado de pedras e atirou-as no mar. — Afinal, não ia querer sua garotinha chegando nem perto de uma feiticeira. — Girou o corpo, encarando-o. — Pelo amor de Deus, Boone, o que pensou que eu iria fazer? Por acaso me viu esfregando as mãos e rindo como uma megera, dizendo "Vou agarrá-la, minha lindinha, e aproveitar para pegar o cachorrinho também"?

Os lábios dele curvaram-se num sorriso, diante de tal imagem, mas ela tornou a dar-lhe as costas.

— Me dê um voto de confiança, Ana.

— Eu dei. Um pouco mais tarde do que deveria, mas dei. E você recusou-o. Exatamente como eu sabia que faria.

— Sabia? — Embora já estivesse se cansando daquela coreografia, Boone a fez virar-se novamente. — Como sabia qual seria a minha reação? Olhou na sua bola de cristal, ou apenas pediu para seu primo vidente dar uma espiada na minha cabeça?

— Nenhum dos dois — ela respondeu, com o pouco de controle que lhe restava. — Eu jamais pediria para Sebastian olhar, e também não olhei porque me parecia injusto. Eu sabia que você iria recusar porque...

— Porque outra pessoa já fez isso.

— Não importa. O fato é que você não me aceitou como sou.

— Eu só precisava de um tempo para absorver tudo o que você me disse.

— Eu vi o jeito como você olhou-me naquela noite. — Ana fechou os olhos. — E já havia visto aquela expressão antes. Ah, você não foi tão cruel quanto Robert. Não me acusou, não me insultou, mas o resultado foi o mesmo. "Fique longe de mim e dos meus. Não aceito o que você é." — Ela cruzou os braços com força, tentando abrigar-se do frio que a invadia.

— Não vou pedir desculpas por ter tido uma reação que, na minha opinião, foi perfeitamente normal. E, diabos, Ana, eu estava cansado, quase louco. Passei tantas horas vendo você deitada naquela cama, tão pálida e imóvel. Tinha tanto medo de que você não fosse voltar. E, quando voltou, eu não sabia mais como tratá-la.

Então, você me contou tudo aquilo.

Ana tentou acalmar-se, sabendo que seria o melhor.

— Concordo que o momento não foi o mais apropriado. Eu não estava forte o bastante para lidar com seus sentimentos.

— Se tivesse me contado antes...

— Teria feito alguma diferença? — Ana encarou-o. — Não, acho que não. Mas você está certo, eu deveria ter-lhe contado antes. Sei que não foi justo, e foi fraqueza da minha parte deixar que as coisas fossem tão longe.

— Não ponha palavras na minha boca, Ana. A não ser que você esteja... como é que diz? Conectada. Se não está conectada comigo, não sabe o que estou sentindo. E me magoa muito saber que você não confiou em mim.

Ela assentiu, enxugando as lágrimas do rosto.

— Eu sei. Sinto muito.

— Você estava com medo?

— Eu lhe disse que era uma covarde.

Boone franziu a testa, vendo os cabelos dela esvoaçarem em torno do seu rosto, enquanto ela olhava para o mar iluminado pela lua.

— Sim, você disse. Naquela noite em que viu o meu desenho. O desenho da bruxa. Isso deixou-a muito aborrecida.

Ela encolheu os ombros.

— Às vezes sou sensível demais. Foi apenas uma coisa de momento. Eu estava...

— Prestes a me contar tudo, e então acabei assustando-a com a minha bruxa malvada.

— Ficou ainda mais difícil lhe contar.

— Porque você é uma covarde — ele falou simplesmente, observando-a. — Deixe-me perguntar uma coisa, Ana. O que, exatamente, você fez com Jessie naquele dia?

— Conectei-me com ela. Eu já lhe disse que tenho o dom da empatia.

— Você se feriu, sentiu dores. Eu vi. — Boone pegou-a pelo braço, fazendo com que ela o encarasse. — Num certo momento você gritou, como se a dor fosse insuportável. Depois, desmaiou e dormiu como se estivesse em coma, por mais de um dia.

— Isso faz parte. — Ana tentou afastar a mão dele. Doía demais ser tocada quando suas defesas estavam destruídas. — Quando os ferimentos são muito graves, há um preço a pagar.

— Sim, eu entendo. Perguntei à Morgana. Ela me disse que você poderia ter morrido. E que o risco era muito grande, porque Jessie... — Ele mal podia dizer. — Porque Jessie estava quase morta. E você não estava apenas consertando alguns ossos quebrados, mas sim trazendo-a de volta do limite, da beirada do precipício.

E disse também que esta é uma linha quase invisível e que é bem fácil para que o curandeiro se transforme na vítima.

— O que queria que eu fizesse? Que a deixasse morrer?

— É o que uma pessoa covarde teria feito. Acho que a sua definição de

covardia é diferente da minha. O fato de ter medo não a transforma numa covarde. Você poderia ter-se salvado e deixado que Jessie se fosse.

— Eu amo Jessie.

— Eu também. E você a trouxe de volta para mim. Nem mesmo lhe agradeci.

— Acha que quero sua gratidão? — Era demais, Ana pensou. Só faltava agora ele oferecer-lhe sua piedade. — Não quero. O que fiz foi por minha própria vontade, porque não podia suportar a idéia de perdê-la. E não podia suportar a idéia de que você...

— Eu? — ele perguntou num tom suave.

— Que você perdesse alguém que ama. Não quero receber agradecimentos por isso. É o que eu sou.

— Você já havia feito algo assim, antes? Como fez com Jessie?

— Sou uma curandeira. Eu curo as pessoas. Ela estava... — Ainda doía muito, só de pensar. — Ela estava indo embora. Usei o meu dom para trazê-la de volta.

— Não foi assim tão simples. — Boone deslizava as mãos nos braços dela, delicadamente. — Nem mesmo para você. Você sente mais do que as outras pessoas. Morgana me disse isso, também. Quando fica sem as suas defesas, é mais vulnerável à emoção, à dor, à tudo. É por isso que não chora. — Com a ponta do dedo, enxugou uma lágrima do rosto dela. — Mas está chorando.

— Você já sabe de tudo o que há para saber. De que adianta tudo isso, agora?

— Adianta porque eu quero voltar àquela noite em que você me contou tudo. Quero que tenha a oportunidade de abrir-se comigo.

— Você está pedindo demais. — Ana sufocou um soluço e escondeu o rosto entre as mãos. — Ah, deixe-me em paz. Deixe-me em paz, Boone. Será que não vê o quanto me faz sofrer?

— Sim, eu estou vendo. — Ele abraçou-a, tentando acalmá-la enquanto ela lutava para se desvencilhar. —Você emagreceu, está pálida. Quando olho em seus olhos vejo cada resquício da dor que lhe causei. Não sei como apagar esta dor. E não sei como seu pai conseguiu impedir-se de me amaldiçoar com o que quer que tivesse em seu arsenal de encantamentos.

— Não podemos usar nossos poderes para fazer o mal. Isso vai contra tudo o que somos. Agora, por favor, deixe-me ir.

— Não posso. Quase pensei que poderia. Ela mentiu para mim, eu tentava me convencer. Traiu minha confiança. Ela não é real. — Boone a segurou com firmeza, afastando-a para que pudesse fitá-la. — Mas isso não importa. Nada disso importa. Se é magia, não quero perdê-la. Não posso perder você, Ana. Eu a amo. Amo tudo o que você é. Por favor... — Tocou-lhe o rosto com os lábios, sentindo o gosto das lágrimas. — Por favor, volte para mim.

A súbita esperança foi quase insuportável. Ana colou-se a ele.

— Eu quero acreditar.

— Eu também. — Boone segurou-lhe o rosto entre as mãos, beijando-a

novamente. — E acredito. Acredito em você, em nós. Se este é o meu conto de fadas, quero ficar nele até o final.

Ana encarou-o.

— Você é capaz de aceitar tudo isso? Todos nós?

— Concluí que estou bastante capacitado para fazer exatamente isso. Mas, é claro, talvez leve algum tempo para convencer seu pai a não fazer nada drástico com minha anatomia. — Boone traçou o contorno dos lábios dela, que sorriam. — Eu não sabia se você iria tornar a sorrir para mim, Ana. Diga que ainda me ama. Conceda-me isto, também.

— Sim, eu amo você, Boone. — Os lábios dela tremeram sob os dele. — Sempre.

— Nunca mais vou fazê-la sofrer. — Ele enxugou-lhe as lágrimas. — Vou compensar toda mágoa que lhe causei.

— Já passou. — Ana tomou-lhe as mãos. — Já passou. Nós temos o amanhã.

— Não chore mais.

Ela sorriu, passando a mão no rosto.

— Não. Eu nunca choro.

Boone pegou as mãos molhadas de lágrimas e beijou-as.

— Você disse que eu poderia perguntar novamente. Já se passou bem mais de uma semana, mas espero que não tenha esquecido a resposta que me prometeu.

— Eu não esqueci.

— Ponha as mãos aqui. — Ele pressionou as palmas das mãos dela em seu próprio coração. — Quero que sinta o que estou sentindo. — Entrelaçou os dedos nos dela. — A lua está quase cheia. A primeira vez em que a beijei, foi sob a luz da lua. Fiquei encantado, enfeitiçado. E vou continuar assim para sempre. Preciso de você, Ana.

Ela podia sentir a força daquele amor transbordando para dentro de si.

— E você me possui, Boone.

— Quero casar com você. Dividir com você a filha que você trouxe de volta para mim. Ela é sua, tanto quanto é minha. E teremos outros filhos. Amo você como é, Anastásia. E juro que vou amá-la enquanto viver.

Ela ergueu os braços para ele. Cabelos como o sol. Olhos como fumaça azulada. Raios de luar brilhando em torno dela como uma auréola prateada.

— Eu estive sempre esperando por você.

EPÍLOGO

Solitário, no topo de um penhasco e encarando o mar revolto, o Castelo Donovan mantinha-se altivo.

Naquela noite escura, relâmpagos iluminavam e estremeciam o negrume do céu, e o vento sacudia as vidraças em forma de diamante das janelas.

Lá dentro, o fogo ardia e crepitava nas lareiras. Aqueles que eram feiticeiros, e aqueles que não eram, reuniam-se, esperando pelo grito indignado que anunciaria uma nova vida.

— Você está trapaceando, vovô? — Jessie perguntou a Padrick, enquanto ele examinava as próprias cartas.

— Trapaceando? — Ele soltou uma alegre gargalhada e franziu a testa. — É claro que sim! Pode "pescar".

Ela riu e tirou uma carta da pilha.

— A vovó Maureen disse que você sempre rouba no jogo. — Jessie inclinou a cabeça para o lado. — Você era mesmo um sapo?

— Eu era, sim, minha querida. Um belo sapo verde.

A menina aceitou a resposta exatamente como aceitava todas as maravilhas da sua convivência com os Donovan. Afagou Daisy, que ressonava descansando a cabeça dourada em seu colo.

— Será que pode se transformar novamente num sapo, para que eu veja?

— Talvez lhe faça uma surpresa. — Ele piscou e transformou as cartas que tinha na mão num arco-íris de pirulitos.

— Ah, vovô... — ela disse, indulgente.

— Sebastian? — Mel desceu correndo pela escadaria principal e gritou para dentro da sala, onde o marido bebericava um conhaque enquanto observava o jogo de cartas. — Shawn e Keely estão acordados e querendo atenção. Estou ocupada demais com Ana.

— Já vou subir. — O orgulhoso pai de três meses deixou o copo na mesa e foi trocar fraldas.

Nash balançava nos joelhos Allysia, que estava com um ano, enquanto Donovan sentava no colo de Matthew, brincando com seu relógio de bolso.

— Cuidado para que ele não ponha o relógio na boca — Nash avisou. — Ou que o faça desaparecer. Estamos tendo um certo trabalho para mantê-lo na linha.

— Ora, o garoto precisa abrir as asas.

— Se é o que diz... Mas outro dia, quando fui pegá-lo no berço, ele estava rodeado de coelhos. De verdade.

— Puxou a mãe — Matthew comentou, orgulhoso. — Ela nos deixava loucos.

Allysia recostou no peito do pai e sorriu. No mesmo instante, Daisy acordou e aproximou-se dela. Em segundos, todos os cães e gatos da casa entravam na sala

em bandos.

— Ally — Nash falou, com um suspiro. — Lembra-se de que combinamos que seria um bichinho de cada vez?

— Cachorrinho. — Abaixando-se, Ally apertou delicadamente as orelhas do enorme lobo prateado. —Gatinho.

— Na próxima vez, só um, entendeu? — Nash retirou o gato que subira em seu ombro, e empurrou outro que pulara no braço da poltrona. — Duas semanas atrás, ela chamou todos os vira-latas da vizinhança para o nosso quintal. Venham, seus monstrinhos. — Levantou-se, pegando Allysia e depois Donovan, carregando-os sob o braço como se fossem duas bolas de futebol. — Acho que está na hora de irem para a cama.

— História — Donovan exigiu. — Tio Boone.

— Ele está ocupado. Vai ter de se contentar com seu velho pai.

Boone realmente estava ocupado, vendo um milagre acontecer. O quarto estava repleto de velas e ervas, aquecido pelo fogo que ardia na lareira. Ele segurava a mão de Ana com força, enquanto o filho deles vinha ao mundo.

Depois, quando nasceu a filha.

Depois, quando nasceu o segundo filho.

— Três! — Ele ficava repetindo sem parar, até mesmo quando Bryna acomodou os bebês em seu colo. —Três! — Já haviam lhe dito que seriam trigêmeos, mas ele não acreditara.

— É de família. — Exausta, e mais feliz do que nunca, Ana pegou um dos bebês que Morgana lhe entregava. Pressionou os lábios levemente no rostinho sedoso. — Agora, temos dois de cada.

Boone sorriu para a esposa, enquanto Mel acomodava o terceiro bebê no colo dela.

— Vamos precisar de uma casa maior.

— Daremos um jeito.

— Quer que eu chame os outros? — Bryna perguntou. — Ou prefere descansar um pouco, primeiro?

— Não, por favor. — Ana inclinou a cabeça, recostando-a no braço de Boone. — Peça a todos que subam.

E todos entraram no quarto ao mesmo tempo, fazendo barulho demais. Ana abriu espaço na cama enorme, para que Jessie sentasse ao seu lado, depois passou um dos bebês para o colo da menina.

— Este é o seu irmão Trevor. Sua irmã, Mauve. E seu outro irmão, Kyle.

— Eu vou cuidar deles. Sempre. Olhe, vovô, agora nós temos uma família grande.

— Sim, de fato, minha gatinha. — Padrick assoou o nariz ruidosamente. Enxugou os olhos e virou-se para Boone. — Ainda bem que não quebrei sua cara quando tive a chance.

— Tome. — Boone entregou-lhe um dos bebês. — Segure o seu neto.

— Ah, Maureen, minha pombinha, veja isso. Ele tem os meus olhos!

— Não, meu sapinho. Os olhos dele são iguais aos meus.

Começaram a discutir, enquanto o restante dos Donovan tomava o partido de um ou de outro. Boone passou o braço nos ombros da esposa e abraçou sua família, enquanto seu filho provava pela primeira vez o leite da mãe. Os relâmpagos formavam riscos luminosos no céu, o vento soprava e o fogo crepitava na lareira.

Em algum lugar, nas florestas profundas, no alto das montanhas, as fadas dançavam.

*****FIM*****

Table of Contents

Encantado
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
EPÍLOGO